

ANN LIANG

Desta vez é mesmo Verdade



VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

ANN LIANG

Desta vez é mesmo Verdade



ANN LIANG

Desta vez
é mesmo
Verdade



50
50

ANN LIANG

*Desta vez
é mesmo
Verdade*

TRADUÇÃO
de Helena Lopes

Estrela

Para todos os cínicos que ainda acreditam
secretamente no amor.

Capítulo 1

Estou prestes a vestir o uniforme da escola quando reparo num homem que está a flutuar no exterior da janela do meu quarto.

Não, *flutuar* talvez não seja a palavra mais indicada; quando me aproximo, com a saia de xadrez ainda amarrotada na mão, sinto a pulsação a ecoar-me nos ouvidos. Ele está *pendurado*. O seu corpo está inteiramente suspenso por duas cordas metálicas que me parecem perigosamente finas, considerando que estamos no vigésimo oitavo piso e que o vento de verão está a soprar ainda com mais força desde o meio-dia, levantando pó e folhas como se fosse um minitornado.

Abano a cabeça espantada como ainda alguém se coloca nestas situações. O que será isto – uma espécie de novo desporto radical? Uma cerimónia iniciática de um gangue qualquer?

Uma crise de meia-idade?

O homem vê-me a olhar para ele e acena-me com alegria, como se não estivesse a um cabo defeituoso, a um nó solto ou a um pássaro particularmente agressivo, de se despenhar pela lateral do prédio. Depois, com um gesto descontraído, tira um pano molhado de um dos bolsos e começa a esfregar o vidro que nos separa, a sua mão deixando rastros de espuma branca por onde passa.

Ah. Pois, claro.

Sinto o rosto a arder. Estou há tanto tempo longe da China que já me esqueci que é assim que se lavam os vidros dos apartamentos – da mesma forma que me esqueci como funcionam as linhas do metro, de como não devemos pôr o papel higiénico na sanita e descarregar o autoclismo, ou de como só devemos regatear em certo tipo de lojas se não quisermos transmitir uma imagem de pessoa forreta ou falida. Depois, há todas as coisas que mudaram nos doze anos em que eu e a minha família estivemos no estrangeiro, as coisas que nunca tive oportunidade de aprender. Como por exemplo, que, segundo parece, as pessoas aqui *já não usam dinheiro vivo*.

Não estou a brincar. Ainda na outra semana, quando tentei dar uma nota antiga de cem yuan a uma empregada de mesa, ela ficou boquiaberta a olhar para mim como se eu fosse uma viajante do tempo que viera diretamente do século XVII.

– Hum, olá? Eliza? Ainda estás aí?

Quase tropeço no canto da cama com a pressa de chegar ao portátil, que está encostado a duas caixas de cartão marcadas com a inscrição COISAS POUCO IMPORTANTES DA ELIZA. São caixas que ainda não tive oportunidade de esvaziar, ao contrário daquelas que diziam: COISAS MUITO IMPORTANTES. A minha mãe acha que eu podia ser um pouco mais específica com as minhas etiquetas, mas não se pode dizer que não tenha o meu próprio sistema.

– Eliiiiiza? – chama a voz agora mais alta da Zoe, dolorosamente familiar mesmo através do ecrã.

– Estou aqui, estou aqui – respondo.

– Oh, ótimo, porque a única coisa que vejo é, literalmente, uma parede vazia. Por falar nisso... *alguma vez* vais decorar o teu quarto, miúda? Já estás aí há, tipo, três meses e ainda parece um quarto de hotel. Quero dizer, de um hotel *bonito*, mas mesmo assim...

– É uma escolha artística deliberada, está bem? Sabes que gosto de minimalismo e dessas coisas.

Ela resfolega. Eu sei mentir muito bem, mas a Zoe tem um verdadeiro detetor de mentiras incorporado.

– *Será* mesmo? A sério?

– Talvez – minto, virando o portátil para mim. Um dos lados do ecrã está ocupado com um texto pessoal que estou a escrever como trabalho de casa de Inglês e depois tenho um milhão de janelas abertas porque andei a investigar «como escrever uma cena com um beijo»; são cá coisas minhas. Do outro lado do ecrã está o rosto lindo e sorridente da minha melhor amiga.

A Zoe Sato-Meyer está sentada na cozinha, o seu casaco de *tweed* favorito sobre os ombros estreitos, as ondas negras do cabelo alisadas num rabo de cavalo alto; as luzes que a iluminam formam um halo que a faz parecer um anjo de 17 anos com muito estilo. As janelas negras como breu atrás de si – e a taça de *noodles* instantâneos fumegantes que tem à frente (a sua ideia de um bom petisco antes de ir para a cama) – são os únicos indicadores da hora tardia de Los Angeles.

– Oh, meu Deus. – Os seus olhos fixam-se na minha camisola às bolinhas enquanto ajusto a câmara do portátil. – Não acredito que ainda tens essa camisola. Não a usavas quando andávamos no oitavo ano, ou algo do género?

– E depois? É uma camisola confortável – respondo, o que é tecnicamente verdade. Mas também é verdade que esta camisola feiosa e puída é uma das poucas coisas que se manteve constante ao longo de seis países e doze escolas

diferentes.

– Está bem, está bem. – A Zoe levanta as mãos no ar num gesto de rendição fingida. – Tu lá sabes. Mas, sei lá, não devias estar a mudar de roupa? A não ser que planeies vestir essa camisola para a reunião de pais e professores...

A minha atenção volta a concentrar-se na saia que tenho na mão, para o logótipo bordado sobre o tecido rijo e sintético que diz WESTBRIDGE – ESCOLA INTERNACIONAL DE PEQUIM. Sinto um nó formar-se no meu estômago.

– Não, claro – murmuro. – Devia mesmo mudar de roupa.

O senhor ainda está a lavar as janelas, por isso corro as cortinas – mas não antes de ver de relance o extenso complexo de apartamentos por baixo do meu. Para um lugar que se chama LagoAzul, há muito pouco de *azul* por entre as filas ordenadas de prédios e jardins bem cuidados, mas o verde abunda: no lago artificial construído no centro do complexo e nos lagos adjacentes com nenúfares, no espaçoso campo de minigolfe e nos *courts* de ténis junto ao parque de estacionamento, assim como no relvado luxuriante que contorna os caminhos de seixos e as *ginkgo*. Quando nos mudámos para cá, toda a área me parecia um *resort* elegante, o que creio que seria adequado. Afinal, não vamos cá ficar durante mais de um ano.

Enquanto visto o meu uniforme, a Zoe estala os dedos e diz:

– Espera, não te vais safar disto... diz-me lá outra vez por que razão estás a escrever um texto sobre um namorado imaginário?

– Não estou a escrever. Já *escrevi* – corrijo, despindo a camisola pela cabeça. – E já o entreguei. Não queria exatamente estar a inventar uma história acerca da minha vida privada, mas não sabia o que mais escrever... – Paro para soltar uma madeixa do meu cabelo, comprido e preto, de um dos botões da camisa. – O texto era para entregar hoje e vai contar para nota, por isso... sabes como é. Tive de ser um pouco mais criativa.

A Zoe volta a resfolegar, desta vez tão alto que o microfone faz um ruído.

– Tens noção de que os textos pessoais não deviam ser inventados, não tens?

– Não me digas? – pergunto, impassível. – Os textos pessoais deviam ser pessoais? É novidade para mim. E das chocantes. A minha vida é uma mentira.

A verdade é que escolhi transformar o trabalho sério de não ficção no que é essencialmente um romance de quatro mil palavras *precisamente* porque deve ser uma descrição pessoal. O tópico é por si só bastante mau, inspirado num livro meloso que estudámos na primeira semana de aulas: *Em Quando o Rouxinol Canta de Volta, Lucy e Taylor são descritos como tendo a sua própria «linguagem secreta», que mais ninguém conhece. Com quem partilhas uma linguagem secreta? Como se desenvolveu? O que significa essa pessoa para ti?*

Apesar disto, podia ter empinado o nariz e ter sido verdadeira, escrevendo com um exagero moderado um texto sobre um dos meus pais ou a minha irmã mais nova, sobre a Zoe... só que o texto vai ser publicado no blogue da escola. Tipo, é uma plataforma bastante pública que toda a gente pode ver e comentar – e isto inclui os meus colegas de turma que me conhecem apenas como «a miúda nova» ou «a que veio há pouco tempo dos Estados Unidos».

Por isso, não há a menor hipótese de partilhar detalhes verdadeiros sobre qualquer relação pessoal. Os detalhes *falsos* são suficientemente embaraçosos: a forma como delineei com o dedo as linhas da palma da mão do meu namorado fictício, os segredos que lhe murmurei na escuridão, como lhe disse que ele era tudo para mim, que era onde me sentia em casa.

– ... não estás nem remotamente preocupada que as pessoas da tua escola possam, sei lá, ler o texto e ficar curiosas acerca deste namorado? – pergunta a Zoe.

– Tenho tudo controlado – asseguro, enquanto volto a abrir as cortinas. A luz inunda o meu quarto de imediato, iluminando os minúsculos grãos de pó que flutuam em frente ao vidro, agora sem ninguém do outro lado. – Não incluí o nome dele, por isso ninguém pode tentar segui-lo. Além disso, escrevi que conheci este rapaz fictício há três meses, quando andava com a minha família à procura de apartamento, o que é uma forma bastante plausível e gira de conhecer alguém sem revelar em que escola ele anda. E, uma vez que a nossa relação é ainda recente e envolta em grande delicadeza, queremos mantê-la privada. Entendes? – Ponho-me em frente à câmara e faço um gesto grandioso com os braços, como se todo o meu texto estivesse escrito no ar com letras cintilantes. – É absolutamente seguro.

– Uau. – Uma inspiração profunda. – Uau. Quero dizer, tanto esforço – diz a Zoe, soando arrelviada e ao mesmo tempo impressionada –, só para não escreveres qualquer coisa verdadeira?

– O plano é esse.

Segue-se um silêncio breve, interrompido apenas pela Zoe a sugar os *noodles* e por passos no exterior do meu quarto. Depois ela pergunta, num tom demasiado preocupado para o meu gosto:

– E como te estás a dar na escola nova, amiga? Tipo, conseguiste... enturmar-te?

– O quê? – Sinto-me a ficar imediatamente tensa, os meus músculos contraem-se como se estivesse a preparar-me para levar um murro. – Porque... porque havias de me perguntar isso?

– Não sei bem. – A Zoe encolhe um ombro, o rabo de cavalo move-se com o gesto. – Senti só uma *vibe*...

A minha mãe chama-me do corredor e salva-me de ter de responder: o volume da sua voz é aquele que normalmente se reserva para as missões de

busca e salvamento.

– Ai-Ai! O motorista chegou!

Ai-Ai é a minha alcunha chinesa, que se traduz diretamente por *amor*. Sem contar a minha relação fictícia, não posso dizer que estou à altura desta alcunha.

– Já vou! – respondo, também a gritar, e depois viro-me para o ecrã. – Presumo que ouviste isto?

A Zoe sorri com ar travesso e sinto-me a descontrair um pouco; estou aliviada por evitar a conversa franca que provavelmente estava a tentar ter comigo.

– Sim, acho que todo o planeta ouviu. Manda um beijo meu à tua mãe – acrescenta.

– Mando, sim. – Antes de desligar o computador, faço um coração piroso com os dedos: é algo que não faria nem morta se estivesse ao pé de alguém. – Tenho saudades tuas.

Em resposta, a Zoe sopra-me um beijo dramático e solto uma gargalhada.

– Também tenho saudades tuas.

O nó do meu estômago afrouxa um pouco ao ouvir as palavras familiares. Desde que saí de Los Angeles, há dois anos, acabamos todas as chamadas assim, não importa quão atarefadas ou cansadas estejamos, ou por muito breve que seja a conversa ou quanto tempo se passe até podermos falar novamente.

Tenho saudades tuas.

Não é tão bom como quando dormíamos na casa dela e ficávamos estendidas no sofá, de pijama, a ver Netflix no portátil, com um prato de bolas de arroz da mãe da Zoe equilibrado entre as nossas pernas. E não se compara com as nossas viagens de fim de semana à praia, com o sol da Califórnia a aquecer-nos a pele, a brisa a fustigar o cabelo emaranhado e cheio de sal. Claro que não é a mesma coisa.

Mas, por enquanto, este pequeno e simples ritual parece ser suficiente.

Porque é só nosso.

O nosso motorista está parado mesmo em frente ao complexo de apartamentos, por baixo da sombra ondulante de um salgueiro.

Tecnicamente, Li Shushu não é o nosso motorista, mas da nossa mãe – um dos muitos benefícios de ser executiva numa empresa de consultoria multinacional com imenso prestígio, e parte do pacote de condições que vêm com o contrato lamentamos-pedir-lhe-para-desenraizar-a-sua-vida-quase-todos-os-anos! Por isso, ele apressa-se a cumprimentá-la primeiro.

– Yu Nūshi – diz ele, abrindo-lhe a porta com uma pequena vénia. *Madame Yu.*

Este tipo de tratamento deixa-me sempre desconfortável de uma forma que não consigo explicar, mesmo quando me é dirigido, mas a minha mãe limita-se a sorrir através dos óculos de sol e desliza graciosamente para o banco da frente. Ao olharmos para ela agora, com a sua pele pálida e suave, o casaco feito à medida e o cabelo cortado a direito por baixo das orelhas, jamais diríamos que cresceu a lutar por migalhas, com os seus seis irmãos, numa cidade da pobre China rural.

Nós entramos para o banco de trás na ordem habitual: eu e o meu pai à janela e a minha irmã de 9 anos, Emily, aninhada no meio dos dois.

– Vamos para a escola? – pergunta o Li Shushu no seu mandarim lento e bem pronunciado enquanto liga o motor; o cheiro a couro novo e ao fumo do escape entra no habitáculo do carro. Ele já me conhece há tempo suficiente para saber o meu nível de mandarim.

– Para a escola – confirmo, dando o meu melhor para ignorar o aperto que sinto no estômago. Já detesto ir para Westbridge, mas não importa em que escola ande, as reuniões entre pais e professor são sempre um terror. Se a Emily não andasse na mesma escola do que eu e a reunião com o professor dela não fosse hoje também, teria inventado uma desculpa brilhante para ficarmos todos em casa.

Mas agora já é demasiado tarde para fazer o que quer que seja.

Recosto-me no banco e encosto o rosto ao vidro frio e liso da janela enquanto fico a ver o nosso complexo de apartamentos a tornar-se cada vez mais pequeno até desaparecer totalmente, substituído pela azáfama do interior da cidade.

Desde que nos mudámos para cá que passo a maior parte das viagens de carro colada à janela como vou agora, a tentar interiorizar o perfil de Pequim, com as suas subidas e descidas, o labirinto de estradas e viadutos, os aglomerados coloridos dos restaurantes e das mercearias apinhadas.

Estou a tentar memorizar tudo – e a tentar lembrar-me.

Fico sempre espantada como as fotografias que normalmente vemos de Pequim conseguem ser enganadoras. Ou descrevem a cidade como um mundo apocalíptico cheio de fumo e nevoeiro apinhado de gente de rosto endurecido e maltratado pelo tempo com as suas máscaras contra a poluição, ou então descrevem-na como algo saído diretamente de um filme de ficção científica com um grande orçamento, em que tudo são arranha-céus esguios e elegantes, luzes cintilantes e um luxo desmedido.

Raramente conseguem captar a verdadeira energia da cidade, a força que impele tudo para a frente, como se fosse uma corrente subterrânea desenfreada. Toda a gente parece estar a trabalhar arduamente, a esforçar-se, a tentar ser melhor, movendo-se de um ponto para o outro; quer seja o rapaz das entregas que serpenteia por entre o trânsito atrás de nós com dúzias de caixas

de comida presas à bicicleta, ou a mulher de negócios no *Mercedes* à nossa esquerda que escreve freneticamente mensagens no telemóvel.

A minha atenção muda de foco quando começa a passar na rádio uma música de um famoso *rapper* chinês. Vejo pelo espelho retrovisor que a minha mãe tira os óculos de sol e estremece visivelmente.

– Por que razão está ele sempre a dizer este som *si-ge, si-ge?* – pergunta, três segundos depois. – Tem alguma coisa entalada na garganta?

Abafo uma gargalhada.

– É simplesmente como a música soa atualmente – diz o meu pai em mandarim; é um diplomata nato.

– Eu até gosto – digo eu, abanando a cabeça ao ritmo da música.

A minha mãe olha para mim com um olhar meio carrancudo.

– Não abanes a cabeça assim, Ai-Ai. Pareces uma galinha.

– Queres dizer, assim? – Abano a cabeça com mais vigor ainda.

O meu pai esconde um sorriso com as costas da mão enquanto a minha mãe faz um estalido com a língua e a Emily, que estou convencida que é, na verdade, uma avozinha de 80 anos escondida no corpo minúsculo de uma miúda de nove, solta um enorme suspiro dramático.

– Adolescentes – resmunga.

Dou-lhe uma cotovelada nas costelas, que ela retribui e que dá origem a uma nova onda de resmunguice que só acaba quando a nossa mãe ameaça que só nos dá arroz branco para o jantar.

Mas se querem que seja sincera, é nestes momentos em que me sinto... uma sortuda – quando a música enche o carro e o vento sopra do lado de lá das janelas, com a luz do fim da tarde a brilhar em tons dourados por entre as árvores, e a minha família ao meu lado, tão perto. Sinto-me mesmo muito sortuda, apesar de nos mudarmos tantas vezes, de ter de partir e ter de me adaptar. Apesar de tudo.

Capítulo 2

Esta boa disposição não dura muito tempo.

Assim que paramos ao lado dos edifícios da escola Westbridge, apercebo-me do meu erro.

Toda a gente está vestida com roupas descontraídas. Bonitos vestidos leves de verão. *Tops* curtos e calções de ganga. Os professores não especificaram o que devíamos vestir esta noite, e eu presumi inocentemente que seria o uniforme normal, porque era o que acontecia na minha última escola.

A minha família começa a sair do carro e tento afastar a onda de pânico que sinto. Não estou propriamente em *sarilhos* por aparecer vestida assim, mas sei que vou parecer uma tonta e destacar-me das outras pessoas. Vou parecer a Miúda Nova Parola, que é exatamente o que sou, mas isso não faz com que seja mais fácil de suportar.

– Ai-Ai. – A minha mãe bate no vidro da janela. – *Kuaidian*. – *Despachate*.

Agradeço rapidamente ao motorista e saio do carro. Pelo menos o tempo está bom; o vento abrandou e é agora uma brisa suave e sedosa, uma boa folga do calor. E o céu. O céu está lindo, uma mistura perfeita de azuis pastel e rosas suaves.

Inspiro. Expiro.

Está tudo bem, digo a mim mesma. Está tudo superbem.

– Vamos, Baba – diz a Emily, já a puxar o nosso pai em direção à zona da escola primária, onde todas as paredes estão pintadas com cores brilhantes. As cores são horrivelmente berrantes, se querem a minha opinião.

– *Tens* de ir falar com a menina Chloe. Disse-lhe que és poeta e que fazes sessões de autógrafos e essas coisas nas livrarias grandes e ela ficou tão impressionada. Inicialmente não acreditou em mim, acho eu, mas depois disse-lhe para procurar o teu nome e depois...

A Emily parece estar bem *de verdade*, porque está. Não importa para onde nos mudemos, a minha irmã mais nova parece não ter dificuldade nenhuma

em instalar-se ou em sentir-se em casa. Podíamos enviá-la para a Antártica e encontrá-la duas semanas depois já perfeitamente enturmada com os pinguins.

A minha mãe e eu caminhamos na direção oposta, para as salas de aulas dos seniores. Os corredores cinzentos e largos já estão bastante cheios com pais e alunos, alguns a chegar, outros a partir. Tal como esperava, os olhos de algumas pessoas fixam-se na minha saia formal e no casaco um pouco grande demais com um misto de pena e divertimento a cruzar os seus rostos antes de desviarem o olhar.

Levanto o queixo e caminho mais depressa.

Está tudo bem.

A viagem até à sala da minha turma demora uma eternidade.

O interior está uma confusão. Há alunos por todo o lado e professores à espera atrás das filas de secretárias. Ninguém me cumprimenta e eu também não lhes digo nada.

Apesar de as aulas terem começado há quase um mês, ainda não conheço ninguém de verdade. Todos os nomes, rostos e aulas parecem misturar-se uns nos outros. De qualquer maneira, e tanto quanto sei, vamos acabar o Secundário daqui a menos de um ano. Não vale a pena estar a *mostrar-me às pessoas*, como os meus antigos professores adoravam dizer e recomendavam que fizesse, nem a afeiçoar-me a ninguém para ter de me afastar poucos meses depois. Com o emprego da minha mãe que nos obriga a mudar frequentemente de país, isto já aconteceu demasiadas vezes para as conseguir contar: aquela transição lenta, dolorosa e previsível demais que se dá entre pessoas desconhecidas para conhecidas, depois para amigas e por fim desconhecidas novamente assim que deixo mais uma escola para trás.

Seria uma masoquista para querer passar por isto mais uma vez.

Além disso, no meu ano inteiro há menos de trinta miúdos e é evidente que já toda a gente formou os seus pequenos grupos. À minha direita, um grupo de raparigas abraça-se aos guinchinhos como se não se vissem há anos, e não há horas. E algures atrás de mim, outro grupo está embrenhado numa conversa profunda, alternando entre três línguas – inglês, coreano e outra língua que não identifico – na mesma frase, como se fosse a coisa mais natural do mundo.

Acho que é bastante normal para uma escola internacional.

– Ah! Quem é ela!

É o meu professor de Inglês e diretor de turma, o Sr. Lee, que me acena com os olhos brilhantes por detrás dos óculos enormes e de lentes grossas. Ele foi amaldiçoado com um rosto redondo que parece o de um bebé e cabelo grisalho desgrenhado, o que tem um efeito combinado e confuso que o faz parecer alguém no início dos 30 ou no fim dos 50 anos.

– Sentem-se, sentem-se – diz ele alegremente, fazendo sinal para duas

cadeiras do outro lado da secretária. Depois a atenção foca-se na minha mãe e a expressão do seu rosto torna-se mais benevolente. Da mesma forma que alguém olharia para uma criança engraçada num parque. – E esta é a ... mãe da Eliza, presumo.

– Sim. Chamo-me Eva Yu – diz a minha mãe, assumindo instantaneamente a sua Voz de Trabalho, que usa sempre quando fala com pessoas brancas, a pronúncia plana para parecer mais americana. Estende a mão de unhas arranjadas. – É um prazer conhecê-lo.

O Sr. Lee franze um pouco o sobrolho quando aperta a mão à minha mãe, e mais ainda quando percebe como o aperto dela é forte. Percebo que está a tentar conciliar a impressão que a minha mãe causa com a ideia preconcebida que tinha dela, meramente baseada no apelido não ocidental.

A minha mãe é a primeira a largar-lhe a mão e recosta-se com um sorriso discreto e satisfeito consigo mesma.

Sei que ela está a gostar disto. Sempre adorou surpreender as pessoas, o que acontece com frequência, porque a subestimam o tempo todo. Parte da razão pela qual é consultora é porque, em certa ocasião, um amigo brincou com ela e disse-lhe que jamais sobreviveria no mundo empresarial.

– Muito bem... – O Sr. Lee pigarreia. Vira-se novamente para mim. – Uma vez que és nova nestas coisas, vamos falar rapidamente das regras, está bem? – Não espera que lhe responda. – Ao longo dos próximos dez minutos, mais coisa, menos coisa, vou discutir o teu desempenho académico com a tua mãe, nomeadamente nas aulas de Inglês, assim como a tua atitude em relação à aprendizagem, eventuais áreas em que podes melhorar... blá, blá, blá. Não podes interromper, fazer perguntas nem chamar a atenção sobre ti mesma até ao fim, altura em que te vou dar a palavra. Entendido?

E depois as pessoas ainda se questionam por que motivo os adolescentes têm problemas em aceitar a autoridade.

– Ah, vejo que já lhe apanhaste o jeito – diz o Sr. Lee alegremente, acenando com a mão para o meu rosto inexpressivo.

Deixo que o meu olhar e atenção se dispersem pela sala.

Depois, vejo uma das únicas pessoas que reconheço na escola e que está do outro lado da sala.

Caz Song.

Não obstante a minha perfeita ausência de esforço, é difícil *não* fazer pelo menos uma ideia de quem ele é: Modelo. Ator. Deus – isto a acreditar nas pessoas que lhe tecem rasgados elogios e seguem todos os seus passos, apesar de ele não *fazer*, de facto, nada além de andar pela escola com um aspeto terrivelmente bonito. Até agora, neste ambiente deprimente e tão supervisionado, já se formou uma multidão substancial de alunos à sua volta, que o fitam boquiabertos. Uma rapariga está agarrada à barriga a rir

histericamente de uma piada que provavelmente ele nunca disse.

Resisto ao impulso de revirar os olhos.

Nunca entendi muito bem esta agitação toda que se criou à volta dele, a não ser que seja por uma questão meramente estética. Há uma certa elegância no formato do seu queixo, no ligeiro repuxado dos lábios, nos ângulos esguios e aguçados do seu corpo. No cabelo negro, nos olhos mais negros ainda. Não que as feições dele sejam sobrenaturalmente perfeitas nem nada, mas formam um conjunto que *funciona* bem.

Ainda assim, tenho a sensação de que ele está tão consciente deste facto como todas as fãs que o rodeiam com adoração, o que estraga um pouco o efeito. E, claro, a imprensa adora-o; ainda no outro dia me deparei com um artigo qualquer que o descrevia como «A Estrela em Ascensão na indústria do Entretenimento Chinesa».

Ele está encostado à parede de trás, as mãos nos bolsos. Parece ser o estado natural dele: sempre encostado a qualquer coisa – portas, cacifos, mesas, etc. –, é quase como se não quisesse dar-se ao trabalho de se manter direito sozinho.

Mas já estou a fitá-lo muito, há tempo demais. O Caz levanta os olhos, presentindo o meu olhar.

Desvio os olhos rapidamente. Volto a concentrar-me na conversa, mesmo a tempo de ouvir o Sr. Lee dizer:

– O nível de inglês da sua filha é realmente muito bom...

– Bem, enfim, *aprendi* a falar inglês quando era pequena – comento, antes de conseguir impedir-me. Tantos anos a receber comentários vagamente condescendentes a respeito do meu *excelente* nível de inglês e de como *nem sequer tem pronúncia* – quase sempre dito em tom de surpresa, senão mesmo de confusão – tornaram este tipo de respostas num reflexo natural.

O Sr. Lee pestaneja na minha direção. Ajusta os óculos.

– Certo...

– Só para esclarecer. – Recosto-me na cadeira, de repente insegura se devo sentir-me triunfante ou culpada por o ter interrompido. Talvez ele tenha querido dizer algo como: ela-domina-as-conjunções, e não como: não-estava-à-espera-de-que-alguém-com-o-seu-aspeto-falasse-tão-bem-inglês.

A minha mãe parece acreditar que se trata da primeira opção, porque me dirige um olhar austero.

– Desculpem. Continuem – murmuro.

O Sr. Lee olha de relance para a minha mãe.

– Muito bem, tenho curiosidade em saber um pouco mais, se a senhora não se importar, sobre o percurso da Eliza antes de vir para cá...

A minha mãe assente, está bem preparada para estas situações, e lança-se no seu discurso habitual: *nasceu na China, saiu do país aos 5 anos, andou nesta escola, naquela, na outra, mudou-se para outros países...*

Tento não ficar agitada, não fugir dali. Ser falada desta maneira faz-me comichão na pele.

– Ah, mas a melhor coisa de ter vivido um pouco em todo o lado é que, assim, pertence a todo o lado. – O Sr. Lee estende as mãos num gesto grandioso que presumo que represente «todo o lado» – e derruba uma caixa de lenços de papel pelo caminho. Faz uma pausa, corado. Pega na caixa e a seguir, inacreditavelmente, recomeça exatamente no ponto em que ficou. – Devia saber que a Eliza não é cidadã de um país apenas, nem sequer de um continente, mas sim...

– Se disser *cidadã do mundo*, juro que vou vomitar – resmungo entredentes, tão baixinho que só eu ouço a minha voz.

O Sr. Lee inclina-se para a frente.

– Desculpa, como dizes?

– Nada. – Abano a cabeça. – Nada.

Um segundo.

– Bem, já que estamos a falar das circunstâncias que rodeiam a Eliza – diz o Sr. Lee com delicadeza, com hesitação, e tenho a terrível sensação de que sei o que aí vem. – Preocupa-me um pouco que a Eliza esteja a ter alguma dificuldade em... adaptar-se.

Sinto a garganta a comprimir-se.

É por isto. É por isto que detesto reuniões de pais e professores.

– Adaptar-se – repete a minha mãe com o sobrolho franzido, embora não me pareça muito surpreendida. Apenas triste.

– Ela não parece ter uma relação próxima com nenhum dos colegas da turma – explica o Sr. Lee. O grupo trilingue que está ao fundo da sala à espera dos pais irrompe numa gargalhada sonora por causa de qualquer coisa na conversa, e o som ecoa nas quatro paredes da sala. O Sr. Lee eleva a voz, quase a gritar. – O que quero dizer é que acho um pouco preocupante ela ainda não ter amigos aqui.

Infelizmente para mim, o nível de ruído diminui substancialmente mais ou menos a meio da frase do Sr. Lee.

E, claro, toda a gente ouviu cada palavrinha do que ele disse. Segue-se um momento constrangedor de quietude e cerca de trinta pares de olhos cravam-me buracos no crânio. Sinto o rosto a arder.

Levanto-me da cadeira e estremeço por dentro quando as pernas da cadeira raspam no chão polido, quebrando o silêncio. Murmuro qualquer coisa sobre precisar de ir à casa de banho.

A seguir saio rapidamente da sala.

Em minha defesa, sou normalmente muito boa – uma verdadeira especialista, até – em pôr os meus sentimentos de lado e desligar-me de tudo e de todos, mas por vezes sinto-me atingida em pleno por esta sensação horrível,

esmagadora, de que sou *diferente*, de que *não pertença* aos sítios onde estou, quer seja a única miúda oriental numa escola católica de elite só para raparigas em Londres ou apenas a rapariga nova numa escola internacional chinesa. Às vezes convenço-me de que vou passar o resto da vida assim. Sozinha.

Às vezes acho que a solidão é a minha definição por defeito.

Para meu grande alívio, o corredor está vazio. Encaminho-me para o canto mais afastado, agacho-me ligeiramente e pego no meu telemóvel. Passo pelas aplicações por um minuto sem olhar para elas. Levo instintivamente os dedos até à pulseira fina que a Zoe me ofereceu e deixo que ela me conforte.

Está tudo bem, eu estou bem.

Depois entro no *website* da Craneswift.

Descobri a Craneswift há alguns anos, quando vi uma das suas *newsletters* numa das estações de metro de Londres, e desde então que leio os seus artigos. Eles não têm uma enorme falange de leitores, mas a qualidade dos textos e a sua reputação compensam amplamente a quantidade. Essencialmente, quem teve a sorte de ver algum texto seu publicado na Craneswift atingiu o tipo de sucesso com o qual posso apenas sonhar: prémios de jornalismo, prestigiadas bolsas de estudo em cursos de escrita criativa em Nova Iorque, reconhecimento internacional. Tudo porque escreveram um texto bonito e profundo.

As palavras comovem-me. Uma frase bonita entranha-se sob a minha pele e abre-me o coração, da mesma forma que um excerto de boa música ou uma cena culminante de um filme conseguem fazer. Uma história bem construída, bem contada, consegue fazer-me rir, suspirar e chorar.

Enquanto começo a ler um dos textos mais recentes publicados na Craneswift, sobre como encontrar a nossa alma gémea no mais improvável dos lugares, vejo a faixa familiar azul da página a brilhar no cimo do ecrã e começo a sentir uma parte do peso sobre os meus ombros a diminuir, a tensão a abandonar o meu corpo...

Uma porta abre-se e o barulho invade o corredor.

Reteso-me e semicerro os olhos para ver quem é. O Caz Song sai da sala sozinho, o seu olhar passa por cima de mim como se eu nem sequer estivesse ali. Parece ir distraído.

– ... toda a gente à tua espera – vai a dizer, com um vinco invulgar entre as sobrancelhas e um tom de dureza ainda mais raro na voz. O Caz sempre me deu a impressão de ter acabado de sair da capa de uma revista: brilhante e lustroso, comestível; comerciável e inofensivo. Mas neste momento está a andar às voltas no corredor, os passos tão leves que mal fazem barulho sobre o chão. – São reuniões entre *pais e professores*. Não posso estar aqui sozinho.

Durante um instante de confusão, julgo que está a falar sozinho ou a experimentar uma técnica estranha de atuação, mas depois ouço uma voz

feminina abafada a sair do telemóvel dele, que está em alta voz:

– Eu sei, eu sei, mas o meu paciente precisa mais de mim. Não podes dizer ao teu professor que surgiu um imprevisto no hospital? *Hao erzi, tinghua.* – *Comporta-te, sê um bom filho.* – Talvez possamos remarcar a reunião para a semana que vem? Da outra vez deu para remarcar, não deu?

Observo o Caz a inspirar. A expirar. Quando volta a falar, a sua voz está extraordinariamente controlada.

– Tudo bem, mãe. Não há problema. Eu... eu digo-lhes. Tenho a certeza de que vão compreender.

– *Hao erzi* – diz a mulher novamente e mesmo a esta distância consigo identificar a agitação estranha do outro lado da linha. Metal a bater. O apitar de uma máquina. – Oh, e antes de ir, o que disseram acerca das candidaturas à universidade?

Candidaturas.

Penso sobre esta informação inesperada. Isto é uma novidade. Achei que alguém como o Caz não iria para a universidade, que seguiria apenas a sua carreira na representação.

Mas, em vez disso, a Estrela em Ascensão está a esfregar o queixo e a dizer:

– Acharam bem... Disseram que se conseguir fazer um excelente texto de admissão, deve ser o suficiente para compensar as minhas notas e a assiduidade...

Ouve-se um suspiro saído do telemóvel.

– O que te digo sempre? *As notas estão em primeiro lugar*, em primeiro lugar. Achas que as equipas de admissão das universidades querem saber se foste protagonista de um drama no teatro escolar? Achas que conhecem mais alguma celebridade oriental além do Jackie Chan? – Antes de o Caz conseguir responder, a mãe volta a suspirar. – Deixa lá isso agora, não importa. Agora já é tarde demais. Concentra-te apenas em escrever o texto. Já está quase acabado?

Pode ser o efeito das luzes baixas do corredor, mas era capaz de jurar que o Caz estremece.

– Mais ou menos.

– O que significa *mais ou menos*?

– Eu... – Cerra o maxilar. – Quero dizer, ainda preciso de procurar um tema, fazer o rascunho e... escrever o texto definitivo. Mas vou arranjar uma forma de o fazer – acrescenta rapidamente. – Prometo. Confia em mim, mãe. Eu... não te vou desiludir.

Segue-se uma longa pausa.

– Muito bem. Ouve, o meu paciente está a chamar por mim, mas falamos em breve, está bem? E certifica-te de que te concentras nos textos. Se lhes dedicares metade do esforço que dedicas a decorar aqueles guiões todos,

então...

– Já percebi, mãe.

Quando desliga a chamada, algo parecido com preocupação vinca as suas feições.

Depois, quando se vira para se ir embora, vê-me agachada como uma fugitiva escondida num canto escuro do corredor; apanha-me a fitá-lo pela segunda vez no mesmo dia.

– Oh – diz ele ao mesmo tempo em que me levanto e digo:

– Desculpa! – O resto das frases amontoam-se sem nexos:

– Não te vi...

– Juro que não estava a tentar...

– Tudo bem...

– Estava mesmo a entrar...

– Chamas-te Eliza, não é? Eliza Lin?

– Sim – respondo lentamente e até eu consigo ouvir a desconfiança na minha voz. – Porquê?

Ele ergue uma sobrancelha escura e todos os sinais de preocupação desapareceram do seu rosto. Tão depressa que me fazem questionar se os imaginei há instantes.

– Por nada. Estava só a tentar ser simpático.

Uma resposta inócua. Perfeitamente razoável.

E, no entanto...

Ela ainda não tem amigos aqui.

– Ouviste o que o Sr. Lee disse há pouco? – Assim que as palavras saem da minha boca, sinto vontade de as retirar. De apagar por completo a sua existência. Porque são exatamente o tipo de coisa sobre a qual não devemos chamar a atenção, mesmo que ambos os intervenientes da conversa estejam perfeitamente conscientes da sua implicação. Como um episódio violento de acne. Ou o professor responsável da sala anunciar a nossa solidão em frente da turma toda.

O facto de eu não *precisar* de amigos não torna esta questão menos embaraçosa.

O Caz pondera a minha pergunta por um instante. Encosta-se à parede mais próxima e metade do seu corpo fica virada para mim.

– Sim – admite. – Sim, ouvi o que ele disse.

– Oh, uau.

– O que foi?

Solto uma pequena risada constrangida.

– Estava mais ou menos à espera de que mentisses e disseses que não. Sabes, para poupar os meus sentimentos e essas coisas todas.

Em vez de me responder diretamente, ele inclina a cabeça para o lado e

pergunta, com cautela.

– *Ouviste-me* a falar ao telemóvel?

– Não – respondo sem pensar, depois encolho-me. – Quero dizer, bem...

– É muito simpático da tua parte preocupares-te em poupar os *meus* sentimentos – diz ele, mas a sua voz tem um tom de ironia que me dá vontade de evaporar naquele preciso instante. Logo a seguir, um pensamento ainda mais terrível começa a materializar-se: e se ele pensar que sou uma admiradora? Ou uma perseguidora? Mais uma daquelas miúdas de olhos arregalados e entusiasmo exagerado que o seguem para todo o lado como se fossem suas discípulas e que estava aqui à espera de o apanhar sozinho? Já vi isso acontecer dezenas de vezes: alunas literalmente aninhadas atrás dos caixotes do lixo ou das paredes, prontas para saltarem à sua frente assim que ele dobra uma esquina.

– Juro que não estava a tentar ouvir nada – respondo freneticamente, levantando ambas as mãos. – Nem sequer sabia que vinhas cá para fora.

Ele encolhe os ombros, o rosto inexpressivo.

– Tudo bem.

– Estou a falar a *sério* – digo. – Juro.

Ele olha para mim demoradamente.

– Já disse que está tudo bem.

Mas também não parece acreditar verdadeiramente em mim. Sinto a pele arrepiada, a vergonha e o aborrecimento aquecem-me o rosto. E logo a seguir a minha boca decide piorar ainda mais as coisas dizendo a coisa mais ridícula que me ocorreu:

– Eu nem sequer... sou tua admiradora, nem nada.

Passa-se um segundo tenso em que a sua expressão se transforma brevemente em algo impossível de ler. Surpresa, talvez. Sinto as minhas entranhas a desintegrarem-se.

– É bom saber – diz ele por fim.

– Quero dizer, também não sou uma *antiadmiradora* – deixo escapar, enquanto tenho aquela sensação horrível e impotente de estar fora do meu próprio corpo a ver a protagonista de um filme de terror em perigo: quando queremos gritar-lhe que pare de andar, mas ela continua a caminhar e a aproximar-se cada vez mais do seu destino cruel. – Sou absolutamente neutra. Nada. Uma... pessoa normal.

– Evidentemente.

Fecho a boca com força, sinto o rosto quente. Não acredito que ainda estou aqui de pé em frente ao *Caz Song*, que aparentemente tem um talento único para me fazer sentir pior e mais constrangida do que é normal em mim. Não acredito que ainda estamos a falar e que o Sr. Lee continua no interior da sala de aula apinhada a conversar com a minha mãe, que ambos julgam que ainda

estou na casa de banho.

Isto é um pesadelo. Está na hora de encontrar uma forma de sair daqui, antes de me envergonhar ainda mais.

– Sabes o que mais? – Estico o pescoço como se ouvisse alguém a chamar por mim. – Acho que a minha mãe me chamou.

Desta vez, o Caz ergue ambas as sobrancelhas.

– Não ouvi nada.

– Pois, ela tem uma voz muito suave – digo rapidamente, já a passar por ele. – É difícil de captar, a não ser que estejas muito habituado. Por isso, é melhor ir andando. Vemo-nos por aí!

Nem lhe dou oportunidade de me responder. Entro rapidamente na sala de aula, pronta para agarrar na minha mãe e implorar ao Li Shushu que nos venha buscar assim que for possível. Depois de uma provação tão humilhante como esta, nunca, *nunca* mais poderei voltar a falar com o Caz Song.

Capítulo 3

No dia a seguir, acordo antes da alvorada, sinto o calor pesar-me sobre a pele e os lençóis torcidos à minha volta.

O meu telemóvel está a piscar.

237 notificações novas.

Semicerro os olhos enquanto o fito por um instante, sem entender o que se passa, o meu cérebro ainda meio nublado de sono. O ecrã não para de piscar, lançando uma luz azulada sobre a mesa de cabeceira e uma pontada de alarme trespassa o cansaço que sinto. Não é normal mandarem-me mensagens a esta hora. E certamente ninguém – nem mesmo a Zoe – me enviaria tantas mensagens seguidas.

239 notificações novas.

240 notif...

Pontapeio os lençóis para o lado, já completamente desperta e vejo as *iMessage*, a minha confusão a transformar-se depressa em apreensão.

Depois leio as mensagens da Zoe:

C'um caraças.

Oh com mil diabos!!!!

OK sei que ESTAMOS A MEIO DA NOITE

MAS

VAI AO TEU TELEMÓVEL RÁPIDO!

Asdfghjklkl

Miúda tens de VER ISTO. Mas que raio se passa?

Anexou um *print screen* do ecrã: é um artigo. Sinto-me quase demasiado assustada para o abrir, mas dois segundos depois de estar a fitar o ecrã, o meu coração começa a abrir-me buracos nas costelas e cedo.

Um título gigante a negrito salta da página:

«Uma Comédia Romântica em Construção: O Texto Desta Miúda sobre a Sua Vida Amorosa Fez-nos Acreditar no Amor.»

Sinto a minha pulsação a acelerar.

Inicialmente não entendo o que estou a ver. Sei apenas que está ali um excerto do meu texto – o texto que reví pelo menos três vezes e que só publiquei ontem – o meu próprio nome e... o logótipo do BuzzFeed por cima de tudo. O mesmo BuzzFeed onde normalmente passava horas com a Zoe, a fazer questionários para descobrirmos que tipo de petisco é mais parecido connosco. Nada disto faz sentido. Não faço ideia como ou por que razão o BuzzFeed tem sequer um texto meu.

É como se encontrássemos uma fotografia nossa na casa de outra pessoa qualquer, uma espécie de combinação entre: «Olha, esta cara parece-me familiar» e: «Mas o que diabo faz uma foto minha aqui?» Parece que ainda estou a sonhar.

Mas, oh bolas, há mais. Há muito mais.

Aparentemente, o meu texto já estava a circular ontem à noite, mas quando alguém semifamoso pôs uma foto no Twitter, juntamente com o *link* para o blogue da escola, tudo explodiu. Ligo rapidamente a minha VPN e entro no Twitter; o meu coração quase me cai aos pés.

Ontem à noite tinha um total de cinco seguidores na minha conta, que só servia para ler o que outras pessoas publicavam, e tenho a certeza de que, desses cinco, dois eram *bots*.

Agora tenho mais de dez mil seguidores.

– Porra, isto é mesmo uma loucura – murmuro, e o som da minha própria voz, baixa e um pouco rouca por falta de uso, só faz com que tudo me pareça ainda mais surreal. Nada faz sentido mesmo. Não faz sentido que possa estar ainda sentada na minha cama, a luz do telemóvel a iluminar as paredes do quarto, enquanto este *tweet*, onde um monte de gente me identificou tão atenciosamente, já teve *meio milhão de visualizações* e o número continua a aumentar.

Enquanto passo por alguns dos comentários mais recentes, tenho as mãos a tremer.

@alltoowell13: *afinal, talvez os rapazes mereçam ter direitos???*

@jimiswife: *estou a chorar de verdade, OMG, isto é AMOROSO. (p.f., dá-nos mais conteúdo desta qualidade, a minha alma precisa) ((se eles alguma vez se separarem, juro que deixo de acreditar no amor))*

@angelica_b_smith: *Lmao sobre os adolescentes que agora escrevem textos ao nível de Shakespeare sobre o amor das suas vidas... tipo, quando tinha a idade deles nem uma frase completa conseguia escrever.*

@drunklanwangji: *não quero ser dramático nem nada, mas eu morria literalmente por eles, só para poderem ficar juntos, de mãos dadas, felizes para sempre.*

@user387: *POR FAVOR, alguém faça um filme disto estou a IMPLORAR...*

@echooli: *sou só eu que tenho curiosidade em saber quem é o namorado? (e*

Largo o telemóvel antes de conseguir ler mais comentários e sinto um perturbador misto de pânico e de euforia a inundar-me as veias.

Então.

Isto é ridículo.

Sinto que o meu cérebro está a ter uma falha qualquer. A sobreaquecer. Há pessoas de todo o planeta a ler o meu texto e a imaginar-me aninhada no sofá com um tipo qualquer, a beijá-lo numa varanda, a murmurar coisas como: *Tenho saudades tuas mesmo quando estás perto de mim, e és tão bonito que nem consigo pensar como deve ser quando estou contigo.*

As pessoas leram isto e... *gostaram* mesmo. Das minhas palavras, da minha escrita, dos meus pensamentos. Reconheceram pedaços de si mesmas neles. Não obstante o embaraço, não consigo evitar que um sorriso se espalhe pelos meus lábios. *É esta a sensação de se ser uma celebridade?* Não consigo deixar de me questionar brevemente sobre a possibilidade, mesmo no meio da minha incredulidade absoluta. *É assim que alguém como o Caz Song se sente o tempo todo?*

Mas não – interrompo os meus próprios pensamentos. Por muito entusiasmante que seja toda esta situação, não é o que importa. Porque tornar-me viral apenas pela qualidade da minha escrita é uma coisa – uma coisa boa, até, daquilo de que são feitos os contos de fadas modernos. Mas tornar-me viral à conta de uma «história de amor verdadeiro e saudável» (as palavras são da @therealcarrielo, não minhas), que é 100 % fictícia, é outra coisa inteiramente diferente.

Até já consigo imaginar como seria o próximo texto do BuzzFeed, assim que a verdade se soubesse: «Uma Criminosa em Construção: O Texto Pessoal Que Se Tornou Viral sobre a História de Amor Desta Rapariga Que afinal Era Uma Mentira Pegada.»

Não consigo pensar noutra coisa ao longo da hora seguinte, enquanto o resto do apartamento desperta, as torneiras da casa de banho estalam e a minha mãe se atarefa na cozinha para ligar a máquina de leite de soja. O título do BuzzFeed. Os comentários das pessoas. Como parecem já estar tão dedicadas a esta história, quantas começaram a seguir-me para verem as «atualizações» que não tenho...

A culpa não demora a serpentear até ao meu peito e tenho vontade de gritar.

Por obra de algum milagre, ou dos anos de prática que já tenho, durante o pequeno-almoço consigo agir como se estivesse tudo bem. Não me parece bem dizer de repente algo como: *Olhem, já agora, sou capaz de ter encarado o meu texto pessoal como uma espécie de exercício de escrita criativa que, não sei*

como, se tornou viral e agora mais de um milhão de pessoas acredita que encontrei o amor da minha vida em Pequim; tudo isto antes das oito da manhã. Por isso, bebo o meu leite de soja caseiro, como o meu ovo e tento não pensar na possibilidade de a minha vida ter mudado irrevogavelmente da noite para o dia.

– ... está a dar cabo de mim – diz a minha mãe enquanto parte um ovo para uma taça, a casca a estalar com um som satisfatório. – É um desastre absoluto.

Nem sequer preciso de prestar atenção para perceber de quem está a falar: do Kevin do marketing. Recém-licenciado em Harvard com um QI de génio e, na opinião da minha mãe, uma total ausência de bom senso.

– Desculpa, o que é um desastre absoluto? – pergunto, na esperança de que ela explique melhor. Neste momento, dava-me imenso jeito receber algumas dicas sobre como gerir desastres.

– A minha vida – diz a Emily, do outro lado da mesa de refeições. Tem o uniforme da escola do avesso e o cabelo preto-azeviche pelos ombros apanhado no que *devia* ser um rabo de cavalo, mas mais parece um pé de feijão-mungo. É evidente que esta manhã foi o meu pai quem ajudou a Emily a preparar-se.

A minha mãe revira os olhos.

– Guarda essa atitude para quando fores a meio dos quarenta, Emily – diz para a minha irmã e vira-se para mim. – E desde quando é que te interessas tanto pela minha vida profissional?

– Desde sempre – respondo com inocência.

– Pensei que achavas o meu trabalho confuso – diz a minha mãe, passando-me um prato de pãozinhos chineses fofos e ainda quentes do cesto de vapor.

– Sim, mas isso é só porque a tua empresa insiste em descrever-se como uma «organização criativa de colaboradores e líderes» que procura «influenciar a cultura e inspirar», assim como proporcionar «iniciativas de marketing e projetos fundamentais», ou lá o que é. – Parto metade do pãozinho em pedaços mais pequenos, sinto a massa suave entre os dedos. – Tipo, mãe, são literalmente meia dúzia de palavras atiradas umas a seguir às outras. Mas entendo o que *tu* fazes. Mais ou menos.

A minha mãe não parece muito convencida com isto, mas suspira e explica:

– O Kevin conseguiu que um investidor importantíssimo assinasse connosco.

– E isso é um problema porque...?

– O investidor só assinou porque ele lhe disse que tínhamos uma excelente relação com aquela *start-up* popular, a SYS. – Agarra num pãozinho para si,

mas não o come. Fica a vê-lo a arrefecer ao lado do ovo. – O problema é que nunca *falámos* sequer com ninguém da SYS. Não temos qualquer relação com a empresa.

– Ah. – Assinto lentamente, tentando abafar uma pequena bolha de histeria perante o paralelismo óbvio entre a crise do Kevin e a minha própria. – Consigo entender como essa questão pode ser desafiante. – Depois, esperando não parecer demasiado ansiosa, bebo casualmente um gole de leite e pergunto: – Então, hum, qual é o plano? Vão assumir a verdade ou...

– Deus do céu, não. Claro que não. – A minha mãe solta mesmo uma gargalhada, como se a ideia fosse absurda. – Não, há anos que tentamos convencer este investidor a associar-se a nós. Vamos ter de fazer exatamente o oposto: contactar a SYS e forjar uma relação com eles, agindo então como se tivéssemos sido sempre bastante próximos. Talvez se abordarmos a *sua* equipa de Marketing primeiro, ou aquele tipo da campanha da Cartier... – Fica com um brilho distante e quase zeloso nos olhos, como costuma acontecer sempre que está a tentar resolver um problema de trabalho. Depois recorda-se com quem está a falar. – Mas mentir é muito feio – acrescenta rapidamente, disparando um olhar austero na minha direcção e da minha irmã.

– Registado – respondo e engulo com dificuldade o resto do leite. A polpa da soja agarra-se à minha garganta como areia.

Quando todos acabam de comer, ajudo a minha mãe a levantar a mesa e depois vamos ter com o motorista juntas, o meu telemóvel a queimar-me o bolso do casaco durante todo o caminho. Não o verifico como deve ser desde o início da manhã, mas as notificações continuam a chegar. Quando me deixam na escola, tenho 472 mensagens por ler e sabe Deus quantas menções no Twitter.

E depois as coisas ainda ficam mais estranhas.

Sou a primeira pessoa a chegar à aula de Matemática, como já é habitual.

Não porque seja particularmente pontual por natureza, ou porque nutra um enorme entusiasmo pelas equações de quarto grau, mas porque não tenho um sítio melhor para onde ir. Nos minutos livres antes e no meio das aulas, as pessoas adoram reunir-se perto dos cacifos, a bloquear os corredores, a conversar e a rir tão alto em grupo que as paredes parecem estremecer.

Uma vez tentei juntar-me ao resto do pessoal, no meu terceiro dia nesta escola, mas só consegui fazer uma figura ridícula. Ridícula e um pouco triste, porque não tinha ninguém por *quem* esperar. Acabei por ficar sozinha no meio do corredor, a agarrar a mochila com força e a rezar que o toque de entrada soasse rapidamente.

Depois disto, decidi que o melhor era esperar dentro das salas, com os

livros e as canetas em cima da mesa, como se estivesse mesmo a estudar.

Estou a fazer de conta que revejo as notas de cálculo da aula anterior quando ouço passos a aproximarem-se. Param mesmo em frente à minha secretária. E depois:

– Olá, Eliza.

Levanto a cabeça com surpresa.

Duas raparigas com quem nunca falei na vida estão a sorrir para mim – com um sorriso verdadeiramente *resplandecente* – como se fôssemos as melhores amigas. Nem sequer sei os nomes delas.

– Olá? – respondo, mas parece mais uma pergunta.

Elas encaram isto como um convite para se sentarem nas duas cadeiras ao meu lado, ainda a sorrir tanto que vejo os seus dentes brancos e brilhantes. Quando uma delas dá uma cotovelada na outra e trocam um olhar rápido e cheio de significado, começo a perceber o que pode vir aí.

– Nós lemos o teu texto – diz subitamente a rapariga mais alta e morena à minha esquerda, confirmando as minhas suspeitas.

– Oh – digo, sem saber bem que outra resposta devo dar. – Hum, ótimo, fico contente.

– Eu, bem, meu Deus, adorei tanto, tanto – continua ela alegremente, como alguém que está a preparar um discurso enorme e emotivo. – Fiquei literalmente acordada toda a noite a ler e...

– É tão *amoroso* – interrompe a outra rapariga, com a mão sobre o coração.

Ora bem, não estava mesmo nada à espera *disto*. Nem do pequeno sorriso involuntário que me puxa os lábios.

Mas em breve estão as duas a gesticular loucamente e a falar ao mesmo tempo, as vozes cada vez mais sonoras com o entusiasmo.

– A minha parte favorita é aquela na mercearia, oh, meu Deus...

– Não fazia ideia de que tinhas namorado! Tens sido tão discreta acerca disso...

– Tens alguma fotografia dele? Quero dizer, não precisas de nos mostrar, se não quiseres, mas...

– Como é que ele se chama? Anda aqui na nossa escola?

– Anda no nosso ano?

– Na nossa *turma*?

Ambas se viram, de olhos arregalados, para a porta da sala, onde mais alunos estão a entrar, como se um dos rapazes pudesse subitamente dar um passo em frente e declarar-se o meu namorado secreto. Como é óbvio, não acontece nada do género, mas é verdade que as pessoas *abrandam* e olham para mim como se nunca me tivessem visto como deve ser antes. Como se estivessem à espera de que partilhe qualquer coisa sobre a minha vida privada.

A única pessoa que vai diretamente para a sua mesa ao fundo da sala é o

Caz Song. De mãos nos bolsos, um *AirPod* no ouvido, a mesma expressão de tédio perpétuo no rosto. Como estava ontem. Olha na minha direção por breves instantes, inexpressivamente, e a seguir vira costas.

E embora ele seja a menor das minhas preocupações, sinto as costelas a virarem-se ao contrário. Não sei sequer o que esperava que acontecesse, por que motivo imaginei que ele ia reconhecer a minha existência depois de uma única conversa anómala no corredor. O Caz Song e eu somos tão diferentes que até podíamos viver em planetas separados.

– Então? – incentiva a rapariga à minha esquerda, chamando novamente a minha atenção para si e para a amiga. – Ele anda aqui?

Observo as duas, à procura de algum sinal de troça ou má vontade. Mas elas continuam a sorrir e reparo nas sardas que a mais alta tem sobre o nariz, no gancho de cabelo amarelo em forma de borboleta que a outra tem no cabelo ondulado. Elas parecem... simpáticas. Genuinamente amistosas...

– Hum, não posso contar – digo com um pequeno sorriso apologetico, com a esperança de que elas deixem a conversa ficar por aqui. – Quem me dera poder, mas sabem como é. Não estamos juntos há *muito* tempo e por enquanto gostava de manter as coisas em privado.

– Ah. – Ambas assentem devagar. Sorriem mais um pouco. Nenhuma se afasta. – É perfeitamente compreensível.

Embora isto faça parte do guião que preparei quando submeti o meu texto, fi-lo apenas como medida preventiva, não para ser algo que iria partilhar com pessoas do mundo inteiro. É um pouco como aqueles coletes salva-vidas que há nos aviões: nunca ninguém está à *espera* de ter de os usar.

Como se aceitasse a deixa, o meu telemóvel volta a piscar em cima da secretária.

531 notificações novas.

A rapariga mais alta vê a notificação antes de eu conseguir virar o ecrã do telemóvel para baixo.

– Uau – diz ela, começando finalmente a tirar as coisas da mochila para se preparar para a aula. Um *MacBook Air* com uma capa brilhante. Canetas e marcadores com desenhos giros. Uma agenda espessa que parece nem ter sido usada, mas com separadores coloridos na lateral e um enorme autocolante de um grupo qualquer de K-pop na capa. – Deves ter tido uma manhã bastante agitada, não?

– *Agitada* é definitivamente uma boa palavra para a descrever – digo, aliviada por poder ser honesta pelo menos em relação a isto.

– Sempre me questionei como será tornarmo-nos virais – matuta a outra rapariga. Tira o portátil e mais nada. Aprendi da maneira mais difícil de que isto é bastante comum nas aulas da China. Na minha escola antiga, só tínhamos autorização para tirar notas em papel, por isso não me apercebi de

que teria de trazer o portátil até ter entrado na primeira aula em Westbridge e toda a gente começar a escrever num *Google Doc* e eu num caderno, com um lápis.

Pois, não foi exatamente a melhor forma de começar.

– Nadia, no mês passado, aquele teu *Douyin* não se tornou viral durante algum tempo? – pergunta a rapariga mais alta.

– Sim, o vídeo teve, sei lá, tipo vinte mil visualizações. – A Nadia acena com a mão, desvalorizando o facto. – É *completamente* diferente de ter um *gazilião* de pessoas a ler o que escrevemos. Além de que – enruga o nariz –, eu recebi montes de comentários esquisitos sobre os meus pés.

– Verdade. Desses não gostámos tanto.

À medida que as duas começam aos risinhos, sinto uma pontada seca no peito. Era capaz de matar para ter isto – estar sentada ao lado da Zoe, a rir-me por causa de uma piada privada parva qualquer, sem me preocupar que dali a um ano vou-me embora daqui outra vez. Gostava de me sentir confortável, em paz, em casa.

O meu rosto deve revelar alguma coisa, porque a rapariga mais alta se vira para mim com um ar preocupado.

– Estás bem, Eliza?

– Hã? – Finjo confusão, depois puxo rapidamente os meus lábios num sorriso tímido. – Sim, claro que sim. Estava só... a pensar no texto, acho eu. E no que vou fazer a respeito disto.

As duas comentam com sons de apoio e assentem novamente numa sincronia perfeita.

– É uma boa questão – diz a rapariga mais alta. – E devias mesmo fazer qualquer coisa. Devias... Oh! Devias capitalizar a fama.

– Sim! – exclama a Nadia, apontando para mim com um dedo em riste e quase me vaza uma vista. – Ai, desculpa! Mas a Stephanie tem razão. Sempre que as pessoas se tornam virais no Twitter, usam a ocasião para se promoverem ou para ajudarem a conta da amiga que faz bolos, ou algo do género.

– Tens alguma? – pergunta a Stephanie recostando-se na cadeira.

– O quê? Uma conta de bolos?

– Alguma coisa para promover – esclarece com uma gargalhada. – Então? O que achas?

Eu sei que é uma parvoíce, que não vale a pena e que dadas as circunstâncias é absolutamente irrealista, mas a verdade é que estou *mesmo* a pensar nisto e um pouco da vertigem que senti hoje de manhã começa a crescer dentro de mim. Sempre sonhei em ter quem lesse as minhas coisas – que lesse e gostasse realmente do que lia – e agora, pela primeira vez na vida, tenho um potencial público leitor. Tenho *gente que me segue*. Talvez se

continuasse a publicar textos enquanto as pessoas continuam a prestar atenção, podia... não sei o que podia fazer. Iniciar uma carreira legítima na escrita. Fazer o meu próprio nome. Ser uma Escritora, com maiúscula, e não apenas alguém que escreve.

Mas esmago esta esperança que me cresce no peito com a mesma rapidez com que deixei que surgisse.

As pessoas só querem saber mais de mim porque acham que o texto é verdadeiro. Acham que namoro com um rapaz bonito, que me leva em passeios de moto espontâneos pela cidade e que dançou um *slow* comigo no meio do corredor da mercearia, que todos os dias me envia mensagens de boa-noite antes de eu adormecer. As pessoas estão apaixonadas pela minha história de amor.

Se quero continuar a escrever e a *capitalizar a fama*, como diz a Stephanie, tenho de continuar a mentir.

– Não sei – respondo lentamente. – Talvez...

A porta abre-se antes de poder dar-lhes uma resposta vaga e toda a gente fica em silêncio em simultâneo.

A nossa professora de Matemática, a menina Sui, caminha com passos largos para a frente da sala, com um intimidante maço de folhas equilibrado numa das mãos, uma pasta a balançar na outra. Ela faz-me lembrar os professores das minhas antigas escolas de Chinês, que frequentava aos sábados. Tudo nela é austero: o olhar, a voz, o corte do casaco branco imaculado. E a sua forma de ensinar também me faz lembrar deles.

Ela não nos cumprimenta. Limita-se a deixar cair o maço de folhas em cima da secretária com um baque ameaçador e chama Stephanie para a ajudar na distribuição.

Cada um de nós recebe cinquenta páginas de perguntas de matemática, escritas na mais minúscula das letras, para entregar amanhã de manhã. Isto devia ser ilegal. Alguém faz um ruído estrangulado que rapidamente disfarça com um acesso de tosse.

Ainda assim, sinto-me quase agradecida pela carga de trabalhos insana, pelo silêncio concentrado que se instala durante o resto da aula. Posso ser muito boa a inventar cenas, mas não sei honestamente a quantas mais perguntas podia responder sem me descair.

* * *

Quando chega a hora do almoço, já falei com mais pessoas nas últimas horas do que desde que comecei a frequentar esta escola. As pessoas não param de me abordar, chamam-me nos corredores apinhados entre as aulas,

no início das duas horas de Inglês, até quando vou à casa de banho – e agora aqui, no meio da fila na cantina.

Alguém me toca no ombro.

– Ei, tu és a rapariga do texto, não és?

Acho que agora é esta a minha reputação. Já não sou «A Rapariga Nova da América», mas «A Rapariga do Texto Viral». Até podia considerar isto uma melhoria, se não sentisse um medo esmagador de me tornar «A Rapariga que Mentiu» nos próximos dias ou semanas. Tudo depende de quanto tempo conseguir continuar a fingir.

Viro-me e vejo um grupo de raparigas e três rapazes a olharem para mim boquiabertos.

Parecem ser alguns anos mais novos do que eu, talvez andem no 9.º ou no 10.º ano. Alguns ainda têm gordurinha de bebé, mas as raparigas estão extremamente maquilhadas e os rapazes usam uma quantidade absurda de gel no cabelo, tudo numa tentativa de parecerem mais crescidos.

– Sim – digo, sorrindo um pouco, apesar de tentar não o fazer. – Sim, sou eu.

– Estás a ver, eu *bem te disse* – diz uma das raparigas para o rapaz atrás de si. Ele franze o sobrolho. – Ela é exatamente igual à fotografia.

Pestanejo.

– Hum, fotografia? Que fotografia?

A rapariga arregala ainda mais os olhos enquanto as amigas soltam risinhos abafados.

– Não viste ainda? Já se espalhou por todo o lado e é bastante lisonjeira – acrescenta rapidamente, de uma maneira que me faz desconfiar de que está a mentir. Enquanto avançamos na fila, ela tira o telemóvel do bolso e agita-o à frente do meu rosto.

Não sei se ria ou se chore.

Num artigo publicado numa revista adolescente *online* qualquer (com o título «Por Que Razão Estamos Todos Apaixonados Pela História de Amor Verdadeiro Desta Finalista»), alguém anexou uma das minhas fotografias de escola antigas, de quando ainda vivia nos Estados Unidos. É realmente impressionante como conseguiram encontrar a minha pior fotografia possível. O meu cabelo está apanhado num rabo de cavalo superapertado que se esconde na parte de trás da cabeça, por isso pareço careca, os meus olhos estão semicerrados e cheios de água porque tinha acabado de espirrar.

Implorei ao fotógrafo da escola – quase o subornei – para me deixar tirar outra fotografia, mas ele enxotou-me com um alegre: «Não te preocupes! Também só os teus pais é que vão ver estas fotografia!»

Que revés engraçado.

– Uau – digo agora. – Isto é simplesmente... espetacular.

– É, não é? – A rapariga sorri. Ou não percebe o meu sarcasmo ou prefere ignorá-lo. – Tu agora és, tipo, famosa.

Famosa. A palavra tem um sabor estranho, mas não inteiramente desagradável.

Há qualquer coisa de inerentemente *fixe* nela, algo exuberante, brilhante e desejável, tudo coisas que nunca pensei que podia ser. Só gostava que fosse a minha escrita a alcançar a fama, não eu.

Faço um ruído indistinto no fundo da garganta e pego num tabuleiro vazio. Tento concentrar-me em escolher o almoço. Se há uma coisa que a Escola Westbridge faz bem é a comida. Os *chefs* da escola servem realmente refeições com três pratos e mudam-nos todos os dias; no início da semana tivemos arroz de ananás frito com frango estufado e tofu sedoso, e no dia seguinte *dim sum* (completo com bolinhos de camarão e pudim de manga fresca e tudo).

Hoje a ementa é *roujiamo* – barriga de porco desfiada e chalotas picadas no meio de pães *bing* dourados e estaladiços.

Ponho quatro no meu tabuleiro e viro-me para ir embora, mas os miúdos atrás de mim ainda não acabaram.

– É verdade que a identidade do teu namorado é altamente secreta? – pergunta a mesma rapariga.

Sinto-me a ficar tensa, mas a minha voz sai com suavidade.

– Não. Quero dizer... Não, não diria que é altamente secreta.

– Então podes dizer-nos quem é? – interroga outra rapariga.

– Não, nem por isso.

Embora só os consiga ver pelo canto do olho, quase consigo sentir a sua desilusão.

– Não se importam de lhe dar um pouco de espaço?

É uma rapariga do meu ano que conheço vagamente. O nome dela começa por S: Samantha, Sally ou Sarah... não, *Savannah*. Está à frente na fila, o tabuleiro com pelo menos seis *roujiamos* e uma mão apoiada na anca.

Depois de um instante atordoado, os miúdos murmuram um pedido de desculpas e recuam. Quase sinto pena deles. A Savannah é uma daquelas raparigas que é fixe sem se esforçar por isso e ao mesmo tempo é absolutamente assustadora. Só o risco dos olhos é suficientemente aguçado para cortar vidro e é tão alta que tenho de esticar um pouco o pescoço para trás só para olhar para ela. Também não faz grande mal ela namorar com um dos amigos do Caz Song; qualquer pessoa com algum tipo de relação com o Caz entra automaticamente para o círculo de Pessoas Superpopulares, daquelas que Podes-Pisar-me-Que-Não-me-Importo, da escola.

– Hum, obrigada pela ajuda – consigo dizer.

– Não foi nada – responde-me. Tem uma ligeira pronúncia nova-iorquina e

lembro-me de ouvir algures que é de ascendência vietnamita e americana. Aqui, muitos alunos encaixam nestas categorias, há sino-americanos, coreanos-australianos, anglo-indianos. Tudo pessoas que cresceram entre culturas diferentes. Pessoas como eu. – Deve ser bastante esmagador, não? Passar o dia inteiro a ouvir tantas perguntas.

– Não faz mal – digo, com um encolher de ombros, na esperança de parecer descontraída. – Podia ser bem pior.

– Sim, quero dizer, podias ter ficado viral por subires uma escada rolante no meio de um centro comercial apinhado, só para chegares ao topo e caíres em cima de uma mascote com um fato gigante de galinha.

Fico a olhar para ela fixamente.

– Isso é... bastante específico.

Ela solta uma gargalhada.

– Era o que estava na tendência no outro dia. Na verdade, acho que foi o teu texto que a destronou.

– Isso é bom, não é? Acho eu?

– É um feito impressionante – concorda a brincar. – Devias estar orgulhosa.

Estamos agora perto das mesas da cantina e por um breve momento ainda penso em perguntar-lhe se quer sentar-se e almoçar comigo. Mas seria uma idiotice. Eu não tenho propriamente um bom registo no que diz respeito à manutenção de novos amigos; não me imagino a construir uma amizade baseada numa mentira profundamente embaraçosa, não ia dar grande resultado. E, como a própria disse, defender-me não foi nada de especial.

Além disso, um olhar rápido pela cantina deixa perfeitamente claro que o namorado dela – o *Daiki*, lembro-me de ouvir o nome dele durante a chamada – está à espera dela na maior mesa do canto, ao lado do Caz, da Stephanie, da Nadia e uma série de outras pessoas barulhentas, bonitas e perfeitamente sociáveis que andam no nosso ano. Estão a rir-se todos de uma piada que o Caz deve ter acabado de contar, as bocas muito abertas, alguns dobrados sobre si próprios de tanto rir. Não consigo evitar olhar para eles durante uns instantes; tenho uma sensação indesejada e pouco razoável de inveja a alojar-se no fundo do meu estômago como se fosse uma pedra.

– Bem, mais uma vez, obrigada – digo à Savannah com um débil aceno, ansiosa por ficar sozinha. – Adeus, então.

Ela fica com um ar surpreendido, mas assente na minha direção. Sorri.

– Sempre às ordens.

Depois deixo-a ali. Saio da cafetaria e subo cinco lanços de escadas até ao topo do edifício, ainda com o tabuleiro do almoço firmemente seguro entre as mãos. Pouco depois, a barafunda de vozes e o barulho dos pratos desvanece-se e estou sozinha no terraço do telhado com o Sol morno e sedoso a derramar-se

sobre mim.

Pela primeira vez nesta manhã, sinto-me a descontraír um pouco.

Adoro vir aqui, não apenas porque é sossegado e está quase sempre deserto, mas porque é um sítio lindo. O terraço foi concebido como um jardim, com tangerineiras de folhas brilhantes, bambus esguios, um tipo de planta de ar retorcido cujo nome não conheço, mas que cobre as laterais, e pés de jasmim – a flor preferida da minha mãe – a florir por todo o lado como pequenas constelações de estrelas aromáticas que deixam o ar à sua volta doce. Até há fiadas de luzes minúsculas penduradas nos postes do baloiço de madeira que está a um dos cantos, apesar de nunca ter ficado na escola até tarde para as ver acesas.

A vista também é maravilhosa. Daqui consegue ver-se todo o *campus*, com Pequim a erguer-se lá ao fundo, cheia de vidros e aços brilhantes que refletem as nuvens no céu.

É este o meu truque para sobreviver a uma escola nova: encontrar um lugar destes, um sítio onde ninguém me possa incomodar, e reclamá-lo como meu.

É especialmente útil agora, que preciso de organizar a cabeça sozinha.

Sento-me no baloiço e equilíbrio o tabuleiro no colo; dou uma grande dentada num *roujiamo*. Depois faço aquilo que evitei fazer durante toda a manhã: verifico o meu telemóvel.

Genericamente falando, tento manter-me o mais afastada possível das redes sociais. Cada nova publicação de um antigo amigo é uma recordação dolorosa: esta é a sua nova vida, sem ti. Este é o seu grupo de melhores amigos, este é o namorado de que ninguém te falou; aqui estão os teus amigos a avançarem completamente com as suas vidas. É a prova de que quando disseram que jamais te esqueceriam, que iam manter sempre o contacto, estavam a mentir. Por vezes fico a olhar para uma fotografia no Instagram de alguém de quem fui próxima em Londres, na Nova Zelândia ou em Singapura. Vejo o cabelo acabado de pintar, o sorriso largo e o tipo de casaco curto que há uns anos não usariam nem mortos e fico com a sensação de que estou a ver um absoluto estranho no meu *feed*.

Mas hoje recebi tantas mensagens que o meu telemóvel fica congelado durante um minuto inteiro. O meu coração também congela. Pessoas com quem não falo há anos – algumas que andaram comigo na *escola primária* – mandaram-me mensagens, todas com fotos dos ecrãs ou mensagens com variações de: *omg, conseguiste!* Algumas continuam com perguntas tipo: *Como vai a vida?* Ou: *há séculos que não falamos!*, mas a educação distante de todas elas, comparadas com as mensagens confusas e os *emojis* em demasia que costumávamos trocar sem pensar, só fazem com que sinta uma dor ainda maior no peito.

E a única coisa em que consigo pensar é: ainda bem que tenho a Zoe.

Ela é a única que resta na minha vida. A única que foi ficando ao longo dos anos. E a única que me enviou uma mensagem com uma quantidade descontrolada de pontos de exclamação a exigir que lhe explicasse o que se passava.

Respondo-lhe numa mensagem rápida a prometer que da próxima vez que falarmos ao telefone a atualizo em relação a tudo isto; depois entro na minha caixa de entrada com os dedos trémulos. Até sinto a boca demasiado seca. Mal consigo engolir.

Tenho pelo menos vinte *e-mails* de jornalistas e escritores de todos os tipos de páginas *online*, alguns a pedir-me entrevistas, alguns a pedir material exclusivo, incluindo uma *selfie* do casal. Imagino-me a pousar com um braço à volta de nada, de ar apenas, ou com uma daquelas imagens de cartão dos ídolos da K-pop, e sinto a histeria a erguer-se na minha garganta.

Mas o absurdo desta situação não se fica por aqui. Algumas pessoas enviam-me *links* de peças que escreveram inspiradas pelo meu texto. Uma delas intitula-se: «A História de Amor Adolescente de Que Toda a Gente Fala: Alegria na Era do Cinismo.» Outra relaciona o «sucesso surpreendente» do meu texto com o ressurgimento das comédias românticas, assim como com a «desilusão crescente» da minha geração com as aplicações de encontros como o *Tinder*. Outra ainda conseguiu arrastar a minha identidade racial para a sua análise, alertando que tudo isto pode não ser mais do que um elaborado engodo engendrado pelo governo chinês para «suavizar a imagem de uma superpotência global que se tem vindo a desenvolver a grande velocidade».

Apesar da sensação de pavor que me invade as entranhas, não consigo evitar que uma onda de gargalhadas incrédulas irrompa pelos meus lábios. Esta é sem dúvida alguma a coisa mais ridícula que alguma vez me aconteceu. Que provavelmente me *vai* acontecer, ponto final.

Então, recebo um novo *e-mail*, ouço o sinal discreto, e a minha incredulidade dá lugar a um deslumbramento puro quando vejo quem mo enviou.

Capítulo 4

Querida Eliza,

Espero que este e-mail te encontre bem!

O meu nome é Sarah Diaz. Ontem à noite tive o enorme prazer de ler o teu texto viral «Amor e Outras Pequenas Coisas Sagradas» e dei por mim a sentir-me extremamente comovida com a tua história de amor (algo que é raro para uma pessoa cínica como eu). Umas vezes ri-me bem alto, noutras tive vontade de chorar, pelos melhores motivos possíveis. Tudo isto para dizer que acho que tens um enorme potencial e que adoraria oferecer-te uma oportunidade para estagiares connosco na Craneswift. Será um estágio remunerado, com a duração de seis meses e terei todo o gosto em escrever uma carta de recomendação quando acabar, caso decidas aceitar a nossa oferta, claro...

Leio o *e-mail* pelo que deve ser a centésima vez durante a viagem de carro até casa e sinto que o ar nem me passa pela garganta.

A Craneswift.

Tenho medo de que, se expirar, as palavras se dissolvam. Que as pessoas da Craneswift me enviem outro *e-mail* a dizer que foi tudo um enorme erro, que voltaram a ler o meu texto e que perceberam que a sua primeira avaliação estava errada.

Porque esta oportunidade... é tudo o que sempre desejei. Quero dizer, nem *sabia* que era o que desejava, jamais me teria permitido sonhar em conseguir um estágio na Craneswift. A publicação por detrás de alguns dos autores mais bem-sucedidos do mundo.

E a Sarah Diaz é uma das melhores autoras que eles têm. Talvez uma das melhores que conheço. Tenho um caderno cheio de citações anotadas que fui retirando dos textos e artigos que ela publicou, levei-o sempre comigo de cidade para cidade. Há dois anos, ela ofereceu uma sessão de 30 minutos de consultoria de escrita para uma espécie de leilão, e a licitação vencedora foi de alguém que pagou mais de cinco mil dólares. Para vermos como os aspirantes a jornalistas anseiam pelo seu *feedback*.

Se ela quer realmente que trabalhe para ela – *com* ela – como posso dizer

que não?

Mas, se disser que sim, o que posso fazer a respeito da minha relação fictícia?

– Jie, por que razão é que as pessoas na escola andam a dizer que tens um namorado?

Levanto a cabeça subitamente.

A Emily observa-me com curiosidade do outro lado do banco traseiro do carro. Estamos as duas sozinhas, à exceção do Li Shushu, que vai entretido a ouvir a sua estação de ópera de Pequim favorita.

Graças a Deus. Não saberia o que responder se a minha mãe ou o meu pai estivessem aqui.

– Não sei – respondo, tentando encarar a situação como uma piada passageira. – Não lhes dêes ouvidos.

– Mas *tens* um namorado ou não? – insiste a Emily, com os olhos arregalados.

– Isso... não é da tua conta.

Foi a resposta errada. A Emily solta o cinto de segurança e aproxima-se mais de mim, não obstante os meus protestos.

– Ai, é completamente da minha conta, sim – diz ela, empertigando-se para parecer mais alta, mais importante. – Sou tua irmã. Tens de me contar.

– És uma criança.

Ela dirige-me um olhar indignado.

– Já tenho dez anos.

Não consigo evitar resfolegar.

– Exatamente. E, para que conste, ainda tens *nove* anos.

– Mas faço dez daqui a menos de seis meses – argumenta ela, com a voz a aproximar-se da lamúria. – Vai dar ao mesmo.

– Continua a não mudar o facto de que sou mais velha do que tu.

A minha irmã fica em silêncio, mas sei que a conversa ainda não acabou. Ela só está a tomar o seu tempo para arranjar um bom argumento; neste aspeto somos iguais à nossa mãe.

Eu também estou a pensar sobre como hei de gerir esta situação toda e que história devo contar-lhe. A boa notícia é que a Emily não tem autorização para ter redes sociais até fazer 13 anos, por isso não pode conhecer os *detalhes* do meu texto. Mas as pessoas na escola vão continuar a falar...

Recosto-me no banco de pele suave e fecho os olhos. Já sinto uma enxaqueca de *stress* a formar-se.

Quando volto a abrir os olhos, a Emily está a tirar um pacote de pauzinhos de biscoito *Pocky* com sabor a *matcha* da mochila, mas tem uma expressão triunfante no rosto.

– O que foi? – pergunto.

– Não foi nada. – Mas está a sorrir. É um sinal de perigo. – É só que...
podes não ser obrigada a contar-me nada, mas se a mãe e o pai soubessem
terias de lhes dar explicações, não?

A minha pulsação acelera.

– Emily, não te *atrevas*...

– Então responde à minha pergunta – insiste ela, abrindo o pacote. – Eu
guardo segredo. Juro.

Cerro o maxilar, pondero a minha próxima jogada. No fundo, restam-me
duas opções: suborno ou chantagem. Depois os meus olhos recaem sobre o
pacote de *Pocky* que tem na mão.

Perfeito.

– Quando estiver preparada, explico-te tudo – respondo. Ela abre a boca
para argumentar, mas continuo, mais alto: – Até lá, tens de me prometer que
não dizes uma palavra sobre este assunto em casa. Compro-te dez pacotes de
Pocky.

Ela vacila, a boca ainda entreaberta. Se há alguma coisa pela qual a Emily é
capaz de ceder, é por comida.

– Tudo bem – acaba por dizer e solto um pequeno e silencioso suspiro de
alívio. Sempre é menos uma coisa com que tenho de me preocupar agora.
A seguir, a Emily cruza os braços sobre o peito e empina o queixo. – Mas quero
quinze pacotes e quero daqueles com sabor a bolacha e natas também.

Franzo o sobrolho.

– Dou-te treze pacotes. Se houver de bolachas e natas, tudo bem, senão
compro-te dos de chocolate e pronto. Não se fala mais no assunto.

Só quando vejo o brilho satisfeito nos seus olhos percebo que ela já estava a
planear algo do género – o mais certo era ter pensado logo em doze ou treze
pacotes. Vou ter de ter mais cuidado com ela à medida que for crescendo. Já
está a aprender algumas das táticas de negociação da nossa mãe.

Sem saber ao certo se devo sentir-me irritada ou impressionada, estendo a
mão.

– Hum, vamos fechar o negócio com um aperto de mão? – pergunta ela.

– Não. Quero um *Pocky*; quase não almocei. – O meu estômago ronca
como se tivesse ouvido a sua deixa. Por muito bons que fossem os *roujiamos*,
acabei por só comer duas ou três dentadas. Depois de receber o *e-mail* da
Sarah Diaz, fiquei demasiado ocupada a passar-me para conseguir comer mais
alguma coisa. Quero dizer, esta oportunidade pode mudar o curso de toda a
minha carreira – da minha *vida*. Só de pensar nisto agora fico um pouco
zozna.

– A culpa não é minha – protesta a Emily, segurando o pacote de bolachas
perto do peito. Um segundo depois, dá-me três pauzinhos, embora o faça
contrariada.

– Obrigada, miúda. – Sorrio e ela faz-me uma careta. Detesta que as pessoas lhe chamem miúda.

Fazemos o resto da viagem em silêncio, a Emily porque vai a comer, eu porque vou a tentar compor mentalmente uma resposta para a Craneswift. Cerca de doze tentativas depois, acabo por guardar o telemóvel novamente no bolso, sem enviar o *e-mail*.

Não sei o que dizer. Esse é o meu problema. Nem sequer sei o que implicaria o estágio, quais as consequências se a minha história não for absolutamente genuína.

A única coisa que sei é que preciso de um plano como deve ser – e depressa.

Passo o resto da tarde a tentar engendrar um plano enquanto faço os trabalhos de casa de Matemática, mas só consigo encontrar uma série de respostas definitivamente erradas e uma dor de cabeça cada vez pior.

Por isso, depois do jantar, decido descansar um pouco e juntar-me à minha família na sala de estar.

Esta é a nossa rotina: por volta das nove da noite, aninhamo-nos os quatro no sofá com uma taça de fruta ou de sementes de girassol tostadas, enquanto vemos um episódio de uma série qualquer.

– Então – digo, enquanto me instalo confortavelmente, com uma manta fina sobre as pernas. – Hoje é a vez de quem escolher a série?

A Emily sorri amplamente.

– É a minha vez.

A minha mãe suspira ao meu lado.

– Vais escolher uma com um *xiao xian rou* como protagonista, não vais?

Xiao xian rou é uma daquelas expressões da moda que só aprendi depois de vir morar para Pequim. Literalmente, quer dizer «carne fresca» e, embora perceba que é um tanto ou quanto carnívoro, aqui usa-se para descrever a maior parte das celebridades masculinas atraentes, quer sejam adolescentes ou estejam já no início dos 20 anos.

– O que achas? – pergunta a Emily, com um sorriso rasgado. Depois, ao ver o ar de relativo desespero da mãe, acrescenta: – Não te preocupes, mãe, para a próxima escolhes tu.

– E quando chega a minha vez? – resmunga o meu pai, a esfregar os olhos.
– Vocês sabem o que acho destes romances que todos gostam de ver; por que razão é que as pessoas estão sempre a tropeçar umas nas outras? E por que diabo as protagonistas estão sempre a encorajar-se a si mesmas, «jiayou!»? Ninguém fala assim na vida real.

– Da última vez foste tu a escolher – recordo-o. – Lembras-te daquela cena

de tortura com sangue e tripas por todo o lado? A seguir a Emily queixou-se de que não conseguia adormecer!

O meu pai pestaneja e a seguir volta a recostar-se no lugar.

– Oh, não tinha sangue quase nenhum...

Eu e a Emily desatamos a protestar ao mesmo tempo.

– Oh, meu Deus, pai, tinha tanto, *tanto* sangue...

– O chão estava completamente vermelho...

– Nem se conseguia ver a cara do ator...

– Eu só de ver fiquei com os olhos a sangrar...

– E no fim toda a gente *morreu*.

– Pronto, pronto – diz o meu pai rapidamente, trocando um olhar rápido e divertido com a minha mãe. – Escolham vocês, meninas.

A Emily empina o queixo e funga.

– Exatamente como deve ser.

Uma vez que os nossos gostos são todos muito diferentes, temos uma espécie de sistema implantado: o meu pai gosta daqueles dramas de guerra em que toda a gente anda aos gritos de «traidor» e acabam por ser atingidos por uma quantidade absurda de balas em câmara lenta; a minha mãe prefere dramas empresariais, apesar de passar metade do tempo a franzir o sobrolho e a gritar para o ecrã coisas como: «Não é assim que funcionam os B2B!»; a Emily e eu vemos praticamente qualquer tipo de romance que seja protagonizado por rapazes giros.

Tenho uma teoria em como, secretamente, a minha mãe gosta deste tipo de romances com heróis tanto quanto nós. Quando foi a minha vez de escolher, obriguei toda a gente a ver *O Indomável* e ela parecia mais dedicada às personagens do que qualquer uma de nós.

A Emily agarra no comando e escolhe um romance engraçado passado numa escola. Os olhos do meu pai ficam um pouco vidrados e a minha mãe resmunga qualquer coisa sobre como os genéricos agora parecem ser todos iguais, mas eu aproximo-me da televisão. É exatamente disto que preciso agora: um pouco de escapismo alegre e simples.

Estamos a pouco mais de dois minutos do início da primeira cena (que, previsivelmente, começa com a protagonista e o seu interesse amoroso a colidirem num corredor e a trocarem sem querer de telemóvel), quando me apercebo de que o ator principal me parece familiar.

Demasiado familiar.

Tem o mesmo queixo aguçado, o mesmo olhar sombrio e o mesmo cabelo preto perfeitamente despenteado. As mesmas maçãs do rosto elegantes e o nariz comprido. E apesar de a postura do personagem ser diferente – para variar, não anda meio curvado nem encostado a tudo e mais alguma coisa – a sua expressão, a forma como olha para a protagonista, com um misto

desarmante de exasperação e diversão, é também muitíssimo familiar.

Caz Song.

Estou a ver um dos filmes do Caz Song.

Bem, lá se foi a minha ideia de escapismo.

Tento agir com normalidade depois desta revelação – quero dizer, hoje já me aconteceram coisas bastante mais surpreendentes –, mas não consigo descrever como me parece constrangedor ver um dos meus colegas de turma a namoriscar com uma atriz famosa qualquer no ecrã da televisão da minha própria sala de estar. De certa forma parece-me uma invasão de privacidade, embora não tenha a certeza se da minha ou da *dele*. Talvez de ambos.

– Ele é mesmo giro – comenta a Emily quando a câmara se aproxima dos olhos do Caz, depois dos lábios cheios, naturalmente repuxados.

Quase me engasgo.

– Não... não digas essas coisas, Emily.

– Porquê? Ele é giro. – A Emily vira-se para a nossa mãe em busca de apoio. – Não é um rapaz bonito, mãe?

A minha mãe observa o ecrã com atenção.

– Hum, é melhor do que a maioria dos *xiao xian rous* que já vi por aí. – Depois, cruza o olhar com o meu pai, que está do outro lado do sofá, e acrescenta com ênfase: – Mas claro que o vosso pai é o homem mais bonito do mundo.

– Claro que sou – diz o meu pai.

A Emily resfolega:

– Pois, está bem.

– Bem, eu não o acho assim *tão* giro – resmungo, puxando a manta até ao queixo. O Caz do ecrã está a acariciar a face da rapariga só com um polegar e sinto as minhas próprias bochechas a aquecer. – O mais certo é ser tudo maquilhagem. E filtros.

Sei de fonte segura que não se trata de maquilhagem nem de filtros, porque de cada vez que o vejo na escola, o Caz está exatamente igual ao que vejo agora no ecrã, mas nem morta vou admitir em voz alta, e à frente da minha família, que ele é assim tão atraente.

– Os teus padrões são demasiado elevados, Jie – diz a Emily.

– A tua irmã tem razão – diz a minha mãe, enquanto me dá uma palmadinha no joelho. – Se nem sequer te agrada alguém como ele, nunca vais conseguir encontrar um namorado.

A Emily abre a boca como se quisesse fazer uma correção e o meu coração quase para de bater. Mas depois pisca-me o olho e faz o gesto de fechar os lábios à chave. Li algures que as irmãs acabam por desenvolver o seu próprio tipo de telepatia, e deve ser verdade, porque tenho 100 por cento de certeza de que a mensagem que a Emily me está a enviar é: *Não te esqueças dos Pocky*.

Claro que não me esqueço, respondo através dos olhos arregalados. *Bico calado.*

Entendido, responde ela. *Já agora, vais buscar-me um copo de água?*

Reviro os olhos, mas levanto-me para servir um copo de água morna da chaleira para cada um; a seguir, só para ser simpática, corto também uma manga em pedaços. Quando me sento no sofá, não consigo evitar ler mais uma vez o *e-mail* da Sarah Diaz no meu telemóvel. Continua ali, continua a ser uma prova tangível, real, de que a Craneswift quer que trabalhe para eles –, mas também de que não posso manter esta mentira sozinha. Os meus olhos pousam numa das exigências do estágio:

Seria excelente se os teus textos pudessem conter mais detalhes sobre o relacionamento, assim como virem acompanhados de algumas fotografias dos dois juntos...

Como diabo vou conseguir arranjar *fotografias*? Contrato alguém daquelas plataformas manhosas de namorados de aluguer? Uso o *photoshop* para pôr fotos de um rapaz qualquer numa *selfie* minha? Não, nenhuma das hipóteses me parece aceitável. E com a velocidade a que a Internet se move, tenho a certeza de que o mundo inteiro iria descobrir a verdade no dia seguinte. Tem de ser alguém que eu conheça, alguém convincente...

– Jie, estás a ver o filme? – pergunta a Emily.

– Hum? Oh, claro que estou. – Levanto a cabeça mesmo a tempo de ver o Caz Song no ecrã a convidar a rapariga para subir para o assento de trás da sua mota. Enquanto observo os dois a passear pela cidade, com a luz artificial a mover-se por cima deles, ocorre-me uma ideia.

É uma ideia ridícula, absolutamente hilariante. Uma ideia que pode vir a complicar ainda mais as coisas.

Mas é uma ideia que talvez possa resultar.

Mais tarde naquela noite, quando já todos estão a dormir, ligo o meu portátil. Inspiro profundamente. Depois, sentindo-me estranhamente constrangida e quase nervosa, embora não entenda porquê, procuro «Caz Song» no Baidu.

Os resultados da pesquisa aparecem de imediato.

Há mais artigos e entrevistas relevantes do que estava à espera, porque – para minha ligeira infelicidade – o Caz Song é ainda mais popular do que imaginava. Só na sua conta oficial no Weibo tem mais de cinco milhões de seguidores, um número absurdo de páginas de fãs que declaram o seu amor eterno por ele e uma série de fotos profissionais e campanhas especiais patrocinadas por marcas. Ele está tão bonito em todas elas que mais parece falso. A sua perfeição é quase ofensiva, é a verdadeira personificação de uma

fantasia adolescente.

Há algo de bizarro na ideia de que um rapaz da minha turma, que vejo junto aos cacifos e na cantina, que sofre comigo nos mesmos testes rápidos de Matemática, seja conhecido por milhões de pessoas um pouco por todo o país. E o Caz não é apenas conhecido, como também *acarinhado*. Adorado ao ponto de alguém ter deixado um comentário com seis parágrafos num dos seus vídeos, a desejar-lhe uma boa-noite, a pedir-lhe que se mantivesse hidratado e que tomasse bem conta das plantas da sua casa.

Depois recordo-me que a *minha* escrita também foi vista por milhões de pessoas, que estas pessoas todas agora me conhecem através do que escrevi e quase sinto a cabeça a implodir. O que me leva de volta ao motivo que me trouxe até aqui.

À razão pela qual preciso de fazer isto.

Antes de perder a coragem, começo com o básico: entro na página do Caz no Baike.

O Baike é basicamente um equivalente da Wikipedia, que nos mostra todas as informações biográficas de uma certa pessoa famosa, agradavelmente divididas por simpáticas categorias.

Já conheço alguns dos dados, ouvi-os contrariada no meio de conversas pela escola. Como por exemplo: que ele nasceu na América e se mudou para Pequim aos 9 anos; que os pais são ambos médicos, oriundos de uma pequena cidade no sul da China; que ele tem treino profissional em artes marciais, que toca cerca de dez instrumentos musicais diferentes, que sabe montar a cavalo e pratica tiro com arco.

Mas há outros detalhes listados, coisas importantes que desconhecia por completo...

Como o facto de que ele vive no meu condomínio.

O meu coração sobressalta-se. É perfeito. É quase *demasiado* perfeito, como se fosse obra do destino, ou talvez do próprio Deus, se Ele estivesse interessado num drama mesquinho de dois adolescentes estranhos.

Continuo a pesquisar, mais depressa, e passo para páginas de mexericos feitas por fãs.

O artigo com maior número de visualizações tem apenas um par de semanas. Aparentemente, houve um escândalo numa cerimónia importante de entrega de prémios qualquer, porque o Caz Song não ajudou uma atriz mais velha e muito respeitada a sentar-se no lugar dela. A caixa de comentários deste artigo é, claro, uma zona de guerra. Algumas pessoas estão tão enraivecidas com o comportamento dele que até parece que atirou a senhora pelo palco abaixo e se riu na sua cara. *Lamento, mas já não o suporto*, escreveu uma leitora. *Costumava imaginar que ele era atencioso, cavalheiro, o namorado perfeito, mas é evidente que não tem sequer os bons modos básicos. Adeus, Caz.*

Foi bom enquanto durou. Outras fãs acérrimas saltaram em sua defesa: Mas talvez ele nem a tenha visto! Ou: Se a tivesse ajudado, todos os antis o criticariam por não respeitar o espaço pessoal da senhora. Ele não tem mesmo como ganhar.

A questão é inteiramente absurda, porém, o mais incrível é que uma marca gigante de cosméticos cessou o seu contrato com o Caz Song depois das críticas, alegando que todos os seus embaixadores devem ser «atenciosos», «sensíveis» e «cortesês», exigindo para além disso uma explicação para o seu comportamento. Alguém chegou ao ponto de fazer um vídeo para analisar a situação e, claro que o abri. A este segue-se outro vídeo intitulado «Todas as Entrevistas de Caz Song, Parte 1»...

Não me apercebo de como me deixei cair por este poço sem fundo abaixo, até dar por mim a ver uma compilação de vinte minutos do Caz Song a beber água.

– Isto é ridículo – resmungo entredentes, fechando o computador de imediato. – Estou a ser absolutamente ridícula.

Deixo-me ficar sentada em silêncio por um instante, a ouvir o apartamento a respirar à minha volta. Os pássaros noturnos chilreiam ao longe. Ouço os tons monótonos de um piano a ecoar vindo de alguns pisos abaixo, da casa de um vizinho cuja existência conheço, mas que nunca vi antes.

A seguir agarro no meu telemóvel. Releio o *e-mail* que a esta altura está praticamente gravado no meu cérebro.

Ontem à noite tive o enorme prazer de ler o teu texto viral «Amor e Outras Pequenas Coisas Sagradas» e dei por mim a sentir-me extremamente comovida...

A determinação fortalece-se dentro de mim. Volto a abrir o portátil e abro uma página PowerPoint em branco, subitamente grata por todas as vezes em que a minha mãe me pediu que revisse o trabalho dela antes de fazer uma apresentação na empresa. Isto não será muito diferente.

Escrevo o primeiro *slide* com letras grandes e a negrito: *Aliança Estratégica e Mutuamente Benéfica, com Orientação Romântica, para Ajudar na Progressão das Nossas Respetivas Carreiras.*

Capítulo 5

Apercebo-me rapidamente de que a grande desvantagem do meu plano é conseguir falar a sós com o Caz Song.

Porque o Caz nunca está sozinho. Tipo, *nunca* mesmo.

Logo de manhã bem cedo, encontro-o rodeado por pelo menos metade da nossa turma junto aos cacifos, toda a gente parece estar fascinada com a forma como ele tira os livros da mochila. Depois, durante as aulas, toda a gente se senta nos lugares ao seu lado e abordam-no para lhe pedirem ajuda, embora ele esteja longe de ser o melhor aluno da turma. Até as caminhadas em direção à cantina são uma espécie de grande atividade de grupo, com pelo menos dez pessoas atrás dele, oferecendo-se para lhe pagarem o almoço ou para descrever os pratos do dia.

Quando chego ao fim da quinta aula, a de Educação Física, já estou a começar a sentir-me ansiosa.

Desesperada.

Por isso, quando nos mandam embora para os balneários, a cheirar a suor fresco e equipamentos de ginásio antigos, visto o uniforme o mais depressa que consigo, arrumo as minhas coisas e ponho-me à espera junto à porta dos balneários dos rapazes.

Alguns rapazes começam a sair, com o cabelo ainda a pingar do duche (jamais entendi como os rapazes conseguem tomar duche na escola) e sobressaltam-se quando me veem ali. Aceno-lhes com desconforto.

– Vá, não há nada para ver aqui – digo alegremente, desviando-me para os deixar passar. – Estou só a arrefecer...

Para meu grande alívio, o Caz é a próxima pessoa a sair. O cabelo está mais húmido do que propriamente molhado, cai-lhe em madeixas negras e desordenadas sobre o rosto e por instantes recordo-me de como estava ontem no ecrã da minha televisão. A forma como tocou no rosto da rapariga.

– Olá – cumprimento. A minha voz sai mais aguda e mais alta do que queria, ecoando nos azulejos simples que nos rodeiam.

Ele hesita e fita-me.

– Ora vejam só – diz ele finalmente, a boca a curvar-se num trejeito discreto que pode ser considerado um sorriso. – É a minha não-fã.

Reprimo um tremor e tento continuar como se não o tivesse ouvido.

– Tens... tens um minuto?

A minha pulsação acelera. Nunca fiz isto antes, nunca abordei um rapaz, quanto mais uma celebridade. Estamos tão perto que consigo cheirar o champô dele – tem um aroma fresco e levemente adocicado que me faz lembrar do verão. Maças verdes, talvez.

O Caz encolhe os ombros, com um ar um pouco surpreendido.

– Sim, claro, acho que sim.

– Perfeito.

Sem dizer nem mais uma palavra, agarro-lhe no pulso e levo-o para a sala vazia mais próxima...

Que por acaso é a pequena arrecadação do encarregado da limpeza da escola. Espetacular.

– Hum – diz o Caz quando fecho a porta atrás de nós. O cheiro forte a lixívia e panos molhados chega-me ao nariz e estou perfeitamente consciente de que há uma esfregona suja a poucos centímetros do meu cabelo. – Porque é que estamos na arrecadação do encarregado?

– É uma excelente pergunta.

Abro a mochila e procuro o meu portátil antes de o tirar e pousar numa prateleira de desinfetante para mãos. Para ser sincera, tinha imaginado este momento de forma bastante diferente: antes de mais havia um projetor, para poder mostrar-lhe o meu plano com imagens de alta resolução, depois teria espaço suficiente para fazer gestos elaborados com as mãos sem derrubar uma pilha gigante de rolos de papel higiénico.

Mas tudo bem. Eu consigo ser flexível.

– Então. Tive uma ideia – digo ao Caz da forma mais formal possível, enquanto espero que o meu PowerPoint carregue. – E vai soar um pouco... *rebuscada*, mas juro-te que é uma boa ideia. Para ambos. Pode até mudar as nossas vidas.

O Caz arqueia uma sobrancelha escura.

– Estás a tentar recrutar-me para um culto qualquer, Eliza?

– O quê? Não, eu...

– Porque não tenho autorização para entrar em cultos – continua ele a falar por cima de mim, encostando-se para trás contra um aspirador e conseguindo, não sei como, fazer com que o movimento pareça fixe. – Contratualmente falando, isto é. A minha agente não me deixa fazer parte de qualquer grupo ou organização, a não ser que seja a próxima grande *boy band*.

Nem sequer sei como responder a isto.

– Não... – digo finalmente. Abano a cabeça. – Não, isto não é nenhum culto, nem uma *boy band*, já agora. Estou a falar *disto*. – Aponto para o ecrã do portátil, onde o primeiro *slide* está pronto a entrar em ação, o título gigante a brilhar na luz difusa da arrecadação.

Mais do que ver, pressinto a surpresa do Caz.

– Antes de dizeres que não ou de te passares – começo por dizer, tirando partido do seu silêncio –, deixa-me só mostrar-te os detalhes, está bem?

– Claro. – Agora já parece estar divertido, que não é exatamente a emoção que procurava, mas sempre é melhor do que impaciência ou desprezo descarado, acho eu.

Com um toque, o PowerPoint passa para a imagem seguinte: *Um Resumo Muito Breve da Minha Atual Situação Complicada*. Por baixo tenho coladas algumas imagens do meu texto, do artigo do BuzzFeed e um par dos comentários com mais *likes* no Twitter.

– Os teus *slides* são todos assim tão cheios de palavras? – matuta o Caz.

Franzo o sobrolho.

– Não é bem essa a questão que importa.

– Certo – diz ele. Inclina a cabeça para o lado. – Então, esclarece-me lá. Qual é a questão que importa?

Uma irritação débil surge dentro de mim, como aquele zunido sumido de uma mosca ou a comichão que a etiqueta de uma peça de roupa nova nos provoca na pele. Mesmo assim, obrigo-me a sorrir. A manter a calma.

– Bem, sabes que escrevi no meu texto que namoro com um rapaz desde...

– A minha voz desvanece-se quando vejo o olhar inexpressivo do Caz. – Não leste o meu texto?

Ele encolhe um ombro.

– Queres que seja franco? Não.

Muito bem. Isto vai ser ainda mais difícil do que pensava.

– Se ajudar, posso lê-lo agora – diz ele, pegando no telemóvel.

A ideia de o ter a ler o meu texto assim tão próximo de mim, enquanto espero para ver a sua reação dá-me vontade de sair a correr da arrecadação, mas deixo-me ficar em silêncio enquanto ele procura o *link* certo, demorando o que me parece uma eternidade.

Quando o encontra finalmente, ergue uma sobrancelha. Os seus lábios contorcem-se.

A seguir, para meu horror absoluto, começa a ler o texto em voz alta.

«Foi um daqueles momentos simples e subtis que raramente aparecem nos filmes ou são incluídos nos romances. Não houve nenhuma orquestra dramática a tocar ao fundo, ninguém lançou fogo de artifício, nada; a única coisa que nos rodeava era o céu pálido e cintilante de verão, o ruído suave da camisola dele a roçar contra...»

– Oh, meu Deus – digo, envergonhadíssima.

Ele continua a ler, ainda mais alto.

– «... o meu rosto. Tive saudades dele. Isto deve parecer ridículo, porque estava tão próximo de mim como as leis da física permitiam...»

– Odeio isto com todas as minhas forças – digo-lhe com os dentes cerrados. Sinto que estou a encolher-me fisicamente. – Por favor, acaba com isso.

Ele dirige-me um sorriso e a sua raridade é suficiente para me fazer fraquejar por breves instantes. A seguir diz:

– Tens a certeza de que não queres ouvir como o deixaste «*enterrar o rosto na curva do meu pescoço, quase como se fosse uma criança cansada. Dei o meu melhor para ficar completamente imóvel, para estar ali para ele, da mesma forma...*».

– Caz – digo bruscamente.

– Eliza – retribui ele, mas felizmente deixa de me torturar com a minha própria escrita. – Não queria ser eu a dizer-te isto, sabes, mas se não suportas a ideia de *eu* estar a ler estas frases, não vais *mesmo* gostar do facto de – consulta o telemóvel durante um instante – mais de um milhão de pessoas já terem lido o teu texto.

– Mas isso não me incomoda. Quero dizer, não é a mesma coisa. Essas pessoas são desconhecidos.

Consigo ver que ele não entende o meu argumento e não sei bem como posso explicar que prefiro mostrar o meu trabalho na Internet a pessoas que não conheço de lado nenhum do que a pessoas que me conhecem na vida real, por isso passo rapidamente para a questão que importa debater.

– Bem, o que se passa é o seguinte – começo por dizer, regressando à minha apresentação de PowerPoint. – O texto que acabaste de ler... bem, não é exato.

– Não é exato – repete o Caz. A sua expressão é imperscrutável. – Que parte?

– Hum, basicamente tudo – digo rapidamente, como se assim a situação fosse menos embaraçosa. – Quero dizer, fui eu quem o *escreveu*, mas... não existe namorado nenhum. Nem sequer se baseia num rapaz real. É só que... o prazo para entregar o texto pessoal estava a acabar e como não sabia sobre o que devia escrever, entrei um pouco em pânico e...

– Inventaste a história? – acaba ele por mim.

– Sim – assumo com desconforto. – Foi isso mesmo.

Ele assente uma vez. Desvia o olhar. Inicialmente fico com receio de o ter aborrecido – talvez ele seja um daqueles alunos que leva a integridade académica super a sério, ou algo do género, e se for o caso estou bem lixada –, mas depois o Caz tapa a boca com a mão e percebo que está a tentar não se rir.

Inacreditável. Absolutamente inacreditável.

– Não tem graça nenhuma – protesto, cruzando os braços. – Isto é uma situação extremamente...

Ele aponta para o título do *slide*:

– Complicada?

– Sim. E para de acabar as minhas frases por mim – respondo, aborrecida.

– *Para de te rires de mim.*

– Está bem, está bem. – O Caz endireita-se e recompõe-se com uma rapidez impressionante, o seu rosto não tem agora o menor resquício de humor ou diversão. Não admira que seja ator profissional. – Pronto, deixa-me ver se entendi bem: agora, toda a gente está a torcer por ti e por esta relação imaginária e queres que faça de conta que sou o namorado que descreves no texto até esta história acalmar e as pessoas se esquecerem. É isso?

Abro a boca para responder quando soa a campainha, o som agudo e estridente que passa pela porta fechada. Dali a poucos segundos, os passos sonoros, as vozes e gargalhadas de cerca de duzentos alunos vão encher os corredores, acompanhados pelo bater das portas dos cacifos e o baque surdo dos livros. São os sons de pessoas que se aproximam de nós. *Caraças*. Restam-me dez minutos antes de dar o último toque.

– Ouve, pensa o que quiseses, mas o ponto fulcral aqui é que se concordares em fazer isto comigo, também vais beneficiar da situação. Para começar, ajudo-te a escrever os textos para as candidaturas à universidade...

– Espera aí. – Ele levanta a mão, evitando por pouco derrubar um frasco de detergente. Franze a testa, o primeiro sinal de perturbação na sua postura estoica. A sua voz é cuidadosa, controlada, quando me pergunta: – Quem te disse que preciso de ajuda com os textos para a universidade?

– Hum... Tu disseste. Ao telefone, no outro dia. Durante as reuniões de pais e professores...

– Certo – diz ele com segura e também com uma certa tensão subjacente. Com frustração. – Portanto, durante a conversa privada que ouviste à socapa.

Não existe uma forma digna de responder a isto, por isso limito-me a dirigir-lhe um sorriso breve e tímido, enquanto rezo para ele deixar passar este minúsculo detalhe. Claro que não deixa.

– Mas não me lembro de ter dito que precisava de *ajuda* – diz ele com o queixo empinado e os olhos escuros a cintilar. – Porque isso não parece mesmo coisa minha.

– Não, não o disseste explicitamente. Mas parecia ser um assunto bastante urgente e, não leves a mal o que vou dizer, nem nada, mas já li os teus textos normais para Inglês, quando fizemos aquela cena da avaliação entre colegas. E não estou a dizer que o teu trabalho não é, hum, *bom*, mas se queres mesmo impressionar as equipas de admissão, então não te fazia mal nenhum teres

uma ajudinha.

Quando fala, a sua voz é completamente desinteressada:

– Para quem diz que não é minha fã, a verdade é que sabes bastante sobre mim.

– Não por escolha minha – respondo. – Tu estás virtualmente em todo o lado.

Esta frase sai-me com um pouco mais de ressentimento do que era minha intenção e recuo rapidamente, consciente do princípio básico de qualquer negociação: não insultar a pessoa com quem estamos a tentar negociar.

– Ouve, não irias receber apenas os textos. Também seria boa publicidade para ti. Quero dizer, se te deres ao trabalho de ler os comentários – aceno em direção ao último *slide* –, as pessoas já estão apaixonadas por ti, só pelas descrições tão lisonjeiras que faço do meu presumível namorado. E quem é que não adora a ideia de um ator famoso, por quem toda a gente suspira, namorar com uma escritora anónima que por acaso é da mesma turma? É o conto de fadas perfeito, aquilo de que as revistas gostam. Além disso, depois do teu último escândalo na cerimónia de entrega de prémios...

Algo se agita na expressão dele.

– Como... como soubeste disso?

– Esta é uma proposta de negócio para a qual fiz uma investigação meticulosa – explico, apesar de me sentir atingida por um rubor irritante. Ele deve estar agora a imaginar-me a procurá-lo no Google, o que não é nada bom para o seu ego já tão inflamado. – E, graças à minha investigação, tenho a certeza de que isto ajudaria a acalmar as críticas. Toda a gente que ler os meus textos vai perceber que és tão querido e atencioso como fantasiaram. E então? – Paro para inspirar. – O que achas?

Inicialmente, o Caz não diz nada, limita-se a ficar a olhar para mim com o queixo ligeiramente erguido, quase como se quisesse defender-se, o corpo tenso.

Por favor, diz que sim, peço mentalmente. O meu coração bate com tanta força contra as costelas que tenho medo de que ele o ouça. *Por favor, por favor, diz que alinhas*.

– Hum... – é tudo o que diz, o rosto com uma expressão indecifrável. – Então, esta relação falsa...

Olho de relance para o PowerPoint com uma expressão austera.

– Desculpa – diz o Caz, com uma pequena vénia trocista, e lê o primeiro *slide*. – Esta *Aliança Estratégica e Mutuamente Benéfica, com Orientação Romântica, para Ajudar na Progressão das Nossas Respetivas Carreiras...*

– A.E.M.B.O.R.A.P.N.R.C., para abreviar – sugiro.

– Pois, não me parece que abrevie grande coisa – diz o Caz. Depois pigarreja. – Quero dizer, é verdade que são, efetivamente, menos letras, mas...

sabes como é. Em termos de rapidez e simplicidade...

– Está bem, pronto. – Mordo a língua. – Continua lá o que estavas a dizer.

– Bem, o que implicaria, exatamente, esta... relação?

A esperança enche-me o peito. Ele está a ponderar aceitar. O Caz Song é bem capaz de alinhar na minha ideia.

– Nada demasiado rebuscado – asseguro, com o coração a bater mais depressa. A minha mãe diz que sempre que está prestes a fechar um negócio tem uma pontada no peito, uma verdadeira sensação física. Nunca entendi o que queria dizer até agora; todos os músculos do meu corpo estão tensos, à espera. As minhas mãos tremem com a adrenalina.

Passo rapidamente para o próximo, e último, *slide*. Contém um plano básico, uma espécie de linha temporal: a duração da relação seria de seis meses, o suficiente para cobrir o meu estágio na Craneswift, o que coincidiria na perfeição com o lançamento do seu próximo filme, obtendo assim o máximo de publicidade. Depois explico as regras básicas, como por exemplo, nada de beijos boca-na-boca, nada de contacto físico para além de toques de ombro puramente casuais e abraços ocasionais (apenas quando for absolutamente necessário) e nada de gestos românticos elaborados, a não ser que exista uma grande multidão a observar-nos. Criar esta lista tão específica por volta das três da manhã foi provavelmente um dos pontos mais baixos da minha existência – o que, por si só, já quer dizer alguma coisa.

– Nada de *beijos boca-na-boca*? – lê Caz e percebo que está a fazer um esforço consciente para não se rir outra vez. – Que outros beijos existem?

Para minha enorme irritação, começo a sentir a nuca a aquecer.

– Sabes o que quero dizer. É só algo que as pessoas dizem.

– Nunca ouvi ninguém dizer estas palavras assim, por esta ordem específica – informa-me ele, os lábios a desenharem uma curva. Depois, provavelmente porque vê a expressão assassina do meu rosto, faz um gesto de rendição e diz: – Pronto, tudo bem. Está bem.

– Está bem?

– Alinho no teu plano.

Pestanejo, o meu cérebro está a ter um ligeiro sobressalto.

– Espera, desculpa. Tu alinhas...?

– Nisto. – Acena para o portátil. – Na A.E.M.B.O.R.A.P.N.R.C. Embora ache mesmo que podíamos arranjar um nome melhor.

– A sério?

Ele faz uma pausa. Aproxima-se de mim até não haver nada entre nós a não ser a escuridão, o ar rarefeito e o aroma a maçãs verdes do seu champô. Dou instintivamente um passo atrás.

– Sim, Eliza, a sério – diz ele com a voz sóbria. – Acho mesmo que precisamos de um nome melhor.

Estou tão aliviada – tão atordoada com a minha própria vitória – que nem me importo com a piada dele.

– Então acho que... acho que está decidido – digo lentamente. – Vamos fazer isto. – Estendo a mão para fechar o acordo com um cumprimento formal, ao mesmo tempo que ele levanta o braço para um *high five*.

Espera. Quem faz *high fives* neste tipo de situação?

– Muito bem... – digo, quando nenhum dos dois se mexe. – Hum, acho que podemos...

Ele revira os olhos para mim, mas não antes de uma expressão divertida lhe pairar sobre o rosto esculpido. Depois, aceita a minha mão e aperta-a. A sua pele é morna e surpreendentemente suave, macia até, com exceção de alguns calos na palma da mão. E, não obstante a postura descontraída, o aperto de mão é firme. A minha mãe aprovaria, não que isto seja importante.

Sou a primeira a retirar a mão.

– Pronto. Muito bem – repito, meio atordoada. Está tudo a acontecer muito depressa. – Foi uma conversa ótima. Eu depois entro em contacto contigo.

Avanço para abrir a porta, para fugir para um sítio tranquilo onde consiga organizar as ideias, mas o Caz estende o braço à minha frente. Parece estar a ponderar alguma coisa e, um instante depois, diz:

– Sabes que podias ter escolhido um método completamente diferente, não sabes?

Pestanejo, sem entender onde quer chegar.

– No outro dia ouviste a minha conversa – diz ele lentamente, como se o surpreendesse ter de me explicar o que queria dizer. – Ficaste a saber de detalhes privados da minha vida. E és escritora. Uma boa escritora, que agora tem um público considerável.

– E então?

– Podias ter feito chantagem comigo, para eu colaborar contigo. Podias ter-me ameaçado que escrevias um artigo enorme sobre as minhas dificuldades académicas ou as minhas relações familiares, ou sei lá mais o quê, se eu não concordasse com as tuas condições. Não precisavas de ter criado esta *aliança mutuamente benéfica*. – A forma como o diz continua a ser ligeiramente provocadora, mas os seus olhos estão escuros, mais sérios do que esperava.

– Mas... nunca me ocorreu fazer semelhante coisa – respondo com uma honestidade absoluta, ao mesmo tempo surpreendida com a ideia e com a rapidez com que a sua mente a elaborou. Para ele, o mundo deve estar cheio de ameaças e acordos forçados.

– Nunca te ocorreu fazer semelhante coisa – repete o Caz. Depois a expressão do seu rosto suaviza-se e aproxima-se de mim. – Bem, agora já é demasiado tarde para mudares de ideias. Vamos começar já, certo?

– Hã?

– É uma boa oportunidade – diz ele, apontando para ambos, para a arrecadação atafalhada e sombria, e para o ruído no corredor lá fora. Antes de entender completamente o que ele quer dizer, leva a mão ao cabelo já despenteado, desaperta um botão da camisa e morde os lábios até parecerem ligeiramente inchados e vermelhos. Como se...

Como se tivéssemos estado a curtir na arrecadação.

– Então? – O Caz observa-me, expectante. Completamente calmo. Quase entediado.

Acho que para ele estas coisas não são nada de mais. Os atores como o Caz devem passar o tempo a fazer de conta que beijam outras pessoas. Na verdade, ele já deve ter gravado cenas bastante mais intensas do que meros beijos, com câmaras profissionais apontadas aos seus lábios e salas cheias de pessoas a verem.

Mas, no meu caso, o mais próximo que estive de beijar um rapaz foi aquela vez no 7.º ano, quando me virei de repente durante a dissecação de um sapo, o meu parceiro de mesa fez o mesmo e os nossos lábios ficaram a escassos centímetros de distância. Ele passou-se e fugiu para a casa de banho, a esfregar os lábios e a cuspir como se tivesse ingerido veneno, enquanto eu me encolhi no meu lugar e rezei que se abrisse um buraco no chão e me engolissem.

Alguns meses depois deste infeliz incidente, fiquei bastante satisfeita por deixar aquela escola.

Enfim, não posso exatamente contar estas coisas ao Caz. O mais certo era ele rir-se de mim, ou pior, ficar com pena. Por isso, tiro o batom do cieirol com cor que trago sempre no bolso e aplico um pouco por fora dos lábios, tentando não pensar em como devo parecer ridícula. Quero dizer, é provável que pareça mais um palhaço do que alguém que acabou de surgir de uma sessão de beijos na arrecadação. E, já agora, as pessoas *surgem* de sessões de beijos? Ou *emergem*, talvez, saem graciosamente, como uma espécie de sereia etérea acabada de sair do mar? Não, também não soa lá muito bem...

Não importa.

– Que tal? – pergunto ao Caz.

Ele inspeciona-me por um instante, o olhar atento e intenso e vejo que qualquer coisa se agita nele. *Dentro* dele. É como se a câmara tivesse começado a rolar e ele entrasse num papel novo, uma personagem diferente, a mudança é tão súbita que me assusta.

A seguir, estende a mão para o meu rabo de cavalo.

– Posso?

Não sei bem a que se refere, mas sorrio. Assinto. Resisto ao impulso de fugir dali.

Sinto então os dedos compridos do Caz a percorrerem o meu cabelo, a soltarem o rabo de cavalo; os seus movimentos são tão suaves e velozes que

sinto apenas um formigueiro ligeiro e agradável no escalpe. É um gesto insignificante, casual, mas durante o breve instante em que as suas mãos ainda estão no meu cabelo e os olhos fitam os meus, sinto... *qualquer coisa*. Uma espécie de embaraço, mas que não tem nada a ver com vergonha.

Logo a seguir, a sensação desvanece-se. O Caz afasta-se e vira-se para a porta, olha de relance para mim, por cima do ombro.

– Estás preparada?

Não. Nem um pouco.

Sei que não posso confiar no rapaz que está à minha frente – neste ator bonito com o seu cabelo perfeito e um charme ensaiado, com as suas hordas de fãs, o rapaz que toda a gente quer ou quer ser. Mas, neste momento, não tenho alternativas melhores.

– Claro que sim – digo, conferindo tanto entusiasmo à voz quanto me é possível.

Ele parece acreditar em mim, porque me faz sinal para passar à frente e abre a porta de par em par.

Durante um breve e abençoado segundo depois de sairmos da arrecadação, ninguém repara em nós.

Os alunos continuam a encher os corredores, a gritar aos amigos que estão no extremo oposto, a empurrar os livros e mochilas dos outros a caminho da próxima aula. Ninguém olha duas vezes para os nossos cabelos desalinhados ou lábios inchados e questiono-me – com ingenuidade, com tolice – se afinal isto não vai ser tão impactante como esperava.

Mas depois, no segundo seguinte, *toda a gente* olha para nós.

A cena não é tão dramática como seria num filme. As pessoas não ficam petrificadas a olhar para nós, não tropeçam nas escadas nem deixam cair as mochilas com o choque. Mas há uma diminuição notória no volume das conversas, uma pausa, como se o vídeo estivesse a carregar.

Os murmúrios começam a circular à nossa volta.

O Caz, justiça lhe seja feita, está absolutamente imperturbável. Continua com aquela expressão meio convencida e um pouco tímida de quem foi apanhado a beijar uma rapariga de quem gosta, mas que não se importa que o mundo inteiro descubra.

Eu, por outro lado, não sei o que fazer comigo. Sinto o rosto quente e cheio de formigueiro, alguns fios do meu cabelo colaram-se ao batom do cieiro. Agora mais do que nunca, gostava que existisse um guia qualquer do que devemos fazer quando, em dois dias, somos arrancados do anonimato e despejados no centro das atenções. É o suficiente para traumatizar qualquer pessoa.

– Oh, meu Deus – diz alguém à minha esquerda e esta frase funciona como um gatilho, espoletando uma série de reações audíveis:

– Oh, meu *Deus*.

– Estás a ver isto? É o Caz Song e a...

– É *ele* o rapaz do texto daquela rapariga?

– Vai contar à Brenda. Ela vai-se passar, c'um caraças...

Enquanto vou com o Caz para a aula de Inglês, os nossos ombros suficientemente perto para se tocarem, pressinto mais de uma dúzia de pares de olhos fixos na parte de trás da cabeça.

– Estás bem? – murmura ele quando chegamos à porta, com uma mão apoiada na ombreira por trás do meu ombro. Já vi casais juntos nesta posição em mil filmes, em vídeos de música e na vida real, mas, para mim, é algo completamente novo.

Mas não posso deixar transparecer.

– Sim – respondo, dando o meu melhor para soar desenvolta. – Claro que sim. E tu?

Ele solta uma gargalhada, e só depois me apercebo como a minha pergunta deve parecer absurda. Por que razão *não* estaria bem? Ele é um ator, uma celebridade. Para ele é normal estar no centro das atenções.

A campainha volta a ouvir-se – é o último toque. Toda a gente que está sentada na sala olha intensamente para nós.

Desvio o olhar e apresso-me a ir para a minha mesa no centro da sala, onde me sento sempre sozinha. Porém, para minha surpresa, o Caz senta-se no lugar vazio ao meu lado, como se já tivesse feito isto um milhão de vezes.

Os olhares fixos transformam-se oficialmente em expressões boquiabertas.

– O que estás a fazer? – murmuro entredentes. Não existem regras formais em relação a estas coisas, mas toda a gente sabe que a sala de aulas está dividida em diferentes territórios: os alunos mais dedicados e academicamente dotados ficam na fila da frente, os alunos mais populares e as estrelas do desporto ficam na fila de trás e o resto das pessoas distribui-se pelo meio da sala. O facto de o Caz se mudar da fila de trás para aqui é o equivalente a alguém atravessar a fronteira com a Coreia do Norte.

– É mais fácil assim – é tudo o que diz, inclinando a cadeira para trás.

O Sr. Lee entra na sala e discreta, porém notoriamente, olha duas vezes ao ver-nos sentados lado a lado; depois começa a distribuir as fichas de trabalho. O Caz rasga de imediato um canto da folha de leitura sobre rituais funerários, escreve qualquer coisa e passa-me o bilhete amarrotado.

Fá-lo enquanto continua a olhar em frente, com uma expressão vazia e entediada.

Eu também consigo ser tão boa atriz como ele. Faço de conta que estou a anotar a data na minha ficha enquanto aliso o bilhete, protegendo-o dos

olhares alheios com a mão.

Escrito no centro está o número de telemóvel dele.

Certo. Escrevo o meu número no espaço em baixo, rasgo o papel e espero que o professor vire a cabeça antes de o fazer deslizar sobre a mesa.

É a primeira vez que troco o número de telemóvel com um rapaz e sinto que estou a organizar o assalto a um banco, ou algo do género. Mas é capaz de ser pelo melhor. A única forma de este acordo funcionar é se o mantivermos estritamente profissional.

Naquela tarde, já de regresso ao meu quarto, respondo ao *e-mail* da Craneswift.

Demoro uma hora inteira a escrever três frases. Passo metade do tempo a tentar decidir onde colocar os pontos de exclamação e quantos devo usar. Em minha defesa, é muito difícil equilibrar corretamente esta questão. Por exemplo, se usar dois pontos de exclamação seguidos, posso transmitir a ideia de que sou demasiado ansiosa ou carente. Mas se não usar *nenhum* ponto de exclamação, tudo o que disser pode parecer estranhamente frio e inexpressivo. Acabo por decidir jogar pelo seguro e pôr um único ponto de exclamação depois de *obrigada*.

Depois passo mais meia hora a tentar decidir qual é a despedida mais adequada (um artigo *online* que consultei recomenda *Atenciosamente*, enquanto outro se opõe moralmente a esta hipótese).

Se é isto que implica ser-se uma profissional no ativo, então, muito obrigada, mas não, obrigada.

Depois de enviar o *e-mail*, dispo o uniforme da escola e deixo-me cair na cama; não estou à espera de resposta da Craneswift até amanhã de manhã, pelo menos. Mas depois o meu telemóvel apita com o som de um novo *e-mail*.

A Sarah Diaz quer ligar-me.

Tipo, agora.

– Oh, meu Deus – digo, levantando-me de repente. O meu coração já está a bater a mil. – Oh, meu Deus, oh, meu Deus, oh, meu Deus.

Ela incluiu o número de telemóvel no *e-mail*. Insiro-o com cuidado no meu telefone, verifico duas vezes cada dígito, depois carrego na tecla verde com as mãos trémulas. Enquanto o telemóvel faz a ligação, fito o vazio branco da parede do meu quarto e tento concentrar-me na respiração.

A Sarah atende ao terceiro toque.

– Olá? – a minha voz soa demasiado aguda e trémula. Parece que tenho *sete anos*. Pigarreio. – Consegue ouvir-me? – Não, agora está demasiado baixa.

Antes de conseguir recordar-me de como se fala como deve ser, a Sarah Diaz responde:

– Olá, Eliza, ouço-te muito bem. – O seu tom é suave, cristalino e superprofissional, como o da minha mãe quando está a falar com os clientes.

– Olá – repito, por motivo absolutamente nenhum. *Controla-te, miúda.* – Menina Diaz. É um prazer conhecê-la.

– Oh, podes tratar-me por Sarah, por favor. – Depois, porque talvez tenha sentido os meus nervos e deslumbramento absoluto através do telefone, solta uma pequena gargalhada. – Desculpa ter insistido em falar contigo tão depressa. Espero que não estejas demasiado ocupada...

– Oh, não, não estou – apresso-me a responder. – Hoje não tinha planos absolutamente nenhuns. Estou, tipo, superlivre. Estou sempre.

– Bem, é bom saber – diz ela e parece estar a ser sincera. Ouço ao longe o ruído suave de uma impressora e o som de um teclado e imagino-a sentada a uma elegante secretária preta com uma vista desimpedida da cidade lá em baixo, um *cappuccino* fumegante ao lado e revistas lustrosas espalhadas sobre uma mesa de centro. Como será viver uma vida destas? Ser alguém como ela?

– Acho que, antes de mais nada, queria dizer-te como gostei do teu texto e como fico feliz por aceitares a nossa oferta de estágio. Como já deves saber, temos muita esperança de conseguir expandir o nosso público-alvo e de atrair uma faixa etária mais jovem, por isso achamos que és a pessoa indicada para nos ajudar a atingir este objetivo. A tua maneira de escrever tem uma energia muito autêntica e jovial que de certeza vai agradar aos adolescentes, ao mesmo tempo que tem a profundidade que interessa aos nossos leitores habituais, mais velhos...

Muito bem, ouve com atenção o que ela está a dizer, digo para mim mesma, pressionando o telemóvel o mais possível contra a orelha, o ecrã morno sobre o meu rosto. Ouve bem. Memoriza cada palavra. Não vais voltar a ter a oportunidade de ser elogiada por alguém como a Sarah Diaz.

Mas estou tão concentrada em me lembrar de ouvir Sarah a falar e a sentir-me maravilhada com a estranheza de estar ao telefone com ela que não consigo processar uma única palavra do que ela diz.

Mal dou por mim, está a perguntar-me:

– Parece-te tudo bem, Eliza?

– Hum... – Tento não entrar em pânico quando o meu silêncio preenche a linha com estática. Ou digo já que sim e descubro mais tarde aquilo com que concordei, ou peço-lhe para repetir tudo o que disse nos últimos cinco minutos, arriscando parecer uma idiota. Caraças. O que faria a minha mãe? – Desculpe, mas pode explicar-me melhor aquela última parte? Quero certificar-me de que entendo tudo muito bem antes de decidir o que fazer.

– Oh, sim, claro que sim – diz a Sarah, ainda com o mesmo tom profissional e agradável. – Então, neste momento, precisaríamos de um texto semanal para publicar no *site*, na secção de Amor e Relacionamentos: encara

estes textos como uma espécie de seguimento ou atualização da tua relação, aquilo que têm feito juntos, onde vão nos vossos encontros. Na verdade, quanto mais detalhes, melhor; queremos que os nossos leitores sintam que estão nesta viagem convosco. E seria ótimo se pudesses complementar os textos com as tuas publicações nas redes sociais – de preferência no Twitter, uma vez que parece que é onde estás a ter mais seguidores, mas fica ao teu critério. No total, não deve ser necessário um compromisso semanal de mais de quinze horas. Ah, e mais próximo do fim destes seis meses, adoraríamos que escrevesse um artigo mais longo sobre um tópico à tua escolha; seria para sair na nossa edição especial de primavera. O que te parece, Eliza?

– Muito bem – concordo lentamente, como se fosse possível dizer-lhe que não. – Parece-me muito bem.

– Oh, mas que maravilha! – Não sei como, mas quase consigo *ouvi-la* sorrir. – E tens a certeza de que o teu namorado não se importa? Compreendo que os artigos vão gerar imensa publicidade, e tendo em conta que ainda são ambos bastante jovens...

Pelos vistos, ela ainda não sabe sobre o Caz. Sinto-me tentada em dizer-lhe já – o mais certo era ficar entusiasmadíssima; afinal, o que é mais mediático do que um namoro com uma celebridade? Mas obrigo-me a esperar. É melhor que ela descubra através de uma fonte secundária qualquer. Será mais convincente.

– Acho que ele não se vai importar nem um pouco – asseguro. – A publicidade é algo a que já está habituado.

Ela solta uma gargalhada, provavelmente pensa que estou a brincar.

Depois de confirmarmos os detalhes do contrato de estágio, desligo meia zozna, verifico o meu *e-mail*, ainda quase convencida de que estou a alucinar esta experiência toda. Mas ali está – o contrato que ela prometeu, com o meu nome escrito no topo. *É real*. A Craneswift. A minha publicação favorita quer trabalhar *comigo*.

Fico a olhar fixamente para o *e-mail* até sentir os olhos a arder e o coração ameaçar rebentar. A seguir deixo-me cair na cama com uma pequena gargalhada que me fica presa na garganta.

– Mas que vida é esta? – murmuro para mim mesma.

Capítulo 6

Pela segunda vez nesta semana – e pelo segundo dia consecutivo – dou por mim de pé no interior da arrecadação do encarregado da limpeza da escola com o Caz Song.

– Temos mesmo de arranjar um ponto de encontro melhor – resmunga ele enquanto fecho a porta atrás de nós. Ainda é bastante cedo e as aulas da manhã não começaram oficialmente.

– Não tenho culpa de que sejas tão popular – digo-lhe, tentando esconder o tom de ligeira irritação da minha voz, e fracassando. Há apenas alguns minutos, tive de o agarrar literalmente pelo cotovelo e de o afastar de uma multidão de alunos entusiasmados, como se fosse uma espécie de guarda-costas. – E, além disso, este sítio não é assim *tão mau*. – Aponto para as quatro marcas diferentes de desinfetante em cima da prateleira e para um tabuleiro de esponjas amarelo-esverdeadas ao lado dos meus pés. – Está até muito bem, hum, abastecido. É muito prático. Tipo, se houvesse um tremor de terra, aqui safávamo-nos muito bem, sabes?

O Caz faz um ruído discreto que tanto pode ser uma gargalhada como um resfolego.

– Está bem, para de tentar vender-me as vantagens desta arrecadação, ou lá o que isto é, e diz-me o que estamos a fazer aqui. Outra vez.

– Bem, queria só certificar-me de que ambos sabemos o que vamos fazer hoje. Em relação ao namoro.

Ele olha para mim como se quisesse perguntar: *É só isso?*

– Não podias simplesmente ter-me enviado uma mensagem?

– Ontem estive muito ocupada – argumento. E é verdade – demorei uma eternidade a examinar os detalhes do contrato, mais duas horas a tentar redigir uma resposta para a Sarah que soasse o mais profissional possível – embora isto não seja toda a verdade. Há qualquer coisa em entrar em contacto com ele via telemóvel, fora da escola, que me aterroriza levemente.

Pronto, que me aterroriza *tremendamente*.

O Caz abana a cabeça.

– O que temos para discutir? – Antes de lhe poder responder, ele fica parado de repente, com um terror fingido. – Não me digas que tens outro PowerPoint para me mostrar...

– Não, não tenho – respondo, revirando os olhos, embora, na verdade, por um breve instante, ontem à noite tenha chegado a pensar em fazê-lo. Mas ele não precisa de saber disto. – Temos *imensa* coisa para discutir; para que uma mentira possa ser credível, a consistência é tudo. Tipo, sei lá, vamos juntos para as aulas? Estás a pensar em sentar-te ao meu lado em todas as aulas? Vamos almoçar juntos? E almoçarmos juntos vai ser uma coisa permanente a partir de agora? Vais apresentar-me aos teus amigos? Devia saber quem são os teus amigos, já que presumivelmente estamos juntos há meses? Se alguém me perguntar acerca dos teus pais, ou algo do género, devo agir como se os conhecesse? Se alguém me perguntar se tens os abdominais definidos ou não, devo dizer que sim?

– Para que conste, sim.

Fito-o.

– Sim?

– Se alguém te perguntar se tenho os abdominais definidos, diz-lhes que sim. – O Caz espreguiça-se demoradamente, alongando ambas as mãos, como se fosse um gato ao sol. É tão alto que os dedos quase tocam no teto da arrecadação. – Vai ser bom para a minha imagem.

– Tudo bem. Então é bom que digas a toda a gente que beijo superbem.

Ele sorri com ar matreiro, um sorriso lento, amplo e provocador, e reparo pela primeira vez que tem covinhas no rosto. É uma descoberta inútil. E, no entanto...

– Estamos combinados.

– Muito bem. Então... ótimo.

– Ótimo.

– Fixe.

– Fixe – repete ele, e juro que agora só já está a tentar enervar-me.

– Estupendo – digo bruscamente, cruzando os braços. – Agora, passando a coisas mais importantes... Então se vamos juntos para as aulas...

– Posso só dizer uma coisa? – pergunta ele.

Sinto nascer em mim a mesma sensação de irritação ligeira que senti ontem. A sério. O Caz Song era muito mais encantador quando o via no ecrã da minha televisão.

– Não estás já a dizer?

– Então posso dizer outra coisa? – Sem esperar que concorde, ele abre as palmas das mãos e diz... – Ouve, compreendo o que estás a tentar fazer com esta história toda da, hum, consistência. Mas talvez... só *talvez*... não seja

necessário coordenarmos todos os detalhes? Podíamos assumir simplesmente o nosso papel e deixar que a história se desenvolvesse com naturalidade. Seria muito mais credível.

Deixar que a história se desenvolvesse com naturalidade. Como se alguma coisa neste nosso acordo fosse ou pudesse ser natural.

– Parece-me uma péssima ideia – digo. Só de pensar na sugestão dele, sinto as palmas das mãos um pouco pegajosas. Planear as coisas detalhadamente implica que se estabelecem limites, o que significa que terei algum controlo sobre alguma coisa.

– Porquê? – pergunta ele, sem recuar. – Tens tanto medo de quê?

Sinto a irritação a inundar-me.

– Não tenho... medo de nada. – Depois, ao ouvir a mentira flagrante na minha voz, assumo uma postura mais ofensiva. – O que tens *tu* contra a ideia de seguir um plano claro e bem delineado?

Ele inspira com os dentes cerrados.

– Não tenho nada contra. É só que... eu já sou obrigado a seguir muitos planos claros e bem delineados, entendes? É um pouco essa a natureza do meu trabalho.

Isto é o suficiente para me fazer vacilar, ainda que apenas brevemente.

– Faz-me a vontade – insiste o Caz. – Nem que seja só por um dia. Se não funcionar, tentamos fazer como queres.

Não, obrigada. Tenho as palavras na ponta da língua quando dá o primeiro toque. De manhã é sempre mais estridente, um grito horrível e arrastado que se ouve a três ruas de distância. Acho que o objetivo é encorajar os alunos a irem para as aulas mais depressa, mas sei, de fonte segura, que há quem chegue à escola com dez minutos de atraso só para evitar ouvir o toque tão alto.

Estremeço enquanto o som ecoa pelo corredor. Não tenho tempo para negociar, por isso dirijo a Caz o meu olhar mais firme de não-me-lixes e digo:

– Tudo bem. Mas só por hoje.

Arrependo-me das minhas palavras quase de imediato.

Estamos a sair do antigo edifício sénior na extremidade do *campus* para a primeira aula de Matemática, entramos para o calor pegajoso de verão e, surpreendentemente, ainda não aconteceu nada demasiado embaraçoso. À nossa volta, os outros colegas mantêm uma certa distância e só nos observam quando acham que não estamos a olhar. Por cima das nossas cabeças, o céu está tão azul que parece falso.

O Caz vai em silêncio enquanto caminhamos lado a lado, o que agradeço. A única coisa pior do que o silêncio desconfortável é aquele tipo de conversa de circunstância cujo único objetivo é preencher o dito silêncio.

Depois, sem me dirigir uma palavra de aviso, o Caz procura a minha mão, os seus dedos compridos e esguios tocam nos meus e honestamente não sei explicar o que acontece a seguir.

É como se todo o meu corpo entrasse em modo de defesa. Sem pensar – sem me aperceber sequer do que estou a fazer – afasto a mão de repente e dou-lhe uma palmada no pulso.

O som é terrível, uma palmada sonora e pavorosa. O tipo de som que se ouve normalmente nos filmes durante um confronto dramático.

A seguir, uma pausa incrédula, sem palavras. Seguida por:

– Mas que *diabo* – diz o Caz, parecendo mais confuso do que zangado. Retira a mão novamente para o lado do corpo, mas não sem antes eu ver a pele vermelha. – Porque é que me bateste?

– Des-desculpa – balbucio. Sinto o rosto inteiro a arder, os dedos com formigueiro nos pontos em que ele lhes tocou, ainda que brevemente. – Eu... eu, não sei. Fiquei surpreendida, mais nada.

– Ficaste surpreendida que o teu *namorado* te desse a mão? – pergunta ele, confuso.

– Sim. Não. Quero dizer... – suspiro. Desvio o olhar, amaldiçoando-me a mim mesma por nos ter posto nesta situação ridícula e por ter de lhe dar agora uma explicação ainda mais ridícula e excruciante. Acho que ninguém nos consegue ouvir, mas mesmo assim baixo a voz. – Eu nunca andei propriamente, hum, de mãos dadas com um rapaz.

– Espera. – Os passos do Caz abrandam. – Nunca?

Esta situação já está a ficar demasiado pessoal para o meu gosto, mas como continuo a sentir-me mal por quase o ter atacado, assinto uma única vez e respondo:

– Bem, sim. Nunca namorei com ninguém e...

As minhas palavras ficam a pairar no ar quente entre nós. Já estamos no campo de jogos da escola, com o asfalto negro e brilhante e a relva artificial por todo o lado. Felizmente, aqui há espaço livre suficiente para continuarmos a nossa conversa longe do resto dos outros alunos, por isso ninguém ouve o Caz quando ele repete, incrédulo:

– Tu *nunca* namoraste com ninguém? Com ninguém mesmo?

– Não – murmuro, caminhando mais depressa, como se conseguisse ultrapassar o meu próprio embaraço. Quero dizer, a ideia de alguém da minha idade não ter a mínima experiência romântica não é inerentemente embaraçosa nem nada. É só que... o Caz Song é a última pessoa com quem queria estar a conversar sobre estas coisas. Caz Song, que é a própria definição de alguém desejável, que tem tudo aquilo que uma pessoa pode querer, que nunca teve de se preocupar com a rejeição, com a solidão ou com a possibilidade de ser deixado para trás. Que, de acordo com alguns artigos que

li a seu respeito, já teve pelo menos três relacionamentos, todos com modelos ou atrizes lindas que contracenaram com ele.

– Hum – é tudo o que diz. Sinto-o a observar-me, como se tentasse perceber alguma coisa. A minha pele aquece e não é só por causa do sol escaldante. – Então... como é que conseguiste escrever aquelas coisas todas sobre apaixonares-te?

Esta pergunta, pelo menos, é fácil de responder.

– É tudo uma treta – digo-lhe e fico feliz ao ouvir o tom convincente da minha voz. – Não passam de tretas sentimentais e só as escrevi para o trabalho.

Depois disto, o Caz não me pergunta mais nada e não tenta dar-me novamente a mão enquanto nos aproximamos da sala de aula. Que bom. Digo a mim mesma que é bom que reaja assim. É ótimo. Muito melhor do que ficar a pensar que anseio secretamente por um romance como o dos filmes, ou que me preocupo com estas coisas.

Não que não acredite no amor propriamente dito, até porque já o testemunhei. Os meus pais conheceram-se na escola secundária, quando a minha mãe era delegada de turma e o meu pai, o rapaz calado e misterioso, que aparecia nas aulas com camisas enrugadas e que entregava os trabalhos com dois dias de atraso. Depois de terem ficado na mesma secretária, começaram a passar bilhetes e desenhos por baixo da mesa. Os bilhetes transformaram-se em almoços juntos, que por sua vez se tornaram em encontros de verdade e acabaram por evoluir para uma relação mais séria e duradoura. Os dois foram para universidades diferentes, em pontos opostos do país, para estudarem coisas bastante distintas, mas conseguiram gerir bem a distância.

E agora, décadas depois, numa altura em que a maior parte dos casamentos tem tendência para estagnar ou azedar, os meus pais continuam a amar-se como antes. Nem sempre se lembram do aniversário de casamento ou saem para irem a restaurante elegantes, mas em certa ocasião a minha mãe passou quatro horas à chuva, numa fila, só para comprar ao meu pai a sua marca favorita de castanhas assadas, e ele foi a todos os eventos de trabalho da minha mãe, a todas as festas, apesar de detestar este tipo de funções sociais.

Acho que o que quero dizer é que acredito no amor. A sério que sim. Só não sei bem se este tipo de amor pode alguma vez acontecer comigo.

Capítulo 7

– Muito bem, conta-me tudo.

Estou estendida em cima da cama, com uma *sweatshirt* velha e calças de pijama aos quadrados, o portátil precariamente equilibrado sobre uma minimontanha de almofadas. O rosto da Zoe ocupa o ecrã quase todo, a sua pele tem um tom sobrenaturalmente branco por causa do candeeiro. Também está no quarto; atrás dela consigo ver a estante cheia de livros, as fotografias *Polaroid* afixadas na parede. Fotografias nossas tiradas há anos.

Só de as ver sinto ainda mais saudades dela, sinto que a nostalgia se aloja por baixo das minhas costelas e se enrosca à volta do coração, apesar de a ter, tecnicamente, à minha frente.

– Tu primeiro – digo, virando-me de lado. – Como correu o teu exame de História?

Desde que a conheço que a Zoe sonha em estudar Ciências Informáticas em Stanford, da mesma forma que eu sonho em ser escritora, o que faz com que cada exame seja superimportante. Todos contam para a nota, para algo concreto.

– Oh, isso. Acho que correu melhor do que pensei – responde com descontração, mas percebo pelo seu sorriso tímido e maldisfarçado que deve ter tido nota máxima. Não se satisfaria com menos.

– Todos adoramos uma intelectual – digo, e ela ri-se. Também me rio, fico feliz quando ela está feliz.

– Sim, tudo bem, mas agora a sério. – A Zoe levanta a mão. Endireita-se subitamente. – Pondo as notas dos meus exames de lado, sinto que precisamos mesmo de visitar o facto de que, não sei bem como, mas desde a última vez em que falámos tu te *tornaste* numa pessoa *famosa*? E agora vais fazer um estágio numa revista prestigiada e sei lá o que mais, que só descobri através de um maldito artigo publicado algures?

Consigno perceber a que artigo se refere exatamente. Ainda ontem saiu um artigo numa revista com uma fotografia minha e do Caz a irmos juntos para as

aulas. Quem a tirou conseguiu captar o instante em que ele me tocou na mão, mesmo antes de eu lhe dar uma palmada. Na foto, os meus olhos estão arregalados e com uma expressão visivelmente surpreendida, talvez até com uma centelha de embaraço, o rosto rosado e brilhante. O Caz está a fazer aquela sua expressão com a boca de lado quase curvada num meio sorriso, enquanto me olha intensamente.

– Pois, eu sei – consigo dizer. – É... é uma loucura.

– Não, a sério, ouve só isto. – As unhas da Zoe ecoam rapidamente sobre o teclado, depois pigarreia e começa a ler em voz alta: «*O namorado da Eliza é, nada mais nada menos, do que o maravilhoso e emergente ator sino-americano Caz Song. Mais conhecido pelos seus papéis em A Lenda de Feiyan, Tudo Começa Contigo e Cinco Vidas, Cinco Amores, o jovem ator estrela tem causado grande agitação na China Continental...*»

– Eu já li, Zoe – interrompo rapidamente, fazendo uma careta

– E eu acho que estás demasiado calma em relação a tudo isto – diz ela. – Sabias que, neste momento, estás nas *trends* do Weibo, por exemplo?

– Sim, os agentes do Caz já lhe disseram. – Ele transmitiu-me a informação com grande orgulho e a seguir contou-me que o interesse no seu próximo filme já tinha subido 300 por cento. Teria ficado mais feliz por ele se não estivesse tão horivelmente convencido com tudo isto e também que a sua insistência na *espontaneidade* era a melhor forma de levar a relação para a frente.

– Caz – repete a Zoe, deixando a sílaba rodopiar na língua como se o nome tivesse algum significado especial. – E qual é exatamente a tua situação com ele?

Abro instintivamente a boca para lhe mentir, mas depois lembro-me de que a Zoe *sabe*. Ela é a única pessoa do mundo que sabe que o meu texto era falso, por isso, agora é – ironicamente – a única pessoa a quem posso contar toda a verdade.

– Ele é... vamos dizer que é um controlo de danos.

A Zoe ergue o sobrolho, sem surpresas. Ela está sempre um passo à frente de toda a gente.

– Até quando?

– Até o meu estágio terminar e receber uma carta de recomendação brilhante escrita pela Sarah Diaz; depois podemos separar-nos com sucesso, cada um vai à sua vida feliz e contente e nunca mais precisamos de nos incomodar um com o outro.

– Hum – comenta a Zoe.

– O que foi?

Ela pestaneja para mim, com um ar inocente.

– Não foi nada.

– Vá lá – dirijo-lhe um olhar. – Ambas sabemos que os teus *Hum* significam sempre alguma coisa. Desembucha.

Ela resfolega. Abana a cabeça.

– Só acho engraçado, mais nada.

– Engraçado?

– Sim. Quero dizer, se tivesses escrito um texto *verdadeiro*, não tinhas agora de estar a passar por esta embrulhada toda.

– Pois, mas agora já é tarde demais para dizeres isso – protesto, lutando contra a pontada de medo que sinto no fundo do estômago. Já a sinto mais aguçada do que nunca. Ainda me lembro da primeira vez que a Zoe leu um dos meus textos na aula de Inglês, antes mesmo de sermos melhores amigas. Quando acabou de ler, levantou os olhos com um ar espantado e disse (memorizei cada uma das suas palavras com exatidão): *Alguma vez pensaste em ser escritora? Escreves extraordinariamente bem*. Ela foi a primeira pessoa a acreditar de verdade em mim e, de certa maneira, este resultado é o que sempre desejou para mim, para a minha vida. Por outro lado, ele é exatamente o oposto do que a Zoe deseja para mim. Engulo em seco e continuo. – O texto já foi publicado e, para o bem ou para o mal, toda a gente acreditou nele.

– Mas talvez se contasses a verdade...

Deixo sair um pequeno resfolego.

– Estás a brincar comigo? Nunca viste aquelas pessoas no Twitter a serem absolutamente destroçadas só porque se suspeita que inventaram uma troca de mensagens engraçadas? Se a verdade sobre o meu texto se souber, o mais certo é ter de enfrentar comentários de ódio até ao fim dos meus dias...

Antes de poder concluir o meu pequeno monólogo da desgraça, uma voz que não reconheço diz ao fundo do corredor da Zoe:

– Ei, posso ir buscar um pacote de batatas fritas com sal e vinagre?

É uma voz de rapariga. De alguém da nossa idade.

– Claro, serve-te à vontade – diz a Zoe, virando-se na cadeira, e subitamente dou por mim a recordar a última vez em que dormi na casa dela, quando assaltei o armário dos aperitivos enquanto ela secava o cabelo e se preocupava em voz alta com as coisas do costume: aquele *e-mail* a que o professor ainda não tinha respondido, as notas do teste do dia seguinte, o comité em que se inscreveu, mas do qual agora quer desistir. – Só não mexas nas de churrasco.

– Entendido – diz a rapariga, com uma risada.

– Quem é? – pergunto quando a Zoe se vira novamente para mim.

– Oh, é só a Divya – responde. Como se estivesse à espera de que eu reconhecesse o nome. Depois parece recordar-se de que estou a meio mundo de distância, que há um oceano inteiro entre nós. – Ah, pois, desculpa, não a conheces; ela é nova. Os pais estão fora da cidade e ela vai ficar uns dias aqui

em casa.

– Certo – ouço-me dizer. Sinto uma pontada melancólica e pouco razoável no fundo do estômago, uma sensação doentia que me diz apenas: é melhor desligar. – Hum, fixe.

– Queres cumprimentá-la? – sugere a Zoe.

– Não, não, deixa estar – respondo rapidamente, levantando-me. – Vou só... vai ter com ela. Divirtam-se. De qualquer maneira também tenho de escrever um texto para o estágio, por isso...

– Está bem. – Ela já está a assentir, a olhar para outro lado, distraída. Consigo ouvir os passos a aproximarem-se, o pacote das batatas fritas a estalar. – Está bem, então. Falamos em breve, sim? E manda-me mensagens quando quiseres.

– Claro que sim. – Faço o meu melhor sorriso, embora o movimento me force os lábios. – Tenho saudades tuas.

Ela sopra-me um pequeno beijo, como de costume.

– Também tenho saudades tuas.

O ecrã fica negro e eu fico aqui sozinha, a fitar o meu próprio reflexo no meio do silêncio que se segue. Os meus olhos estão escuros e pesados. Tristes.

Fecho o portátil com um movimento brusco.

Uma vez que até agora o Caz manteve a sua parte do acordo, é justo que eu faça o mesmo.

É por este motivo que concordo em encontrar-me com ele no sábado seguinte à tarde no Parque Chaoyang, para o ajudar a escrever os textos dele. Decidimos em conjunto que um encontro descontraído em público seria a melhor opção, porque se nos encontrássemos no apartamento um do outro iria levantar demasiadas questões da parte das nossas famílias.

Ainda assim, quando estou a combinar a hora e o local com o Caz, não consigo deixar de ter uma sensação estranha e agitada de que estou a preparar-me para ir a um encontro.

É um daqueles dias raros de céu azul que atrai as famílias todas para fora dos seus apartamentos, ansiosas por respirarem um pouco de ar puro. A caminho do parque passo por uma série de casais e de jovens pais, com os filhos pequenos a caminharem atrás de si com as pernas rechonchudas, e de adolescentes de aspeto carrancudo que enviam mensagens enquanto andam alguns passos, semicerrando os olhos para os ecrãs sob a luz clara e natural da rua.

O sol brilha em todo o lado e é como uma palma da mão quente que me segura na nuca. Estou a usar um vestido de verão de algodão fino com um padrão de flores de cerejeira pintado na parte da frente. Só quando chego ao

parque e vejo o meu reflexo na montra de uma loja me apercebo de como este vestido é estupidamente curto: de cada vez que a brisa sopra, a saia agita-se e sobe-me pelas coxas acima.

– Só podes estar a brincar comigo – resmungo, enquanto paro de caminhar. Usando a montra como espelho, tento puxar o vestido para baixo, para uma altura mais conservadora, mas isso só faz com que a parte de cima desça e o decote revele mais do que deve.

Desesperada, tiro uma fotografia do meu reflexo e envio-a a Zoe com a mensagem:

numa escala de dona-de-casa-vitoriana a quinta-mulher-de-um-magnata, quão sugestivo é este vestido? sê sincera.

A resposta dela é:

segunda mulher do magnata antes de o divórcio da primeira sair. porquê?? estás a planear seduzir o rapaz ator?

Quase deixo cair o telemóvel. *CLARO QUE NÃO*, começo a escrever... mesmo no instante em que vejo o reflexo do Caz atrás de mim.

– Ohmeudeus – digo de repente. Viro-me, os meus pensamentos ainda meio emaranhados na mensagem por enviar. – Não estou aqui para te seduzir.

As sobranceiras escuras dele enrugam-se.

– O quê?

– Não, não, espera. Hum, por favor, esquece que eu disse isto. – Pigarreio, resistindo ao impulso de esconder o rosto entre as mãos. Depois tento um cumprimento normal. – Olá.

A boca do Caz contorce-se, mas para meu grande alívio, alinha.

– Oi.

– Olá – repito, constrangida.

Depois baixo os olhos. Estou tão habituada a ver o Caz com o uniforme da escola que demoro um instante a interiorizar o seu aspeto: uma camisa lisa justa por baixo de um casaco de cabedal, calças de ganga pretas e aquelas sapatilhas *Nike* brancas de que tantos rapazes gostam, por motivos que me escapam. Tem um ar diferente. Bom.

Mas, claro que ele tem sempre bom ar.

Demoro um instante a perceber que falta qualquer coisa.

– Tu... não trouxeste o portátil? – pergunto, incrédula, olhando para ele de alto a baixo. Não traz nada na mão. Na verdade, se não fosse pela roupa, diria que acabou de sair da cama diretamente para o parque. – Nem um caderno? Uma folha de papel? Uma caneta – *nada*?

Ele encolhe os ombros.

– Não.

Fito-o.

– Mas sabes o que devíamos fazer hoje, não sabes? Tipo, eu não alucinei

aquela parte em que me imploraste que escrevesse os teus textos para as universidades...

– Pronto, em primeiro lugar, eu nunca *implorei* – diz ele, revirando os olhos. – Foste tu quem se ofereceu para o fazer; eu nunca imploro coisa nenhuma. E em segundo lugar, achei que virias preparada, por isso não valia a pena trazer as minhas coisas também.

– Uau – digo a abanar a cabeça. – É muito presunçoso da tua parte.

– Bem, tu trouxeste tudo o que precisamos, não trouxeste? – Aponta para a mochila que tenho aos ombros, com um sorriso a formar-se nos lábios, como se já tivesse ganhado a discussão. – Por isso, tinha razão para presumir.

– E se não tivesse trazido?

– Mas trouxeste – insiste o Caz.

– Não é isso que está em discuss... – A minha voz desvanece-se, distraída por uma visão súbita e extremamente vívida de nós os dois a discutir aqui durante o resto da tarde até o céu escurecer. Suspiro. Puxo o vestido para baixo uma última e inútil vez. – Tudo bem, como queiras. Vamos despachar isto de uma vez por todas.

Ele sorri com ar travesso, os dentes tão brancos que podiam cegar-me.

– Ah, é esse o espírito.

A última vez que visitei o Parque Chaoyang tinha talvez 4 anos de idade. Era tão pequena que a maior parte das memórias que tenho do local estão agora um pouco esbatidas, mais próximas de um sonho distante ou de uma fotografia de família desvanecida do que de uma memória concreta. A única coisa de que me recordo neste momento é do sabor do algodão-doce a desfazer-se sobre a minha língua, de ver um ponto brilhante no céu – um balão talvez, ou um papagaio de papel pintado – e a gargalhada sonora e descontraída da minha mãe a ecoar sobre os lagos verdes cintilantes.

Ainda assim, ao entrar pelo portão da frente ao lado do Caz, sinto-me abalroada por uma enorme sensação de *déjà vu*, de nostalgia, como a que se sente quando regressamos a casa depois de umas longas férias.

Tudo aqui me parece familiar: os equipamentos desportivos amarelos e azuis já enferrujados, maioritariamente ocupados por avozinhos e avozinhas; os barcos a remos que deslizam sobre as águas escuras dos lagos cheios de flores de lótus; as mesas de pingue-pongue dispostas em filas apuradas junto ao pátio. Até o aroma que paira no ar – uma mistura estranha, mas característica, de musgo e flores acabadas de desabrochar com o cheiro de salsichas fritas – tudo isto me faz ter saudades de algo que não sei nomear.

Só sei que faz com que sinta uma dor no peito.

– Já estiveste aqui?

Viro-me e vejo que o Caz me observa. O seu tom de voz e a expressão são adequadamente casuais, mas tem um olhar aguçado, observador, que faz com que me sinta ainda mais exposta do que com este vestido.

– Há muito tempo, sim – respondo, a olhar em frente. Um rapazinho pequeno está a devorar uma espetada de fruta caramelizada junto ao relvado, a camada de caramelo a estalar sonoramente a cada dentada. – Antes de nos mudarmos, quero dizer. Desde então, não voltei ao parque.

– Bem, duvido que tenha mudado muito.

– Sim, também acho – digo, embora exista qualquer coisa de diferente que ainda não consegui identificar. Ou talvez tenha sido eu quem mudou.

– Então, o que já visitaste, exatamente?

Pestanejo.

– Como assim?

– Em Pequim. Por diversão. – As sobranceiras dele erguem-se quando vê a minha expressão perdida. – Espera, não me digas que desde que aqui chegaste não tens ido a lado nenhum. Já voltaste há quanto tempo, dois meses?

Quatro meses, para ser mais exata. Mas esta informação não ia ajudar em muito o meu caso, por isso não o corrijo.

– Eu não sou propriamente uma turista – resmungo, puxando a mochila mais para cima do ombro. – Sou obrigada a ir visitar a Grande Muralha, ou algo do género?

– Não – responde ele. – Mas há imensos lugares para visitar além da Grande Muralha, e melhores também. Sem ofensa para o Qin Shi Huang. Tipo, bancas de petiscos, centros comerciais, Wangfujing...

– Tenho estado muito ocupada – protesto, com a voz a assumir um tom defensivo. – E desde que voltámos que os meus pais têm trabalhado praticamente todos os dias...

– E se eu te levasse a passear?

O Caz diz isto de forma tão casual que nem sei se o ouvi bem.

Deve aperceber-se da expressão de incredulidade no meu rosto, porque abrandando o passo e explica:

– Na verdade, tenho andado a pensar nisto. E no outro dia levantaste uma questão bastante válida.

Desta vez tenho a *certeza* de que não o ouvi bem. Também abrandando o passo.

– Estás... a admitir que tenho razão?

– Não em relação a um severo calendário de atividades – diz ele com um movimento decidido da cabeça. – Mas em relação à palmada que me deste quando tentei dar-te a mão.

Reprimo a vontade de me encolher.

– Nós, hum, não precisamos de revisitar esse momento...

– Aí é que te enganas. Precisamos, sim. Ninguém vai acreditar que estamos juntos se agires como se estivesse prestes a raptar-te de cada vez que fizer algum avanço.

– E já pensaste em... *não* fazer avanço nenhum? – Mas assim que faço a pergunta apercebo-me de como soa ingénua. Inexperiente. A maior parte dos casais de namorados da nossa escola quase não conseguem largar-se. – Tudo bem – murmuro rapidamente, antes de o Caz ter oportunidade para fazer troça de mim. – O que sugeres, então?

– Treino de química – diz ele, como se este fosse um termo real, usado por pessoas reais.

– Treino de quê?

– Fi-lo com todas as raparigas com quem contracenei. É no fundo uma série de atividades que fazemos em conjunto, para ficarmos rapidamente mais à vontade um com o outro; ajuda a construir a química entre duas pessoas e a fazer com que as nossas interações no ecrã pareçam mais naturais. Além disso, precisamos de conhecer um pouco da história um do outro, para não sermos apanhados por não sabermos algo óbvio.

Hesito. Tenho uma *vaga* ideia de já ter ouvido falar de algo parecido. Ainda assim, a minha voz tem um tom cauteloso.

– Que... tipo de atividades?

– Depende. – O Caz encolhe os ombros. – Umás vezes saímos juntos para ir ao centro comercial, ou fazemos uma sessão fotográfica enquanto casal, ou então vamos passar um fim de semana a um *spa* privado. Como é evidente, nós os dois não temos o mesmo tipo de recursos e flexibilidade, mas eu podia mostrar-te Pequim, por exemplo. E, de qualquer maneira, precisas de mais material para escreveres os teus textos, não precisas?

– Sim – digo lentamente, parando à sombra de um enorme carvalho, como se pensar e caminhar fossem duas atividades incompatíveis. – Certo. Mas isso parece implicar... e, por favor, não me interpretes mal, mas parece que assim teríamos de passar bastante tempo juntos fora da escola. Não há nenhuma forma mais rápida de fazer esse tal treino de química?...

O Caz responde sem sequer olhar para mim:

– Por vezes, os realizadores atiram-nos para uma sala pequena e escura e mandam-nos curtir durante dez minutos, ou assim. Normalmente, depois disto já estamos bastante familiarizados um com o outro.

Apesar de estar à sombra, sinto o calor do Sol a queimar-me o rosto.

– Muito bem, fazemos então passeios por Pequim – respondo rapidamente e juro que os lábios dele se contorcem mais uma vez. Porque é evidente que está divertidíssimo com o meu desconforto.

Baixo o rosto corado para ele não o ver e concentro-me no meu telemóvel. Segundos depois, o telemóvel do Caz apita com uma notificação.

– «Convite de Eliza Lin: Novo evento agendado» – lê ele em voz alta, com as sobrancelhas erguidas. – «Treino de química, todos os sábados às cinco da tarde.» – Depois, diz logo de seguida: – Pois, isto não vai resultar.

– Desculpa?

– Este horário não vai resultar para mim – repete ele com simplicidade e recomeça a caminhar, uma mão no bolso, enquanto serpenteia com uma graciosidade enfurecedora por entre famílias que andam de bicicleta e vendedores de algodão-doce.

Tenho de correr para o acompanhar.

– Como assim? Porquê?

– Sei que não tens grande experiência na indústria do entretenimento, Eliza – diz ele, com uma arrogância tal que tenho de cerrar os dentes com força para me controlar –, mas eu tenho, como se costuma dizer, uma *agenda muito preenchida*. O mais certo é em metade destes dias estar ocupado a rodar alguma coisa, ou estar em digressão. A não ser que queiras andar à bulha com a minha agente para ganhares o controlo dos meus horários.

Mordo a língua e caminho mais depressa.

– Está bem. Tudo bem, é justo. Compreendo. Então e se fizermos assim, *por enquanto* vamos deixar esta hora marcada, mas se surgir alguma coisa, basta dizeres-me com quarenta e oito horas de antecedência e remarcamos.

– Quarenta e oito horas? – Ele abana a cabeça. – É demasiado tempo. Aviso-te com uma hora de antecedência.

– Vinte e quatro horas – insisto. – E antes tens de me enviar a direção do local de encontro.

– Uau. – O Caz solta uma gargalhada tímida e passa a mão pelo cabelo, que parece ter sido perfeitamente soprado pelo vento: é um movimento que já vi em câmara lenta em todas as páginas de admiradores, daqueles gestos que deixa as fãs de boca aberta. – Sinto que estou a namorar com a minha agente.

Resflego, mas sinto o estômago às voltas. *Pois bem, aqui está*, penso com tristeza, desejando que a pontada quente e aguda acalme. *É esta a prova de que seria péssima num relacionamento de verdade. Nem sequer consigo ser uma namorada falsa cativante.*

Como se conseguisse ler os meus pensamentos, o Caz vira-se para mim, os olhos ainda mais escuros, os cantos da boca num trejeito mais suave, quase gentil.

– E estou a brincar, já agora – diz com honestidade. – Tu és muito mais gira do que a minha agente. – Antes de eu conseguir reagir, ele volta-se para o caminho pavimentado e acrescenta, como se só agora se lembrasse da negociação. – Tudo bem. Eu envio-te a direção. Mas quem trata do transporte sou eu.

– Tu... tens carta de condução?

Ele resfolega.

– Não te preocupes com isso, tenho métodos de deslocação alternativos.

– Oh – digo, imaginando de imediato que ele aparece à porta do meu apartamento numa carruagem enorme em forma de abóbora, puxada por vários cavalos. Antes de fazer alguma coisa terrivelmente inapropriada, como rir, dou a mim mesma um safanão mental. – Muito bem. Mas vamos dividir todos os custos a meias. Não tentes armar-te em cavalheiro e pagar a minha parte; o dinheiro só vai complicar mais as coisas.

– Muito bem – repete ele.

– Ótimo.

– Ótimo – volta a repetir e é impressionante como consegue irritar-me mesmo quando está a concordar comigo.

– Estupendo – atiro, marchando à frente dele. Mesmo assim, consigo quase *sentir* o sorriso insuportável de olha-para-mim-sou-uma-super-estrela atrás de mim.

Este sorriso revela-se assustadoramente eficaz. Acabámos de dobrar uma esquina e aqui a multidão é mais densa, os caminhos têm bancas de comida de ambos os lados e duas raparigas adolescentes aparecem mesmo à nossa frente. Ambas param de caminhar quando nos veem.

Ou melhor, quando *o* veem.

– Oh, meu Deus – murmura uma delas em mandarim. Tem um chapéu giro com flores que parece estar prestes a cair-lhe sobre os olhos a qualquer instante. Dá uma cotovelada nas costelas da amiga. – Oh, meu *Deus*.

Oh, meu Deus, penso eu também, mas por medo puro. Não me apetece mesmo nada estar aqui para ver as raparigas desconhecidas a terem achaques por causa da simples existência do Caz Song. Quero apenas escrever os textos dele e ir para casa, enroscar-me no sofá a ver filmes e pronto, embora ele já tenha arruinado um pouco esta experiência; já nem consigo ver um filme romântico sem pensar que *este* ator em particular já rodou um programa de variedades com o Caz, ou que *aquela* atriz já fez uma cena de beijo com ele.

– Achas que...? – pergunta a Rapariga do Chapéu.

– É ele – diz a amiga. – É definitivamente ele.

Estão as duas a tentar olhar furtivamente em direção ao Caz da forma menos discreta possível. Se eu não estivesse à procura de uma fuga rápida (será que parecia estranho esconder-me atrás daquele arbusto ali?), o mais certo era rir-me da situação.

A primeira rapariga pigarreia, ajusta o chapéu com os dedos visivelmente trémulos e aproxima-se do Caz. Parece estar prestes a chorar.

– Hum, olá? És o Caz Song?

Deve ser superestranho ter uma perfeita desconhecida a dizer o nosso nome no meio de um parque, como se fôssemos seus colegas de turma ou algo

do género. Mas por muito estranho que seja, o Caz deve estar habituado, porque se endireita, liga o charme ao máximo e volta rapidamente a emanar aquela aura de rapaz-das-revistas que também era a minha ideia inicial a seu respeito. Perfeito. *Demasiado* perfeito.

Nem consigo imaginar como pareço eu, em comparação.

– Olá – diz ele, sorrindo a ambas. – Tudo bem?

– Eu... eu sou uma grande admiradora – diz a Rapariga do Chapéu, a voz a tremer também, as palavras a saírem em catadupa. – Vi todos os filmes em que entraste. O meu favorito deve ser *A Lenda de Feiyan*... Foi, tipo, a adaptação perfeita do romance de Hero, e tu és exatamente como imaginei o protagonista quando li o livro...

A outra rapariga tinha pegado no telemóvel e começado a filmar a conversa, e sinto uma onda de pânico a invadir-me. Não preciso que todos os internautas chineses vejam um vídeo meu com este aspeto. O meu vestido continua a ser demasiado curto e de repente sinto-me muito consciente da borbulha que tenho na testa.

Mas o Caz começou a conversar verdadeiramente com elas: sobre o seu próximo filme, os colegas com quem vai contracenar, a dieta e rotina de treinos que está a seguir; as respostas que dá são tão fluídas que me questiono se estará a lê-las de um guião invisível. Deixo-me ficar um pouco atrás dele, sentindo-me ao mesmo tempo invisível e extremamente exposta, quando a Rapariga do Chapéu vira a sua atenção para mim e arregala os olhos.

– Oh, caraças, és a Eliza Lin?

Pestanejo.

– Sou...

Para minha surpresa, o rosto dela compõe-se num sorriso rasgado.

– Eu adorei o teu texto. A tua escrita é espantosa.

Sinto a pulsação a falhar e um calor bom apressa-se a subir ao meu rosto.

– Uau – digo, soando tão tímida como me sinto. *Esta rapariga que encontrei por acaso na rua gosta daquilo que escrevo*. Quero dizer, já recebi imensos elogios *online* de pessoas que me leram, mas isto é diferente. É algo que está a acontecer-me na vida real, a *mim*. – Hum, muito obrigada. Significa muito para mim saber disso.

– Não, a sério – diz ela. – Acho que é capaz de ser um dos meus artigos favoritos de sempre.

O calor espalha-se por todo o meu corpo como a luz do sol e decido que não me incomoda receber esta atenção. Talvez até a deseje um pouco.

– E és muito mais bonita na vida real do que na tua fotografia da escola – acrescenta com uma sinceridade absoluta, antes de dar um toque à amiga, que continua a filmar. – Não achas?

A amiga baixa o telemóvel e olhamo-nos finalmente olhos nos olhos.

O calor que me invadia esvai-se de imediato. O seu olhar é gélido e o tom de voz não tem nada de amistoso.

– És a namorada do Caz? – A pergunta parece quase uma ameaça.

– Hum... – humedeço os lábios. – Eu...

– É, sim – responde o Caz por mim e, para surpresa de toda a gente, desliza casualmente a mão à volta da minha cintura. Por entre a sensação da pele dele contra o meu vestido fino, recordo-me vagamente de um dos *slides* do meu PowerPoint: *Nada de contacto físico para lá de toques de ombro puramente casuais e abraços ocasionais.* – Na verdade, estamos no meio de um encontro.

A Rapariga do Chapéu tapa a boca com a mão.

– Oh, meu Deus – repete. – Isso é tão amoroso. Eu sou, tipo, uma grande admiradora da vossa relação.

Enquanto isto, a amiga parece estar a passar por um espasmo facial extremo. Se o Caz não estivesse a segurar-me, já tinha abalado a fugir na direção oposta.

– Ignora-a, por favor – diz-me a Rapariga do Chapéu, seguindo o meu olhar. – Há anos que ela é uma fã absoluta, Caz. Acho que só precisa de um pouco de... tempo, para se adaptar à notícia. Que é uma notícia excelente, já agora. A sério que sim.

O Caz limita-se a sorrir e a assentir, eu também tento sorrir, como se fosse perfeitamente normal que uma rapariga com quem nunca troquei duas palavras me odeie desta forma.

Assim que as duas se vão embora, depois de o Caz autografar o chapéu da rapariga com um marcador que, segundo parece, leva consigo para todo o lado, ele tira o braço da minha cintura e continuamos a andar mais para o interior do parque.

Ficamos em silêncio durante alguns instantes, ambos a pensar, até que ele se vira para mim.

– Ei, estás bem? Sei que as minhas fãs conseguem ser um pouco... protetoras...

– Não, está tudo bem – asseguro rapidamente.

Ele inclina a cabeça um pouco, como se estivesse a tentar entender-me.

– Tens a certeza?

– Tenho. – O Caz mantém a expressão de dúvida e acrescento: – A sério. Não sou assim tão sensível.

– Está bem, então, sendo assim... – Inspira profundamente, com seriedade, e quando penso que vai dizer qualquer coisa intensa, sai-se com: – Como é que estava o meu cabelo?

Pestanejo.

– Como assim?

– O meu cabelo. – Pigarreia. Esfrega a nuca. – Quando estava a tirar

fotografias com elas. O meu cabelo estava bem?

– A tua vaidade é espantosa – informo-o, dando meia-volta nos calcanhares. E pensar que estava a começar a achar o Caz Song uma pessoa agradável, atenciosa, até. Mas, feitas as contas, a única coisa que lhe interessa é manter a sua imagem plastificada e perfeita.

– Pronto, tudo bem, não importa – diz ele. – Mas, agora a sério, só quero uma segunda opinião...

– Estava com bom aspeto – respondo, irritada. – Estás sempre com bom aspeto, sabes disso. – Levanto a mão antes de que ele possa começar a gabar-se. – Mas se algumas vez usares estas palavras contra mim, corto-te o cabelo todo com as minhas próprias mãos. Entendido?

O seu sorriso convencido e irritante vacila, mas apenas por um segundo. Com aquele tipo de voz exagerada e demasiado profunda que só se ouve nos teatros, responde:

– Se tu o dizes, meu amor.

Capítulo 8

Quando encontramos um lugar suficientemente calmo para podermos trabalhar, já é quase meio-dia. Estamos sentados numa mesa de piquenique, rodeados apenas por relva e ervas silvestres. O Caz salta para o banco de madeira e inclina-se para trás, a cabeça indolentemente virada para o Sol, olhos fechados e as feições bonitas e afiladas banhadas por um tom dourado difuso.

Por um instante tonto, não consigo evitar pensar, *não admira que ele seja tão vaidoso*. Se eu fosse assim tão bonita, também seria vaidosa.

Ignoro-o e pouso o portátil sobre os joelhos, a seguir abro um documento Word novo e sinto-me intimamente grata por ter uma razão para me concentrar noutra coisa que não no Caz.

– Então, vou partir do princípio de que ainda não escreveste nada para os textos das candidaturas – digo, abrindo uma nova página com o Google. – Estou certa?

– Sim, estás – diz o Caz, sem a menor centelha de vergonha. – Inteiramente certa.

Bem, pelo menos é sincero.

– Nesse caso, vamos começar pelo princípio. Vemos os tópicos aconselhados e começamos a pensar em ideias. – Agito os dedos sobre o teclado. – A que universidades vais candidatar-te?

– Às do costume – diz ele inexpressivamente, como se estivéssemos a falar da marcação de uma consulta no dentista ou em preencher o IRS. – A minha mãe encontrou algumas universidades boas na América que aceitam candidaturas tardias. Tenho quase a certeza de que a Universidade do Michigan é uma delas.

Ergo as sobrancelhas.

– Bem, controla-te, não demonstres tanto entusiasmo.

Ele solta uma gargalhada, mas até ao seu riso falta o humor travesso que é tão habitual no Caz.

– Pois, eu sei... – Por um instante, parece estar prestes a fazer uma confissão, a contar-me um segredo, e uma centelha de ansiedade indesejada sai disparada dentro de mim. Mas acaba por encolher os ombros e abanar a cabeça. – As coisas são o que são.

– Mais uma vez. O teu entusiasmo é esmagador.

Ficamos os dois em silêncio enquanto procuro bons tópicos para candidaturas à universidade. Este ano, os tópicos aconselhados são bastante comuns, isto para não dizer que pecam por falta de originalidade: *Fale-nos de uma experiência que tenha sido mais desafiante. O que aprendeu com a situação?*

– Sim, parece-me bem – diz o Caz quando lhe mostro o tópico, olhando para a frase de relance, como por obrigação.

Fico a olhar para ele.

– Só isso?

– O que mais queres que te diga? Que fizeste uma excelente identificação de tópico? Que tens capacidades de organização exemplares?

– Não... – Solto um suspiro rápido, dando o meu melhor para manter a frustração ao largo. – Não foi isso que quis dizer. Se vou ajudar-te a escrever um texto sobre alguma dificuldade que tenhas sentido, tens de me dar algum material sobre o qual escrever. Fala-me de uma altura em que... sabes. Em que tenhas tido dificuldades.

O Caz limita-se a levantar uma mão sobre o rosto para bloquear o Sol, e o maxilar e as maçãs do rosto, que parecem ter sido esculpidos a *laser*, ficam mergulhados na sombra.

– Por que razão não te limitas a inventar? – Vira-se novamente para mim com um brilho nos olhos. O que parece cientificamente errado, bem sei. *Como podem os olhos dele brilhar se estão à sombra?* – Não é uma das tuas áreas de especialidade?

Decido ignorar a provocação.

– Não é assim tão simples.

– Porque não?

– *Porque não* – respondo exasperada. – O meu texto só funcionou porque tem imensos detalhes da minha vida real, como a procura de apartamento no meu condomínio, a mercearia que fica perto da nossa escola. Continua a ter os meus principais traços de personalidade, a minha voz, as minhas... características distintivas. Assim, quem o ler vai acreditar que foi escrito por mim. Neste momento, não sei o suficiente sobre ti para poder escrever um texto inteiro baseado em nada, sobretudo se é algo que deve ser factualmente preciso.

Escrever é uma forma simples de mentir; sempre soube que era assim. Mas é preciso tempo e esforço para contar uma boa mentira, uma mentira

convincente, que seja ao mesmo tempo construída com lógica, consistente e com a qual as pessoas consigam relacionar-se emocionalmente. É preciso ter atenção aos detalhes. E neste caso em particular, a escrita requer colaboração.

– Ouve uma coisa, Caz – digo, tão diplomática quanto possível –, não consigo escrever este texto se não me deres um exemplo realista e sólido e, por favor, não me digas que nunca sentiste dificuldades com nada, porque toda a gente tem momentos mais desafiantes numa altura ou outra...

– Que declaração tão profunda – diz ele com secura. – Retiraste-a de um musical?

– Não mudes de assunto.

Mas ele prefere ficar em silêncio e, a cada segundo que passa, sinto a minha paciência já gasta a esvaír-se um pouco mais.

– Este é o teu texto para entrares na universidade – recordo-o. – E nem devia ser assim tão difícil de escrever, já agora. Não é exatamente ciência aeroespacial.

– Para ti, talvez não – dispara ele.

– Bem, talvez se tentasses, ou se te preocupasses nem que fosse um bocadinho...

– Eu *estou* a tentar. – Suspira, passa os dedos pelo cabelo, mas já não é tanto aquele gesto calculado e atraente por que é famoso. Pelo contrário, parece um gesto de agitação genuína. – Estás a ver, é por isto que não gosto de... – Ele para de falar.

– Não gostas de quê?

– Não é nada.

– Não, diz-me – insisto. – Do que não gostas? De estudar? De planear o futuro? De fazer coisas nas quais não és bom?

O Caz não me responde, mas um músculo contrai-se no maxilar ao ouvir a minha última hipótese.

Quase solto uma gargalhada, dividida entre a frustração e a diversão.

– Caz – digo. – Sei que há pessoas que te adoram literalmente só por te verem a beber água, mas tens a noção de que não *precisas* de ser perfeito o tempo todo, não tens? Quero dizer, se não fosses tão perfeito, se calhar até gostava mais de ti. Sempre serias mais, não sei, mais *humano*. Mais do que um produto lustroso da indústria do entretenimento.

Uma expressão de surpresa brilha no rosto dele, mas é rapidamente substituída por algo como cansaço.

– É assim que me vês neste momento? Como um... produto lustroso?

– Não – respondo, depois faço uma pausa. – Bem... Um pouco, sim.

Ele fica em silêncio, os olhos fixos num ponto colorido no céu. É um papagaio de papel. Tem a forma de um dragão, com guizos dourados nos olhos, o corpo pintado ao jeito das máscaras de ópera de Pequim, com a cauda

longa e cintilante a ondular na brisa.

– Acho que... é justo – diz o Caz, voltando a atrair a minha atenção para si. Solta uma pequena gargalhada. – É engraçado porque, depois de ter conseguido o meu primeiro papel, prometi a mim mesmo que nunca seria uma daquelas celebridades que só dá respostas politicamente corretas e que se desvia de todas as perguntas pessoais importantes que lhe fazem.

– Mas?

– Mas, por exemplo: numa antiga entrevista que dei, disse que gostava muito de um certo cantor. No mês seguinte, ele foi exposto por consumir drogas, coisa de que *não fazia ideia*, achava apenas que ele escrevia letras muito criativas. Mas, não sei como, a história transformou-se e começaram a dizer que eu estava a incentivar os adolescentes a consumirem drogas. Tive de fazer um comunicado a pedir desculpas e o assunto demorou semanas a cair no esquecimento, e só desapareceu porque outro ator fez umas citações erradas de um romance clássico e foi parar às primeiras páginas.

Enquanto ele fala, começo a ter um vislumbre surpreendente do rapaz por detrás das capas brilhantes das revistas. Alguém que tem um pouco de medo. Pelo menos com esta sua faceta consigo identificar-me.

Por isso, digo-lhe com toda a minha sinceridade e gentileza:

– Bem, comigo estás em segurança. Só vou escrever neste texto a história que tu quiseses contar; não vou manipular ou desvirtuar as tuas palavras nem nada que se pareça. Prometo.

Segue-se uma longa pausa. Uma brisa suave sopra a relva e acaricia-me o rosto.

Quando o Caz volta a levantar os olhos, tem uma expressão diferente. Ou então está a olhar para mim de outra maneira, os seus olhos já não são tão negros, mas mais castanhos, da cor da terra acabada de ser revirada.

– Muito bem – diz ele finalmente. – Eu conto-te.

O Caz Song partiu o braço quando tinha 13 anos.

Mas *partiu* é uma forma gentil de descrever o que aconteceu. O que ele fez de verdade foi fraturar e deslocar o braço de uma só vez, dividindo o osso mesmo a meio. Em certos pontos, o osso estilhaçou-se de tal forma que tinha minúsculos fragmentos brancos a espetarem-se contra a pele, ameaçando trespassá-la. Segundo diz, a dor era suportável. Não foi mais do que um breve clarão de agonia, uma sensação de ser esmagado, um fogo que se espalhou dos dedos para o resto do braço, seguido por uma dormência.

Imagino que a dor fosse insuportável.

Magoou-se ao fazer uma manobra arriscada num drama histórico chinês. Era a primeira vez que desempenhava um papel bastante importante, fazia de

espião do príncipe herdeiro e queria provar que estava à altura do trabalho. Se não o fizesse, havia pelo menos mais quatro atores da sua idade com melhores conhecimentos na produção que o poderiam substituir a qualquer momento.

A manobra exigia que saltasse sobre dois telhados inclinados do palácio (com a ajuda de arames de suporte, claro) e que fizesse uma cambalhota dupla no ar antes de aterrar diretamente na cena de luta. O Caz conseguiu fazer o salto por cima de um dos telhados antes de um dos arames ficar acidentalmente lasso. Ele tropeçou e aterrou com força no ângulo errado. Por instinto, levantou o braço direito para se proteger. Foi um erro.

– Percebi quase imediatamente que tinha partido o braço – diz ele, arregaçando a manga para me mostrar. O fantasma de uma linha irregular branca percorre o antebraço do cotovelo ao pulso, serpenteando por entre os músculos definidos. Tenho de combater o impulso súbito e estranho de seguir a cicatriz com os meus dedos, só para ver se ainda lhe dói. Para ver se me deixaria tocar-lhe. – Quero dizer, ouvi o osso a partir.

Só de pensar no som sinto uma pontada de dor imaginária a trespassar o meu próprio braço.

– Mas continuaste – adivinho, desviando os olhos da cicatriz antes que faça alguma coisa parva.

– As câmaras ainda estavam a gravar – diz ele com um encolher de ombros. – Estava toda a gente à espera. Achei que conseguia acabar a cena.

Foi o que fez. Acabou aquela cena, a próxima e a outra ainda. Durante duas horas não disse nada a ninguém, manteve simplesmente a personagem e a cabeça erguida, fez todas as manobras que se esperava que fizesse. Só quando as cenas estavam todas gravadas e o realizador satisfeito com o trabalho é que o Caz perguntou, com bastante calma, se podia ir ao médico, porque não sentia os dedos da mão. O membro da produção que acompanhava o Caz naquele dia olhou para o braço dele – que agora já não estava escondido por baixo das várias camadas grossas do seu vestuário – e quase desatou a gritar.

O médico também ficou horrorizado. Chocado que o Caz ainda não tivesse desmaiado de dores. Ele limitou-se a fazer o seu famoso sorriso enigmático de dentes brancos – o mesmo que fez com que todos os seus colegas e espectadores se apaixonassem pelo menos um pouco por ele – e disse, *Oh, vá lá, é só um arranhão.*

– E o que disse o médico? – pergunto.

Ele passa a mão pelo cabelo perpetuamente despenteado.

– Queres que seja sincero? Naquele momento os medicamentos começaram a fazer efeito e nem me lembro bem.

– Ainda bem – digo em tom trocista.

– Embora *imagine* que tenha abanado a cabeça com admiração e dito para a enfermeira ao seu lado, *que jovem rapaz tão corajoso.* Talvez até tenha

derramado umas lágrimas por mim.

– E depois todos os que estavam na sala de operações irromperam num aplauso sonoro? – sugiro com sarcasmo.

Ele fita-me com um choque fingido.

– Como é que sabias?

Uma risada pequena e involuntária ergue-se na minha garganta, mas consigo abafá-la rapidamente. Ainda assim – uma risada. Não faz o menor sentido ter vontade de rir agora.

Não. Preciso de clarear as ideias. De voltar a concentrar-me. Não estou aqui para ser amiga dele, para alimentar esperanças acerca das pessoas e a seguir desiludir-me novamente. Principalmente não quando essa pessoa é o Caz Song, que ganha literalmente a vida a fazer de conta que sente coisas que não sente.

Acabou-se.

– Continua – digo, recostando-me para ficar a uma distância segura dele. – O que aconteceu a seguir?

Ele hesita, como se tivesse pressentido a mudança no meu tom, por muito subtil que tenha sido. Mas, um segundo depois, assente e recomeça a história onde a deixou.

Depois da operação, o médico aconselhou o Caz a descansar durante pelo menos um mês. Na semana seguinte, voltou ao trabalho. Colaborou com o realizador para encontrarem uma forma de esconder o gesso por baixo da roupa da personagem e recusou-se a restringir os movimentos nas cenas que teve de gravar. Mesmo quando voltava ao hospital para fazer tratamentos ou quando os pais o obrigavam a descansar, estudava o guião às escondidas, por baixo dos cobertores, e ensaiava interminavelmente as falas.

Quando a gravação do filme terminou, o braço ainda não estava completamente curado. Mas, segundo o realizador e todos os membros do elenco, o seu desempenho foi fenomenal. Excedeu amplamente as expectativas mais ambiciosas.

O problema é que o filme acabou por nunca ser exibido. O ator principal envolveu-se num escândalo enorme relacionado com um clube de *striptease* clandestino e os mandachuvas decidiram que o melhor era cancelar a exibição do filme.

– Mesmo assim, acho que valeu a pena – diz o Caz, arrancando uma erva comprida e enrolando-a no dedo como se fosse um anel. Parece que nunca consegue estar quieto. – Aprendi muito.

E embora isto pareça uma daquelas histórias politicamente corretas, fico surpreendida quando dou por mim a acreditar verdadeiramente nele.

Mesmo depois de ter o material de que preciso para o texto, demoro mais tempo do que é costume a entrar na minha bolha de escrita. Podia dizer que a

culpa é do bom tempo ou dos gritos e gargalhadas das crianças que se ouvem ao longe, mas, para ser sincera, é mais por causa do Caz. Mesmo quando não está a falar ou a olhar para mim, sinto intensamente a sua presença, como se cada molécula no ar me conduzisse em direção a ele. Sinto-me quase tentada a pedir-lhe que se sente noutra mesa, embora saiba que não é um pedido razoável.

Mas assim que consigo bloquear todas as distrações indesejadas, as palavras chegam-me numa torrente. A minha mente aguça-se. Os dedos encontram o ritmo natural sobre as teclas. Eu posso não perceber nada sobre namoros, sobre andar de mãos dadas ou sobre dançar só por diversão numa sala de aula apinhada, mas *isto* – o que estou a fazer neste instante, juntar palavras umas às outras e dar-lhes significado –, isto é o meu elemento. Podia fazê-lo todo o dia, todos os dias da minha vida.

Para mim, escrever é o mais próximo que sinto de estar em casa.

Quando chego ao último parágrafo, o Caz desaparece por durante alguns instantes e regressa com duas *tanghulus*, as espetadas de fruta cobertas de caramelo que parecem joias a brilhar sob a luz do Sol. Uma delas tem os sabores tradicionais, o tipo que costumava comer quando era pequena: uma fileira de pilriteiros vermelhos espetados num pequeno pauzinho de madeira. A outra espetada é de morangos maduros, uvas verdes e fatias grossas de quivi, salpicadas com uma generosa camada de sementes de sésamo brancas.

– Há pouco vi-te a olhar para a comida daquele menino ali – diz ele em jeito de explicação. Estende as duas espetadas à minha frente como se fosse fazer um truque de magia. – Escolhe.

Pestanejo para ele e afasto ligeiramente o portátil para o lado, surpreendida por ele ter reparado. Ou talvez só esteja a agir assim para o caso de alguém estar a observar-nos, para parecer que estamos mesmo num encontro. E para aparentar ser mais atencioso.

– Hum...

– Compreendo que é uma decisão incrivelmente difícil – brinca o Caz enquanto continuo indecisa durante um bom minuto. – Está muito em jogo. Queres falar primeiro com o teu advogado? Consultar uma terceira parte?

– É capaz de não ser necessário – respondo, alinhando na brincadeira. – Embora talvez fosse sensato da minha parte avaliar os prós e contras de cada uma das opções. Tenho de pensar muito bem.

– Sim, naturalmente.

Solto uma gargalhada abafada e tiro a *tanghulu* tradicional de espinheiro da mão dele.

– Obrigada.

Ele acena com a mão livre.

– Eu faço tudo pela minha namorada a fingir.

Uma pontada de dor breve e inexplicável preenche-me o peito, como se o meu coração tivesse ficado preso num pedaço de arame farpado perdido. Sem saber o que dizer ou fazer, levo a espetada à boca e deixo que a cobertura fina de açúcar se dissolva na minha língua. Depois trinco a fruta. O interior é tão amargo que me traz lágrimas aos olhos, mas o exterior suave e açucarado ajuda a equilibrar o sabor, que é exatamente como me lembrava.

Durante algum tempo nenhum de nós fala, deixamo-nos ficar alegremente a mastigar a fruta e a apreciar o silêncio enquanto a brisa de verão sopra à nossa volta. Sinto-a fresca contra a pele e é uma sensação agradável. Depois lambo o espeto peganhento, atiro-o para um caixote do lixo ali ao pé e volto ao trabalho, saboreando o travo doce da fruta.

– O texto já está – digo alguns minutos depois, juntando as mãos para bater palmas.

– Já está? – O Caz levanta os olhos com surpresa, depois baixa-os para o portátil. Só agora acabou de comer a sua *tanghulu*. – Bolas. É impressionante.

Tento não deixar que as suas palavras me subam à cabeça, mas sinto uma onda de prazer a espalhar-se dentro de mim e a aquecer-me até aos dedos dos pés.

– Quando chegar a casa envio-to por *e-mail* – prometo, pegando nas minhas coisas. Mas quando me preparo para fechar o computador, reparo em três mensagens novas da Zoe e, ao lado, a notificação de um *e-mail* da Sarah Diaz.

Abro-o imediatamente, com o coração a bater descompassado, quase convencida de que um dia destes a Sarah me vai enviar uma mensagem repentina a dizer: *Ei, acabei de descobrir que és uma fraude completa e que o teu texto é mentira! Estás agora na lista negra de todas as revistas e editoras do mundo e toda a gente te odeia. Adeusinho!*

Para meu alívio, o novo *e-mail* não diz nada disto. Pelo menos, não por enquanto.

Eliza!

Querida só dizer olá e ver como está a correr o texto para publicar logo à noite. Estive a ler os comentários no teu Twitter e é bastante evidente que todos estão a morrer de vontade de ver mais uma fotografia tua e do Caz juntos (idealmente, menos desfocada do que a outra!).

Até uma selfie dos dois seria ótimo...

– Eliza? Estás bem?

Fecho o portátil de repente e viro-me para olhar para o Caz.

– Sim – respondo, tão alegremente quanto possível.

Estou cheia de vergonha mesmo antes de as palavras saírem da minha

boca.

– Achas que podíamos... não te importas de tirar uma *selfie* comigo? Agora? Para o meu estágio? – Bem, não podia ter pedido isto de forma mais constrangedora.

Um sorriso ridículo e convencido espalha-se lentamente pelos lábios dele, como se fosse mel.

– Claro que não me importo. Faço tudo pela minha não-fã.

Sinto o rosto a aquecer.

– Quando é que vais esquecer que disse isso?

– Quando te juntares ao meu clube de fãs.

– Ah, então: nunca – respondo inexpressivamente.

– Não tenhas tantas certezas – é tudo o que diz enquanto ajusta o ecrã.

E juro que não sei o que me leva a fazer isto, o que me dá coragem, se é porque ainda estou a sentir a onda de adrenalina por ter acabado de escrever um texto que sei que está mesmo muito bom, ou se o calor persistente derreteu alguma secção do meu cérebro, responsável pelo controlo dos impulsos, ou só porque quero apagar aquele sorriso convencido do rosto dele –, mas quando o Caz está prestes a tirar a fotografia, ponho-me em bicos dos pés e dou-lhe um beijo no rosto.

Click.

O *flash* da câmara fotográfica acende-se uma vez, captando o beijo para toda a eternidade; a seguir afasto-me. De repente, não sei o que fazer com a boca, com o rosto, com as mãos. É a consequência do meu único momento de impulsividade.

– E dizes tu que não tens experiência com estas coisas – comenta o Caz depois de uma breve hesitação, no seu tom de voz casual.

– Bem, não és só tu que consegues ser espontâneo.

Um dos cantos da sua boca levanta-se ligeiramente.

– Claramente.

Tudo devia acabar agora; a fotografia, a sessão de escrita, a eletricidade estranha que paira no ar. Mas quando ele me devolve o telemóvel, os nossos pulsos tocam-se, pele contra pele. O efeito é imediato, todas as terminações nervosas do meu corpo se acendem como se lhes tivesse chegado um fósforo e fico parada, atordoada pela minha própria reação.

Fico à espera de que o Caz afaste a mão, mas em vez disso ele desliza os dedos compridos em redor do meu pulso. Passa com o polegar sobre a pulseira de tecido puído que tenho posta.

– Usas sempre esta pulseira – diz ele.

Assinto. Engulo em seco.

– Sim. Eu sei.

O Caz fica à espera de que eu diga mais alguma coisa, mas estou

demasiado ocupada a tentar agir com normalidade, como se não estivesse superconsciente da proximidade entre nós, de como a mão dele se move devagar sobre a minha pele, o seu toque mais quente e mais leve do que o ar de verão.

Capítulo 9

Em certa ocasião, ouvi uma teoria que dizia que, quando tememos alguma coisa, o tempo se move mais depressa, como se o universo estivesse determinado a conspirar contra nós.

Posso agora confirmar, em primeira mão, que esta teoria é verdadeira.

É segunda-feira à noite e a minha família está reunida à volta da bancada alta da cozinha, com taças de vegetais cortados e pão integral da mercearia dispostos entre nós.

Como ontem à noite fizemos *dumplings* caseiros para o jantar, hoje estamos a preparar as nossas sandes especiais. Eu e a minha mãe tivemos esta ideia enquanto ainda vivíamos na América; a sandes é como uma baguete básica, com a diferença de que usamos a carne de porco e cebolinho que sobra dos *dumplings*, fazemos uma espécie de hambúrguer frito e depois juntamos cenouras em pickles, coentros frescos e óleo de chili picante. A combinação é tão saborosa que a minha mãe às vezes brinca e diz que devíamos vender a receita a um daqueles restaurantes modernos de cozinha de fusão Oriental que há na baixa de Los Angeles.

Pelo menos *acho* que o diz a brincar. No caso da minha mãe e das potenciais oportunidades de negócio, nunca se sabe.

– Então, como está a correr a escola? – pergunta-me ela enquanto corta um pão ao meio e mo passa. Estamos sentados numa espécie de linha de montagem, a minha mãe está encarregada do pão, o meu pai da colocação dos hambúrgueres, a Emily e eu colocamos o resto dos ingredientes.

Esta mudança súbita na conversa apanha-me desprevenida. Até há poucos instantes, a minha mãe estava a descrever detalhadamente como resolveu aquela grande crise do Kevin com o SYS; segundo consta, falou com algumas pessoas, mexeu uns cordelinhos, contactou o filho do diretor da empresa em privado («um jovem rapaz muito educado e que cede facilmente à lisonja, também; espero honestamente que seja ele quem fica a tomar conta da empresa») e lá conseguiu resolver toda a situação.

– A escola corre sem grandes acontecimentos – responde a Emily, reagindo muito mais depressa do que eu. Depois olha para mim com um ar carregado de significado. – E tu, Jie? Passa-se alguma coisa de... *interessante* na tua vida?

Mordo o interior da bochecha.

Esta é a ocasião que tanto tenho temido: contar aos meus pais e à minha irmã que namoro com o Caz Song. Apesar de já ter comprado à Emily a quantidade exata de *Pocky* que combinámos anteriormente, sei que não há biscoitos suficientes no mercado nem técnicas de suborno capazes de evitar que as notícias sobre a minha relação se espalhem e acabem inevitavelmente por chegar aos ouvidos da minha família. Quero dizer, já ganhei mais uns milhares de seguidores depois do texto sobre o nosso passeio ao Parque Chaoyang: «Vamos Cancelar Todos os Nossos Planos e dar um Beijo no Parque.» Tenho mais dois textos em construção para a secção de Amor e Relacionamentos da semana que vem, os dois igualmente irónicos: «Quando Sabemos, Sabemos: É Amor» e «Um Pequeno Conto Sobre Como Sobreviver aos Nervos do Primeiro Encontro.»

Por isso, uma vez que *é* inevitável que eles venham a descobrir, prefiro que os meus pais fiquem a saber por mim do que por algum artigo apaixonado que circule pela Internet, ou por uma das nossas muitas tias que gostam de ler os artigos de mexericos no WeChat.

Tudo isto parece ótimo em teoria.

Na prática, estou tão nervosa que as cenouras em pickles me escorregam constantemente das mãos.

– Sim, como *está* a correr a escola, Eliza? – pergunta a minha mãe, virando-se para mim. Tirou a maquilhagem antes de começarmos a cozinhar, mas os seus olhos ainda têm um pouco de escuro esbatido da sombra, o que os faz parecer mais argutos do que é habitual. – Já fizeste algum amigo?

Se esquecer a preocupação evidente da minha mãe com a minha vida social, parece-me uma oportunidade tão boa como qualquer outra para iniciar a conversa. Talvez até consiga dar a notícia de forma mais positiva. Afinal, um namorado é, tecnicamente, um tipo de amigo, não é? Um amigo com quem temos um pouco mais de contacto físico.

Pigarreio. Tento afastar todos os pensamentos menos amistosos com um aceno rápido da mão.

– Eu... bem. Sim. Acho que sim.

– *Achas* que fizeste um amigo? – A minha mãe franze o sobrolho, perplexa.

– Acho que conta como um amigo – esclareço. Já sinto o calor a acorrer à minha pele. – Dependendo... da tua definição da palavra.

Alguma coisa na minha voz deve denunciar-me, porque todos levantam os olhos. A ruga entre as sobrancelhas da minha mãe aprofunda-se. O meu pai fica simplesmente com um ar surpreendido e meio perdido, embora também

possa dever-se a algum poema novo que está a compor mentalmente.

A única coisa que me consola neste momento é que na nossa casa nunca tivemos uma política que proibisse namoros.

Para dizer a verdade, é um pouco estranho o tipo de coisas em que os meus pais são mais austeros. Por exemplo, ambos se passam da cabeça se usar um *top* de alças na rua com a alça do sutiã a aparecer, ou se for dormir com o cabelo molhado, mas não se opõem à ideia de eu namorar nos meus últimos anos do Secundário e encorajam-me até a fazer parte de reuniões e encontros sociais porque consideram que é uma «competência importante para a vida».

Sei que muita gente não entende a lógica dos meus pais. As minhas amigas nas escolas por onde passei nunca conseguiam perceber por que motivo elas podiam dormir na minha casa, mas eu não podia dormir na casa delas, ou por que razão era tão importante não ter o telemóvel comigo durante o jantar em família. Muitas delas ficavam chocadas por termos jantares de família como deve ser, em vez de comermos qualquer coisa ao fim de um dia de escola ou de trabalho.

Mas, para ser sincera, não me importo. As regras dos nossos pais podem não fazer muito sentido para as outras pessoas, mas para mim e para a Emily fazem.

Além disso, as suas regras altamente específicas significam que, não obstante o que diga a seguir, não tenho de me preocupar que os meus pais me reneguem.

– Estás a tentar contar-nos alguma coisa sobre um certo rapaz na tua vida?
– pergunta a minha mãe lentamente, com hesitação, como se formular a pergunta de forma errada pudesse assustar-me e fazer-me fugir. A verdade é que duvido que exista uma forma *correta* de fazer estas perguntas.

Como sempre, a Emily é mais direta.

– Então tens um namorado?

– Bem... – Humedeço os lábios secos. Com os três a fitarem-me tão intensamente, contar-lhes sobre o Caz é ainda mais difícil do que imaginei. Faço de conta que disponho novamente as rodela de cenoura no meu prato e respondo em mandarim: – Hum, sim.

Passa-se um segundo.

Em pânico, continuo a falar:

– Tenho. Estou. Quero dizer, estou com alguém. No sentido, tipo, romântico, embora considerando a nossa idade, e a tendência geral no que diz respeito aos namoros na sociedade moderna atual...

– Quem é? – pergunta a Emily, salvando-me da minha tagarelice.

Os meus pais não dizem nada, mas a minha mãe tem aquela sua expressão de póquer que costuma ter quando está a tentar absorver um dado novo, uma informação importante: o olhar torna-se cuidadosamente reservado, os lábios

comprimem-se numa linha fina.

– Hum, sabem aquele ator principal do filme que estávamos a ver no outro dia? – começo.

A Emily ergue as sobrancelhas. A minha mãe assente uma vez.

O meu pai coloca um hambúrguer no meio das fatias de pão.

O silêncio adensa-se à minha volta. Só consigo ouvir o relógio da cozinha como se fosse uma bomba-relógio, a fazer a contagem decrescente dos segundos até que me obrigo a dizer:

– Pois, é ele.

Um novo segundo.

Estou à espera de choque. Confusão. Talvez até deslumbramento.

O que não esperava era que a minha família desatasse à gargalhada.

– *Tian ya* – consegue dizer a minha mãe por entre um ataque súbito de histerismo. Ela está mesmo a limpar as lágrimas dos olhos. – Não achei que fosses uma dessas miúdas que... que persegue os ídolos, Ai-Ai. E estás com um ar tão sério!

A Emily resfolega para a mão.

– Se tu namoras com o Caz Song, então eu namoro com o Gong Jun.

– E eu com o Liu Dehua – acrescenta a minha mãe, abanando a cabeça enquanto recomeça a cortar o pão.

O meu pai franze o sobrolho.

– Tu és *casada*.

– Oh, é uma piada, Laogong. – A minha mãe dá-lhe uma cotovelada na brincadeira e a expressão do meu pai aligeira-se de imediato. – Claro que não me esqueci de ti.

Se o meu rosto não estava corado antes, agora estará, com toda a certeza.

– Não estou a brincar – protesto, pousando o prato com as cenouras. – Namoro com o Caz. Ele anda na nossa escola. – Desesperada, viro-me para a Emily em busca de ajuda. – Sabes que ele anda na nossa escola, não sabes? E que vive aqui perto?

– Sim, já ouvi dizer – concede a minha irmã, ainda a sorrir levemente. Pelo menos já não se está a rir descaradamente de mim.

É um sinal de progresso. Modesto, mas um sinal.

– Tenho a certeza de que vais acabar por encontrar alguém, Ai-Ai – diz a minha mãe. Oh, valha-me Deus, ela está a tentar confortar-me. Não era assim que esta conversa devia correr. – És uma rapariga muito inteligente e engraçada, consegues... toleras muito bem comida picante e... – A sua voz desvanece-se num gesto vago, evidentemente à procura de mais qualidades positivas em mim.

– És muito boa a tratar dessas cenouras – diz o meu pai.

– Sim, está bem, são muito simpáticos. Mas eu estou realmente a tentar

dizer-vos que *já* encontrei alguém. Na verdade, sabem o que mais? – Estalo os dedos, atingida por um relâmpago de inspiração. – Tenho como o provar.

Enquanto os meus pais trocam um olhar confuso, talvez até um pouco alarmado, limpo as mãos à camisa, pego no telemóvel e procuro a fotografia que tirei com o Caz. Aquela em que estou a dar-lhe um beijo no rosto.

– Foi aqui que estive no outro dia – explico, virando o telemóvel para eles poderem ver. – Com ele.

Resisto ao impulso de desaparecer pelo chão adentro enquanto estão os três debruçados sobre a fotografia, analisando-a de todos os ângulos, como se fosse uma espécie em vias de extinção que nunca tinha sido fotografada antes.

– Bem – diz a minha mãe finalmente, recostando-se, a expressão de póquer novamente instalada no rosto.

Por um instante não consigo decidir o que é pior: os meus pais a recusarem-se a acreditar que posso namorar com o Caz Song, mesmo depois de verem provas fotográficas... ou ambos acreditarem piamente na minha mentira. Uma pontada de culpa trespassa-me o estômago quando penso nesta situação.

A seguir, a minha mãe une as mãos em cima da bancada, com uma postura muito empresarial, o pão já totalmente esquecido ao seu lado.

– Acho que estou apenas um pouco curiosa para saber... como começou exatamente esta tua... – aponta para o ecrã – isto?

E então começo a contar-lhes. Conto a mesmíssima história sobre a qual escrevi o texto, porque quanto mais consistente for uma mentira e quantas menos versões da mesma tivermos, melhor. Assim é mais fácil manter os factos consistentes.

Quando acabo de lhes contar e o pão já está quase completamente seco, a Emily tapa a boca com a mão.

– Oh, meu Deus. Vais convidá-lo a vir cá a casa? – pergunta, com os olhos arregalados. – Devíamos conhecê-lo. E se lhe pedíssemos alguns autógrafos, depois podíamos vendê-los...

– Não! – exclamo. Trazer o Caz a esta casa é um limite que não quero ultrapassar de maneira nenhuma.

– O que é que tens contra o dinheiro? – pergunta a Emily.

– Não estou a falar de autógrafos. – Embora não exista a menor possibilidade de permitir que isso aconteça. – Só quero esperar algum tempo até fazermos esta coisa de conhecer a família, está bem? É... é demasiado e é cedo demais. Além disso, o mais certo é acabares por vê-lo na escola.

– A tua irmã tem razão – diz a minha mãe a Emily, vindo em meu socorro. – Não queremos assustar o rapaz. – A seguir vira-se para mim. Sorri, e as rugas débeis do seu rosto suavizam-se, os maneirismos de mulher-de-negócios-super-profissional começam a desaparecer. Agora é apenas a minha

mãe, que tem sempre um ombro para me oferecer como almofada nos voos longos que fazemos, que nos prepara sopa de feijão-mungo adoçada durante o verão, para ajudar a afastar o calor. – Mas também não deves esperar demasiado tempo. Lembro-me que apresentei o vosso pai aos meus pais pouco depois de acabarmos o Secundário. – Pisca o olho. – Obviamente, a nossa relação correu muito bem.

Lá está outra vez. A pontada no estômago.

Ainda assim, obrigo-me a dizer.

– Sim, está bem.

Apesar do que disse à Emily, não estou à espera de que ela se cruze com o Caz na escola. Afinal, a escola primária e a secundária funcionam em horários diferentes; estamos sempre nas aulas durante a hora de almoço ou assembleias da primária, e vice-versa. É por esse motivo que só costumo ver a minha irmã no início e no fim do dia de aulas, quando nos juntamos para esperar pelo motorista, ou quando a procuro deliberadamente na sua sala de aulas.

Mas na sexta-feira, num infeliz acaso, a nossa aula de Inglês acaba vinte minutos mais cedo, mesmo quando os miúdos da primária estão no intervalo.

Vejo a Emily no instante em que saio para as escadas do pátio inundado pelo sol, e o Caz vem logo atrás de mim. Ela está a brincar a um jogo tradicional chinês, *ti jianzi*, com pelo menos mais oito ou nove raparigas da sua idade. É um jogo simples, mais de velocidade do que de estratégia, em que os jogadores passam um volante entre si usando principalmente os pés.

Paro para vê-las a jogar, com os livros abraçados contra o peito.

Estão todas a rir como doidas, a gritar umas com as outras quando o volante parece quase falhar o destino, precipitam-se para a frente e para trás sempre que veem as penas coloridas a cair.

Não demoro muito tempo a entender a dinâmica do grupo; os anos e anos que passei a observar silenciosamente os meus colegas de turma em todas as escolas novas conferiram-me esta capacidade aguçada.

Embora a Emily e as amigas estejam tecnicamente dispostas em círculo, a mais bonita entre elas – a que tem uma fita no cabelo às bolinhas e a gargalhada mais sonora e aguda – é claramente a líder. Está sempre a gritar nomes e instruções para as outras e é ela quem retira o volante a quem quer que o tenha recuperado, sem sequer dar uma palavra de agradecimento.

Depois, percebo com uma pequena pontada de ansiedade que a Emily está a pairar algures no fundo da hierarquia social. Nenhuma das raparigas parece incomodar-se em passar-lhe o volante e quando ela consegue pontapeá-lo, ninguém aplaude ou solta vivas com muito entusiasmo.

Sinto-me a franzir o sobrolho. Isto não devia acontecer. A Emily sempre foi

a borboleta social da nossa família, sempre agradou muito a toda a gente e adaptou-se de todas as formas que eu nunca consegui adaptar-me.

Mas por outro lado, talvez estas mudanças todas não tenham sido tão fáceis para ela como acreditei que fossem. Ou talvez esta escola tenha alguma coisa em especial que tornou a adaptação mais difícil do que é habitual.

– É a tua irmã? – pergunta o Caz, interrompendo os meus pensamentos. Está a apontar para a Emily.

Viro-me para ele, surpreendida.

– Sim. Como sabes?

Ele encolhe os ombros.

– São parecidas.

Isto é tão pouco verdade que quase desato a rir. Ao contrário de Emily, eu não herdei nenhuma das feições delicadas e esculpidas da minha mãe, o cabelo sedoso ou a pele suave como orvalho. Em vez disso, saio ao meu pai e a ninguém em especial, o meu rosto parece ser composto por uma série de arestas finas e linhas redondas aglomeradas ao acaso, como se as minhas feições não tivessem sido planeadas.

– Acho que deves ser a primeira pessoa do mundo a dizer isso.

– É o sorriso – diz ele, com os olhos a fitarem-me rapidamente. – Têm ambas o mesmo sorriso.

Antes mesmo de conseguir pensar numa resposta adequada a esta observação, a Emily vê-me.

– Jie! Jie! – grita e sai do círculo do jogo para atravessar o pequeno pátio a correr. Os rabichos do seu cabelo ondulam para um lado e para o outro quando para à minha frente, a segundos de embater no meu estômago; a seguir levanta os olhos, ofegante e a sorrir.

Depois vê o Caz. E fica absolutamente imóvel.

– Olá – cumprimenta-a ele.

Os olhos da Emily estão tão arregalados que parece uma boneca de uma banda desenhada.

– Tu és... o Caz Song – diz ela com uma voz abafada. – O namorado da minha irmã.

– Sim. – O Caz baixa-se ligeiramente, até ficarem os dois mais ou menos da mesma altura. Sorri-lhe. É um sorriso diferente dos que faz em televisão ou perto das pessoas do nosso ano; este é um sorriso meigo, bondoso. – Pois sou.

– Merda... – murmura a minha irmã de 9 anos.

Dou-lhe uma cotovelada com força.

– Olha a linguagem.

– Desculpa – diz ela, não parecendo nem remotamente arrependida. – Queria dizer, *caraças*. Está melhor assim?

– Nem por isso – resmungo.

O Caz sorri ainda mais e as covinhas do rosto aparecem, o que deixa a Emily absolutamente derretida. Claro que, em circunstâncias normais, isto seria uma coisa boa; toda a gente *quer* que a família goste do namorado. Mas a única coisa que sinto é uma onda débil de desconforto. Quanto mais a Emily se afeiçoar ao Caz, mais vai sofrer quando a nossa relação de seis meses acabar.

Felizmente, esta conversa infernal é interrompida pelo próprio grupo de amigas da Emily.

– *Emily!* Vá lá!

– Estás a demorar tanto tempo porquê?

– Vens jogar ou não? Porque podemos continuar a jogar sem ti, sabes? – Esta última foi a líder do grupo, que está de braços cruzados sobre o peito e a bater impacientemente com o pé no asfalto. Sinto uma onda imediata de antipatia por ela.

– Vou... vou já! – responde a Emily, depois vira-se novamente para nós com olhos de cãozinho abandonado. – Vocês podem vir também?

Estou à espera de que o Caz arranje uma desculpa qualquer para se ir embora, que tem trabalhos de casa, por exemplo, mas em vez disso, ele assente e faz um sorriso rasgado.

– Claro que sim.

A Emily solta um gritinho e levanta os braços finos sobre a cabeça, numa imagem que ilustraria perfeitamente uma pesquisa no Google por «feliz» ou «celebração».

– A sério?

– Claro que é a sério.

Fito o Caz por cima do ombro da Emily, tenho a cabeça a andar à roda, mas ele limita-se a sorrir para mim. O que diabo está a tramar? Concordámos em manter as nossas famílias fora deste assunto e não imagino de que forma ele pode tirar algum benefício de uma situação como esta. Estará assim tão dedicado ao seu papel de namorado falso perfeito? Ou já é simplesmente um hábito que desenvolveu para entreter constantemente as pessoas, para desempenhar um papel e as impressionar?

– Bem, vão vocês – respondo, encostando-me à parede do edifício, ainda com os livros agarrados contra o peito como se fossem o meu escudo. – Eu fico a ver-vos daqui.

A Emily faz beicinho.

– Não vens connosco?

– Eu... acho que não é necessário.

– Claro que é necessário. – O sorriso do Caz é agora perverso, malvado. Estende a mão para mim e ocorre-me uma terceira possibilidade: talvez ele só queira ver-me a fazer figura de idiota. – Vá lá, quem é que não gosta de andar aos pontapés a um objeto cheio de penas coladas?

Dou mais um passo para trás; o meu calcanhar bate no tijolo frio.

– Não, não. Não, eu sou praticamente alérgica a...

– A quê, diversão? – pergunta o Caz e a Emily solta uma risada.

– A exercício físico intensivo – corrijo. *Assim como a envergonhar-me em frente a um grupo de desconhecidos. Por muito pequenos que sejam.*

– Chamas exercício físico intensivo ao *ti jianzi*? – O Caz abana a cabeça como se tivesse dito uma piada sem graça. – Eliza, eu já vi miúdas de oito anos a pontapear o volante sem fazerem esforço nenhum. Acho que vais ser ótima.

Emily assente com vigor e vira os olhos escuros e suplicantes para mim. Sempre detestei estes olhos de cãozinho abandonado. Detesto-os porque são supereficazes. Porque me fazem sempre dizer e fazer coisas das quais sei que me vou arrepender...

Como dizer que sim a um jogo de *ti jianzi*.

Um silêncio atordoado e breve paira sobre as miúdas à medida que o Caz e eu nos aproximamos do seu círculo, embora suspeite que o silêncio é mais dirigido a ele. Imagino que estou a vê-lo da perspetiva delas, o ator famoso que apareceu sem aviso, como se tivesse saído do sonho de alguém: alto, com um ar descontraído e naturalmente bonito. E está a sorrir apenas à Emily, quase sem dar conta da presença das outras miúdas, enquanto diz:

– Obrigado por me convidares para jogar, Em. – Pisca-lhe o olho como se fossem os melhores amigos.

Quaisquer que sejam as razões dele, sinto uma rajada inesperada de vento quente a inundar-me o peito quando os vejo assim juntos, escancarando todas as minhas portas e janelas.

Mas a apreensão não tarda a preencher-me também. A interação com a minha irmã é um terreno pantanoso. Não importa o quanto tente controlar o nosso acordo, manter os horários restritos, a organização e o profissionalismo, ocasiões como esta podem sempre aparecer e ameaçar baralhar tudo irremediavelmente.

– Vai tu primeiro – comanda a rapariga da fita às bolinhas, dirigindo-se ao Caz com um olhar austero e as mãos nas ancas. Ela tem a voz e o timbre de quem está habituada a conseguir o que quer, mas quando o Caz lhe levanta uma sobrancelha com frieza, a miúda parece murchar. Murmura: – Ou... como achares melhor.

– Posso começar eu, Meredith – oferece-se a Emily alegremente. A líder, Meredith, franze o sobrolho, mas não protesta. Não comigo e com o Caz ali, a perturbar a sua dinâmica de poder.

A Emily pega no volante e pontapeia-o para o ar, com um som semelhante ao de moedas a chocalhar. A rapariga ao seu lado apanha-o com a parte da frente da sapatilha, depois lança-o para a Meredith, que o passa rápida e desajeitadamente ao Caz que, por sua vez, o recebe sem esforço.

Ele faz saltitar o volante entre os dois pés, até o atira para o ar para lhe dar uma cabeçada, o que provoca uma onda de aplausos sonoros e entusiasmados.

E ele parece... bem, parece ridículo. Este jogo não é muito gracioso e digno e nem mesmo o Caz consegue fazer com que *ti jianzi* pareça tão elegante como andar a cavalo, praticar tiro ao arco ou boxe. Mas é bom a jogar, incrivelmente bem coordenado e confiante, não obstante a natureza caricata do jogo; tudo isto é mais do que suficiente para impressionar.

Na verdade, ele é *tão* bom que não se passa muito tempo até se reunir uma multidão razoável.

Tento manter-me atenta ao volante, mas sinto um formigueiro na pele com esta nova e desconfortável exposição. Há demasiados olhos fixos em nós. Em mim. Sinto gotículas de suor a acumularem-se na minha testa.

– Vai, Caz! – alguém no público incita; juntam-se alguns gritos e assobios sonoros perfeitamente desnecessários, como se estivéssemos a jogar uma final nos Jogos Olímpicos.

O Caz limita-se a fazer o seu sorriso de superestrela e continua a passar o volante sem a menor centelha de constrangimento, sente-se à vontade com tanta atenção concentrada nele.

Mas quando o volante vem a voar na minha direção, atrapalho-me e deixo-o cair. E é então que ouço, um resfolego de desdém baixo, mas audível, da parte de alguém no público. Estão aqui demasiadas pessoas para perceber de onde veio, mas não importa. Sinto o rosto inteiro a arder, como se o tivesse incendiado com um fósforo.

Trémula, volto a pegar no volante e tento pontapeá-lo, mas este cai de forma patética para o lado e é a Emily quem tem de o recuperar. Desta vez o ruído de desdém nem sequer é disfarçado. Nem a voz, que pergunta com uma incredulidade óbvia:

– É *esta* a rapariga com quem o Caz Song namora?

Sinto que alguém meteu a mão no meu estômago e me apertou as entranhas até formarem uma bola. Este tipo de humilhação de primeiro grau é exatamente o que sempre quis evitar. E, apesar de ser irracional e mesquinho, sinto uma pontada súbita de raiva dirigida ao Caz. A ele, que continua a sorrir, a jogar para o público, com a luz dourada do Sol a derreter-se à sua volta como um halo.

Claro que ele gosta de fazer as coisas com espontaneidade. Nunca nada o envergonha.

– Eu... eu vou descansar um pouco – digo, recuando para a sombra, o sangue quente e espesso a pulsar nas minhas veias. Estão todos a olhar. – Continuem sem mim.

O Caz olha para mim rapidamente como quem pergunta, *tens a certeza?* A Emily e as amigas nem sequer levantam os olhos do jogo.

– A sério. É na boa – digo.
Mas eles já tinham recomeçado a jogar.

– Gosto dele.

A tarde está a chegar ao fim e estou com a Emily em frente à biblioteca da escola, estamos empoleiradas num corrimão, com os pés a balançar a alguns centímetros do chão, à espera de que o Li Shushu nos venha buscar. As nossas mochilas estão caídas no chão, a rebentar pelas costuras com livros, *tupperwares* sujos, carregadores de portáteis e outros objetos inúteis mas obrigatórios.

Doem-me os ombros.

Massajo-os um pouco com as mãos, desço do corrimão e olho em frente. Os carros já começaram a parar no parque de estacionamento, os vidros fumados e o metal polido brilham, os vapores erguem-se do alcatrão em ondas, como calor.

– De quem? – pergunto finalmente, embora consiga adivinhar.

– Do teu namorado – diz a Emily, trincando a cabeça de uma minhoca de goma. Uma das amigas deu-lhe um pacote inteiro depois do almoço. – Do Caz. As minhas amigas também gostam muito dele.

– Não me surpreende. Toda a gente o adora. – Uma centelha embaraçosa de amargura por causa do jogo ainda me vinca a voz. Não que o Caz tenha culpa por ser tão universalmente adorado. Que aquilo que eu tenho a menos – encanto, beleza, capacidade para atrair as pessoas, para as fazer ficar – ele tenha a mais.

Ele não tem culpa nenhuma.

Mas mesmo assim continuo a sentir a amargura; é como o sabor das ervas medicinais que a minha mãe prepara para nós sempre que estamos constipadas.

– Achas que ele amanhã também vai jogar connosco? Ou depois de amanhã?

O rosto da Emily é franco, esperançoso, ansioso. Tenho de desviar os olhos, ignorando a pedra pesada que se instala no meu estômago. A última coisa que quero é que ela se afeioe ao Caz. Sobretudo quando não sei o que ele sente realmente – se ele foi tão simpático porque gostou mesmo da minha irmã, se gosta apenas de miúdos no geral, ou se foi um acontecimento único. De qualquer maneira, devia falar com ele para deixarmos a minha irmã fora desta nossa combinação.

Passam por nós mais carros, a emitir fumo.

– Não sei – digo devagar. – Mas não estejas com demasiadas esperanças, está bem? O Caz anda sempre muito ocupado com o horário das gravações, as

publicidades e essas coisas e... e há muitas pessoas que querem passar tempo com ele.

E quando o meu estágio terminar e o filme dele estreiar, não vai ter motivo nenhum para passar tempo com qualquer uma de nós.

– Oh. Então está bem. – A Emily assente desiludida, mas já a aceitar a situação.

Depois sorri e lambe o resto da goma lilás até esta ficar transparente e pegajosa. Um pedaço da minhoca agarra-se aos seus dedos.

Enrugo o nariz.

– Isso é absolutamente nojento.

Deita-me a língua de fora, manchada de lilás. Faço de conta que a empurro do corrimão e ela grita, a rir.

O parque de estacionamento está a começar a esvaziar-se em vez de encher, os alunos atiram as mochilas para os bancos de trás e para as bagageiras, as portas fecham-se, abrem-se os pacotes de batatas fritas e bolachas de arroz Wang Wang que vão ser comidas durante a viagem até casa. E continuamos sem ver o carro que nos é familiar.

Não é a primeira vez que o Li Shushu chega atrasado; os seus horários dividem-se entre nós as duas, a nossa mãe e o nosso pai, e claro que a nossa mãe é a sua prioridade. É provável que lhe tenha surgido uma reunião de emergência qualquer com algum cliente, ou que uma das suas conferências tenha sido adiada.

Mas à medida que os minutos se arrastam e o fornecimento de gomas da Emily se esgota, consigo sentir a sua paciência a desvanecer-se.

– Então, fala-me das tuas amigas – digo para a distrair, mas também porque estou curiosa. Porque não consigo deixar de me questionar como teriam corrido as coisas se o Caz e eu não tivéssemos aparecido, se ela continuaria a ser deixada no perímetro do círculo de amigas. É uma sensação à qual já estou habituada, mas não quero que a Emily tenha de passar por ela, nunca.

Ela resfolega.

– Pareces a mãe.

– Pois, mas eu sou da tua geração. Consigo entender melhor estas coisas. E dar-te conselhos.

– Isso é o que todas as pessoas velhas dizem.

Desta vez empurro-a mesmo, com pouca força, claro, e ela desequilibra-se por um instante, a esbracejar, antes de prender um pé no corrimão e recuperar o equilíbrio.

– Está bem – diz a suspirar. – O que é que queres saber?

– Não sei. Mas tu ainda não falaste muito das tuas amigas e hoje foi a primeira vez que te vi à hora do almoço.

A minha irmã estende uma perna, balança-a no ar, com os dedos a tocarem nas nuvens.

– Bem, só comecei a dar-me com elas há pouco tempo.

– Porquê?

– Porque elas não sabiam o que pensar de mim. – Pela forma como o diz, percebo que está a repetir o que ouviu de alguma das amigas. Provavelmente daquela tal de Meredith. Sei que não devia estar a odiar uma miúda de 9 anos, mas mesmo assim deixa-me zangada.

– Não sabiam porquê? – pergunto, com uma voz neutra.

– Elas... não tinham a certeza de onde eu vinha. – A voz da Emily também é neutra, mas torna-se mais baixa à medida que continua a falar. – Tipo, na minha turma há raparigas que só falam cantonês entre si e as famílias já são amigas desde que elas entraram para o jardim de infância. Depois há um grupo que é predominantemente composto por americanas e canadianas, que não são muito próximas das chinesas locais. Dão-se bem, mas não são próximas. E eu não sou... – Coça uma comichão invisível no cotovelo. – Acho que não sou como nenhuma delas.

Ficamos em silêncio. O parque de estacionamento já está quase vazio, uma enorme extensão cinzenta à nossa frente. E continuamos sem ver o nosso motorista ou qualquer rosto familiar.

– Essa palavra é muito complicada – digo algum tempo depois. – *Predominantemente.*

– Nós temos de aprender dez palavras novas todas as semanas para a aula de Inglês. Também já aprendi a palavra *dicotomia*.

– Que bom, que bom.

– Pois é, mas não tenho bem a certeza do que significa.

– Vais entender melhor quando fores mais velha – asseguro. – Ou... pelo menos vais saber fingir melhor que sabes o que significa.

Ela sopra uma madeixa de cabelo para longe do rosto.

– Espero que sim. E talvez encontre a minha Zoe.

Hesito.

– Como assim?

– Então, sabes, uma melhor amiga que esteja sempre lá para mim, não importa o que aconteça. Como tu e a Zoe.

– Oh. Sim, certo, entendi. – Mas uma centelha de dúvida inunda a minha voz e é isto, a própria dúvida que me comprime imediatamente o peito, que me preocupa quase tanto como as mensagens invulgarmente breves que temos trocado ultimamente, ou como as suas publicações mais recentes no Instagram a mostram sempre com aquela nova amiga Divya, ou ainda como começou a identificar outros amigos nos *memes* do Facebook, em vez de me identificar a mim, como fazia antes. Já passei por isto vezes suficientes com outras amigas

para saber como a tendência evolui. Como as mensagens diárias se transformam em atualizações semanais, depois em ocasiões mensais esporádicas para pôr a conversa em dia, até que acabam por se transformar em nada.

Mas estamos a falar da *Zoe*. A amiga que ficou ao meu lado durante mais tempo. A que me conhece melhor do que ninguém. Desde quando comecei a questionar a força da nossa amizade?

Antes que os meus pensamentos se descontrolem mais, volto ao ponto que me interessa.

– Ouve uma coisa, tu vais... vais contar-me, não vais? Se alguém da tua turma te excluir ou se te disser alguma coisa maldosa?

– Se contasse, o que podias fazer?

A Emily não o diz de forma maliciosa, como um desafio; não, fá-lo de uma forma descontrainda, descomprometida, que me deixa de coração apertado.

– Dava-lhes um murro na cara – decido com firmeza.

– A sério? – A Emily fita-me com uma débil incredulidade. – Sem ofensa, Jie, mas tu nem consegues bater numa barata sem gritar.

– Bem, quero dizer, para esclarecer, as baratas são criaturas nojentas e não têm direito a fazer aqueles ruídos estaladiços quando estão a morrer. E, só para que conste: sim, a sério. Esmurrava quem fosse preciso. – E esmurrava mesmo. Pela minha irmã.

Ela pensa nas minhas palavras, depois salta para o chão e sacode o açúcar das mãos.

– Então, está bem. Acho eu.

A nossa conversa é interrompida pelo ruído de um motor a aproximar-se e os portões da escola abrem-se para deixar entrar o carro do nosso motorista. Quando chega perto de nós, o Li Shushu para o carro – somos as duas únicas alunas no *campus* – baixa a janela do seu lado e o ar fresco do carro atinge-nos, assim como o som de um programa de rádio chinês qualquer que ele está a ouvir.

– Desculpem – diz ele, espetando a cabeça calva fora da janela. – Tive de ir buscar a vossa mãe a uma convenção e depois fiquei preso no trânsito.

– Não faz mal – respondo. Enquanto a Emily vai buscar as nossas mochilas à relva, agora com os fundos de lona manchados de verde e molhados da humidade e terra, seguro a porta do carro aberta. Estendo a outra mão.

– Anda. – Aceno para ela. – Vamos para casa.

Capítulo 10

Apesar de ser a última coisa que tenho vontade de fazer depois do jogo de *ti jianzi*, no dia seguinte apareço a horas para a nossa primeira sessão oficial de treino de química. Como se veio a revelar, o Caz não estava a brincar quando falou de meios de transporte alternativos.

– Andas nisto para todo o lado? – pergunto, ao fitar a moto do tamanho de um cavalo que está parada junto aos portões do condomínio. Parece a moto que alguém da Máfia conduziria, ou a que um bilionário de 47 anos compraria para tentar estar na moda. A maior parte da moto está pintada de preto brilhante, das rodas aos bancos de couro, e tem riscas vermelhas cor de fogo pintadas dos lados. Não era exatamente o tipo de transporte de que estava à espera de encontrar num sábado de manhã, nem o que me ocorreu quando o Caz me enviou uma mensagem a convidar-me para ir com ele à sua banca favorita de *jianbing*, os crepes chineses de que tanto gosta.

– É linda, não achas? – pergunta o Caz, mas é claramente uma pergunta retórica. Quero dizer, está a acariciar os assentos com mais carinho do que alguma vez o vi demonstrar por alguém, incluindo as atrizes com quem contracena nas cenas mais íntimas.

Fico a olhar para ele, para o seu sorriso vencedor, e para a sua postura descontraída. Ao contrário de mim, o Caz parece não se lembra de todo do jogo humilhante. O que é típico dele. Na verdade, é típico de ambos. Ele continua a viver o seu dia sem uma preocupação que seja, enquanto eu fico a matutar sobre cada troca de palavras que tenho com ele e a questionar-me por que razão as coisas não me acontecem com a mesma facilidade.

– Uau – digo inexpressivamente, enquanto dou um passo hesitante em direção à monstruosidade de couro e lustro. Ainda é mais alta do que julguei quando a vi.

– O que foi?

– Tu... não és o tipo de rapaz que dá nome às motas, pois não? Referiste-te à moto como *ela*? – Caz não responde de imediato, ri-se e revira os olhos.

Cruzo os braços sobre o peito. O meu horror é exagerado, mas não é fingido. – Tu és esse tipo de rapaz, não és?

Ele sobe para a moto com ligeireza, senta-se com facilidade e ergue as sobrancelhas na minha direção.

– Isso seria algo inaceitável para ti?

– Sim, receio que só isso bastaria para acabar contigo. Sobretudo se o nome da tua moto for qualquer coisa como Beleza Negra. Ou Rebecca.

– Não eras capaz de acabar comigo – brinca ele, entregando-me um dos dois capacetes que tem pendurados no guiador. – Gostas demasiado de mim.

Não sei o que me chateia mais: a sua presunção arrogante ou a forma como faz o meu rosto arder em chamas só por tentar controlar os sentimentos que me invadem. *Isto é puramente profissional, lembra-te?* Prendo o capacete tão depressa quanto os meus dedos trapalhões permitem, nem que seja só para evitar o olhar dele.

Vou para trás do Caz e subo para o assento com o que deve ser o movimento menos gracioso do mundo, e quase lhe dou uma joelhada nas costas quando baixo as pernas de cada um dos lados.

– Obrigada pela dica para usar calças – digo-lhe, a minha voz um pouco abafada por baixo da proteção de rosto do capacete. – Pensei que estavas apenas traumatizado com o comprimento do vestido que usei no outro dia.

Ele vira ligeiramente a cabeça na minha direção.

– Eliza. Se não fosse puramente por motivos práticos, podias ter vindo vestida com um saco do lixo que para mim não faria diferença.

– Tens a certeza de que a tua reputação aguentaria um episódio dessa natureza? – Tento dizê-lo como uma piada, mas uma nota de amargura invade a minha voz. As fãs já começaram a publicar fotografias nossas juntos e a analisar o estilo dele e o meu. As mais simpáticas descreveram as minhas roupas como «despretensiosas» e «confortáveis», também «jovens e descontraídas». As menos simpáticas aconselharam-me a consultar os estilistas do Caz Song.

Talvez ele também tenha visto estes comentários, ou então ouviu o tom gélido da minha voz porque, em vez de me responder, fica algum tempo em silêncio.

Depois liga o motor e um milhar de tremores sonoros e violentos agitam a estrutura metálica da mota, ameaçando fazer-me cair.

– Segura-te bem – avisa-me ele.

Obedeço de imediato. Envolver os braços à volta do seu estômago e entrego o rosto entre as suas omoplatas. Assim tão perto dele sinto o calor da sua pele por baixo da *T-shirt* e a forma como os músculos se contraem sob os meus dedos.

Ele faz um som engasgado.

– Porra, com tanta força não...

– Não quero cair – protesto, mas afrouxo os braços um pouco, o suficiente para o deixar respirar.

– Não vais cair – diz ele, como se a mera sugestão fosse ridícula. – Eu não te deixo cair.

E, espantosamente, mantém a sua palavra.

Começamos a andar devagar, a uma velocidade constante pelas ruas, as minhas mãos ainda a segurar a parte da frente do tronco do Caz, a nossa sombra a perseguir-nos e a alongar-se mais nitidamente quando saímos das sombras do condomínio. O Caz vira-se para trás duas vezes para verificar se estou bem.

Quando assinto, ele mete uma nova mudança e começamos a acelerar, a paisagem ergue-se para nos cumprimentar.

E é lindo.

Tudo.

Como o Caz tem filmagens durante a tarde, decidimos sair bastante cedo e o céu tem o tom azul-pálido de uma aguarela. Pequim fica diferente a esta hora do dia. Parece de certa forma mais pacífica. As ruas alcatroadas e as estradas estão quase vazias, à exceção de um par de riquexós antigos e enferrujados e de alguns homens mais idosos com gaiolas de bambu com pássaros lá dentro, que murmuram para o ar difuso.

Ultrapassamo-los rapidamente e o verde das árvores e o brilho dos carros passam indistintos à nossa volta, as formas e as silhuetas iluminadas por trás misturam-se umas nas outras.

Então é esta a sensação, penso maravilhada enquanto inclino o rosto em direção ao Sol, permitindo que a luz dourada cor de mel se derrame sobre mim. Vejo o meu reflexo no espelho lateral. O meu rosto está iluminado por um sorriso rasgado, os olhos vincados, a camisa a esvoaçar com o vento. Pareço jovem. Delirantemente feliz. Quase não me reconheço.

É esta a sensação de ser uma adolescente comum.

De não ter medo.

De repente, a raiva que senti antes parece-me algo muito pequeno e insignificante.

Estamos algures no meio da cidade quando o Caz para a moto e a apoia no passeio de uma rua estreita. É o primeiro a desmontar, liberta o cabelo de estrela de cinema do capacete e a seguir ajuda-me a descer.

Cambaleio por um instante, ainda trémula com a adrenalina, e com os joelhos fracos de me agarrar com demasiada força ao assento, mas recomponho-me quando me encosto a um candeeiro de rua. É um alívio tirar o capacete tão pesado e sentir o ar a soprar-me o rosto.

O Caz olha para mim e desata a rir.

Fico petrificada, constrangida, porque não me lembro de alguma vez o ter visto a rir-se desta forma: a cabeça para trás e as covinhas do rosto tão fundas que parecem esculpidas na pele.

Depois diz:

– Eliza, o teu cabelo.

– O que tem?

Levo instintivamente as mãos ao cimo da cabeça e fico horrorizada quando o encontro completamente levantado... no ar. Está todo espetado como se tivesse apanhado um choque elétrico.

Espetacular. Simplesmente espetacular.

Franzo o sobrolho para esconder o meu embaraço e aliso rapidamente o cabelo para baixo com movimentos vigorosos. Depois, fito-o com fúria.

– Não digas nem mais uma palavra.

– Oh, vá lá, também não estava assim tão mal. Até achei muito estiloso...

– Não.

Ele abafa mais uma gargalhada e faz de conta que fecha os lábios à chave e depois que a atira para longe. Faz toda a pantomina e a seguir começa a conduzir-me pela rua abaixo.

– Então – digo um momento depois, quando já todo o deslumbramento e a adrenalina da viagem de moto se desvaneceram. As palavras que senti dentro de mim nas últimas 24 horas começaram a borbulhar e a sair dos meus lábios. – Provavelmente devíamos falar do que aconteceu ontem.

– O que aconteceu ontem?

Ele parece genuinamente confuso, o que só prova que a minha pior suspeita está correta. O Caz não se rala com as coisas como eu me ralo. Não tem de se preocupar em magoar-se, ou com as consequências dos seus atos, ou como um sorriso descuidado e um punhado de palavras de falsa simpatia podem conduzir à total ruína emocional de outra pessoa.

– A minha irmã – digo com os dentes cerrados. – Teres estado a jogar com ela e com as amigas. O que foi aquilo?

Ele para de andar de repente.

– Uau, espera lá. É por causa disso que estás tão irritada? Porque eu fui simpático para a tua irmã mais nova?

A forma como o diz, o juízo de valor no tom da sua voz, como se estivesse a ser difícil de propósito, deixa-me o sangue a ferver.

– Eu não estou irritada – digo bruscamente, passando à frente dele.

O Caz alcança-me numa fração de segundo.

– Não, claro que não estás. Até porque o teu tom de voz e a tua expressão estão supermeigos neste momento. Muito pacíficos. Não estás nada a fantasiar estrangular-me, nada disso.

Sinto-me tentada a corrigi-lo: *Estrangular-te não, mas esmurrar-te a cara,*

talvez.

– É só que... – Liberto uma grande baforada de ar por entre os dentes. – Não devíamos envolver as nossas famílias nisto, percebes? É demasiado confuso. Não quero que a minha irmã se torne num dano colateral quando acabarmos com esta nossa relação.

Fico à espera de que me dirija um comentário desagradável qualquer, mas quando levanta os olhos para olhar para mim, a sua expressão é invulgarmente séria. Envergonhada, até.

– Desculpa – diz, surpreendendo-me. – Acho que não tinha pensado nisso assim.

– Claro que não tinhas – murmuro.

– Ei, ouve-me. Se é assim tão importante para ti, não volto a fazê-lo, está bem?

A minha fúria enfraquece ligeiramente, embora mantenha a desconfiança em relação a ele.

– É bom que cumpras o que dizes – aviso, espetando um dedo na sua direção.

Ele fita-me com o dedo espetado, depois volta a olhar nos meus olhos, e um ar muito mais familiar, que me dá novamente vontade de o pontapear, espalha-se pelo seu rosto.

– Já alguma vez te disseram que por vezes consegues ser bastante assustadora?

Faço questão de começar a andar em frente sem sequer lhe responder.

A banca de *jianbing* fica aninhada entre um jardim de infância, um parque de estacionamento meio vazio e o que parece ser uma livraria já fechada. Dois homens magros e bronzados de quase 30 anos estão atrás do balcão. As suas testas estão reluzentes de suor devido à combinação do calor de verão, do grelhador ligado e dos uniformes de trabalho; ambos têm aventais e mangas de plástico por cima das camisolas de alças brancas largas.

Estão a acabar o pedido de uma jovem mãe quando nos aproximamos do passeio.

– Dois *jianbings*, por favor – pede o Caz num chinês local perfeito, depois olha para mim de relance e muda para inglês. – Queres beber alguma coisa? Leite de soja? Água? Chá gelado?

Ainda estou ocupada a tentar baixar o cabelo. Penso na pergunta e hesito, um pouco atrapalhada.

– Hum, pode ser leite de soja. Obrigada.

– É para já. – O Caz vira-se para trás e regressa suavemente ao chinês. – É só um copo médio de leite de soja, adoçado.

Os dois homens olham para nós com uma expressão curiosa, mas não dizem nada. Limitam-se a assentir e começam a preparar o pedido.

A maior parte dos ingredientes já estão dispostos na bancada, prontos para usar a qualquer instante: uma caixa meio cheia de ovos, frascos gigantes de molho de feijão-preto, coalhada de feijão encarnado e óleo de chili, uma taça de plástico com a massa crua e vários recipientes com vegetais frescos.

Observo enquanto um dos *chefs* espalha um pouco de massa sobre o grelhador circular com um movimento suave e contínuo, até formar uma película fina como papel que cobre toda a superfície quente. Repete o processo com dois ovos que parte para cima da massa, as claras a ficarem instantaneamente brancas em contacto com o metal quente, as gemas a deslizarem para o centro como se fossem dois sóis gémeos.

Poucos segundos depois, a massa transforma-se num crepe dourado e estaladiço. O homem coloca cebolinha e coentros cortados por cima, seguidos de carne de porco desfiada e coalhada de feijão, que é uma pasta espessa, e pedaços de massa finos e crocantes. O aroma apetitoso flutua no ar e mistura-se com o fumo que sai do grelhador.

O outro homem trata do empacotamento, corta o *jianbing* ao meio e coloca as duas partes num pequeno saco descartável, o vapor embacia rapidamente o plástico transparente. A seguir, sem dizer uma palavra, estende o saco na nossa direção.

O Caz assente para mim.

– O primeiro é para ti.

Se os meus pais estivessem aqui, provavelmente insistiriam para eu fazer aquela coisa de: não-não-é-para-ti, para trás e para a frente até um de nós ficar sem fôlego ou morrer de excesso de educação. Mas uma vez que o *chef* continua com o braço estendido e o *jianbing* cheira mesmo muito bem, digo apenas:

– Tens a certeza?

O Caz consegue sorrir e ao mesmo tempo revirar os olhos.

– Eliza. Aceita e pronto.

Por isso, aceito-o. O saco está tão quente que me queima os dedos e acabo por fazer uma pequena dança cómica ao passá-lo de uma mão para a outra para ver se não me queimo mesmo.

– Hum, *xiexie* – digo ao *chef*, que continua a olhar para mim com uma expressão estranha.

O homem troca um olhar com o outro e ambos abanam a cabeça enquanto se riem. A seguir diz qualquer coisa, mas a pronúncia regional dele é tão cerrada – ou, melhor dizendo, as minhas capacidades no chinês são tão limitadas – que não consigo perceber mais nada a não ser *can*. Que soa exatamente como: *reunião, suborno, inteligente* e talvez mais 50 palavras em chinês.

Por isso, o homem pode estar basicamente a dizer qualquer coisa.

Viro-me para o Caz para ele me ajudar.

A sua expressão é imperscrutável, mas traduz de imediato o que o homem disse.

– Ele está a dizer que ficou surpreendido por saberes dizer obrigada.

– Oh. – Olho de relance para os *chefs*, sem saber bem o que achar do comentário. Não é exatamente um elogio, mas talvez esteja a ser sensível demais. Se calhar ele nem quis dizer aquilo com má intenção...

Mas depois o outro *chef* cruza os braços e pergunta:

– *Ni haishi zhongguoren ma?*

Desta vez percebo perfeitamente a pergunta: Mas tu és chinesa sequer?

Sinto o rosto a arder. De repente já não tenho assim tanta fome.

O Caz pigarreia ao meu lado.

– Ele disse...

– Sim, eu percebi o que ele disse. – A minha voz que se quebra de forma embaraçosa indica o começo de algo puro e cru e tenho de desviar os olhos de todos eles. Em vez disso, baixo a cabeça e fito uma pastilha elástica mastigada que está na estrada. Nem sequer faz sentido ficar tão perturbada por causa de um comentário feito sem razão...

O problema é que já o ouvi antes, muitas vezes. Já ouvi todas as versões possíveis desta pergunta: *És americana? És inglesa? És daqui perto? És mesmo chinesa?*

Não sei. Às vezes torna-se mesmo cansativo ter de estar sempre a explicar a nossa identidade às outras pessoas.

Depois de termos recolhido os dois pedidos, o Caz e eu caminhamos em silêncio durante algum tempo, sem um destino claro. Sei que devíamos estar a aproveitar este tempo para nos conhecermos melhor e aprendermos mais coisas um sobre o outro, mas nenhum de nós parece saber o que dizer. Os salgueiros decoram um dos lados da estrada e a brisa passa pelas folhas caídas, cantando a sua canção suave. O Sol já está mais alto no céu inteiramente azul; tudo está azul sobre nós e, no meio dos dois, silêncio.

É o Caz quem o quebra primeiro.

– Duvido que ele o tenha dito com essa intenção...

– Está tudo bem, Caz – digo, com a tentativa de uma gargalhada. – Não precisamos mesmo de falar disto. Quero dizer, nem há nada do que falar.

– Bem, é evidente que estás aborrecida.

– Não estou...

– Estás, sim. E tens outra vez aquela expressão no rosto. – Ele para a meio da rua, empina o queixo para a frente e morde o lábio inferior, fazendo uma imitação minha que é ao mesmo tempo irritante e incrivelmente precisa.

Levanto uma mão para bloquear o rosto dele.

– Eu não pareço nada assim, nem pensar – minto. Depois, quando se torna

evidente que ele não acredita na minha explicação, desisto. – Não importa. Tu também não ias entender.

– Porque não? – desafia-me.

Paro de caminhar de repente.

– *Porque não?* Estás a falar a sério?

– Claro que estou – diz ele com firmeza, os olhos escuros fixos em mim.

– Caz. Isto não é... Tu não tens este tipo de problemas, percebes? – As palavras saem-me muito depressa, com demasiada honestidade, num só fôlego amargurado e rarefeito. – Tu pertences a todo o lado. És bem-vindo em todo o lado. Seja numa passadeira vermelha, num jogo tonto entre crianças ou na cafetaria da escola. Encaixas-te perfeitamente em qualquer lugar, nem sequer precisas de tentar e... comigo não é assim.

Pressinto a sua surpresa e desejo imediatamente não ter dito nada. O que é que o Caz Song tem que me faz querer escancarar a minha vida para ele, e ao mesmo tempo construir um muro de três metros à minha volta?

– Isso até pode ser verdade na escola – diz ele finalmente, com o maxilar cerrado. – Mas, às vezes, na minha própria casa... – E para de falar. É outra vez como aquele momento no parque: parece estar a lutar contra si mesmo a respeito de qualquer coisa, como um menino a balançar na beira de uma piscina enorme, sem saber se é suficientemente segura para mergulhar. Depois de tanto tempo, ele continua a revelar tão pouco de si de forma espontânea. – Às vezes também me sinto assim – é o que acaba por dizer. É uma meia resposta; uma cedência; um pé levantado no ar, o outro firmemente fincado no chão. Uma sugestão de que pode ter mais profundidade do que aquela que lhe atribuí.

Esta trégua precária alonga-se entre nós.

Dou uma dentada no meu *jianbing* e inicialmente não me sabe a nada, sinto apenas o calor escaldante que me deixa a língua dormente, mas a seguir o sabor salgado da pasta de feijão começa a inundar-me a boca e o aroma do óleo da fritura volta a abrir-me o apetite. Algo em mim se suaviza.

– É bom – digo-lhe com alguma relutância.

– Ainda bem que gostas – responde ele.

Sentamo-nos no passeio e comemos o pequeno-almoço enquanto observamos a cidade a acordar. E acho que é bom, não obstante tudo o resto. Viver aqui. Estar aqui com o Caz. Mesmo que Pequim ainda não seja completamente como uma casa para mim, momentos como este dão-me esperança de que um dia possa vir a ser.

Um acesso de tosse do Caz arranca-me dos meus pensamentos.

A parte melodramática do meu cérebro, que está programada para presumir sempre o pior de tudo, pensa de imediato: *Oh, meu Deus. É agora. Ele vai contar-me que sofre de uma doença crónica qualquer, que manteve tudo*

em segredo durante este tempo todo porque não quer que ninguém se preocupe com ele, mas só tem dois meses de vida. Vamos acabar numa montagem deprimente dos seus últimos dias comigo, com uma série de pores do Sol da cor do sangue e caminhadas vagarosas pela praia até ele cair simplesmente à minha frente e...

– Desculpa – diz o Caz, estremecendo ligeiramente. Levanta o seu crepe. – Isto... eles normalmente não poem chili nos crepes.

O meu coração abrande e o pânico desvanece-se.

– Espera. Tu não toleras comida picante?

– Claro que tolero – resmunga ele, mas tem o rosto demasiado corado e não faz qualquer movimento para tocar novamente na comida.

– Oh, meu Deus. – A situação é tão inesperada que os últimos fiapos da minha fúria se dissipam e solto uma gargalhada. Quando começo a rir, não consigo parar. Todo o meu corpo se agita com risadas que não consigo reprimir até estar quase dobrada sobre mim mesma no passeio. – Oh, meu Deus. Isto é espetacular.

– Como é que é espetacular? – pergunta ele sem emoção. – O que pode esta situação ter de tão espetacular?

– É só que... de todas as coisas que podias... – Engasgo-me no meio da minha própria histeria. – Quero dizer, conseguiste fazer uma série de acrobacias com um braço partido e aguentar as dores, mas não consegues aguentar um pouco de picante?

Ele franze o sobrolho para mim, embora perceba que não está zangado a sério.

– Tinha imenso, está bem? Pelo menos dois chilis inteiros...

– Oh, por favor, para com isso. – Agarro-me ao estômago, a rir ainda mais.

– Para... desculpa. Eu é que não consigo parar. Não consigo mesmo.

– Fico feliz por achares a sensibilidade das minhas papilas gustativas tão hilariante.

– Pronto, pronto, vou parar... deixa-me só recuperar um pouco... – Inspiro profundamente com se estivesse a começar a meditar enquanto o Caz fica a olhar para mim, sem se deixar impressionar, o que só me faz desatar a rir novamente. Nem sequer sei o que encontro de tão engraçado nesta situação. Talvez não seja engraçado, talvez esteja apenas feliz, embora também não faça muito sentido. Quando me acalmo finalmente e consigo formar frases completas, estendo o meu *jianbing* como se fosse uma oferenda. – Se quiseres, podemos trocar. Juro que o meu não tem ponta de picante.

O salgueiro por cima da nossa cabeça ondula enquanto falo e as folhas de um dos ramos roçam o meu rosto.

O Caz afasta o ramo de mim e inclina a cabeça, avaliando-me.

– Tens a certeza de que não estás a tentar enganar-me? Não envenenaste o

teu crepe nem nada?

– Juro que não. Mas olha que já dei algumas dentadas nesta metade, não sei se te importas com... – E, de repente, a situação torna-se constrangedora; sinto-o no ar. *Consegui* fazer disto uma ocasião desconfortável. Como consigo sempre.

Mas o Caz recupera rapidamente. Agarra no meu *jianbing* como se não houvesse o menor problema, sorri um pouco e diz-me:

– Para a próxima vamos a um sítio que tenha comida mais suave.

– Para a próxima – repito, surpreendida por descobrir que estas sessões de treino de química já não me desagradam tanto como antes.

Capítulo 11

A escola agora é diferente.

Melhor, de certa forma. Já não dou por mim a temer tanto as viagens de carro até à escola, em que chegava a ficar fisicamente doente; já não preciso de ficar a pairar com tanto desconforto à porta das salas de aula. Não que, de repente, me tenha tornado superpopular – continuo a almoçar sempre sozinha no terraço do telhado –, mas as pessoas parecem ter finalmente aceitado a minha presença.

Não sou ingénua ao ponto de não saber que, em parte, isto se deve ao facto de estar com o Caz Song. Mas também se deve aos meus textos que a Craneswift tem publicado.

O meu número de seguidores tem aumentado rapidamente, todos os dias surgem mais alguns milhares e o número de gostos e de partilhas aumenta também. É tão entusiasmante quanto aterrorizador.

Este é o tipo de amor pelo qual tenho rezado, comentaram algumas raparigas num dos meus textos mais recentes, «Dançamos à Luz dos Candeeiros de Rua, Beijamo-nos Sob o Luar», a versão ficcional do Caz Song e eu juntos na rua do nosso condomínio até à meia-noite.

Esta é a prova de que o amor existe, comentaram outras pessoas embevecidas noutro texto em que conto como atravessámos a cidade juntos e vi Pequim do assento de trás da moto do Caz Song, intitulado simplesmente: «Ele Jura que Não me Vai deixar Cair.»

E quando não estou a descrever os nossos encontros, as nossas conversas queridas e falsas, ou a fazer referências veladas ao próximo filme do Caz para ajudar a aumentar o interesse, dou por mim na nada merecida posição de dar conselhos amorosos. *É importante sermos emocionalmente honestos*, escrevo num dos artigos, saboreando a ironia aguda das minhas próprias palavras. *Não tenham medo da vulnerabilidade*. Ou, num dos outros artigos para a coluna Amor e Relacionamentos: *Sei que agora impera a tendência popular de dizer «Sou forte e independente e não preciso de ninguém», mas a verdade é esta: nós*

precisamos de pessoas. Pessoas que possam rir e chorar connosco, que consigam fazer com que os dias maus sejam suportáveis e os dias bons melhores ainda; pessoas que se lembrem do que nos esquecemos e que nos ouçam, mesmo quando não nos entendem completamente; precisamos de pessoas que também precisem de nós. Não tem nada a ver com força e tudo com sermos seres humanos.

Claro que a Sarah Diaz está completamente extasiada com a forma como as coisas estão a correr.

– As pessoas adoram – elogia ela, quando fazemos a nossa chamada quinzenal para pormos a conversa em dia. – Estão investidas nos teus textos. E isso é muito importante, sabes? O teu último texto sobre a banca de petiscos onde comeste com o Caz – *tão queridos*, já agora, e as fotografias deixaram-me com água na boca – acabou de atingir quarenta mil visualizações.

– Eu sei – respondo e a seguir coro, porque pareço estupidamente convencida e não era nada a minha intenção. – Quero dizer, hum. Obrigada.

A Sarah desvaloriza o meu embaraço com uma gargalhada descontraída.

– Oh, por falar disso, Eliza, o que achas se fizéssemos uma entrevista?

– Uma... entrevista?

– Sim. Uma entrevista. – A Sarah é muito mais paciente comigo do que mereço. – Sei que já debes ter recebido alguns convites, mas este veio endereçado diretamente para nós, aqui na Craneswift. É para uma empresa de comunicação bastante grande sedeadada em Pequim, mas que trabalha para o público ocidental, por isso a localização e a língua não devem ser um problema. E eles foram muito elogiosos no *e-mail* que enviaram. Percebi que estão bastante interessados no teu passado e adorariam que tu e o Caz aparecessem juntos.

– A sério – digo vagamente, a minha cabeça ainda a tentar interiorizar tudo o que ela acabou de dizer.

– Então, o que te parece? – pergunta. Antes de conseguir responder, a Sarah antecipa-se. – Eu sei que isto é tudo um pouco avassalador. Mas pensa na *exposição*. Uma coisa destas iria fazer maravilhas pela tua carreira, Eliza, sinto-o.

Um pouco avassalador é o eufemismo do século. Isto é *muito* avassalador. E por vezes, em alturas como esta, em que fico dolorosamente consciente da magnitude da minha mentira, da velocidade a que tudo está a acontecer, de que vou desembestada em frente e não tenho travões, os meus pulmões parecem encolher e tenho uma visão muito clara e meio histérica de ser atirada para a cadeia, de ser expulsa da escola ao pontapé e de ser colocada numa lista negra literária permanente por ter inventado aquele texto...

Mas não... *respira*, Eliza. Respira. Tento respirar.

Ainda ninguém desconfiou de nada a respeito da minha história de amor com o Caz. Quero dizer, já tivemos um punhado de sessões de treino de

química e parecem estar a funcionar bastante bem, até porque nunca mais lhe dei nenhuma palmada accidental.

Mas mesmo assim...

– Parece-me... interessante – respondo, enquanto procuro uma forma segura de abandonar esta conversa. – Posso, sim, provavelmente posso fazer isso.

Alguna coisa do lado da Sarah faz um barulho enorme.

– Ai, desculpa. – A sua voz surge mais baixa, abafada, como se estivesse a agarrar o telefone entre o ombro e o ouvido. Acho que ouço o barulho de madeira e uma asneira dita muito baixinho. – Um... um quadro de Jesus Cristo acabou de cair da parede, sei lá porquê. Que estranho.

Se eu fosse minimamente religiosa, ia sem dúvida encarar isto como um mau presságio.

– De qualquer forma, o que estavas a dizer acerca da entrevista? – A sua voz volta a aumentar de volume e a ter o habitual tom animado.

– Não, é só que... bem, vou ter de perguntar ao Caz – digo-lhe, sabendo que não o vou fazer. – E também... pensar um pouco mais. Posso dar-lhe uma resposta daqui a algum tempo?

– Claro que sim, Eliza. – Mas consigo ouvir a desilusão dela, por muito bem que tente disfarçá-la. – Não quero que te comprometas com alguma coisa com a qual não te sentes confortável.

Pois, para isso já vamos um pouco tarde, é tudo o que consigo pensar enquanto desligo. Sinto o estômago pesado, como se estivesse cheio de pedras.

Não se passa muito tempo até se tornar bastante claro que a entrevista é a menor das minhas preocupações.

Três dias antes de o Caz Song fazer 18 anos, apercebo-me de que não faço a menor ideia do que lhe vou oferecer. Quero dizer, de certeza que abundam os conselhos sobre os presentes adequados a cada fase de um relacionamento, mas nenhuma das revistas *online* tem um guia do que oferecer ao nosso namorado quando a relação é apenas um embuste.

Também não ajuda o facto de estarmos a falar *do* Caz Song. O que podemos oferecer a um rapaz que já tem tudo no mundo?

Estou tão desesperada à procura de respostas que, naquela noite já tarde, acabo por consultar a Emily – e arrependo-me quase de imediato.

– Vieste falar com a pessoa certa – assegura a Emily, mas aos meus ouvidos parece-me mais: *Estes vão ser os minutos mais dolorosos da tua vida*.

Estamos ambas sentadas à mesa de jantar, com uma taça gigante de mangas amarelas cortadas em cubos e morangos fatiados, com dois garfos ao lado. A minha mãe refugiou-se novamente na sala do lado para ligar ao Kevin

do Marketing (de vez em quando ouvimo-la a suspirar e a dizer qualquer coisa como: *Não, uma festa na piscina não seria de todo apropriada – não, mesmo que imprimíssemos o logótipo da empresa nas bolas de praia, Kevin!*) e o nosso pai está ocupado a preparar as anotações para uma leitura de poesia que vai fazer amanhã numa universidade prestigiada qualquer.

– Vou certificar-me de que crias o melhor presente de todos os tempos – continua a Emily com dramatismo, batendo com o seu punho minúsculo na mesa. – Qualquer pessoa que já tenha tido um namorado vai chorar de vergonha. Não terão outra escolha senão fazer-te uma vénia profunda e...

– Está bem, Emily, também não é preciso tanto. – Pigarreio. – Só preciso de, tipo, uma ideia aceitável. Não precisa de ser assim tão extraordinário.

– *Uau*. – Ultimamente a Emily tem recorrido muito ao sarcasmo. Acho que está a começar a entrar na sua fase adolescente. – O *Caz tem tanta* sorte em namorar contigo.

Reviro os olhos e espeto um cubo de manga com o garfo.

– Pois, é isso. Dá-me algumas ideias e pronto.

Como resposta, rouba-me o cubo de manga com o outro garfo.

– Ei...

– Estou a pensar – diz-me enquanto mastiga. Não é muito frequente pedir conselhos à minha irmã e ela está evidentemente a gostar demasiado da situação.

– Podes pensar mais depressa? Só tenho três dias para resolver este problema.

– Tudo bem, mas a culpa é tua – diz ela, o que é irritante, mas infelizmente verdade.

Nunca fui o tipo de pessoa que procrastinasse nos trabalhos de casa nem nada do género, mas tenho uma certa tendência para evitar tudo o que considero desconfortável. Quando tive de deixar a minha escola em Londres, queria dizer pessoalmente à professora de Inglês que nos íamos mudar. Mas sabia que ela gostava mesmo muito de mim e que ia chorar à minha frente quando lhe desse a notícia, provavelmente ia fazer um discurso de despedida dramático e todo este cenário imaginário deixou-me tão desconfortável que acabei por adiar até entrarmos no avião para sair de Londres, e, claro, nessa altura já era tarde demais para dizer o que quer que fosse. O mais certo é ela agora achar que morri, ou que estou em coma, já que deixei de ir à escola de um dia para o outro.

Se o constrangimento pudesse ser um pecado mortal, seria certamente o meu.

– Ei, e se lhe escrevesse uma carta de amor? – sugere a Emily, com os olhos brilhantes. – Seria tão querido, assim como as pessoas faziam antigamente... sabes, no ano 2000! E podias escrever sobre como...

– Não. – Abano a cabeça mesmo antes de ela acabar a frase. – Não, de maneira nenhuma. – A simples memória do Caz a ler o meu texto em voz alta na arrecadação do encarregado continua a fazer-me encolher com tanta força que os meus músculos começam a prender. Uma carta escrita diretamente para ele seria ainda mais íntima e mil vezes mais embaraçosa. Além disso, ia escrever o quê? *Meu querido Caz, as rosas são vermelhas, as violetas são azuis, não namoramos de verdade, mas tem um aniversário feliz...*

– Então, e se lhe fizesses um livro de recortes? De todos os momentos queridos que já passaram juntos? – sugere a Emily sem se deixar desencorajar, levando mais dois pedaços de manga à boca. – Ou uma colagem de fotografias com citações românticas.

Faço uma careta.

– Tens alguma ideia de um presente menos... hum, pessoal?

– Mas a ideia de um presente de aniversário é mesmo ser pessoal – protesta ela.

É difícil rebater este argumento, por isso opto por uma meia mentira.

– É que acho que a nossa relação ainda não chegou a essa fase.

– Ah, pois, tens razão – concorda a minha irmã com seriedade. – Devias guardar essas ideias para o vosso primeiro aniversário. Ou para o casamento.

Quase me engasgo. Embora saiba que ela está meio a brincar – ou assim espero – continua a ser um pouco preocupante que considere a possibilidade de ficarmos juntos durante tanto tempo. O Caz não deve ter qualquer lugar no meu futuro e certamente não no da minha família.

Mais uma razão para esta história toda da relação falsa ser uma tremenda confusão.

– Espera, já sei! – diz a Emily espetando o garfo no ar, depois para mim, o que me parece vagamente ameaçador. – Devias fazer-lhe cisnes de papel.

– Tipo, *origami*?

– Sim. – Assente rapidamente, com os rabichos a saltitar por todo o lado. – Vi um vídeo no YouTube de uma rapariga que os fez para o namorado. Ela fez um cisne por cada dia em que estiveram juntos e dentro de cada papel estava um elogio, para ele ler.

– Estou a ver... – Na verdade, não me parece má ideia. À exceção de um detalhe. – Mas não vou escrever elogios nenhuns ao Caz, a autoestima dele não precisa de mais incentivos. Talvez possa escrever-lhe outra coisa.

A Emily encolhe os ombros.

– Bem, não te esqueças de que vais ter de dobrar *muitos* cisnes.

– Pois. – Faço um cálculo mental rápido de todos os dias que estivemos juntos. – Cerca de oitenta.

A minha irmã faz uma pausa. Franze o sobrolho na minha direção.

– Espera lá. Mas vocês não namoram desde, tipo, junho?

Caraças.

– Oh, queria dizer... – *Pensa depressa, Eliza*. Obrigo o meu rosto a manter um ar inexpressivo, livre do pânico que me inunda as veias. – Passaram-se mais ou menos oitenta dias desde que assumimos o namoro oficialmente. Publicamente.

Pelo canto do olho procuro sinais de que ela não se deixou convencer por esta explicação, mas a Emily assente, confia em mim. Claro que confia, e isto faz-me sentir ainda pior.

Ainda assim. Não vale a pena demorar-me nestes sentimentos.

Passo o resto da noite a ver tutoriais no YouTube sobre como dobrar cisnes de papel, passo a passo. Preciso de algumas dúzias de tentativas e tenho de ir roubar folhas de papel colorido à secretária da Emily, mas, perto da meia-noite, acabo por lhe apanhar o jeito.

Há algo quase terapêutico nestes movimentos simples e repetitivos, em estar sozinha à noite no sossego do meu quarto, a alisar os finos quadrados de papel uma e outra vez sob as palmas das mãos, a ouvir a minha lista de músicas no Spotify em repetição, a mesma que fiz com a Zoe antes de partir e que contém todos os nossos artistas favoritos: Taylor Swift, Jay Chou e BTS.

Enquanto faço os cisnes, penso no Caz. Convencido, vaidoso e irritante, ele consegue, não sei como, continuar a surpreender-me. O mesmo que aceitou a proposta bizarra que lhe fiz e a única razão pela qual cheguei até este ponto sem ser apanhada na minha mentira. O Caz, que é mais engraçado do que a maior parte das pessoas supõe e mais meigo do que eu alguma vez pensei que fosse. E, não obstante as minhas melhores intenções de o manter ao longe, apesar de saber que daqui a uns meses esta nossa relação vai acabar, não consigo evitar sentir-me... uma sortuda. Afinal, quantas pessoas neste mundo podem dizer que viram como é o Caz Song quando está do outro lado das câmaras?

Por isso, quando acabo de dobrar os quadrados de papel, escrevo um pequeno e tímido desejo em cada um dos delicados cisnes:

Espero que consigas sempre apanhar o teu comboio.

Espero que o teu aniversário calhe sempre a um fim de semana ou feriado.

Espero que consigas cada papel para o qual fazes audições.

Espero que tenhas sempre um guarda-chuva quando chove.

Espero que consigas sempre o último pacote dos teus snacks favoritos.

Espero que fiques sempre com o lugar à janela.

Quando chego ao último cisne, o meu despertador está a piscar. São seis da manhã. Estou exausta e já quase sem ideias, e talvez seja por isto que deixo escapar a verdade para um dos quadrados:

Espero que te lembres de sentir a minha falta quando tudo isto acabar.

Na manhã do aniversário do Caz, acordo algumas horas mais cedo para lhe fazer um bolo.

A atividade acaba por se revelar bastante mais difícil do que estava à espera. O bolo sai todo esquisito, melado e notoriamente cor de laranja, apesar de ter seguido cada uma das instruções escritas no blogue de uma mãe qualquer que faz bolos, e cuja receita só encontro no fim de uma dissertação de três parágrafos a explicar como o filho é muito esquisito com a comida. Fico à espera na cozinha silenciosa e de luz difusa, com a esperança de que, ao arrefecer, o bolo fique com melhor aspeto, mas este limita-se a encolher e a ficar enrugado nas extremidades, como uma triste peça de fruta seca.

A Zoe também não ajuda muito.

– Olha... o bolo devia ficar dessa cor? – pergunta ela, a semicerrar os olhos através do ecrã. Encostei o meu telemóvel em cima do balcão, ao lado das varas sujas da batedeira e das taças de massa, para ela poder ver o produto final. Ela devia ter-me ligado antes de almoçar, para me ajudar e dar conselhos enquanto eu fazia o bolo, mas acabou por se atrasar com um trabalho que tinha de entregar ao meio-dia.

– Talvez seja da luz – digo com esperança.

– Talvez – alinha ela.

Ambas observamos o bolo murcho durante um instante. Depois, solto um suspiro, limpo as mãos cheias de farinha ao avental e volto a abrir a porta do frigorífico.

– Deixa lá. Vou ter de... vou tentar novamente. Não ia querer provocar-lhe uma intoxicação alimentar no dia dos anos dele.

– Ah, pois, tens razão. Com esses ingredientes chineses e tudo.

Os meus dedos congelam por cima da caixa dos ovos. Levanto a cabeça rapidamente.

– Espera. Como?

– Como? – ecoa ela, igualmente confusa.

Mas entendo o que quis dizer mais depressa do que a Zoe.

– Eu estava a falar das minhas *habilidades* para a confeção de bolos, não dos ingredientes locais – respondo, e o tom brusco e defensivo da minha própria voz apanha-me desprevenida.

– Oh. – A Zoe pigarreia, tem uma expressão desconfortável no rosto. – Bem, só queria dizer que... quero dizer, ainda no outro dia estava a ler um artigo que dizia que em Pequim usam óleo reciclado para confeccionar a comida, o que me parece um tanto ou quanto horrível e pouco higiénico e...

– E partiste imediatamente do princípio de que toda a comida que temos aqui é feita com óleo reciclado? – pergunto.

– Não, eu... claro que não. – A Zoe abana a cabeça. Fita-me. – Estou

confusa. Porque é que estás a ficar tão chateada com isto?

Abro a boca, depois fecho-a. Porque não sei como explicar o que me está a deixar tão zangada, por que razão me sinto tão... territorial. Ainda na outra semana perguntei à minha mãe se era seguro comer os biscoitos fritos que comprámos na rua, e também, sem dúvida que já ouvi os rumores de que há sítios que usam óleo reciclado, até já fui avisada por alguns locais. Talvez isto faça de mim uma hipócrita.

Mas também pode ser aquela lógica irracional que se aplica quando alguém insulta a nossa família; por exemplo, eu posso queixar-me à vontade da Emily quando ela me rouba a comida ou monopoliza a casa de banho, mas aí de quem se atrever a dizer uma palavra má sobre a minha irmã. Talvez seja dolorosamente pessoal ouvir a Zoe a falar de Pequim nestes termos, porque esta cidade não é dela para a poder insultar.

Claro que isto levanta a questão: desde quando é que Pequim se tornou minha para a defender?

– Eliza? – chama a Zoe, a dúvida nas suas feições aumentada pelo ecrã do telemóvel. – Estás bem?

Uma parte da minha fúria inicial dissipa-se o suficiente para poder pensar com clareza. É possível que esteja a ser demasiado dura com a Zoe e, de qualquer maneira, não é motivo para ter uma discussão enorme com ela, sobretudo porque há muito tempo que não temos oportunidade de conversar. Certo?

Solto uma longa expiração. Volto a concentrar-me. Toco na pulseira da amizade já puída que uso no pulso.

– Sim, estou bem – digo-lhe, e a minha voz colabora, acalmando-se antes de as coisas se descontrolarem.

– Bem, se tens a certeza...

– Tenho a certeza.

– Eu não queria... não queria mesmo estar a fazer suposições – diz ela com a voz mais baixa enquanto aproxima o telemóvel do rosto. – Peço desculpa, a sério. Só agora me apercebi como soou mal. Não tinha mesmo intenção de o dizer desta forma.

Parto outro ovo, mas faço-o com demasiada força; a casca estilhaça-se entre os meus dedos com um estalido suave e pequenos pedaços caem para a taça. *Caraças.*

– Oh, não te preocupes com isso – digo, distraída, sentindo a frustração a aumentar dentro de mim. – Só tenho de... tenho de fazer isto... – Tento tirar todos os pedaços de casca com uma colher, mas o processo demora uma eternidade e exige-me demasiada concentração para conseguir manter uma conversa ao mesmo tempo.

– Posso ligar-te mais tarde? – digo finalmente, combatendo uma careta.

– A que horas?

Depois das aulas, começo a dizer, mas depois lembro-me do fuso horário.

– Tipo, amanhã a esta hora?

– Não posso, amanhã tenho um encontro com a Divya e outros alunos da escola.

– Na quinta-feira?

Ouçõ alguns ruídos do lado dela, como se estivesse a folhear uma agenda.

– Não. Não, desculpa. Tenho um teste de química mesmo importante...

Hum, e se fosse na sexta de manhã, no meu fuso?

– Já tenho uma chamada marcada com a Sarah, sabes, da Craneswift?

– Certo.

– Muito bem, então... – Faço uma pausa e pouso a colher. De repente, não me consigo lembrar do que costumávamos fazer, como combinávamos estas chamadas. Mas tenho quase a certeza de que não costumava ser assim tão difícil. – Nesse caso... adeus, por agora?

– Hum. Adeus.

E a seguir a Zoe desliga, deixando-me com o ecrã do telemóvel vazio, a massa de bolo com cascas e com a vaga sensação, mas persistente, de que alguma coisa não está bem – e não é só o meu jeito para fazer bolos. Mas agora não tenho tempo para psicanalisar isto.

À medida que o Sol sobe lentamente pela janela da cozinha, misturo e envolvo farinha como se a minha vida dependesse disto, até que consigo produzir um bolo hediondo, mas bastante menos alaranjado. Coloco-o numa das caixas de plástico de restaurante que a minha mãe insiste em guardar.

Acho que o que conta é a intenção.

Decido dar os presentes de aniversário ao Caz antes do almoço.

Ele começou recentemente a rodar um romance *xianxia* com um orçamento altíssimo, que se baseia numa novela *online* superpopular e por isso já não aparece para as aulas da manhã, por isso, este é o primeiro momento em que posso despachar isto. Vou entregar-lhe os presentes e depois esquecer tudo durante o resto do dia.

Mas, à medida que me aproximo do cacifo do Caz, com o frasco de cisnes de papel nas mãos, as velas e o bolo guardados no fundo da minha mochila, sinto duas coisas a serpentear por entre as costelas.

Esperança.

Uma esperança tonta e perigosa.

E medo.

Devia ser fisicamente impossível estes dois sentimentos coexistirem dentro de mim – esta leveza idiota que me inunda o peito, que me levanta, e esta

sensação de peso no fundo do estômago. Mas agora, em plena luz do dia, com o Caz aqui à minha frente, tão infelizmente bonito como sempre, sou obrigada a admitir que o que escrevi naqueles cisnes de papel não foi apenas a expressão da minha exaustão.

A verdade é que sou bem capaz de estar a desenvolver um fraquinho pelo Caz Song. Como a perfeita idiota que sou.

Apesar de o nosso acordo já ser suficientemente confuso. Apesar de isto fazer de mim só mais uma rapariga encantada, de olhos brilhantes e rosto corado, com o coração ao pé da boca.

Como se quisesse provar o meu argumento, neste preciso instante o grupo de amigos do costume do Caz entra no corredor dos cacifos e rodeia-o de repente.

– Feliz aniversário, meu – diz o Daiki, dando uma palmada no ombro do Caz enquanto os restantes repetem os votos com sonoros gritos de viva. Com um sorriso rasgado no rosto, a Savannah mostra um dos bolos mais bonitos que alguma vez vi na vida.

O meu coração cai-me aos pés.

É o tipo de bolo coberto de creme branco, com várias camadas e decoração elaborada que não pareceria deslocado num casamento elegante. No cimo tem delicadas flores azuis que caem para o lado do bolo, assim como pérolas brilhantes. Alguns alunos que estão a observar a cena arquejam e outros aproximam-se na esperança de conseguirem uma fatia.

Subitamente, o bolo que fiz parece-me ridículo.

A própria ideia de o fazer foi absurda. Como foi absurda a esperança que senti.

Já estou a afastar-me e a ponderar dar o bolo para a Emily comer ao almoço, quando ouço alguém chamar o meu nome.

– Eliza! Eliza, espera!

Viro-me, surpreendida. O Caz vem a abrir caminho por entre a multidão, passando pelos seus fãs adoradores. E vem na minha direção. De repente apercebo-me de que, pior do que ter uma paixoneta por uma estrela, é ter consciência do que sinto. A minha pulsação acelera e se este fosse um dos filmes românticos do Caz, no fundo estaria a tocar uma música lamechas e lenta.

Oh, por favor.

Isto é tudo o que eu temia.

– Bolas, tu andas depressa – diz ele, a abanar a cabeça. Atrás dele, os amigos estão às cotoveladas uns aos outros, a olhar para nós como se estivessem a ver um episódio particularmente fascinante de uma série dramática, olhos arregalados e bocas entreabertas. A Savannah ainda está com o bolo gigante nos braços.

– Ah, pois, é que tenho, hum, tenho planos, por isso... – Obrigo-me a sorrir, mas de repente não consigo lembrar-me se costumava sorrir-lhe. Ou, pelo menos, dirigir-lhe um sorriso tão rasgado. Tenho pavor de que se veja um sinal luminoso mesmo por cima da minha cabeça a projetar os meus sentimentos. O Caz Song não pode descobrir em circunstância alguma que gosto dele; as consequências são quase demasiado humilhantes para as imaginar sequer.

Ele olha para mim com uma expressão estranha.

– Está tudo bem?

– Sim – assinto com força. *Caramba, Eliza, controla-te e age com normalidade.* – Sim, tudo perfeito. Por...porquê?

– Por nada – diz ele lentamente. Depois os seus olhos pousam sobre o frasco de cisnes que tenho nas mãos. – O que é isso?

– Não é nada. – Escondo rapidamente o frasco atrás das costas, mas mesmo assim sou um pouco lenta demais.

– Parece um presente – diz o Caz, dando um passo em frente.

– Pois, mas não é.

Ele ergue uma sobrancelha.

– Tens a certeza?

– Absoluta. Cem por cento de certeza.

Algo semelhante a incerteza trespassa o rosto dele durante o mais breve dos momentos. É como se tivesse ficado desiludido, como se eu tivesse o poder de o desapontar.

A ideia é ridícula, insana, na verdade, mas sinto-me a vacilar.

– Quero dizer, pronto, é um presente, sim, mas... Não leves isto demasiado a sério, está bem?

E depois quase atiro o frasco para cima dele.

O Caz apanha-o facilmente com uma mão e vira-o enquanto o observa. Parece não entender do que se trata até que vê as palavras escritas nos cisnes. Sinto-me demasiado nervosa para olhar para o rosto dele enquanto lê alguns dos desejos, tenho medo de ver no seu rosto uma possível expressão de desdém, de tédio ou, pior, de coisa nenhuma. Ele deve receber este tipo de presentes em todos os encontros com as suas fãs. O mais certo é não ter a menor importância para ele.

Mas depois diz o meu nome uma vez, com uma voz suave, e levanto a cabeça com surpresa. Ele está tão óbvia e genuinamente comovido, a gratidão que sente tão claramente espelhada no seu olhar, que mal consigo suportar. Este nível de intimidade. A forma como faz o meu peito aquecer.

Age com normalidade, não te esqueças.

– E também fiz um bolo – resmungo, levando a mão à mochila.

A expressão desaparece dos seus olhos e solta uma gargalhada.

– Por que razão pareces tão zangada com isso?

– Porque sim. O bolo ficou mesmo muito feio.

– Tenho a certeza de que estás a exagerar... – começa por dizer. Depois mostro-lhe o bolo meio queimado, meio desmoronado e amarelo. Ficamos ambos a fitá-lo por alguns instantes. Juro até que consigo ouvir algures ao longe uma centena de *chefs* de pastelaria a soltarem um lamento coletivo. – Pronto, tudo bem – admite o Caz. – Está um bocadinho feio.

Resfolego.

– Obrigada por seres honesto.

– Sempre às ordens. – Depois faz uma pausa. – Então. Queres partilhar o bolo comigo? – Percebo que não espera realmente que responda que sim. Até agora, recusei todos os convites que me fez e preferi sempre almoçar sozinha em vez de forçar conversas de circunstância com os seus muitos amigos, bastante mais populares do que eu. Felizmente, se as pessoas acham suspeito que nunca almocemos juntos, nunca me disseram nada.

Mas enquanto hesito, o Daiki e os outros, que estavam a ouvir a nossa conversa descaradamente e sem qualquer tipo de vergonha, aproximam-se de nós.

– Podemos partilhar entre todos – diz a Savannah, com a voz alegre, com a Nadia e a Stephanie a assentirem em concordância.

Depois, para minha surpresa, a Nadia entrelaça o braço esguio no meu, como se nos conhecêssemos desde sempre.

– Vamos lá. Estamos todos a *morrer* por te conhecer um pouco melhor. Quero dizer, o Caz tem sido tão secretista em relação a ti.

– Oh. Obrigada – respondo, mas depois apercebo-me de como esta resposta deve ter parecido pouco inteligente. Um pouco atrapalhada, continuo: – Mas, hum, vocês já têm um bolo e não quero estar a intrometer-me...

– Os bolos nunca são de mais – diz a Stephanie, adotando uma voz dramática e profunda, como se fosse uma anciã muito erudita.

– Sábias palavras – concorda a Nadia. – Além disso, os sabores são diferentes. Tipo, o nosso é de chá e açúcar mascavado e o teu é...

Segue-se um momento de humilhação em que todos os amigos do Caz se debruçam para olhar para o bolo deformado que tenho nas mãos enquanto tentam classificá-lo.

– O teu é... de variedade caseira – diz a Savannah com educação.

O Caz solta uma gargalhada sonora que tenta abafar depois. Viro-me para o fitar, mas quando os nossos olhos se encontram, a gargalhada torna-se ainda mais forte.

É então que o Daiki se põe entre nós os dois.

– Pronto, pronto, pombinhos, parem lá de namoriscar durante um segundo...

– Nós não estávamos a namoriscar – protesto, pensando se um de nós desconhece fundamentalmente o significado do conceito. – Eu não... quero dizer, nem dissemos nada.

– Pois não, mas vê-se claramente nos vossos olhos – diz ele. – E essas merdas são ainda mais óbvias do que as palavras que podiam dizer.

Como se o meu rosto não estivesse já a arder, os outros começam a assentir.

– Agora que penso nisso, temos a certeza de que queremos passar a hora de almoço inteira com estes dois? – brinca Savannah.

– Bem, é o aniversário do Caz – argumenta a Nadia, puxando o meu braço para junto do dela, os nossos cotovelos a tocarem-se. – Ele há de querer a namorada no seu almoço de aniversário.

Todos se viram para mim com expectativa, incluindo o Caz, e a ideia de ter de fazer de conta que namoramos à frente do seu grupo de amigos tão bonitos e carismáticos que chegam a intimidar – e além disso ainda sentir a responsabilidade de causar uma boa impressão – dá-me a sensação de que vou explodir num acesso de urticária e sinto vontade de fugir do país e assumir uma nova identidade; mas a Nadia tem razão: é o aniversário dele.

E talvez uma pequena e imprudente parte de mim queira passar mais tempo com ele.

Antes de ter tempo para me acobardar, obrigo-me a assentir.

– Então, está bem. Vamos lá.

Mas à medida que nos aproximamos da mesa de canto onde o Caz habitualmente come, apercebo-me de um pequeno problema: falta-nos uma cadeira. Quando estou à procura de uma cadeira para mim, o Caz empurra a sua cadeira do costume na minha direção e faz um gesto elaborado para me sentar.

Abano a cabeça rapidamente, consciente de que alguns alunos já começaram a fitar-nos.

– Oh, não precisas de fazer isso. Posso encontrar outra...

– Não, deixa estar, eu vou – assegura. Mal as palavras saem dos seus lábios, uma rapariga de 8 ou 9 anos aparece, com o rosto corado, a empurrar timidamente uma cadeira na direção dele.

– Fe-feliz aniversário – diz ela com um guinchinho.

Ele sorri-lhe com educação.

– Muito obrigado.

É uma resposta simples, mas o rosto da rapariga fica da cor de um tomate e tropeça duas vezes no caminho de regresso até junto das amigas, que se riem e murmuram entre si.

– Sabes uma coisa – diz o Daiki do outro lado da mesa, com a Savannah já aninhada contra o seu peito largo –, um dia destes alguém vai acabar por se espetar de carro só porque olhaste na sua direção e depois vais ter de assumir toda a responsabilidade legal pelo acidente.

O Caz limita-se a revirar os olhos e senta-se, inclinando a cadeira para trás alguns centímetros.

Sinto que *devia* dizer alguma coisa – algo fixe, confiante e inteligente –, mas tenho a cabeça completamente vazia. E a proximidade atual da Savannah e do Daiki não está a ajudar muito. É assim que os casais devem comportar-se quando almoçam juntos? Também devia enroscar-me assim no Caz? Ou iria parecer demasiado deliberado, como se estivesse a copiá-los?

Depois ponho-me a imaginar qual seria a sensação de estar assim tão próxima dele, de apoiar o rosto no peito do Caz, mesmo por cima do coração, de o deixar pôr um dos seus braços fortes à minha volta...

– Ei. – O Caz toca-me no joelho por baixo da mesa e sobressalto-me, com o rosto muito corado.

– Sim?

Ele ergue uma sobrancelha enquanto os outros nos fitam com uma curiosidade evidente.

– Em que estavas a pensar?

– Em nada... Apenas... – Entro em pânico e digo a primeira coisa que me vem à cabeça. – Apenas no aquecimento global.

Deparo-me com uma série de olhares vazios. *Espetacular*, penso ao sentir o desespero a aumentar à medida que o silêncio se alonga. *É exatamente por isto que não convives com os amigos do Caz. Agora vão ficar a questionar-se por que raio ele havia de namorar com alguém que tem as mesmas capacidades sociais de uma planta de interior, ou um fetiche potencial pelas questões climáticas...*

Até que o Daiki assente solenemente.

– É uma questão superimportante, sem dúvida.

E, não sei bem como, a conversa centra-se então no último documentário ambiental que a Savannah viu, no novo sistema ecológico de separação do lixo que a China adotou, na angariação de fundos em que o Caz participou na última primavera, que a seguir os desvia para uma discussão sobre as melhores parcerias para ele: («Estou tão feliz por estares a trabalhar outra vez com aquela empresa de cosmética. Eles oferecem as melhores amostras de batons»). Os amigos do Caz são todos tão encantadores, simpáticos e divertidos, que é difícil não me deixar arrebatar um pouco por eles, como um camponês quando entra num palácio. É difícil não pensar que talvez as coisas possam ser diferentes nesta escola, com estas pessoas. Talvez os amigos do Caz possam, um dia, ser também os meus amigos.

Não sejas ingénua. Mato esta ideia antes de ela poder ganhar raízes. Já

acalentei esperanças semelhantes no passado e as coisas nunca correram bem. O meu problema não é fazer amigos, é conseguir mantê-los. Não há motivo nenhum para desta vez ser diferente.

– Eliza! – A Savannah vira-se de repente na minha direção, o risco dos olhos bem direito a vincar-se enquanto me sorri. – Queres que tiremos uma fotografia tua com o Caz?

Pestanejo.

– Para... para quê?

Mas esta deve ser uma daquelas coisas que os casais de verdade sabem fazer, porque ela responde-me como se a própria resposta fosse bastante óbvia:

– Bem, é o aniversário dele.

– Oh! E também devíamos pôr o bolo que fizeste na mesa – diz a Nadia, arrastando o meu bolo de ar extremamente tristonho para o centro da mesa.

– Isso é... Oh, não precisam mesmo de...

Mas os meus protestos constrangidos perdem-se no meio do entusiasmo barulhento e persistente e, mal dou por mim, a Savannah já está a levantar-se da cadeira nas suas botas altas de plataforma («Tudo pelo ângulo certo!»), de telefone na mão a acenar freneticamente para o Caz e eu nos aproximarmos mais.

Arrasto a minha cadeira para o lado dele e depois de um momento de hesitação, apoio o cotovelo no ombro do Caz.

A Savannah baixa o telemóvel por um instante e fita-nos.

A Nadia ri-se para a palma da mão.

– Mas vocês não namoram já há alguns meses? Por que razão estão a agir como se fosse o vosso primeiro encontro?

Agora já estão a meter-se connosco, mas sinto uma onda de medo ao pensar que, se não fizer alguma coisa em breve, esta desconfiança fingida pode transformar-se em algo verdadeiro. Desesperada, saio da minha cadeira e sento-me no joelho do Caz, depois ponho os seus braços em volta da minha cintura.

Apesar de fazer um esforço para não sentir, nem pensar em nada, durante este processo mortificante e demasiado íntimo, os músculos rijos do abdómen dele parecem retesar-se por um instante antes de o Caz decidir colaborar, puxar-me mais para si e apoiar suavemente o queixo no meu ombro.

– Assim está melhor – aprova a Savannah, voltando a levantar o telemóvel.

Mas mal registo o momento em que nos tira a fotografia; a única coisa em que me consigo concentrar é na força com que o meu coração bate, e rezo para que o Caz não consiga perceber que não tem nada a ver com esta atuação propriamente dita, mas sim tudo a ver com ele.

Isto nunca fez parte dos planos.

Pois não. Não passei metade da minha vida a erguer cuidadosamente estes

muros de três metros à minha volta para agora vir um rapaz-ator bonito, vaidoso e pouco confiável, e deitar tudo abaixo. Preciso de me ver livre desta paixoneta palerma – e depressa.

Capítulo 12

De regresso a casa, já escondida no meu quarto, crio um PowerPoint novinho em folha intitulado *Guia Passo a Passo Para Ultrapassar Uma Paixão Indesejada*.

Passei o resto do dia de escola a compilar artigos e colunas de conselhos, assim como todos os recursos disponíveis que existem sobre o tema. Desvalorizo todas as dicas parvas como: «Dá tempo ao tempo», ou «Aceita os teus sentimentos» e adapto a informação à minha própria situação. Agora, só me resta seguir os conselhos que reuni.

Assim sendo, o Passo Um: Procura Coisas que Podes Odiar Nele.

Esta deve ser bastante fácil. Estalo os dedos e abro-os sobre o teclado. *Coisas que odeio...* Há uns quantos fóruns de antifãs, frequentados por pessoas que detestam figadalmente o Caz Song: é o lugar perfeito para procurar inspiração. No entanto, sinto-me estranhamente culpada por estar a consultá-los, é como se estivesse a cometer um ato de traição.

Depois leio alguns dos comentários:

@fionaxia: o Caz Song é tão falso que me deixa arrepiada. Vê-se logo que é apenas uma personagem criada pela indústria para conquistar as adolescentes desmioladas. Ele tem uma personalidade de verdade, por acaso?

@phoebe_bear: vamos ser francos: se o Caz Song não tivesse nascido com uma cara bonita, não seria ninguém. O seu talento é só mediano. Há tantas pessoas que merecem 1000 vezes mais sucesso do que ele.

@stanxiao-zhanistead: sou uma antiga fã (não me julguem). Costumava adorá-lo até ele ter pintado o cabelo. Quem me dera que voltasse a pintá-lo; agora parece tão feminino.

@cazno1hater: tenho uma teoria em como o Caz se envolveu com pelo menos dois mandachugas da indústria do entretenimento. Não existe literalmente outra explicação para ele continuar a ter estas oportunidades para protagonizar filmes tão importantes...

Mal dou por mim estou a cerrar tanto os dentes que até me doem e crio

uma conta com um nome falso só para responder aos comentários: *o Caz Song é MUITO mais talentoso do que tu alguma vez serás. Fazes lá ideia de como ele trabalha arduamente, seu pateta insignificante...*

Pronto, tudo bem, este primeiro passo talvez não seja tão eficaz como esperava. Concentro as minhas atenções no Passo Dois: Desenvolve uma Paixoneta por Outra Pessoa.

Ao longo das semanas seguintes, todas as manhãs obrigo-me a admirar fotografias de outras celebridades. Gong Jun. Deng Lun. Yi Yang Qian Xi. Jungkook. São todos muito atraentes. Objetivamente, sei que são. Porém, a minha pulsação mantém-se inalterada, não importa o tempo que fique a olhar para eles a incentivar-me para *sentir alguma coisa*. Mas não sinto nada, não até chegar à escola e ver o Caz a rir com os amigos, altura em que a minha pulsação começa a acelerar loucamente e o estômago se contorce às voltas.

Já desesperada, avanço para o Passo Três: Observa-o Mais de Perto. A lógica aparente por detrás desta sugestão é que as paixonetas são como as miragens; não se aguentam bem sob um escrutínio intenso. Por isso, ponho-me a observar o Caz, à procura de defeitos, de uma brecha na fantasia. Faço-o na escola e durante as nossas sessões de treino de química, enquanto exploramos a cidade e memorizamos tudo o que conseguimos sobre o passado um do outro. Observo-o no fim de novembro, início de dezembro, quando o Caz me leva a comer *kebabs* de borrego, batatas-doces assadas em papelotes, castanhas assadas com açúcar tão fragrantes que são capazes de nos fazer ficar com água na boca a metros e metros de distância. Observo-o no primeiro dia de inverno, quando o Caz me leva a um local que vende pães chineses altos, do tamanho da minha cara, salpicados com sementes de sésamo.

Observo-o constantemente...

E só reparo naquilo que não devo.

Por exemplo: que ele é sempre o primeiro a levantar a mesa e a limpar o nosso lixo sem dizer uma única palavra. Que fica com frio facilmente, o rosto fica gretado com a mais ligeira das brisas, mas recusa-se a usar camadas extra de roupa se achar que não lhe ficam bem, o que de alguma forma não é tão irritante quanto devia ser. Que ele nunca perde a paciência quando não consigo decidir o que pedir e que nunca se ri de mim quando faço perguntas tontas sobre a forma como a comida foi confeccionada.

Hoje levou-me a uma banca de massa caseira perto do Lago Houhai e o sentimento continua aqui, enroscado contra as minhas costelas. Esta paixão maldita e teimosa da qual não consigo livrar-me.

Dizem que mais tarde é capaz de nevar. É nisto que estou a pensar enquanto regressamos de mota. Que vai nevar e como estou secretamente entusiasmada por ver neve, por senti-la contra a minha pele. Já me esqueci de como é Pequim com neve. Espero que seja linda.

Estamos quase a chegar a casa quando reparo que o meu pulso direito está despidido. Demoro mais um segundo a perceber exatamente por que razão esta imagem é tão estranha...

A pulseira.

A minha pulseira desapareceu.

– Não – murmuro, a minha voz abafada por baixo do rugido do motor.

A moto vai demasiado depressa para poder parar e procurar um pequeno pedaço de fio, mas mesmo assim tento e procuro nos bolsos das calças de ganga, nas mangas, alimentando a mais ténue das esperanças de que, com o vento, talvez se tenha apenas emaranhado no tecido ou no meu cabelo.

Mas não encontro nada.

Quer dizer que deve ter caído pelo caminho, algures entre a banca de massa e o ponto em que estamos. Talvez até a tenha perdido antes, quando estávamos a comer junto à margem congelada do lago, a soprar ar morno para aquecer as mãos...

– Está tudo bem? – pergunta-me o Caz, olhando para mim pelo espelho lateral.

– Eu... – Passa-me pela cabeça a ideia de desvalorizar a perda da pulseira, de agir como se tudo estivesse bem e ir para casa chorar sozinha. *Afinal, é só uma pulseira velha.* E apesar de ter mantido a minha no pulso desde que a Zoe ma ofereceu, se pensar mesmo nisto, há algum tempo que não a vejo a usar a dela. Há meses, até. Mas respondo ao Caz: – Podes deixar-me descer? Preciso... preciso de encontrar uma coisa.

O Caz não me questiona; pressiona os travões e para suavemente a moto junto ao passeio. Assim que a moto começa a inclinar-se perigosamente, já sem o apoio do impulso do motor em andamento, ele salta e endireita-a para me ajudar a descer.

Quando estamos em segurança no chão, pergunta-me:

– O que precisas de encontrar?

– A minha pulseira. É azul, bastante fina e... – Procuro uma descrição mais específica. Sinto a minha cabeça meio dormente e ao mesmo tempo muito cheia, ocupada por mil pensamentos que competem entre si, nenhum deles útil para a situação. No fundo, já estou a começar a desconfiar de que nunca mais vou ver a minha pulseira. – Uso-a sempre e...

– Eu sei qual é. – O Caz está a olhar para lá de mim, na direção da cidade que acabámos de atravessar. Depois o seu olhar concentra-se no meu e estou à espera de uma manifestação qualquer de impaciência, ou pelo menos de confusão por estar tão afetada com uma coisa tão pequena. Mas em vez disso, ele pergunta: – Há quanto tempo desapareceu?

Sinto a garganta a comprimir-se.

– Só reparei há alguns instantes, mas... pode estar desaparecida há mais

tempo. Pode estar em qualquer lado.

– Duvido. – A sua expressão é agora pensativa. – Vi-te com ela quando pedimos a massa, por isso deves tê-la perdido no caminho até aqui. Não deve estar muito longe.

Enquanto fala, já está a passar uma perna para o outro lado do assento da moto e a fazer-me sinal para montar atrás dele.

Hesito.

– O que estás a fazer?

– Podemos seguir o caminho de volta até à banca da massa – diz ele, elevando a voz para se ouvir por cima do motor, o seu rugido já familiar a enviar pequenos tremores sobre o passeio. – Vou devagar, por isso fica atenta ao chão, está bem?

Sinto a agitação do pânico e não é só por causa da pulseira. Ele está a ser demasiado bondoso, demasiado atencioso. Demasiado *adorável*. Se o deixar ajudar-me, se lhe confiar esta missão, então a minha paixão vai certamente crescer e tornar-se maligna. Não vai haver PowerPoints bem documentados, nem fotografias bonitas do rosto do Gong Jun que me ajudem a livrar-me dela.

Mas está a arrefecer e o Caz continua à minha espera e nem eu acredito que consiga encontrar a pulseira sozinha, a pé.

– Está bem – respondo lentamente, subindo para a moto e envolvendo a cintura dele com os braços. Assim que o faço, algo dentro de mim se encaixa no seu devido lugar, como se este gesto tão pequeno já tivesse determinado o meu destino.

– Agarra-te com mais força – avisa-me ele. – É perigoso andar por aí com a neve no chão.

Hesitante, aproximo-me mais dele, até conseguir sentir o calor da sua pele, não obstante o frio.

– Mais força.

– O quê? – Sinto o rosto a corar. – Mas eu já estou...

Ele emite um pequeno som, como um suspiro, e agarra-me nos pulsos, puxando-os mais até ficarem por cima do seu estômago rijo, todo o meu corpo comprimido contra o dele.

– Não quero ser legalmente responsável por nenhum acidente – diz ele, por cima do barulho do motor.

E começa a busca. Olho para cima e para baixo nas estradas, semicerro os olhos para os proteger do vento, fito cada valeta e brecha nos passeios, cada folha que vejo no chão, até a minha visão começar a ficar cansada.

E nada.

Por cima de nós, o céu é uma tela de branco e calma puros, que cobre todos os centímetros quadrados que percorremos, até que os primeiros flocos de neve se libertam e começam a cair para a terra. Caem cada vez mais flocos

suaves e espessos de neve gelada. Pensei que já me tinha esquecido disto, mas a sensação da neve a cair-me nas pestanas e a derreter-se sobre o material plastificado do meu casaco preto acolchoado é estranhamente familiar, como uma velha amiga.

Mas não encontro a pulseira.

A neve acrescenta a noção de que o tempo está a esgotar-se; assim que o chão estiver coberto de branco, será impossível encontrar o que quer que seja. E estamos a ficar sem tempo.

Mas quando estou prestes a desistir e a pedir ao Caz que volte para trás, vejo-a.

Um vislumbre de azul na minha visão periférica, algo caído mesmo à beira da estrada.

A minha respiração sobressalta-se, a esperança enche-me os pulmões.

– Para! – exclamo. – Está ali, acho que está ali.

Assim que o Caz para a moto, desato a correr. A estrada já parece mais feita de gelo do que de asfalto e os meus pés escorregam duas vezes, o peso do meu corpo inclina-se precariamente para a frente antes de conseguir equilibrar-me, para depois correr mais depressa. Os meus dedos fecham-se sobre o fio fino, no instante em que uma brisa suave o sopra.

Uma sensação de alívio invade-me as veias como morfina, amenizando o pânico que senti, até que a pulsação regressa mais uma vez ao seu ritmo normal. Expiro e seguro a pulseira ligeiramente húmida contra o peito. Está aqui. Ainda a tenho.

– Encontrei?

O Caz caminha na minha direção e assinto uma vez, embaraçada, agora que a urgência da situação de desvaneceu. Quero dizer, que tipo de pessoa se preocupa tanto com um pedaço de fio?

Ele deve estar a pensar exatamente isto, porque fita a pulseira, depois os meus olhos e diz:

– Usas muito essa pulseira.

Volto a assentir, sabendo que ele procura uma explicação, mas sem ter a certeza se devo dar-lha ou não. Quanto do meu coração posso revelar? Mas o que ele fez, sem qualquer hesitação e aparentemente sem esperar nada em troca, faz-me vacilar. Talvez não faça mal. Talvez possa confiar nele, só um pouco.

– É uma pulseira da amizade. Da Zoe. – *A minha melhor amiga*, é o que quero acrescentar, mas alguma coisa faz com que a minha boca se feche completamente, encurralando as palavras familiares na garganta.

Ainda na outra noite, quando estava a escrever o rascunho para um texto, abri o Spotify para ouvir a nossa *playlist* e descobri que o nome tinha mudado de «êxitos favoritos de zoe+eliza» para «gravações para divya». Racionalmente

falando, isto é uma coisa pequena. Insignificante. Mas as amizades não se constroem exatamente de coisas pequenas? Pulseiras puídas, mensagens noturnas tardias e compilações com as nossas músicas favoritas?

Quando tiramos estas coisas, ficamos com quê?

Claro que não digo nada disto em voz alta, mas o Caz deve ver a mágoa no meu rosto, porque me pergunta baixinho:

– Tens saudades dela?

Abraço o meu próprio corpo. Expiro para o ar gelado.

– Tenho saudades de muita gente.

E acredito que este é o meu grande e derradeiro erro fatal. Sentir saudades de pessoas que não sentem saudades minhas. Agarrar-me a pedaços de fio que não deviam ter tanto significado assim. É preciso tão pouco para eu amar alguém e tanto tempo para conseguir avançar com a minha vida.

Quando o Caz estaciona a moto em frente aos portões do condomínio, a neve já engrossou.

– Jie! Caz!

Viro-me para trás com o capacete ainda na cabeça, um pouco trémula quando os meus pés tocam no passeio coberto de gelo, e vejo a Emily a vir na nossa direção por entre a bruma branca. O seu rosto redondo está rosado com o frio, as tranças despenteadas enfiadas por baixo do gorro de malha às bolinhas, um guarda-chuva por cima da cabeça e outro pendurado no cotovelo.

– Olá, miúda – diz o Caz quando a minha irmã se aproxima. – O que fazes aqui?

Espero que a Emily resmungue com ele por lhe chamar *miúda*, como faz sempre comigo, mas em vez disso o seu rosto rasga-se num enorme sorriso. Depois, de forma ainda mais surpreendente, ela estende a mão e troca um cumprimento complexo com ele, uma espécie de aperto de mão com um *high five*, ambos executados com uma sintonia perfeita.

– O que... o que foi isso? – pergunto, afastando um floco de neve dos meus olhos.

– É o nosso cumprimento secreto – diz a Emily, depois aponta para o nosso apartamento lá ao fundo. – Eu e a mãe vimo-vos a chegar agora mesmo e ela disse-me para te trazer um guarda-chuva. Não tens de quê.

Mas não estendo a mão para pegar no guarda-chuva.

– Desde quando é que vocês têm um cumprimento secreto?

– Na outra semana convidaram-me para ir algumas vezes à aula de teatro da turma da Emily, para lhes dar algumas dicas – explica o Caz enquanto a minha irmã assente rapidamente e olha para cima para ele com uma adoração

mais do que evidente. – Criámos o cumprimento secreto durante os intervalos.

– O quê? – digo, mais bruscamente do que era minha intenção. Eu não lhe disse para deixar a minha irmã fora desta situação toda?

A Emily pestaneja para mim, espantada.

– Porquê? Qual é o problema?

– É só que... vocês não deviam... – Mas enquanto tento encontrar uma forma de ralar com ela sem lhe contar tudo, a voz do Caz interrompe os meus pensamentos.

– Eliza. – Está a estender-me a mão, à espera, e por um embaraço segundo penso que vai mostrar-me um cumprimento secreto também, ou até puxar-me para um abraço. Mas depois gesticula para o capacete que tenho na cabeça.

– Oh. Desculpa. – Começo a mexer no fecho, mas os meus dedos estão tão dormentes do frio que três tentativas depois ainda não o consegui abrir e tirar o capacete.

A Emily olha para o Caz com um olhar contundente.

– E então? Não a vais ajudar? Tipo, não é para isso que servem os namorados?

Sinto a pele a aquecer.

– Oh, não, não é mesmo preci...

– Não, a tua irmã tem razão – interrompe o Caz, dando um passo em frente, um sorriso divertido a puxar-lhe os lábios. Já está a entrar no seu papel de namorado modelo. Fico muito quieta enquanto ele se curva para ficarmos à mesma altura, os dedos frescos e esguios dele a pegarem nas correias por baixo do meu queixo, a nossa respiração a criar fiapos de nuvens no ar congelado e cinzento entre nós, os flocos de neve a ficarem presos nas pestanas escuras dele.

Mas ele demora muito tempo, ou talvez esteja tudo demasiado silencioso aqui, com os caminhos do condomínio desertos à exceção dos seguranças, porque o meu coração começa a bater tão depressa como se tivéssemos vindo a correr para casa.

Subitamente, tudo isto é demasiado real para mim. A sua proximidade, o olhar intenso, o cumprimento secreto com a minha irmã mais nova quando os dois nem sequer deviam *conhecer-se*. Eu posso ter aceitado que não controlo aquilo que sinto pelo Caz, que até pode vir a correr tudo bem, desde que nunca faça nada com base nos meus sentimentos. Mas já não é só o meu coração que está em jogo, é o da Emily também.

Chego-me para trás tão depressa que o meu cabelo fica preso no fecho do capacete. Puxo-o com força, ignorando a pontada de dor que provoca e o ar surpreendido do Caz.

– Obrigada pelo passeio – balbucio, ansiosa por fugir dali. – E por, tu

sabes, toda a ajuda para encontrar a minha pulseira. Agora é melhor irmos para casa...

– Para casa? – pergunta a Emily. – Então e o Caz? Ele pode vir connosco? Sinto-me trespassada pelo pânico.

– Isso está...

– *Por favor?* Por favorzinho? – pede ela, olhando para mim com olhos de cachorrinho abandonado. Raios partam a miúda, sabe mesmo o que está a fazer. – Podemos apresentá-lo à mãe; aposto que ela também ia adorar conhecê-lo. E até podíamos ver um dos filmes dele juntos. Oh, meu Deus, não era tão fixe?

Não. Não era nada fixe. Mas as palavras ficam-me presas na garganta e, para meu horror, uma cena começa a desenrolar-se na minha cabeça: tudo o que a Emily acabou de descrever, tingido com um suave brilho dourado, como se fosse uma sequência de imagens de um sonho. O Caz a cumprimentar a minha mãe na cozinha e a sentar-se connosco no sofá, o braço à volta dos meus ombros enquanto nos viramos para a televisão e...

Para minha surpresa, é o Caz quem começa a falar:

– Eu gostava mesmo muito, miúda, mas... a verdade é que hoje à tarde tenho de voltar para o estúdio. – Apesar de estar a falar com a Emily, os seus olhos estão fixos em mim, com uma expressão cheia de significado no olhar. Percebo que se *lembra* do que lhe pedi. Ele lembra-se da nossa conversa depois do jogo de *ti jianzi*; das minhas preocupações, dos meus avisos. – Talvez noutra altura, está bem?

– Oh – diz a Emily, desanimada. E apesar de não dever, também eu sinto uma pontada de desilusão.

– Bem, mais uma vez, obrigada – agradeço ao Caz, pegando na mão fria e pequena da Emily e acenando-lhe constrangida com a outra. – E boa sorte para as filmagens. – Depois, em vez de ficar ao pé dele, como realmente quero fazer, levo a minha irmã para casa. Enquanto o faço, apercebo-me de que cada vez é mais difícil virar as costas ao Caz Song.

Capítulo 13

À medida que nos aproximamos das férias do Novo Ano Lunar, os dias começam a passar mais depressa, como já é habitual. Assisto a mais aulas entediantes. Faço mais testes, mais trabalhos de casa que não servem para nada e almoço mais vezes no terraço do telhado. Acordo com mais comentários aos meus textos, tantos que já nem tenho tempo para responder a todos.

As coisas com a Craneswift também estão cada vez mais agitadas. Agora que tenho uma falange de seguidores mais substancial, a Sarah insiste bastante em dar aos leitoras aquilo que desejam – o que, neste caso, é quase sempre mais textos sobre o trabalho do Caz.

Não te importas??

Escrevo numa mensagem que lhe envio quando está fora em filmagens. Como sempre, sinto aquela pontada estranha, meio de ansiedade, meio de culpa, que me assalta de cada vez que o meu estágio exige alguma coisa que nos envolva a ambos. *Posso visitar-te no estúdio?*

Segue-se uma pausa antes de os três pequenos pontinhos aparecerem no ecrã. Ele está a escrever. Depois os pontinhos desaparecem. Voltam a aparecer.

Por fim, o Caz responde:

OK. Mas tens de prometer que não te ris.

– Oh, meu Deus – digo quando saio do carro, uma hora depois.

Nunca estive no estúdio de um verdadeiro filme dramático, mas é quase exatamente como o imaginei: há ecrãs verdes gigantes pousados sobre a relva a bloquearem pedaços do céu; as equipas de filmagem e maquilhagem entram e saem de tendas improvisadas; os adereços, como espadas e cítaras chinesas, estão espalhados por todo o lado, deixados a congelar no frio do exterior. Tiro uma nota mental rápida de tudo isto, já a pensar em formas de introduzir estes detalhes do cenário no meu texto.

A equipa está a meio da rodagem da última sequência de luta e fico praticamente de queixo caído quando vejo o Caz a alguns metros de distância.

Quase não o reconheço.

Para começar, ele está a usar um robe. Não um robe de banho ou de dormir, mas um verdadeiro quimono, historicamente quase perfeito, com dragões bordados nas laterais e mangas largas, ondulantes. Parece ser feito de seda verdadeira; cada vez que o Caz muda de posição, o tecido preto ondula e cintila sob a luz do Sol. Não consigo descolar os olhos dele. De certa forma, esta roupa faz com que o Caz pareça mais velho, mais alto e mais intimidante, apesar de lhe tapar o corpo quase todo.

Depois há o cabelo que, enfim, não é dele, mas uma peruca. Metade foi apanhado em cima e preso com uma coroa elaborada, mas o resto cai-lhe pelas costas como um rio de tinta lustrosa.

– Novamente! – grita uma mulher atarracada, de meia-idade, que presumo que seja a realizadora, porque está atrás dos monitores das câmaras. Faz um gesto impaciente com uma mão. – Caz, certifica-te de que viras a cabeça para este lado quando... – Não percebo o resto das indicações, já que as faz numa torrente de chinês rápido e com uma pronúncia acentuada.

Mas o Caz parece entender imediatamente. Levanta o polegar para a realizadora e ajusta logo a posição do corpo, levantando com a mão uma espada de aspeto bastante real, com uma expressão de concentração inabalável. Tem o maxilar cerrado, o olhar aguçado e a sua habitual postura descontraída desapareceu.

Cinco homens vestidos de assassinos precipitam-se na direção dele e o Caz vira-se de repente. Desfere golpes com a espada. Baixa-se para se desviar.

Os seus movimentos são velozes e fortes como relâmpagos. A espada corta o ar numa sintonia perfeita com os outros atores, numa espécie de dança violenta, ao mesmo tempo elegante e épica. Quando volta a atacar com a espada, dois homens caem ao chão.

Um sorriso triunfante rasga-se no seu rosto.

– Oh, meu Deus – repito para com os meus botões, a minha voz a soar um pouco rouca.

Porque, apesar de já achar há algum tempo que o Caz Song é fisicamente atraente, aquilo que mais me excita desde sempre é a competência.

E, segundo parece, o Caz é inacreditavelmente competente naquilo que faz.

Ele continua a desempenhar o resto da sequência de luta com o mesmo grau invejável de controlo e precisão. As mãos tornam-se borrões indistintos à medida que as move impecavelmente entre as várias posições, e só quando a realizadora grita «Corta!», é que ele abrande e baixa a espada.

Tem a testa húmida com transpiração e está a respirar um pouco mais depressa. Algumas madeixas de cabelo soltaram-se do carrapito, mas todo o seu rosto cintila de vida. Parece até eufórico. Como quem não se importaria de repetir toda a cena final mais vinte vezes.

Até que me vê.

Antes de ter tempo de recompor a minha expressão, o canto da sua boca ergue-se naquele trejeito que secretamente tanto adoro, com as covinhas no rosto e os dentes brancos brilhantes. É quase demasiado, e quero muito acreditar que este sorriso é real, que é só para mim. Mas ainda há poucos segundos testemunhei como ele é um bom ator.

– Não estás a rir-te de mim – diz o Caz à medida que se aproxima, o quimono a ondular atrás dele. – Estou surpreendido.

– Pois não estou, porque não há nada do que me rir – respondo, tentando uma abordagem descontraída, mas falhando terrivelmente.

Parece que me esqueci da entoação normal da voz das pessoas.

– Hum. – Subitamente, debruça-se na minha direção com um brilho nos olhos. – Espera, não me digas. Isto... – Aponta para si mesmo, para o fato e sinto logo vontade de morrer. – *Isto* deixa-te entusiasmada?

– Não. – Mas sinto o rosto a corar. – Não sejas ridículo...

– Estou a aprender tanto sobre ti, Eliza...

– Oh, meu Deus...

– Este é um momento muito significativo no nosso relacionamento – continua ele, quase sem conseguir manter uma expressão séria, – A sério. Se soubesse que gostavas deste tipo de coisas...

– Imploro-te que não acabes essa frase.

Felizmente, quando começo a ponderar mudar-me para o Deserto de Gobi ou para um sítio ainda mais longínquo, alguém grita o nome do Caz ao longe.

– Anda, vem comigo – diz ele, estendendo-me a mão. – Vou mostrar-te o estúdio.

Aceito a sua mão, sabendo que o gesto serve apenas para manter as aparências, mas mesmo assim sinto a minha pulsação a acelerar. O Caz leva-me para o outro lado do cenário. Enquanto caminhamos, observo-o a erguer-se, com o sorriso amplo e a postura a assumir uma versão diferente de si mesmo. O Caz cumprimenta todos os maquilhadores e figurantes pelo nome, ri-se de piadas que eu era capaz de jurar que ele não acharia engraçadas, e para a meio do caminho para pousar para fotografias com alguns dos atores secundários; o queixo virado no ângulo perfeito, o cabelo cuidadosamente penteado. Um pouco mais à frente, mostra-me o equipamento, explica-me com detalhe como os adereços funcionam e como algumas cenas são gravadas, como os arames são velhos e já deviam ter sido substituídos há meses, mas ainda servem bem para as acrobacias aéreas.

É material útil, tudo detalhes que posso incluir no texto que vou escrever mais tarde, mas estou profundamente consciente de que não sou a única pessoa a observar o Caz. Para onde quer que vamos, há inúmeros pares de olhos que o seguem e o peso e intensidade deste facto são como um holofote escaldante apontado mesmo a nós. Os realizadores, a equipa de filmagens e

outros membros do elenco. Teoricamente, sempre soube que o Caz está sob uma pressão enorme, mas é muito diferente estar aqui com ele e ver em primeira mão como tem de trabalhar arduamente só para se certificar de que não põe um pé em falso em frente a esta gente toda.

Não posso arruinar todo o seu esforço, diz uma voz tímida dentro da minha cabeça. Não posso complicar mais a sua carreira já complicada, revelando que tenho uma paixoneta por ele, quando sei que não há a menor possibilidade de ele sentir o mesmo por mim. A melhor coisa que posso fazer para o ajudar é continuar com o nosso acordo sem causar dramas desnecessários.

Paramos em frente a um cenário concebido para parecer o exterior de um palácio – metade do ecrã é azul, a outra metade é uma fachada de pilares de pedra ornamentados e perfeitamente realistas – onde estão a acabar de gravar outra cena.

– Aquele é o Mingri – murmura o Caz, apontando para um dos dois atores que estão à nossa frente. – A personagem dele é o general órfão quando era novo. Infelizmente, fez um pacto de irmandade ali com o Kaige – aponta para o outro ator –, que acaba por se revelar o príncipe herdeiro do reino inimigo, e o assassino do seu pai.

– Trágico – comento, o que me faz ganhar o suave e familiar sorriso retorcido.

O Mingri parece ter no máximo 20 anos, mas tem aquele tipo de rosto, com olhos amendoados e covinhas que surgem mesmo quando não está a sorrir, que o faz parecer eternamente jovem não obstante a sua idade.

Ao seu lado, o Kaige parece ser o seu oposto absoluto. Também tem 19 ou 20 anos, mas a expressão sombria esculpida nas suas feições e as linhas duras e rígidas do rosto fazem-no parecer alguém que já viveu muitas décadas. Também me parece estranhamente familiar, embora tenha a certeza de que nunca me cruzei com ele.

Assim que o realizador grita para cortar, os dois rapazes vêm ter connosco. Bem, o Mingri toma a liderança, o Kaige limita-se a segui-lo, com os olhos baixos e uma expressão imperscrutável, a arrastar os calcanhares o caminho todo.

– Bem, bem, a própria estrela veio visitar-nos – diz o Mingri em chinês, fazendo aquela coisa estranha que os rapazes fazem muito, que é dar um abraço só com um dos braços. Depois sorri para mim. – E trouxe consigo a famosa escritora!

O Kaige acena simplesmente na minha direção.

– Vá lá, Kaige. – O Mingri vira-se para o outro ator e dá-lhe uma cotovelada nas costelas. – A primeira vez que o Caz traz a namorada até ao estúdio e nem sequer lhe vais dizer olá?

Os olhos do Kaige arregalam-se brevemente, olham para o ponto em que o

Mingri lhe deu a cotovelada e a seguir fica com as orelhas vermelhas. Depois franze o sobrolho.

Interessante.

– Olá – diz o Kaige para me cumprimentar, embora a sua voz tenha um tom cuidadoso. Ou sou eu que estou a imaginar coisas? Antes de conseguir perceber o que se passa, ele olha para o Caz e os dois trocam um olhar que não consigo interpretar. Uma referência a alguma conversa antiga a que não assisti.

O Caz abana a cabeça uma vez e o Kaige pigarreja.

– Bem, se me dão licença – murmura, antes de se ir embora sozinho na direção oposta.

Segue-se um longo momento de silêncio.

Então não foi mesmo imaginação minha.

– Hum – comento. – Fiz alguma coisa que o... ofendesse ou...

– Não – responde rapidamente o Mingri, dirigindo-me um sorriso tímido.

– Não te preocupes com ele. Ele é naturalmente um pouco cético com as relações que os atores como nós têm com pessoas fora da indústria.

Franzo o sobrolho.

– O quê? Porquê?

– Então, porque é um pouco difícil de gerir, não é? – diz o Mingri, parecendo surpreendido com a minha pergunta. Ao meu lado, o Caz está muito quieto, o maxilar tenso. – Estamos sempre a filmar qualquer coisa e os nossos horários são intensos, recebemos sempre muito pouca ou demasiada atenção, e em alguns casos os fãs conseguem ser amorosos, mas noutros são bastante... *extremos*. E a grande questão com as celebridades é que, sabes como é, só conseguimos obter acesso a uma parte das suas vidas, e nem sequer é à parte mais significativa. A maior parte das pessoas não se satisfaz com isso.

– Oh. – Agora já me lembro de onde conheço o rosto do Kaige, embora não seja exatamente o *seu*, mas o da sua irmã, Kailin, que é uma conhecida atriz de comédias românticas. No ano passado circulou uma notícia gigantesca porque ela namorava com um contabilista. Agora já não me lembro bem dos detalhes, mas a separação dos dois foi muito feia, muito pública.

– Mas não te preocupes – repete o Mingri, com um sorriso ainda mais largo. – Há sempre uma exceção à regra e seja lá o que vocês estão a fazer, está claramente a funcionar.

Obrigo-me a soltar uma gargalhada débil e, com alguns segundos de atraso, o Caz faz o mesmo.

Quando o Caz acaba finalmente de filmar as suas cenas, dou por mim numa mesa de canto, numa casa de chá de bolhas, com ele e com o Mingri. O espaço está todo pintado em tons de azul e cor-de-rosa e a decoração chique

do interior parece ter sido exclusivamente pensada para atrair os *influencers* da Internet para tirarem fotografias bonitas. Deve estar a funcionar: todos os clientes que aqui estão são bastante mais bonitos e atraentes do que a média, e numa das mesas, um grupo de raparigas vestidas só com roupas de marca tem estado a olhar de modo guloso para o Caz desde que aqui entrámos. Tento ignorá-las e compor mentalmente o texto que vou escrever mais logo. Talvez comece por descrever os fatos de época, a sua textura ao perto, como me senti ao ver o meu namorado a mover-se com aquelas roupas históricas...

O Mingri solta um suspiro sonoro.

Levanto os olhos. Deve ser a décima vez que ele suspira desde que chegou o seu chá cremoso de manga, ou seja, há cinco minutos e dois grupos de *influencers* atrás.

O Caz ergue uma sobrancelha.

– Passa-se alguma coisa, Mingri?

– Não.

– Então está bem. – O Caz encolhe os ombros e volta a olhar para o menu das bebidas.

O Mingri abre a boca, depois fecha-a de repente e fica a fazer beicinho. Passam-se trinta segundos até que diz subitamente:

– Pronto, está bem. Se queres *mesmo* saber, acho que posso fazer-te o favor e contar-te o que se passa, mas se disseres alguma coisa a alguém, vou negar com veemência. É que... sou capaz de precisar de alguns conselhos amorosos vossos.

– Bem, isto é raro – diz o Caz, recostando-se confortavelmente no lugar. – Histórico, até.

O amigo fita-o.

– Ouve-me primeiro, está bem? É sobre... há uma certa pessoa... em quem estou interessado há algum tempo e que vejo com bastante frequência...

– O Kaige? – pergunto eu e o Caz em simultâneo.

O rosto do Mingri fica congelado numa expressão de choque tão genuíno que quase me sinto mal por ter constatado o óbvio. Os seus olhos passam do Caz para mim e para as outras mesas, que agora estão vazias.

– Como... como é que vocês sabiam?

– *Toda a gente* sabe – diz o Caz com alguma exasperação. – Literalmente toda a gente. Os maquilhadores, o tipo das entregas que veio ao estúdio na semana passada, o nosso instrutor de equitação... – Faz uma pausa e inclina a cabeça na direção da dona da casa de chá, que deve ter mais 20 anos e que também estava a olhar descaradamente para ele. – Aposto as minhas poupanças que até *ela* sabe. Deve ser o segredo mais público de sempre.

– Merda. Sou assim tão óbvio?

– O Kaige é bem pior do que tu – asseguro. – Quando vos vi juntos, tu até

parecias estar bastante controlado.

– Espera. Estás a querer dizer... – Não achei que fosse fisicamente possível que os olhos do Mingri se arregalassem mais, mas acho que estava errada. – Queres dizer que há uma possibilidade de isto ser correspondido?

– Vocês são tão óbvios – diz o Caz, mas de forma bondosa.

– E para que precisavas da nossa ajuda? – pergunto, antes de ele se dispersar.

O Mingri consegue controlar-se o suficiente para me responder.

– Queria dizer-lhe diretamente o que sinto. Escrever-lhe um bilhete ou algo do género. Mas a única coisa que tenho é isto...

Remexe no bolso durante um instante até tirar um pedaço de papel amarrotado e o atirar para o meio da mesa, entre mim e o Caz. É uma carta. Levanto o papel para o ler com a luz da janela. Está escrito em chinês, as marcas da caneta estão tão vincadas que quase dá para ler do outro lado, mas consigo lê-las porque são só três palavras:

Kaige. Olá. Eu

– Bem, isto é... – Faltam-me as palavras e procuro a melhor descrição enquanto volto a pousar o papel. – Já é alguma coisa, sem dúvida.

– É uma merda, é o que é – resmunga o Mingri. – Não faço a menor ideia do que devo escrever.

– A Eliza é muito boa nestas coisas – diz o Caz e inicialmente nem me apercebo que está a elogiar-me. Ou talvez lhe esteja a atribuir demasiado crédito e ele simplesmente atirou toda a responsabilidade para cima de mim. Quando me viro para ele, sorri-me.

A seguir, a cadeira range. O Mingri levanta-se mesmo do seu lugar.

– Por favor. – Olha para baixo para mim com os olhos grandes suplicantes e as mãos unidas como se estivesse a rezar. – *Por favor*, ajuda-me. Tipo, eu pago-te pelas frases que escreveres. E já li o teu texto e... só preciso de alguma coisa que seja uma *fração* daquilo que escreveste e fico... fico bem servido.

– Acho que posso dar-te algumas sugestões – digo devagar. – Mas podem não ser muito personalizadas, porque eu não o conheço assim tão bem, por isso, depois tens de mudar os detalhes para se adaptar ao Kaige, está bem?

Ele assente rapidamente.

– Claro, tudo o que disseres.

– Muito bem. Então talvez... – Faço uma pausa e evito o olhar curioso do Caz, torço os dedos sobre o colo, onde ninguém os consegue ver. – Talvez possas começar por dizer como... sei lá, como adoras o som da sua gargalhada. Se é mais rouca de manhã ou mais grave quando falam ao telefone, ou como ele inclina sempre a cabeça para trás quando acha graça a alguma coisa. Como... como só tens olhos para as covinhas do rosto dele quando sorri ao ver alguma coisa real. Como tens ciúmes de toda a gente que o adora e que

o conheceu antes de tu o conheceres.

»E talvez nem tivesses intenção de te apaixonares por ele. De todo. Provavelmente até tinhas um plano para evitar que isso acontecesse. Talvez estivesses em paz com a tua solidão, mas ele depois entrou de rompante na tua vida, sem ser convidado, e desde então tens andado com a cabeça às voltas, um pouco zangado contigo mesmo. Com ele. Porque agora, a única coisa que podes fazer é andar pelos cantos, como um idiota, a pensar na curva pálida do pescoço dele iluminada pelo luar, a pensar no peso das suas palavras ou em tudo o que podes vir a perder, nos remédios que vais preparar antecipadamente para curar aquilo que será de certeza o momento mais dilacerante e devastador para o teu coração. Mas, apesar de tudo isto, continuas a gostar dele. Com teimosia. Deliberadamente. E que... – A minha voz desvanecia-se quando me apercebo de há quanto tempo estou a falar, das coisas que já disse. Oh, céus, o que *estou* a dizer?

Sinto o calor a invadir-me o rosto.

Mal tenho coragem para levantar os olhos, mas seria difícil ignorar a forma como o Mingri olha para mim – de queixo caído e olhos arregalados.

E o Caz.

Se o olhar do Mingri está atordoado, o do Caz está incandescente. Perscrutante. Ele está inclinado para a frente no lugar com uma expressão de ternura que nunca lhe vi antes. Depois os seus lábios entreabrem-se como se quisesse falar...

Oh, caras, dei cabo de tudo. *Não* há a menor hipótese de ele não ter percebido que gosto dele. A bondade que vejo no seu olhar é quase certamente pena. Estou prestes a ficar de coração despedaçado por causa do meu namorado falso, mesmo em frente a cinco raparigas que parecem todas a Angelababy, e esta é uma humilhação que vou carregar até à minha sepultura.

Não, tenho de remediar isto. Com grande esforço, solto uma gargalhada falsa e aguda.

– Ai, desculpa, hum. Não sei o que me deu para estar a tagarelar. São só palavras dramáticas e floreadas, não lighes. Sabes como são os escritores. – Faço questão de olhar diretamente para o Caz enquanto digo isto, na esperança de que acredite em mim. Para meu alívio, a expressão de bondade desaparece e é substituída por outra mais cautelosa. – Achas que ajudei em alguma coisa, pelo menos, ou...?

– Oh, sim, ajudaste, claro – diz o Mingri de imediato, assentindo depressa e escrevendo algumas coisas no papel. – Quero dizer, deste-me imenso material. Obrigado.

Sorrio debilmente.

– Ainda bem que pude ajudar.

– Só mais uma coisa, já agora.

– Sim?

O Mingri suspira profunda e sonoramente e pergunta:

– Achas que era demasiado grosseiro se também mencionar como gosto do rabo dele?

Pestanejo.

– Hum... – Desta vez não tenho mais sítio nenhum para onde olhar a não ser para o Caz. Mas ele tem os olhos fixos noutro lado, aparentemente perdido nos seus pensamentos. – Hum... Não. Se é isso que sentes realmente...

– É, sim – assegura ele.

– Então, claro, vai sem medos. – Pigarreio. – Escreve com o coração.

Capítulo 14

Tinha planeado começar a escrever o meu texto assim que chegasse a casa, mas em vez disso, acabo deitada na cama, com uma almofada contra o peito, a reviver cada momento embaraçoso do meu pequeno discurso na casa de chá.

Onde é que eu estava com a cabeça? É por isto que nunca devia pôr-me a improvisar nada. Eu confessei basicamente os meus sentimentos ao Caz, mesmo na cara dele. E o modo como ele olhou para mim a seguir, era como se estivesse a tentar encontrar a forma mais gentil de me rejeitar... Ainda assim, insistiu em dar-me boleia para casa, mas mal falámos durante todo o caminho. Na altura, atribuí o facto aos meus sentimentos estranhos, mas agora que penso nisso, *ele* também estava um pouco mais calado do que é habitual. Distante. Recolhido. Nem sequer me sorriu quando desmontei da mota...

Gemo e esperneio tanto que os cobertores caem para o chão.

Quando estou a debater se devo arruinar o momento dramático apanhando os cobertores, ou se arrisco levar um sermão da minha mãe se os deixar no chão, o meu telemóvel vibra. Uma nova mensagem do Caz. Engulo em seco, com o coração a galopar dentro do peito. Oh, meu Deus, e se ele quiser falar sobre aquele momento de há pouco? E se me perguntar diretamente o que sinto por ele? E se estiver a enviar-me uma mensagem para me rejeitar de vez?

Mas, quando desbloqueio o telemóvel, vejo apenas uma frase:

Os meus pais querem conhecer-te.

Espera, estás a falar a sério? Escrevo, mas depois apago. Parece uma resposta demasiado ansiosa. Como se *quisesse* realmente conhecer os pais dele. Hesito, penso arduamente e tento uma nova resposta: *Isto é alguma piada?* Depois também apago esta. Já se passou um tempo significativo desde que li a mensagem dele e o Caz deve estar a ver-me escrever e apagar uma e outra vez, o que é pior do que qualquer coisa que possa escrever. Em pânico, decido-me por: *E o que fiz eu para merecer semelhante honra?* Carrego em Enviar – e arrependo-me imediatamente. Devia ter escolhido a primeira resposta e

pronto. Pelo menos era mais curta e descontraída. Descontraído é bom.

Também é possível que esteja a pensar demasiado nisto.

Eles já te querem conhecer há algum tempo, diz a mensagem que me envia instantes depois. Só ainda não houve oportunidade por causa do trabalho. Mas se estiveres livre, eles devem estar em casa este sábado que vem.

Franzo o sobrolho ao ler estas palavras. Pela forma como escreve, parece que os pais nunca estão em casa. E que continua a haver a possibilidade de cancelarem no sábado.

Antes de poder responder-lhe, o Caz acrescenta: *Eu sei que combinámos não envolver as nossas famílias nisto, mas os meus pais conseguem ser muito persistentes. Prometo que é só um jantar rápido para deixarem de me chatear.*

Fico a dever-te uma.

Ele tem razão. Não *devíamos* envolver as nossas famílias nesta confusão. Já é suficientemente mau que ele e a Emily se conheçam. Mas depois lembro-me de como ele estava hoje, com o Sol a brilhar sobre o cabelo, o lábio inferior mordido e rosado... A parte mais terrível de tudo isto é que, apesar de continuar a colocar-me em situações embaraçosas à frente dele, apesar de me arriscar a ser magoada, uma parte de mim continua a querer vê-lo novamente.

Tudo bem, escrevo, sentindo que chumbei num teste que eu mesma fiz. Mas é só desta vez.

Claro que sim, responde ele rapidamente e até consigo imaginar o seu pequeno sorriso triunfante. *És a maior.*

Se tu dizes.

– Vai correr tudo bem – asseguro a mim mesma em voz alta, atirando o telemóvel para cima da cama. Só tenho de encantar os pais do meu namorado falso o suficiente para me aprovarem, mas não tanto que fiquem tristes quando nos separarmos. É fácil. É simples. O que pode correr mal?

É assim que, no sábado, espero à porta da casa do Caz Song com uma caixa de ninhos de pássaro comestíveis na mão e o coração a bater-me na garganta.

Depois de ver o meu reflexo retorcido na maçaneta brilhante da porta e de confirmar que não há nada de embaraçoso no meu rosto, além do próprio rosto em si, inspiro trémula e bato à porta.

– *Um momento.*

Ouçó passos, firmes e rápidos. Depois a porta abre-se e dou por mim a olhar para o rosto do Caz. Traz uma camisa cinzenta-clara que lhe abraça os ombros, calças de ganga *Levi's* e está descalço. Descontraído. Tem uma toalha de banho às riscas à volta do pescoço, mais escura no sítio onde o cabelo pingou.

Olha fixamente para mim durante um instante e depois vejo surpresa, e

mais qualquer coisa, nos seus olhos.

– Olá – diz o Caz. – Chegaste cedo.

– Oh – desculpa. – Mudo o peso do corpo de um pé para o outro com constrangimento. – Estava com medo de chegar atrasada. Mas se é uma má altura ou...

Ele ri-se para mim.

– Porque é que estás a ser tão formal?

– Não estou – minto, embora não me permita relaxar. Jamais esquecerei aquele olhar de pena que ele me dirigiu na casa de chá e peço a Deus para nunca mais voltar a vê-lo. Se ele consegue agir como se tudo estivesse normal entre nós, então eu também consigo. Não vou cometer um segundo deslize. Não posso.

O olhar do Caz dirige-se aos ninhos. A caixa é de um tom vermelho-vivo, o mesmo característico do Festival da Primavera, com as esquinas elegantes e douradas, e pardais a voarem gravados na parte da frente. Só os comprei depois de consultar cerca de 20 artigos diferentes do tipo: «Os Dez Melhores Presentes Com Ervas Finas Para Conquistar a Mãe do Teu Namorado.»

– Isto é muito simpático da tua parte – diz ele.

– Obrigada. Aquele artigo dizia... – interrompo-me a mim mesma. Pigarreio. – Obrigada – repito, constrangida.

Ele aceita a caixa com um pequeno sorriso e dou o meu melhor para ignorar o roçar dos seus dedos nos meus, a forma como ele também parece reparar no toque e como o seu corpo se retesa pela mais breve fração de segundo antes de se virar.

À medida que sigo o Caz para o interior do apartamento, não consigo evitar olhar com atenção.

Toda a decoração da casa parece um museu, ou uma daquelas casas de celebridades que aparece nos programas de visitas, mas em que toda a gente sabe que a celebridade não vive ali durante metade do tempo. É demasiado elegante. Demasiado extravagante.

As paredes do corredor largo estão decoradas com uma linha de fotografias a preto e branco emolduradas e arte abstrata – daquela que parece que alguém entornou um balde de tinta para cima de uma tela por acidente e que depois a vendeu por milhares de dólares, porque, supostamente, representa o desconhecido inerente à condição humana ou algo do género – e com quadros de deslumbrantes paisagens tradicionais chinesas, com garças vermelhas e montanhas altas ondulantes captadas pela tinta de tons ricos.

Depois vejo algumas antiguidades em exposição: talheres de bronze brilhante em cima de consolas, e jarrões de porcelana fina cobertos com maravilhosos padrões florais. Até vejo uma réplica, pelo menos acho que é uma réplica, de um guerreiro em terracota de tamanho real, casualmente

posicionado num canto, como se fosse uma escolha absolutamente normal para decorar o interior de uma casa.

Tenho uma visão súbita e horrível de mim mesma a tropeçar nos meus próprios pés e a derrubar todos os jarrões um por um, como se fossem peças de dominó; aproximo-me instintivamente do Caz.

– Então, o meu pai hoje não está em casa – diz ele quando dobramos a esquina, com uma voz inexpressiva. – Ligaram do hospital hoje de manhã e chamaram-no para uma cirurgia urgente. Ele pediu-me para te transmitir as suas desculpas.

– Oh, claro que sim. É perfeitamente compreensível – digo rapidamente. – Quero dizer, se ele fizer mesmo questão de me conhecer, podemos marcar para outro dia.

O Caz abana a cabeça.

– Ele tem, tipo, dois dias de folga por ano.

Pouco depois, o corredor abre-se para uma sala de estar luminosa, de tetos altos, com janelas enormes. Uma senhora de meia-idade está sentada no sofá.

A mãe do Caz é quase exatamente como a imaginei, só que com mais estilo. O cabelo direito, pelos ombros, é escuro em contraste com a pele branca sedosa, as sobranceiras finas bem tatuadas. E embora esteja de pé no meio da sua própria sala de estar, tem vestida uma blusa de cetim e uma saia travada que se adequaria bem a um *brunch* extravagante de uma empresa.

Olho de relance para a minha saia branca simples, com medo de estar malvestida. Não que importe. Eu não devia *querer* impressionar a mãe do Caz, porque provavelmente esta será a única vez em que me vou cruzar com ela. Mas ainda assim. É uma questão de princípios.

– Oh, deves ser a Eliza! – cumprimenta-me enquanto se dirige na nossa direção.

– *Ayi hao* – respondo com educação e, por algum motivo que me escapa, decido fazer uma pequena vénia. – É um prazer conhecê-la.

Os seus lábios pintados de cor-de-rosa estendem-se num sorriso amplo. Reparo que também tem covinhas profundas no rosto, como o filho.

– *Wa*, gosto do teu cabelo – diz ela com um suspiro que indica uma certa inveja. – É tão preto e liso. Tão bonito.

– Oh, muito obrigada. – Percebo que é a minha vez de lhe fazer um elogio. Tem de ser um elogio melhor do que ela me fez a mim. – Eu também gosto muito do... – *Depressa, Eliza. Pensa em qualquer coisa, senão vai soar a falso.* Os meus olhos passeiam pela casa e um milhar de pensamentos frenéticos e incompletos passa pela minha cabeça ao mesmo tempo. Elogio a decoração? As mães gostam de ouvir estas coisas? Ou a sua maquilhagem? Ou será falta de educação chamar a atenção para o facto de que está a usar maquilhagem, sequer? Caraças. Estou a demorar demasiado tempo. *Diz alguma coisa.*

Qualquer coisa. – Gosto muito do seu... nariz.

Estremeço, quase certa de que vai começar a ralar com o Caz por levar uma rapariga tão estranha a casa, mas ela parece ficar genuinamente deliciada.

– A sério? – Os seus dedos flutuam até ao nariz. – Preocupo-me sempre que a cana do meu nariz não seja suficientemente alta...

– Não, nada disso, é perfeita – asseguro. Depois, num acesso súbito de inspiração, acrescento: – Agora vejo bem de quem o seu filho herdou a beleza.

Achei que não era possível, mas o sorriso da senhora alarga-se ainda mais, numa expressão de afeto materno tão puro que sinto uma pontada breve nas costelas. Antes de vir cá a casa, uma parte de mim desejou que ela fosse má e crítica, uma daquelas sogras infernais que aparecem nas comédias românticas que costumo ver, alguém a quem podia ficar perfeitamente indiferente e que se desvanecesse da minha memória um segundo após sair do prédio.

Mas agora não consigo evitar deliciar-me com a sua aprovação. Quero mais. Como vou conseguir esconder os meus sentimentos pelo Caz e ao mesmo tempo convencer a sua mãe de que gosto dele?

– És muito querida – diz ela, depois dá uma palmadinha no cabelo do Caz (ele estremece de imediato e volta a despentear o cabelo no seu estilo habitual), em seguida acrescenta, num murmúrio fingido: – Mas acho que não devíamos continuar a alimentar-lhe o ego. O Caz já tem pessoas suficientes a dizer-lhe todos os dias como é bonito. Deve ser por isso que passa tanto tempo em frente ao espelho antes de ir para a escola...

O Caz junta as mãos e eleva a voz:

– E se começássemos a preparar-nos para jantar, hum?

Mas a mãe continua como se ele não tivesse dito nada.

– E sabes uma coisa, acho que, nos últimos meses, ele tornou-se ainda *mais* cuidadoso com a sua imagem. Anda sempre a arranjar o cabelo e usa cremes de rosto caros. Por Deus, às vezes acho que ele usa mais cremes do que eu...

– Mãe – diz o Caz mais alto, a tentar claramente, e a falhar, manter a calma.

– Mãe, não é bem assim. Estás a exagerar...

– Bem, isto é tudo muito interessante para mim – digo à senhora, também a ignorar o Caz. – Cremes de rosto, disse?

Ela assente.

– E máscaras faciais. Nunca vi um rapaz da idade dele a preocupar-se tanto com o seu aspeto; sabias que, na última terça-feira, insistiu em faltar a um dia inteiro de aulas só porque tinha uma borbulha na testa?

As minhas sobrancelhas erguem-se enquanto processo esta informação, depois olho de relance para o rosto corado do Caz. Ele disse-me que nesse dia esteve ocupado a gravar.

– Não me diga?

– É ridículo, não é? Por vezes até fico preocupada que as pessoas na escola

façam troça dele.

– Oh, acho que na escola ninguém conhece esta sua faceta – respondo, maravilhada com a rapidez com que a imagem de Caz Song, enquanto ator descontraído, se está a desmoronar rapidamente mesmo à minha frente, e como ele parece estar em pânico com este facto. É tão raro ser ele quem está desconfortável, envergonhado, que não consigo evitar divertir-me um pouco. Ou muito.

– Ouçam, estou cheio de fome – tenta novamente o Caz, virando-se subitamente para a cozinha. – Podemos começar a comer agora? *Por favor?*

Reprimo um sorriso e vou atrás dele.

– A tua casa está mesmo muito arrumada – comento, em voz alta enquanto atravessamos o *hall* de entrada.

– Está sempre assim – diz o Caz apressadamente, ao mesmo tempo que a mãe diz:

– Oh, sim, o Caz passou uma eternidade a limpar antes de tu chegares. Ele queria certificar-se de que tudo estava imaculado e bonito. É muito atencioso, não é?

– É, sim – respondo, apesar de contrariada, ao sentir uma onda de calor indesejado a invadir-me o peito. – É muito atencioso. – O Caz não olha para mim, mas reparo que inclusive a sua nuca está a corar, até às orelhas. Apercebo-me também de que estou metida num sarilho muito maior do que aquele para que me preparei.

Entramos juntos na divisão seguinte, onde a mãe do Caz preparou sozinha um banquete digno de um restaurante. Há dois pratos de peixe – frito e estufado – e porco desfiado, lótus estaladiço e inhames doces mergulhados em açúcar derretido; é tanta coisa que me ofereço de imediato para ajudar.

Enquanto pouso os pratos na mesa, não consigo evitar olhar com curiosidade para o Caz, observo-o enquanto ele endireita as cadeiras ou quando vai buscar colheres para servir os pratos principais, sempre a limpar as mãos a um pano de cozinha limpo.

Quando nos sentamos finalmente, reparei num milhar de detalhes novos; por exemplo, como o Caz ajuda a mãe a levantar as panelas e tachos mais pesados, ou como parece ser o único da casa que tem a sua própria caneca, ou como tenta empurrar os pratos de vegetais para a extremidade oposta da mesa, tão longe dele quanto possível.

O jantar corre muito melhor do que eu esperava. No meu desespero, tinha preparado alguns tópicos inofensivos para começar conversas e ajudar a passar o tempo, mas a mãe do Caz acaba por fazer a maior parte da conversa – ela gaba-se e queixa-se do filho à vez, ou então gaba-se dele em tom de queixa.

Esta última é uma arte muito subtil e refinada, que a maior parte dos pais orientais parecem já ter aperfeiçoado antes mesmo de os seus filhos entrarem no jardim de infância.

– É mesmo muito difícil para mim – lamenta ela enquanto suga o rabo de um peixe. – Os pais todos sempre a perguntar-me, «*Como é que o seu filho é tão brilhante? Qual é o seu segredo?*» E, honestamente, não sei o que lhes responder, entendes? Ele anda sempre ocupado a fazer as coisas dele e, por acaso, é muito bom no que faz. Como lhes explico isto?

– Realmente, parece ser bastante difícil – digo, cooperando com ela, enquanto o Caz evita o meu olhar e os seus ombros ficam tensos.

– Mas é uma pena – continua a senhora, apontando com os pauzinhos para o Caz. – Seria muito melhor se ele tivesse talentos semelhantes para as coisas que realmente importam, como Matemática ou Inglês, não era? Estou sempre a dizer-lhe, «*Erzi ya, não podes estar à espera de conseguir ganhar a vida eternamente à conta do teu aspeto e dos filmes. Devias dar prioridade aos estudos*». Mas ele nunca me dá ouvidos.

O Caz esfrega o pescoço num sinal de agitação maldisfarçada e a cor espalha-se pelo seu rosto. Tudo nele está invulgarmente tenso, embora eu pareça ser a única a reparar.

– Bem, o Caz trabalha muito – digo lentamente, sem conseguir controlar a vontade de o defender. – E há muitas pessoas que esperam coisas completamente diferentes dele. Quero dizer, eu fico impressionada com a forma como ele consegue conciliar tudo.

A mãe dele olha para mim com surpresa. Mas no instante em que está prestes a dizer alguma coisa, o Caz inclina-se para a frente e diz à pressa:

– Vais comer essa cabeça de peixe, mãe? Porque acho que devíamos deitá-la fora...

– *O quê?* – Com um movimento brusco, a mãe dele tira todos os restos de peixe estufado para o seu prato e guarda-os de forma protetora com os pauzinhos. – Entrou-te água para o cérebro, foi? Seu *baijiazi* – diz ela. Só reconheço o termo, *empreado*, porque é um dos insultos favoritos da minha mãe quando me apanha a desperdiçar comida ou a gastar dinheiro em alguma coisa que ela acha desnecessária. – A cabeça do peixe é onde estão as melhores partes; é a sua *essência*.

O Caz inspira com alívio e a sua tática de distração parece resultar durante uns bons dez minutos. Mas quando a mãe acaba de cuspir as últimas espinhas do peixe, todas assustadoramente limpas, volta a mergulhar de cabeça na conversa anterior.

– Erzi, como vão os textos que tens de escrever, já agora? Sabes bem como são importantes. Já os acabaste? Posso pedir a um colega que os leia...

– Os textos vão bem – diz ele, a esforçar-se muito para manter uma

expressão neutra, e a brincar com a bainha da camisa – Na verdade, já estão escritos.

– A sério?

– Sim. Consegui encontrar quem me... ajudasse.

Partilhamos um pequeno olhar secreto sobre a mesa e o momento grava-se dentro de mim como um segredo.

– Oh, mas isso é fantástico – diz a mãe com sinceridade, depois vira-se para sorrir para mim. – Ele é sempre tão teimoso em aceitar a ajuda dos outros. É um bocadinho tonto, não é? Para quê tornar as coisas desnecessariamente mais difíceis?

– Realmente, é um bocadinho tonto, *sim* – concordo.

O Caz pigarreia, a sua expressão é o espelho do desconforto.

– É só que... não gosto de incomodar as outras pessoas.

A mãe volta a espetar os pauzinhos na sua direção, mas desta vez é um gesto pleno de um afeto exasperado.

– *Sha erzi*, o que sabes tu? Quando gostamos de alguém, *queremos* ser incomodados. Não nos importaríamos de ser incomodados para o resto das nossas vidas. O amor é assim. O amor não é mais do que isto.

Quando o jantar acaba, o Caz e a mãe acompanham-me até à porta do prédio, não obstante a minha insistência de que posso sair sozinha. O ar está fresco e fragrante, sente-se o aroma suave da relva, dos pinheiros e das flores que começam a desabrochar. Da neve derretida.

– Foi realmente agradável conhecer-te, Eliza – diz-me a mãe do Caz, dando-me uma palmadinha nas costas da mão, o seu cabelo a brilhar em tons acobreados sob as luzes do condomínio. – Devias vir cá a casa mais vezes.

– Vou tentar – respondo vagamente, evitando fazer promessas que não posso cumprir.

Ela sorri. Dá-me uma última palmadinha.

– Oh, deves mesmo.

Depois de pedir ao Caz para me acompanhar até casa, «como um verdadeiro cavalheiro», acena-nos e desaparece no interior do prédio.

A seguir ficamos os dois sozinhos.

– Então – digo, sentindo todo o meu desconforto a regressar. – Não precisas mesmo de me acompanhar a casa...

– Mas quero fazê-lo – diz o Caz. Depois, talvez por ver a surpresa no meu rosto, faz uma pausa e diz: – Quero dizer, devo fazê-lo.

Caminhamos algum tempo em silêncio por entre o condomínio deserto e escuro, as nossas mãos próximas, mas sem nunca se tocarem, e consigo perceber que ele tem tanta coisa na cabeça como eu. Porque o que se passa é

que... eu devia estar feliz agora, aliviada por o jantar já ter passado, ansiosa por acabar de fingir, por voltar para casa e nunca mais ter de pensar na família dele.

Mas ao longo de todo o serão não parei de ser lembrada de que estes sentimentos não vão desaparecer simplesmente. Porque já não se trata de uma simples paixoneta superficial e tonta. É mais do que isso. É pior do que isso. É a consciencialização de que não importa o quanto tente proteger-me, não importa quantas barreiras construa entre nós e quantos limites delineie, estou condenada a acabar com o coração despedaçado por causa do Caz Song. É apenas uma questão de quando e com que gravidade.

E talvez até já esteja a acontecer. Desde aquele momento na casa de chá que ele parece tão... *distante*. Diferente do Caz habitual. Talvez esta seja a sua forma de me rejeitar.

Nem sequer reparo na pressão que começa a acumular-se na minha garganta, atrás dos meus olhos, até que fungo e o Caz para petrificado.

– Uau. Espera. – Os seus olhos fixam-se nos meus, preto sobre castanho, e vejo a preocupação ondular no seu rosto como a luz sobre a água. – Estás... a chorar?

– Não. – Volto a fungar e inclino a cabeça para trás enquanto pestanejo furiosamente para o céu vazio e sem estrelas, a tentar incitar as lágrimas a desaparecerem. Mas qualquer coisa quente faz-me cócegas no rosto e desce até ao queixo.

O Caz hesita um segundo, abre a boca e volta a fechá-la, depois estende a mão e limpa a lágrima com o polegar, num gesto meigo.

Endireito a cabeça, olho para ele, a ternura deste gesto faz desabar qualquer coisa dentro de mim. Não me lembro da última vez que me senti desta forma – tão desamparada, vulnerável e exposta, a desejar tanto e com o coração a esforçar-se para bater de tão cheio que está. Também não me lembro da última vez que chorei assim. Não por raiva, por humilhação ou por frustração, mas porque sinto dentro do peito uma dor profunda que não consigo identificar.

– Desculpa – murmuro, com a voz fungosa e rouca de emoção. Agora que estou a chorar, parece que não consigo parar. O Caz não diz nada; limita-se a limpar as minhas lágrimas à medida que estas caem. – Deus do céu, não acredito que estou mesmo. Isto é tão irritante.

Ele solta uma gargalhada, um som suave que se dissolve no ar entre nós.

– Não tem graça – respondo, apesar de também estar a rir, o meu rosto húmido e o nariz a pingar, o som a sair-me arranhado da garganta. Neste momento sou basicamente a definição de uma balbúrdia emocional.

– Claro que não tem – concorda o Caz. Volta a limpar-me o rosto, depois pousa suavemente a outra mão na parte de trás da minha cabeça, consolando-me como se eu fosse uma criança. – Então, o que se passa? Foi assim tão

horrível teres ido à minha casa? – Di-lo como uma piada, mas consigo ver uma centelha de preocupação genuína nas suas feições.

– Não, não, não – apresso-me a dizer. – Não, a tua casa é fantástica. Quero dizer, o guerreiro em terracota é uma escolha decorativa questionável...

– Foi o meu pai que escolheu. Eu e a minha mãe também o detestamos. Quando ele não está, andamos sempre a tentar ver-nos livre da escultura, mas ele arranja sempre uma maneira de a recuperar.

– A tua mãe também foi muito simpática – digo-lhe, com as lágrimas nos olhos.

Ele ergue as sobrancelhas.

– Devias tê-la visto a enfiar a estátua num verdadeiro saco de cadáver.

Resfolego uma gargalhada, apesar de não querer, e continuo:

– Foi tudo muito agradável. Mas...

Mas é exatamente esse o problema.

Se isto continuar, sou capaz de morrer de culpa. Mas se isto acabar, já tenho tanto por que chorar. Não sei como, mas apesar de todas as minhas regras e reservas, já estou demasiado envolvida, estou tão perdida no meio das ondas que me parece mais simples afundar-me do que continuar a nadar.

– Ei – diz o Caz suavemente, sentando-se num banco e puxando-me para o seu lado. – Isto está a ser...? – Faz uma pausa. Vejo-o a inspirar e a expirar. – Está a ser demasiado para ti? Queres parar?

O meu coração para de bater e a noite parece congelar à nossa volta.

Se quero parar?

Devia querer. Seria o mais inteligente – o mais altruísta – a fazer, acabar com isto enquanto ainda posso fazê-lo, enquanto a maior parte do meu coração ainda está intacto. Já há demasiada gente envolvida nisto: a Emily, a mãe dele, todos os meus leitores e todos os admiradores dele. E, claro que *ele* não teria problema nenhum em parar; para o Caz, esta situação é apenas mais um trabalho, não muito diferente de qualquer filme romântico que já fez.

Mas enquanto olho intensamente para o rosto dele no escuro, a ideia de me separar dele agora envia um espasmo de dor física que me trespassa o corpo. Porque sei demasiado bem como vão ser as coisas depois de o nosso tratado acabar: vamos voltar a ser dois estranhos e eu vou voltar a ficar sozinha, como fico sempre. Nunca mais vou poder falar com ele, estar assim tão perto dele, mesmo que seja só a fingir.

Porque sou egoísta e quero continuar a viver neste sonho enquanto me for possível.

E sei exatamente como assegurar que isto aconteça.

– Não podemos parar – ouço-me dizer, a mentira a surgir dos meus lábios já completamente formada. Quantas mentiras contei até agora? Demasiadas para as conseguir contar. Mas a única forma de ter envolvido o Caz neste

acordo foi fazê-lo pensar na sua carreira; agora, continua a ser a única coisa que o mantém comigo. – Porque... porque ainda temos de fazer uma entrevista juntos.

O Caz chega-se para trás.

– Uma entrevista? Não me lembro de teres falado nisso.

– Deve-me ter passado – digo-lhe, desejando que não ouça a minha voz vacilar. – Mas é para uma empresa de comunicação gigantesca e já prometi à Sarah Diaz que estaríamos disponíveis. Mas está marcada para depois do Festival da Primavera, por isso se conseguirmos manter o acordo até lá...

– Se estiveres disposta a isso, eu também estou – diz ele lentamente. Está demasiado escuro para ver a expressão dele, mas sinto o seu olhar intenso pousado em mim. Como se estivesse à procura de qualquer coisa. – Mas não há mais nenhuma razão, além da entrevista?

Fico tensa. As palavras estão aqui, coladas ao fundo da minha garganta. Podia contar-lhe tudo. Ser honesta por uma vez na minha vida. Ser corajosa. O meu coração começa a bater com mais força, tão alto que tenho a certeza de que o Caz o vai ouvir. Inspiro. *Conta-lhe*. Mas a única coisa que me sai da boca é:

– Claro que não.

– Claro que não – repete ele. E, por algum motivo, a sua voz parece-me tensa.

Capítulo 15

No último dia antes das férias, o Caz aparece na aula de Inglês com o mesmo aspeto com que eu me sinto na maior parte do tempo...

Uma merda.

Quero dizer, continua a ser o *Caz Song*, por isso as suas feições continuam a ser estética e geometricamente agradáveis, mas a pele tem uma palidez doentia e os olhos uma expressão meio exausta e desfocada. Até os passos parecem mais pesados.

– Pareces um pouco cansado – informo-o, quando ele deixa cair as suas coisas ao meu lado e se senta no lugar habitual. Devíamos responder ao questionário sobre a leitura de *Orgulho e Preconceito*, mas com o aproximar da liberdade iminente e o tempo frio e desolador que ainda se faz sentir, ninguém tem vontade de trabalhar, incluindo o professor.

– A sério? Porque dormi superbem esta noite – diz o Caz. A voz também soa diferente, mais arranhada e grave do que é habitual. Este é o tipo de detalhes em que duvido que as outras pessoas reparem, mas desde a nossa conversa na escuridão do condomínio que estou hipersensível em relação ao Caz, observo cada palavra e movimento enquanto tento decifrar o que ele sente realmente por mim. Tem sido uma semana muito longa.

– Não estás doente, pois não? – pergunto.

– Isso é impossível – responde-me com firmeza. – Eu nunca fico doente.

Sem me deixar convencer, debruço-me e encosto a minha mão à sua testa... e quase solto um arquejo. Ele está a arder.

– Tu... tu estás uma brasa.

Em vez de reagir com medo ou alarme, como faria qualquer pessoa normal, os cantos da boca do Caz erguem-se.

– E só reparaste nisso agora?

Recuo com o sobrolho carregado.

– Não sejas convencido. Estava evidentemente a falar da tua temperatura; está muito mais alta do que é normal.

Ele desvaloriza a minha preocupação com um aceno.

– Tenho a certeza de que sabes disto, Eliza – diz com secura –, mas é *suposto* a pele humana ser quente.

– Pois, mas a tua pele está literalmente a arder...

Ele suspira. Vira-se para mim e fita-me com tanta calma que sinto vontade de gritar.

– Talvez a minha pele tenha tido sempre esta temperatura.

– És secretamente um dos lobisomens do *Crepúsculo*, Caz? – pergunto bruscamente. – Porque ou é isso, ou o teu corpo está num estado de deterioração rápida enquanto estamos para aqui a desconversar.

Os lábios dele voltam a estremecer, mas a voz é mais firme, mais séria, quando me diz:

– Não tenhas tanta certeza. Tocar na minha testa com a mão não é um método muito preciso de medição de temperatura.

– Olha, desculpa lá por não andar com um termómetro profissional na mochila...

– Mas seria mais preciso – continua ele, sem se deixar desencorajar –, se encostasses a tua testa à minha. Assim já podias comparar as nossas temperaturas como deve ser.

Fico a olhar fixamente para ele.

Ele devolve-me o olhar e vejo o desafio nas linhas do seu maxilar, no brilho negros dos olhos. Ele acha que esta proposta é o suficiente para eu o deixar em paz. Acha que não sou capaz de o fazer.

– Bem, faço o que for preciso – digo com doçura, deliciando-me com o ar de surpresa no rosto dele antes de envolver a sua nuca com a minha mão e o puxar para mim.

Quando as nossas cabeças se tocam, sinto imediatamente o calor intenso que a sua pele liberta, os lábios entreabertos, o bater das pestanas compridas quando pestaneja. E é então que o pensamento mais inapropriado e inútil de todos os tempos me inunda a mente:

Deve ser esta a sensação de beijar o Caz Song.

Chego-me para trás tão de repente que quase faço uma contratura no pescoço.

– Então – diz o Caz depois de uma hesitação. – Qual é o diagnóstico?

– Estás com febre – informo-o, sentindo-me também eu febril. De repente tenho medo de ter ido longe demais. E se ele pensar que estava a tentar fazer algum avanço? Ou que queria beijá-lo? Será possível detetar estas coisas?

O toque estridente da campainha interrompe os meus pensamentos. Quando levanto os olhos, corada, o Caz já está a levantar-se do lugar.

– Vais procurar um médico? – pergunto esperançosa.

– Não, porque não preciso – responde ele, afastando-se antes de eu poder

sequer protestar e é então que decido que o odeio. Não vou falar com ele, nem voltar a fazer-lhe perguntas, nem sequer mandar mensagem para ver se está bem. Não quero saber se ele vive ou morre.

A sério. Estou mesmo a falar a sério.

Assim que chego a casa da escola, envio uma mensagem ao Caz:

ei

estás melhor?

Depois de a enviar, fico a olhar para a mensagem durante uns 15 minutos, como se conseguisse incentivá-la a viajar pelo éter até onde o Caz está, mas o pequeno visto azul que indica que a mensagem foi lida não aparece nem por nada. *Tudo bem. Ele deve estar a dormir.* Pouseo o telemóvel com força e tento distrair-me com um questionário de Química que tenho como trabalho de casa.

Não funciona.

Às 3h52 da tarde, enquanto amaldiçoo o Caz Song entre dentes, envio-lhe outra mensagem.

só para me certificar de que ainda estás vivo!!

Mas também não obtenho resposta.

A minha imaginação começa a correr desenfreada com todos os piores cenários possíveis. Talvez ele tenha desmaiado a caminho de casa sem ninguém por perto que o ajudasse. Talvez a febre fosse, na verdade, um sintoma de algo mais grave, tipo cancro, ou uma doença crónica qualquer que só lhe dá alguns meses de vida. Talvez tenha desmaiado dentro da sua própria casa. Talvez *já esteja morto.*

Como é lógico, reconheço que sou capaz de estar a assustar-me sem motivo nenhum. Ele pode até nem estar assim *tão* doente; quero dizer, eu não sou médica, nem nada. Talvez ele não esteja atento ao telemóvel... ou se calhar não lhe apetece simplesmente mandar-me mensagens.

Mas a lógica não impede o meu estômago de se contrair de cada vez que olho para o telemóvel.

Ele não leu nenhuma das mensagens que lhe enviei.

Às 4h15 da tarde, enrosco-me no canto do meu quarto e, já stressada, envio-lhe mais mensagens:

olá, sou eu outra vez

desculpa o spam lol mas estou a ficar um bocado preocupada contigo?

estás em casa??

Depois, ao perceber que acabei de admitir por escrito que estou preocupada com o bem-estar dele, acrescento rapidamente:

é óbvio que eu ia ficar muito malvista se o meu suposto namorado morresse de febre numa tarde fria de sexta-feira como uma dona de casa vitoriana qualquer no século xvi...

quero dizer, se vais morrer ou ficar em perigo mortal, pelo menos que seja por causa de um acidente dramático a andar de cavalo ou qualquer coisa do género

Passa-se mais algum tempo sem receber qualquer resposta. Obrigo-me a ajudar a Emily nos trabalhos de Inglês e o meu pai a cortar chalotas para o jantar, assim como a alinhar um novo texto, enquanto ao mesmo tempo sinto que o meu cérebro está prestes a desintegrar-se de tanto *stress*. Só que agora já não estou apenas preocupada – estou danada. Estou zangada por começar as minhas férias do Festival da Primavera a verificar o telemóvel a cada dois minutos só porque não consigo parar de pensar num tipo. Estou zangada por, mesmo depois deste tempo todo, ele continuar demasiado obcecado em manter uma fachada em vez de pedir ajuda quando precisa dela. Estou zangada por já lhe ter entregado o meu coração e a minha confiança, e ele continuar a afastar-se repetidamente.

E estou zangada por me preocupar tanto com ele.

Quando as 5h00 da tarde chegam, envio-lhe uma última mensagem de aviso:

ok. ouve uma coisa, caz song. se não me responderes nos próximos dez minutos, vou escrever pessoalmente um romance «enemies-to-lovers» com 200 mil palavras, cujos protagonistas serão tu e um gato e depois publico-o online e VAI tornar-se viral.

Dez minutos depois, agarro no casaco e marcho porta fora.

* * *

Apesar de o Sol já se ter posto para lá do horizonte, deixando o ar confortavelmente fresco, quando chego à porta do apartamento do Caz já vou a transpirar.

Bato à porta e espero o que me parece ser uma eternidade, com gotículas de suor a escorrerem da linha do meu cabelo e por cima dos lábios.

Ninguém atende a porta, mas consigo *ouvir*: um movimento arrastado. Uma tosse débil.

Ele está dentro de casa.

Por isso, como é evidente, faço o que qualquer pessoa calma, racional e completamente descontraída faria: começo a bater na porta com os dois punhos fechados e a gritar tão alto que de certeza que me ouvem no prédio do lado.

– Caz! Caz? *Caz Song*. Sei que estás aí... abre imediatamente a porta ou juro que...

A porta abre-se sem aviso e quase caio de cabeça no peito do Caz. Agarro-me à ombreira da porta no último instante para não cair. Afasto descontraidamente o cabelo para o lado, como se esta fosse uma forma aceitável e normal de aparecer à porta de alguém quando têm estado a ignorar as nossas mensagens.

– Cristo – diz o Caz, ao olhar para mim. – Eliza. O que é que...

– Estás bem? – interrompo, e no instante seguinte sinto-me uma idiota. É óbvio que ele não está bem; parece ainda mais debilitado do que quando estávamos na escola, a pele tem um tom fantasmagórico, os olhos negros como carvão e febris. Parece que está de pijama vestido – uma camisola de manga comprida com imagens a promover um dos seus filmes antigos e *boxers* – e é por este motivo que tenho a certeza de que algo está muito errado com ele. Em circunstâncias normais, o Caz jamais se deixaria apanhar nestes trajes.

Parece aperceber-se do seu aspeto ao mesmo tempo que eu, porque dá um passo atrás e começa a fechar a porta.

– Desculpa... não é realmente uma boa altura para...

Agarro a maçaneta da porta antes de ele me conseguir fechar na rua.

– *O quê?* É que não podes estar a falar a sério.

Mas ele não larga a porta e durante alguns segundos absurdos ficamos ali os dois, de dentes cerrados, a lutar pela porta, para trás e para a frente. É a prova de como ele se deve sentir fraco, nem sequer é realmente uma luta equilibrada.

– Oh, meu Deus, Caz – expiro, os nós dos meus dedos brancos de segurar a maçaneta com tanta força. – Deixa-me entrar...

– Não.

– Qual é o teu problema? Estás doente e precisas de ajuda...

– Não preciso de ajuda nenhuma. – Di-lo com tanta veemência que a minha mão quase afrouxa durante um segundo. Quase me viro para me ir embora. É claro que não *tenho* de estar aqui. O que quer que isto seja vai para lá de todos os limites do nosso acordo. Mas, Deus me ajude, gosto demasiado do rapaz que está do outro lado da porta para me ir embora.

– Caz. Não estás a ser nada razoável.

– Não importa. Só acho que... Agradeço teres vindo até aqui para ver como estou, e isso tudo, mas acho mesmo que devias ir-te embora. – A voz dele tem um tom cru de frustração ou até fúria, embora não consiga perceber

se é dirigido a mim ou a si mesmo. – Eu... não quero que me vejas assim.

Uma gargalhada incrédula escapa-se dos meus lábios.

– Esta não é a altura indicada para seres vaidoso. Quero lá saber como é que ficas de pijama.

– Não é só isso. Nunca ninguém me vê assim.

– Assim *como*?

Tenho um vislumbre do rosto dele através de uma frincha da porta. Vejo a insegurança ali espelhada. As olheiras por baixo dos olhos. O Caz é a pessoa mais preocupada com o aspeto que eu conheço e agora está num estado lastimoso.

– Vá lá – digo, empurrando com mais força. – Pensa nisto como um favor que me fazes. Se não me deixares entrar e acabares por morrer, *eu* é que vou ter de enfrentar as acusações de negligência por ter sido a última pessoa a ver-te com vida. O resto da minha vida ficará arruinado.

Ele revira os olhos, mas sinto a porta a afrouxar do seu lado.

– Pois, as coisas não funcionam definitivamente assim.

– Vou ficar a sentir-me consumida pela culpa – continuo, como se ele nem tivesse falado. – A polícia vai perguntar-me: «Como foste capaz de o deixar ali sozinho?» E vou ter de me explicar: «Eu não queria, mas ele fechou-me a porta na cara e...»

A boca do Caz comprime-se.

– Está bem, pronto. Mas quero deixar bem claro que estás aqui porque queres. Eu não preciso de ajuda nem de nada. Estou perfeitamente bem. – As palavras mal acabam de lhe sair dos lábios quando o Caz se desmorona num acesso de tosse violento.

Tento não me rir dele enquanto o sigo para dentro de casa. Inicialmente, penso que a situação pode não ser tão má quanto temia. Ele vai a caminhar razoavelmente bem pelo seu próprio pé, de costas para mim, cada passo rígido, mas deliberado, os ombros bem inclinados para trás como se estivesse no meio da gravação de uma cena. Até faz questão de verificar como está o cabelo quando passa pelo espelho do corredor. Mas antes de conseguir chegar à divisão seguinte, o seu corpo oscila e debruça-se sobre si, uma mão agarrada a uma mesa, para se apoiar. Tem a respiração irregular e os nós dos dedos brancos como a cal.

O meu coração sobressalta-se.

– Oh, sim, vejo que estás perfeitamente bem, de facto – resmungo, enquanto dou um passo em frente e ponho um braço à volta da cintura dele, tentando ajudá-lo a endireitar-se. O peso do corpo do Caz recai sobre mim e quase tropeço por baixo dele. – Tu és... muito mais pesado do que pareces.

– É tudo músculo – protesta ele, mesmo enquanto se esforça por se levantar.

Deus do céu, este rapaz é ridículo.

Conseguimos atravessar o corredor e entrar na sala de estar juntos – lentamente e um pouco desajeitados, como um daqueles pares das corridas de três pernas. Mas mesmo assim conseguimos. Enquanto baixo o Caz para o sofá mais próximo, uma mão protetora na sua nuca, a outra à volta da cintura, observo a sala. Está mais desarrumada do que quando os visitei há duas semanas, com casacos espalhados por cima das almofadas e guiões cheios de anotações abertos sobre a mesa de centro, mas não vejo sinais dos pais dele. Nem sequer um lenço ou um par de chinelos de quarto.

– Estão os dois fora, numa viagem de trabalho – diz o Caz, lendo o meu pensamento. – Uma conferência médica em Xangai. Saíram há alguns dias.

– Oh. – Isto responde às minhas questões iniciais, mas depois, por algum motivo, dou por mim a procurar em cima das mesas, do balcão alto de mármore, até no chão alcatifado, como se sentisse falta de alguma coisa em todo o espaço... depois percebo o que é. – Não tens água em casa?

Ele retesa-se e a confusão inunda o seu rosto.

– Desculpa, querias beber um copo de água? Vou buscar...

E faz mesmo o movimento para se levantar do sofá.

– Não, não era isso que queria dizer – apresso-me a dizer, empurrando-o para baixo. Ele obedece, mas sinto os seus braços tensos, o corpo rígido. – O que queria perguntar era se não bebeste água nenhuma desde que chegaste a casa? Ou algum medicamento, talvez?

Ele abana a cabeça com timidez, defensivo. Desvia os olhos.

– Bem, já jantaste alguma coisa, pelo menos?

– Jantar? – repete ele, como se fosse uma palavra estrangeira. – Pastilha elástica conta? – Deve ver logo a minha cara, porque franze o sobrolho também, embora esteja tão fraco que é mais parecido com um menino a fazer birra. – Pronto, também não é assim tão importante.

E apesar de saber que ele está doente e que devia ser mais paciente e carinhosa e essas coisas todas, levanto as mãos no ar com frustração.

– Eu não sei francamente como é que conseguiste manter-te vivo nos últimos dezoito anos. Tipo, não te alimentas nem cuidas minimamente de ti? Limitas-te a rezar para o teu corpo recuperar como por milagre o suficiente para... – Interrompo de repente quando o vejo a sorrir. Baixo a mão. – Desculpa, há alguma coisa *engraçada* nesta situação?

– Não – diz ele, mas os cantos da boca levantam-se ainda mais e não consigo decidir se está a fazer troça de mim ou não. – Nada de nada.

Fito-o furiosamente.

– Conta-me.

– Não é nada...

– *Conta-me.*

– Está bem, pronto. É que acho giro estares tão preocupada comigo, mais nada – diz ele, com um encolher de ombros.

Abro a boca, mas volto a fechá-la. Por um instante, fico realmente sem palavras.

– Eu não estou preocupada contigo – obrigo-me a dizer finalmente, cruzando os braços com rigidez. – Estou irritada. E horrorizada pela tua falta de consideração absoluta em relação à tua própria saúde.

O sorriso dele alastra.

– Claramente.

Viro costas, determinada a ignorar aquele sorriso. Já observei o Caz Song durante tempo suficiente para saber como ele liga o seu charme ao máximo quando se sente desconfortável ou em situação vulnerável. Se fosse preciso, até com uma colher de chá ele namoriscava.

– Vou preparar-te alguma coisa para comer – anuncio, e encaminho-me para a cozinha. – Fica aqui e, sei lá, descansa. Tenta não morrer.

– Vou dar o meu melhor – promete ele com um ar solene fingido.

Uma das habilidades mais úteis que adquiri com todas as mudanças que fomos fazendo ao longo dos anos é a capacidade de me orientar em praticamente todos os espaços desconhecidos. Apesar de só ter estado uma vez em casa do Caz e de nunca ter posto os pés na cozinha, demoro menos de um minuto a perceber onde estão as panelas, utensílios e ingredientes. Demoro mais um minuto a encher uma panela com água, a ligar o fogão e a começar a lavar uma chávena de arroz branco.

A seguir abro o frigorífico e pestanejo para a luz branca-azulada artificial.

Há uma escassez alarmante de vegetais frescos e de carne. Vejo um frasco meio aberto de leite fermentado *Yakult* e aquela bebida vegetal muito popular de que a minha mãe gosta, *Wanglaoji*. Uma lata com três lóchias de conserva e dois iogurtes. Um frasco quase vazio de molho *Laoganma* extra suave, alguns pés de cebolinha já murchos e alguns frascos de molho de peixe.

Quase não dá para compor uma refeição.

– Estás a julgar o conteúdo do meu frigorífico? – pergunta o Caz atrás de mim. O sofá fica alinhado com a porta da cozinha, por isso ele tem uma vista bastante desimpedida de tudo o que estou a fazer.

– Estou, pois. Bastante – respondo, olhando para ele de relance. – Está sempre assim tão vazio?

Ele ergue um ombro.

– Depende.

– De quê?

– De quantas pessoas estão em casa. Se for só eu...

Consigo adivinhar o que estava prestes a dizer. Se for só ele, não vale a pena cozinhar ou esforçar-se muito para manter a casa em condições. E a

avaliar por tudo o que sei a respeito dele, da sua carreira e da família, é provável que esteja sozinho com frequência.

– Não me importo nada com isso – diz ele abruptamente, como se conseguisse pressentir a conclusão a que estou a chegar. – Quero dizer, a minha mãe está em casa com alguma regularidade e o meu pai, bem, ele anda literalmente ocupado a salvar vidas. Que tipo de idiota seria eu se tivesse ressentimentos por causa disso?

– Acho que... isso não faria de ti um idiota – digo-lhe, escolhendo cuidadosamente as minhas palavras. – Acho que faria de ti apenas o filho de alguém.

A emoção que trespassa o seu rosto quando digo isto... é algo que nem consigo descrever por palavras.

Mas dilacera-me o coração.

A minha atenção é reclamada pela água que começa a ferver violentamente. Tiro a tampa da panela antes que a água transborde e ponho o arroz, mexo-o algumas vezes.

– Pensei que não sabias cozinhar – diz o Caz.

Reviro os olhos.

– Não sei *fazer bolos*, mas desde os nove anos que cozinho para a minha família. Tenho quase a certeza de que dou conta de um pouco de arroz.

– Cozinhas desde os nove anos? – A sua voz tem um tom de curiosidade, como se quisesse genuinamente saber porquê.

Hesito. Isto não é habitualmente o tipo de coisa de que normalmente falo, nem sequer com a Zoe, mas ele parece tão desconfortável ali estendido no sofá, tão frustrado consigo mesmo, que sinto que não há de fazer mal distraí-lo um pouco.

– Sim, bem. A minha mãe está sempre muito ocupada com o trabalho ou então está fora em alguma viagem de negócios para se preocupar com o jantar; o meu pai tem um horário de trabalho muito irregular para conseguir cozinhar todos os dias à mesma hora, por isso acho que assumi naturalmente as rédeas. – Volto a mexer a panela. – Não sei. A culinária propriamente dita nunca me interessou muito, mas gostava da sensação de estar a contribuir para o bem-estar da família, sabes? De provar que também podia ajudar, à minha maneira.

Pouco tempo depois, tenho o arroz a cozer e uma taça de porco desfiado e chalotas preparadas para colocar por cima. Quando me viro para ver se o Caz adormeceu, ele está a observar-me, os olhos escuros inexpressivamente suaves. Sérios.

Deixa-me muito nervosa.

– Para onde estás a olhar? – pergunto, tentando soar descontraída, apesar do rubor que me sobe ao rosto.

Ele inclina a cabeça, mas a intensidade do olhar não vacila.

– Para coisa nenhuma.

Quando o caldo de arroz acaba de cozer, levo-o ao Caz num tabuleiro elegante e agacho-me ao seu lado enquanto ele se senta cuidadosamente e se encosta às almofadas do sofá.

– Consegues beber sozinho, não consegues? – pergunto, segurando a taça e a colher à sua frente.

Não sei como, mas ele continua a ter energia para me revirar os olhos.

– Não te preocupes, Eliza, não te ia pedir para me dares comida à boca.

– Não estava à espera de que o fizesses – murmuro, mas agora questiono-me se devia ter-me oferecido para o fazer. *Não*, decido. Ele está com febre... não perdeu o controlo sobre os seus membros superiores.

– Obrigado, já agora – diz o Caz enquanto aceita a taça de caldo de arroz, com o vapor branco a elevar-se entre nós. – Por... por tudo isto. – Pigarreia. – Eu não... Há muito tempo que ninguém cuida assim de mim. Por isso. Obrigado.

– Há uma forma melhor de me agradeceres, sabes? – digo-lhe, tentando manter o ambiente ligeiro. Quero esconder a dor morna e requintada que começa a nascer dentro de mim, o impulso proibido de pousar a taça de arroz e de o envolver nos meus braços, de o abraçar e de deixar que ele me abrace também. De lhe oferecer o mundo inteiro, de o proteger de qualquer coisa que o possa magoar. – Bastam duas palavrinhas.

Ele fica muito quieto por instantes, a confusão espalha-se pelo seu rosto, antes de perceber o que quero dizer. Solta um suspiro.

– Eu não...

– Vá lá, sabes bem que palavras são.

– Eliza...

– Caz.

– Pronto, está bem. – O coração bate uma vez. Os olhos dele fitam os meus, um músculo obstinado contrai-se no seu maxilar e as duas palavras seguintes que saem dos seus lábios parecem esforçadas, tensas. – Tinhas razão...

Sinto os meus lábios a rasgarem-se num enorme sorriso enquanto saboreio esta pequena vitória e a expressão resignada do seu rosto.

– Bem, nesse caso, não tens *nada* que agradecer.

Ele hesita. E depois diz:

– E também peço desculpa, já agora.

Olho para ele com surpresa.

– Porquê?

– Não sei bem. Ultimamente as coisas entre nós andam um pouco

estranhas e... – Parece estar prestes a dizer mais qualquer coisa e o meu coração sobressalta-se, mas depois detém-se a si mesmo. – Mas agora já estamos bem, não estamos?

Engulo em seco. Sorrio. Tento não pensar demasiado no que ele quer dizer, se fui eu quem fez com que as coisas se tornassem inicialmente desconfortáveis, se ele ainda está a pensar naquele dia na casa de chá, ou no meu embaraçoso ataque de choro em frente ao seu prédio.

– Sim, claro que estamos.

Mais tarde, o Caz acaba o jantar e elogia as minhas capacidades culinárias («Está realmente muito melhor do que aquele bolo que me fizeste»), e fico ao seu lado até ele adormecer. Até a Lua se erguer alta no céu.

E muito depois disso.

Enquanto olho para ele, tão desprotegido a dormir, tenho uma sensação estranha no meu peito – uma espécie de contorção que me magoa como se fosse um ferimento recente e que me arde tanto como as lágrimas antes de caírem. É tão avassalador. Parece que o meu coração está a tentar trepar-me pela garganta acima.

Chego-me para trás com violência.

O Caz entreabre os olhos, fita-me com uma expressão negra e intensa. Sinto-me um pouco trémula sob o peso do seu olhar.

– Onde vais? – pergunta ele.

– Vou, hum – a minha voz falha-me. – Vou limpar a...

– Fica comigo – murmura ele, e as palavras saem tão rapidamente dos seus lábios que podem até ter sido um reflexo instintivo, um simples deslize ou um erro. Ele fica com uma expressão quase surpreendida, quase tímida, apesar de não retirar o que disse. Não foge, como eu faria. E é só quando o vejo a engolir em seco com desconforto que percebo *como* é difícil para ele deixar-se ver neste estado desprotegido e enfraquecido. Pedir alguma coisa a alguém.

Dá-me vontade de ser mais corajosa também, de lhe oferecer qualquer coisa em retorno. Algo real, para variar.

– Eu... está bem. – Lentamente, volto a ajoelhar-me ao lado do sofá. A sala está tão silenciosa que consigo ouvir a minha própria respiração entrecortada, o estalar suave das tábuas do soalho enquanto mudo o peso do meu corpo. Tudo está a mudar. A inclinar-se. A desviar-se loucamente da rota e não sei como fazer isto parar, nem sequer se quero que pare. – Está bem, mas com uma condição.

– Qual? – pergunta ele, instantaneamente cauteloso.

– Se alguma vez voltares a sentir-te doente, magoado, ferido ou enfraquecido, *tens* de me contar. Não podes guardar tudo para ti e fazer de conta que és muito durão...

Ele começa a protestar, mas sobreponho a minha voz à sua, sabendo que

devo estar a ultrapassar uma linha qualquer invisível, mas sem querer saber se o faço ou não.

– Porque, não importa o que aconteça... agora somos amigos, não somos? Eu quero ser aquela pessoa a quem podes recorrer. Quero ser alguém com quem te sentes seguro. Quero que sintas que quando estás comigo podes ser simplesmente... *humano*. Tipo, não precisas de estar sempre a mostrar o teu melhor lado. Está bem? – Quando ele abre a boca para argumentar, acrescento: – Promete-me.

Ele engole com força. Vê qualquer coisa no meu rosto – determinação, talvez, ou toda a preocupação que tenho tentado tão desesperadamente esconder dele – e isso fá-lo assentir.

– Muito bem.

– Muito bem – repito, soltando um silencioso suspiro de alívio.

– Ótimo.

Um pequeno sorriso curva-me os lábios.

– *Ótimo*.

E depois, como já ultrapassei a linha proibida, estendo a mão impulsivamente e acaricio-lhe o cabelo com ternura.

É suave. Ainda mais suave do que estava à espera. Os olhos do Caz voltam a fechar-se, mas não com cansaço; pelo contrário, todos os músculos do seu corpo parecem subitamente tensos.

Só parece descontrair quando me chego para a frente, desço a mão até ao braço dele e digo aquilo que, desde que tenho memória, tanto queria que alguém me dissesse. Aquilo de que ainda estou à espera que alguém me diga:

– Eu não vou a lado nenhum. Prometo.

Capítulo 16

Depois de anos a celebrar o Festival da Lua em lugares que se focam mais no Natal e no Ano Novo, é agradável ter finalmente um feriado de verdade para festejar.

As duas semanas de férias são uma bênção em mais do que um sentido. O que quer que tenha mudado entre mim e o Caz naquela noite no apartamento dele – e alguma coisa mudou, senti-o em todas as fibras do meu corpo enquanto regressava a casa – é posto em espera porque ele vai passar as férias inteiras a Hengdian. Por isso, tenho tempo para aprimorar a primeira vaga de candidaturas à universidade antes de o prazo terminar. A minha mãe consegue também organizar uma reunião familiar, há muito aguardada, numa marisqueira; como se veio a revelar, reunir mais de sessenta membros da família no mesmo lugar e à mesma hora é, nas palavras da minha mãe, um pesadelo logístico.

Assim que entramos pelas portas duplas iluminadas por lanternas do restaurante, somos recebidos por uma série de aquários enormes: caranguejos a arrastarem-se rapidamente do outro lado do vidro e percas-gigantes a nadar nas águas turvas. Fico a olhar fixamente para eles durante uns instantes, para as suas bocas abertas e para os olhos negros inexpressivos, depois obrigo-me a desviar os olhos. Sabendo como este tipo de sítios funcionam, daqui a pouco um deles vai acabar no meu prato. É melhor não me afeiçoar a eles.

Uma empregada de mesa simpática e com cara de bebé leva-nos em direção a uma enorme sala privada no extremo oposto do restaurante, onde já ouvimos os nossos familiares muito antes de os vermos. O meu estômago contorce-se de nervos. Posso apenas rezar para que o meu conhecimento medíocre de chinês me safe.

E assim começa a reunião familiar.

Parece uma versão elaborada, para a família mais afastada, de um encontro empresarial. A minha mãe, o meu pai, a Emily e eu estamos alinhados a um lado da sala, de costas para os biombos de motivos florais, com sorrisos

luminosos colados no rosto, enquanto os nossos familiares se aproximam um por um para nos beliscarem as bochechas e nos oferecerem presentes: pacotes de tâmaras vermelhas frescas e alperces dos seus próprios pomares, um conjunto de caligrafia caro para nos ajudar «a recuperar o contacto com a nossa cultura». Vários pacotes vermelhos e gordos são-nos enfiados nas palmas das mãos (não obstante os protestos da nossa mãe de que já somos crescidas demais para recebermos dinheiro pelo Ano Novo Chinês) e muitos comentários desnecessários, porém bem-intencionados, são feitos sobre o meu peso.

Estão aqui os tios de olhar aguçado, difíceis de impressionar, que me perguntam pelas minhas notas, e também as tias coscuvilheiras que só consigo distinguir pelo tamanho das permanentes que usam no cabelo. Depois estão aqui parentes que não sei como devo tratar: devo usar os dialetos regionais ou os termos mais formais adotados pelo mandarim, mesmo que sejam apenas nossos primos muito mais velhos? Por isso, eu e a Emily acabamos por nos entreolhar e procurar nos nossos telemóveis pelos nomes certos.

É tudo muito barulhento e avassalador, completamente caótico e... as saudades que tive disto. Desta energia que paira no ar e das gargalhadas que me chegam de todos os lados. Da sensação estranha de olhar para uma sala apinhada de gente e reconhecer variações do sorriso da minha mãe, dos olhos da minha irmã.

A nossa *laolao* – a avó materna – é a última pessoa a cumprimentar-nos e as pessoas afastam-se para ela passar, como fariam a uma rainha. Mesmo no fim dos seus 60 anos, *há* qualquer coisa régia nela: as rugas vincadas no seu rosto, a expressão dura do seu olhar. A história está ali registada. Tem vestida a mesma blusa lilás puída que usa numa das poucas fotografias que temos juntas, e o seu cabelo com madeixas grisalhas foi apanhado num elegante carrapito.

– *Laolao hao* – digo, com respeito, quando ela para à minha frente.

Sem dizer uma palavra, a minha avó puxa-me para um abraço feroz, daqueles que até esmagam os ossos, envolvendo-me nos aromas doces das ervas, do chá de jasmim e de detergente para a roupa. Constrangida, dou-lhe uma palmadinha nas costas, porque não sei bem como retribuir este abraço.

– Estou tão feliz por teres voltado para casa – murmura ela, a sua respiração quente sobre a minha pele, as mãos com calos a segurar-me firmemente nos ombros, como se tivesse medo de que eu desapareça assim que me largar.

Quando, alguns instantes depois, me larga, fico alarmada por ver que tem os olhos vermelhos. Porém, a sensação ainda mais alarmante é o ardor que sinto nos meus próprios olhos. Pestanejo com força e abro os meus lábios num sorriso enorme.

– Claro que tínhamos de voltar para casa – digo-lhe no meu mandarim um pouco desastrado e infantil. – A avó está aqui.

Ela sorri-me com tanto amor que o sinto como um peso tangível, antes de se dirigir à Emily.

Mas fico presa ao chão, a pensar. No que significa a família. A nossa *casa*.

Há cerca de cinco anos, numa escola cujo nome já quase não me recordo, um professor de Inglês pediu-nos que escrevêssemos uma composição sobre o tema Casa. Toda a gente soube imediatamente sobre o que iria escrever: as suas casas de infância no Ohio, a quinta da família no Texas, a cidade onde viveram a vida inteira. Era simples. Só eu hesitei perante a ideia.

Depois, como uma perfeita idiota, verbalizei a minha preocupação em voz alta para o professor e para todos os meus colegas de turma.

– E se não soubermos muito bem onde é a nossa casa? Ou, e se... e se não tivermos um lugar que seja a nossa casa? – perguntei.

Algumas pessoas riram-se, como se eu estivesse a tentar ser engraçada ou propositalmente difícil.

O professor limitou-se a fitar-me durante um instante.

– Não seas ridícula – disse ele. – Toda a gente tem uma casa.

Tentei explicar-lhe o que queria dizer, mas nessa altura o professor já tinha perdido a paciência. Disse que eu era preguiçosa, que estava a inventar problemas inexistentes para tentar safar-me de um trabalho bastante simples. Ele não me entendeu; nenhum dos meus colegas de turma me entendeu. Eles não tinham passado metade da infância a frequentar reuniões familiares, a comer crepes de pato desfiado e a lançar papagaios de papel em Beihai Park antes de serem levados para um país cuja língua não falavam, sem saberem sequer soletrar o seu nome. Eles não tinham aprendido a andar de bicicleta nas estradas largas e ensolaradas da Nova Zelândia, só para, dois meses depois, terem de vender a bicicleta porque iam mudar-se para Singapura. Eles não passaram o décimo aniversário num avião e o décimo primeiro a chorar numa casa de banho em Inglaterra, porque não conheciam ali ninguém e um miúdo qualquer da turma nova fez troça da sua pronúncia.

Para eles, casa era uma peça só, um lugar, não algo que se espalhava por todo o globo, algo fragmentado e quase irreconhecível.

Foi isto que escrevi na composição, mas o professor devolveu-me sem nota. Disse-me que eu não tinha entendido o tema e pediu-me que voltasse a escrevê-la.

Por isso, da segunda vez inventei uma história. Escolhi ao acaso uma das cidades em que tinha vivido e escrevi um monte de tretas sobre como pertencia àquele lugar. Em retribuição, recebi a nota máxima e o comentário: *Não foi assim tão difícil, pois não?*

Mas agora, ao olhar para esta sala, questiono-me se a resposta para aquela

composição não seria tão simples quanto isto. Como o que vejo aqui. Ao pensar em todas as salas em que entrei aos 8, 10, 14 anos e em todas as pessoas que conheci nelas... e talvez tenha deixado uma parte de mim com elas e tenha trazido comigo uma parte delas; não é assim que se constroem as casas? Como uma coleção de coisas que nos formam?

O meu coração está um pouco mais leve quando me sento entre a Segunda Tia (que tem a maior permanente) e a Terceira Tia, à espera de que comecem a servir a comida. Até agora só há tostas de camarão e amendoins salgados sobre as toalhas de mesa vermelhas.

– ... é como te digo, eles iam ficar tão bem juntos – diz a Segunda Tia, enquanto pega em amendoins uns a seguir aos outros usando apenas os pauzinhos. – Não ficava nada surpreendida se também namorassem na vida real. É muito comum entre os atores, sabes. Como a Tang Yan e o Luo Jin. Ou o Zhao Youting e a Gao Yuanyuan. Estão sempre juntos no estúdio – estas coisas estão *destinadas* a acontecer.

– Sim, sim e são ambos tão bonitos – concorda a Terceira Tia. – Os filhos deles seriam tão lindos, até já estou a imaginá-los.

Mastigo rapidamente uma tosta de camarão e deixo-as coscuvilhar. Mas depois a Segunda Tia diz:

– Aquele rapaz, o Caz Song, é mesmo bonito, não é? A estilista dele no *A Lenda de Feiyan* também devia adorá-lo; nunca vi ninguém usar tão bem fatos antigos.

Quase me engasgo com a tosta. *Oh, meu Deus.* Elas estão a falar do Caz. Não apenas do Caz, mas também da sua anterior colega Angela Fei. A atriz que no ano passado foi votada uma das Mulheres Vivas Mais Deslumbrantes. Apesar de *eu* saber que os dois não estão juntos, sinto um sabor amargo a encher-me a boca. Até paro de comer.

Do outro lado da mesa, a Emily abre a boca – provavelmente para anunciar à mesa inteira com quem o Caz *realmente* namora. Dirijo-lhe um olhar de alerta rápido e felizmente a nossa telepatia de irmãs está tão forte como sempre, porque ela hesita e a seguir volta a fechar a boca.

Nenhuma das minhas tias repara.

– Não, espera aí. Tenho quase a certeza de que ouvi algures que o Caz tem uma namorada nova. Uma *suren*, vê lá tu – diz a Segunda Tia, as suas pulseiras de ouro e jade a tilintarem enquanto abana a cabeça. *Suren*: uma desconhecida, alguém que não é uma celebridade. Diz esta palavra da mesma forma que uma mulher da nobreza diria *camponês*.

A Terceira Tia ergue as sobrancelhas.

– Uma *suren*? A sério? Quando podia namorar com a Angela Fei?

– Talvez ela seja ainda mais bonita do que a Angela – diz a Segunda Tia, num tom de voz de quem duvida seriamente. – Ou então pode ter uma

excelente personalidade.

A Terceira Tia resfolega com desdém.

– Estás a brincar comigo? Os jovens de hoje não namoram por causa da personalidade. Sobretudo quando são tão populares como o Caz Song. – Depois vira a cabeça para mim e pergunta: – O que achas, Ai-Ai?

– De quê? – consigo balbuciar. É um milagre encontrar forças para falar sequer.

– Tens estado a ouvir-nos, não tens? – pergunta, acenando com a mão no ar. – Consegues encontrar uma boa razão para um ator superatraente e rico, que está a aproximar-se do auge da sua carreira, escolher uma rapariga qualquer em vez da colega deslumbrante?

– Hum, na verdade, não – respondo, engolindo em seco e sentindo uma pedra alojada no fundo do meu estômago. – Não, não consigo mesmo.

Naquela noite, estou deitada na cama, ainda a tentar engolir a pena que sinto de mim mesma depois da conversa com as minhas tias, quando o Caz me liga pela primeira vez.

– Estou? – atendo, entalando o telemóvel entre o rosto e almofada. – Daqui fala a Eliza. Ligaste para o número errado ou algo do género?

Ouç-o rir e o som grave que sai da coluna do telemóvel, como se fosse a maré a abater-se sobre a areia, faz-me corar, ainda que contrariada. Há qualquer coisa de estranhamente íntimo em ligar a alguém quando já está escuro. É como ouvir a nossa canção favorita no meio do metro apinhado de gente; o mundo torna-se mais pequeno até que só existimos nós e a voz que nos chega aos ouvidos, enquanto toda a gente à nossa volta se dedica às suas vidas, completamente alheios a nós. É uma sensação quase sagrada. Como um segredo.

– Sei bem que és tu, Eliza – diz ele simplesmente. – Só queria falar contigo.

– Oh – respondo.

– Olha. – Faz uma pausa e ouço um suave ruído estaladiço, o estalar breve de molas, como se estivesse a sentar-se em algum lado. – Estás ocupada agora, ou...

– Não – respondo, porque parece que me esqueci que uma conversa normal tem de incluir mais do que monossílabos. Por outro lado, é a primeira vez que um rapaz me liga de noite, sem contar os colegas de turma que me ligaram por causa de trabalhos de grupo. – E tu?

– Eu já voltei para o hotel – responde ele. – Acabámos de filmar uma cena muito importante hoje. – Segue-se uma pausa nítida. – Na verdade, foi uma cena de beijo.

– Oh – repito. Não sei por que motivo me está a dizer isto, ou como diabo

devo reagir, nem sei sequer como bloquear a imagem que me surgiu no pensamento. O Caz. O Caz a beijar outra pessoa, uma rapariga bonita, com pernas esguias, cabelo brilhante e pele perfeita. Alguém como a Angela Fei. – Hum, que bom. Parabéns.

– Eu... queria contar-te. – Talvez seja por causa da estática do lado de lá, mas ele parece quase nervoso. – Quero dizer, sinto que devia contar-te.

– O quê?

– A cena do beijo – diz o Caz lentamente, com intenção, e quase desejo que ele pare de dizer esta palavra, porque está a invocar toda a espécie de pensamentos confusos e proibidos sobre ele. – Foi... quero dizer, precisámos de fazer cinco *takes*, e foi muito demorado; as minhas mãos estavam na cintura dela, mas não houve língua nem nada. E estávamos vestidos. Completamente vestidos.

– Eu... neste momento estou um bocadinho confusa.

Ele faz um pequeno som de frustração.

– Não estás mesmo a entender o que estou a tentar dizer?

– Não – respondo, também frustrada, sentindo o calor a espalhar-se pelo meu rosto e pelo corpo todo. – A única coisa que consigo ouvir é a tua descrição bastante detalhada de como beijaste outra rapariga. O que é adorável, mais uma vez, fico felicíssima por ti, mas...

– Não estás... não estás com ciúmes?

Claro que estou com ciúmes, é o que tenho vontade de dizer. Quero desligar o telemóvel, ir procurá-lo pessoalmente e dar-lhe um safanão. Estou com tantos ciúmes que chega a ser embaraçoso. Sinto-me doente, embora nem sequer tenha *direito* a ter ciúmes, não de verdade. Não há nada no nosso acordo que o proíba de beijar outras pessoas. Principalmente se considerarmos que é algo que faz parte do seu trabalho.

Mas talvez, depois daquela noite no apartamento dele, eu tenha deixado escapar acidentalmente mais qualquer coisa... Talvez ele esteja arrependido por ter deixado cair um pouco a guarda comigo, ou então está preocupado que eu tenha interpretado mal alguma coisa, que eu pense que agora tenho algum direito sobre ele. Talvez seja isso que me está a perguntar.

– Claro que não estou com ciúmes – digo-lhe e até consigo soltar uma pequena gargalhada enquanto as minhas unhas se cravam nos lençóis. – Por que razão havia de ter ciúmes?

– Está bem. Muito bem, que bom. – Uma pausa. – Se tens a certeza.

– Tenho a certeza. *Certezinha*.

– Está bem – repete ele lentamente.

Afasto o telemóvel da orelha por um segundo, fito-o e depois volto a aproximá-lo. Mas que raio de conversa é esta? Por que motivo estou a fazer isto a mim mesma? Por que diabo sinto que cada vez que falo com ele acabo com

contraturas no pescoço?

– Está bem – repito, depois de uma pausa. – Bem, isto foi... divertido. Se estavas a ligar só para confirmar que... tudo bem. Adeus? Acho eu?

– Claro – acaba ele por responder. Quem me dera poder vê-lo, ver a sua expressão. Quem me dera conseguir entender o que ele está a pensar. – Então, adeus.

Sou a primeira a desligar e atiro o telemóvel para o outro lado da cama antes de enterrar a cabeça por baixo da almofada com um gemido.

– Mas que diabo – resmungo em voz alta, ainda meia convencida de que o Caz me ligou por engano. E mesmo que não tenha sido por engano, não há a menor hipótese de voltar a ligar-me depois disto.

Mas, como sempre, o Caz Song consegue surpreender-me. Porque me liga na noite seguinte, mais ou menos à mesma hora, e na noite depois dessa, e na seguinte. Não sei se me liga enquanto namorado falso, para que continuemos as nossas sessões de treino de química, ou se me liga enquanto amigo, que acho que é o que somos agora. Tenho demasiado medo de lhe perguntar. Demasiado medo de estragar outra coisa boa.

Inicialmente, as nossas conversas são um pouco embaraçosas, desconfortáveis – pelo menos da minha parte – e limitadas a tópicos comuns e educados: *O que fizeste hoje? Como foram as gravações? Viste a publicação desta ou daquela pessoa?*

Mas depois as chamadas tornam-se cada vez mais longas, duram mais de uma hora e continuam até as ruas lá fora estarem absolutamente silenciosas, até a única coisa que consigo ouvir é a nossa respiração. Em breve, tornam-se um hábito.

Às vezes falamos até o meu telemóvel ficar sem bateria. Outras vezes adormeço com a voz dele ao meu ouvido.

Sem ter intenção de o fazer, começo a contar-lhe histórias sobre a minha vida nos outros países. Histórias que nunca contei a ninguém, que mantive fechadas a sete chaves dentro de mim durante tanto tempo que agora quase me parecem mais cenas de um filme antigo que vi do que coisas que me aconteceram de verdade. Conto-lhe a respeito do último jantar com a minha família antes de deixarmos Pequim, como a minha *laolao* chorou e, na altura, não entendi porque chorava. Conto-lhe acerca dos colegas de turma que detestava, dos professores que adorava, nem que fosse apenas porque eram compreensivos quando eu usava o uniforme errado ou me perdia na escola.

E em troca ele conta-me coisas que deixa fora das entrevistas. Como todos os dias pesquisa secretamente o seu próprio nome *online* e de vez em quando lê textos de ficção que se escrevem a seu respeito. Como detesta alturas, e que tem medo do escuro. Como sabe exatamente daquilo que não gosta, mas nem sempre sabe aquilo que quer.

– É por isso que estás a planear candidatar-te às universidades que a tua mãe escolheu para ti? – não resisto a perguntar.

Segue-se uma pausa.

– O que queres dizer com isso?

– Vá lá, Caz – respondo calmamente, olhando para o teto e questionando-me como será o teto do quarto de hotel dele. Deve ser mais elegante, mais alto e com lustres a cintilar por todo o lado. – Eu estava lá quando escrevi os textos para as tuas candidaturas, lembras-te? Não conseguiste dizer-me *uma única coisa* pela qual ansiasses, tive de as inventar por ti. Mas quando comesas a falar de representação, pareces uma pessoa completamente diferente. Porque é algo que adoras. E és muito bom ator.

– É mais complicado do que isso – protesta ele. – A minha mãe...

– Pareceu-me uma pessoa bastante razoável. Talvez precise de um pouco de persuasão, mas se tentares realmente falar com ela...

– Mas aí é que está o problema – diz ele, engolindo em seco e imagino-o a puxar o cabelo, a andar em círculos pelo quarto como fez no corredor da escola, naquele dia das reuniões de pais e professores. – Se isto fosse só acerca da disciplina ou de me obrigar a ter uma vida infeliz, não me sentiria mal em fazer aquilo que quero realmente fazer, entendes? Só que não é isso que a minha mãe está a tentar fazer. Ela está só a tentar olhar por mim, ajudar-me a assegurar um futuro bom e estável, e por vezes – *muitas vezes* – até acho que ela tem uma certa razão.

»Porque tenho tantos amigos que queriam ser atores, mas nunca conseguiram receber papéis importantes, ou que trabalharam arduamente e conseguiram o papel, mas depois não tiveram sucesso... quero dizer, adoro representar, mas é um meio *difícil* e imprevisível. Além disso, como posso ter a certeza de que é mesmo o que quero fazer para o resto da minha vida? Ainda só vivi, tipo, um quarto da vida. E se recusar agora uma vaga numa universidade espetacular para daqui a dois anos me aperceber de que afinal já não estou interessado em ser ator? O que faço então?

Ele para de falar abruptamente e a sua respiração está mais sonora do que é normal, é como se tivesse estado a correr enquanto fez este seu monólogo.

O Caz Song não é apenas bom a esconder a dor física. Também é bom a esconder as suas mágoas emocionais. Só de olhar para ele, de observar como se comporta na escola, jamais diria que ele pensa tanto nas coisas que acabou de me dizer.

– Mas pensa só um pouco na possibilidade – digo-lhe, quando ouço a sua respiração a acalmar-se. – Está bem?

– Está bem – diz ele com relutância, um segundo depois. – Está bem, vou pensar.

– Oh, e Caz?

– Sim?

– Obrigada por estares a manter a tua promessa. – Pigarreio, sabendo como soo estranha. – Que fizeste naquela noite na tua casa. Sei que é difícil para ti falares destas coisas, mas... estou muito contente que o tenhas feito.

– Não é nada de especial – diz ele, embora eu saiba que é. Depois faz uma pausa. Numa voz tão suave que mal consigo ouvir, ele diz: – Obrigado também.

O meu coração estremece.

– Porquê?

– Por... estares aqui para mim. Eu também quero estar aqui para ti.

Fecho os olhos ao ouvir estas palavras. Claro que são maravilhosas de ouvir. Como é evidente. Mas estamos a falar do Caz Song; nos ecrãs, ele já pronunciou um milhão de frases românticas como esta, todas com uma aparente sinceridade. Não posso confiar que está *mesmo* a falar a sério, não posso iludir-me e pensar que ele corresponde aos meus sentimentos, quando nunca ninguém se apaixonou por mim antes. Quando ele é o Caz Song, a Estrela em Ascensão e eu sou... *eu*.

Ainda assim, depois de deslignarmos, demoro uma eternidade a adormecer.

Estou tão habituada a ver o nome do Caz a piscar no ecrã do meu telemóvel que, no sábado à noite, quando este vibra, atendo sem sequer olhar.

– Não me digas que conseguiste finalmente matar o general? – pergunto, referindo-me a uma cena que ele me disse que estava a preparar. É um dos benefícios inesperados de ter um namoro falso com um ator: tenho acesso a uma série de *spoilers* dos filmes que ainda não saíram.

Segue-se um longo silêncio.

Depois a voz da Zoe surge em linha, confusa e estranhamente distante. Ou talvez a ligação hoje não esteja muito boa.

– Hum... o quê?

– Oh. – Levanto-me rapidamente na cama, afastando as notas que estava a compor para aquela tal entrevista para a empresa de comunicação de Pequim. Por algum motivo, fico com os músculos tensos, como se estivesse a preparar-me para alguma coisa. – Oh, desculpa. Pensei... pensei que eras outra pessoa. Olá.

– Quem pensaste que era? – pergunta a Zoe. Quando não respondo logo, ela mesma responde. – O Caz.

Faço um débil e vago som a concordar.

– Então vocês ainda estão a fazer essa cena? – Mais uma vez, a voz dela tem uma certa nota ríspida.

– Que cena?

– Aquilo do namoro falso.

– Bem, sim – respondo, agora já com o corpo inteiro num estado de rigidez, o meu tom de voz defensivo. Depois passa-se um longo instante em que ficamos ambas à espera de que a outra diga mais alguma coisa. Não me lembro de quando as coisas começaram a ser assim, quando deixámos de falar aos gritos, uma por cima da outra, sobre tudo e mais alguma coisa, mesmo quando não tinha acontecido coisa nenhuma. Mas temos andado muito ocupadas.

Mas também andávamos ocupadas quando eu ainda vivia na América e as coisas não eram assim tão más.

Está a acontecer, penso, e assim que este pensamento me ocorre, torna-se numa mancha permanente que se alastra para tudo, colorindo todas as memórias com um tom cinzento e podre. O nome da *playlist* que mudou. As chamadas cada vez mais curtas. As mensagens por responder. A pulseira esquecida. *Exatamente como aconteceu com todas as amigas do passado*. A June, de Londres. A Eva, de Singapura. A Lisa, da Nova Zelândia. No fim, acaba sempre tudo da mesma maneira.

Estamos a afastar-nos.

Não, *já nos afastámos*. O que quer que esteja a acontecer agora é o que vem depois.

O meu coração deixa de bater num desespero silencioso, mas a Zoe volta a falar, sem se aperceber de nada disto.

– O que estás a pensar fazer a respeito disso?

– *Fazer?* – repito, sem conseguir afastar a sensação de que perdi o fio à meada.

– Bem, quero dizer, não podes continuar a mentir ao mundo inteiro, pois não? – insiste ela. – Tipo, inicialmente pensei que ia ser só uma cena supertemporária. Uma piada. Mas já se passaram *meses*, Eliza, e isto... Isto parece mesmo o tipo de coisa que está destinada a rebentar-te na cara.

Cerro o maxilar, a tensão agora a alastrar até aos dedos dos pés. Um dos motivos pelos quais sempre admirei a Zoe é a sua capacidade de passar por todas as camadas de tretas e ir direta ao assunto. Ela é assim, corajosa, muito mais do que eu alguma vez serei.

Mas é exatamente por ela ser assim que este é o último assunto que eu queria debater.

– Vai correr tudo bem – digo-lhe, com toda a calma falsa que consigo invocar, enquanto contorço o canto da minha almofada entre os dedos pegajosos. – No fim há de correr tudo bem. Mas já prometi à Sarah – e a toda a gente da Craneswift – que depois das férias vamos dar uma grande entrevista, o que deve ser ótimo para a minha carreira e...

– E eu apoio inteiramente que estejas aberta a todas as oportunidades – diz

a Zoe. – A não ser quando a tua carreira é baseada numa mentira, *literalmente* numa mentira. Quero dizer, como esperas conseguir manter o público que te lê e ganhar o respeito de qualquer publicação se alguma vez se descobrir...

– É por isso que ninguém *pode* descobrir – interrompo, com o estômago às voltas. – Não vão descobrir.

– Pois, espero... – a Zoe começa a dizer qualquer coisa, mas ouve-se o barulho de uma notificação e ela hesita. – Ai, desculpa, acabaram de chegar as notas do meu exame de Química e...

– Vai lá ver – digo-lhe.

– Tens a certeza? – Solta uma pequena gargalhada, mas não é sincera. Eu sei que não é. Costumava conhecer tudo na Zoe; quais eram as gargalhadas que fingia quando queria sair de uma conversa, de uma festa, de uma sala.

E ela agora quer sair.

Não sei como fazer com que as pessoas queiram ficar; nunca soube. Por isso, limito-me a dizer:

– Sim, claro que sim. Vai, hum, adeus.

– Está bem. Adeus.

Mas a sua voz tem um certo tom de definitivo.

Capítulo 17

Na véspera do início das aulas, a minha vida desmorona-se.

Bem, *desmoronar* não é exatamente o termo, porque tudo parece implodir, na verdade, a começar com a notificação que aparece no meu telemóvel logo de manhã:

Eu sAbia que Estavas a Mentir.

Fico a olhar fixamente para as palavras durante muito tempo, com o coração a bater descontrolado. É perturbadora como o caraças, e não apenas por causa das maiúsculas arbitrárias.

Se estão a acusar-me de mentir, só pode ser a respeito de uma coisa...

Uma sensação terrível entranha-se no meu estômago. Sento-me depressa na cama e desbloqueio o telemóvel para entrar de imediato no Twitter. É nesta altura que todos os comentários começam a aparecer, tão parecidos com o primeiro. Igualmente hostis. Simplesmente abomináveis.

@blondie22: Mentirosa.

@abigailsmithhh: Lol acho que as pessoas fazem TUDO por cinco minutos de fama. Estás feita, miúda.

@utilizador 1127: o Caz Song merece melhor.

@MaylsADog: que coisa patética!! E eu aqui a pensar que tínhamos mesmo um casal perfeito por quem torcer... parece que não.

@chengxiaosgi: EU SABIA. aVISEI TODA A GENTE que era um golpe publicitário! Ouviram AQUI PRIMEIRO.

@wenkexing520: é por estas e por outras que nunca podemos ter nada bonito.

E isto é tudo... quero dizer, já recebi mensagens de ódio antes. É inevitável para todas as pessoas que, a certa altura, se tornam pelo menos moderadamente virais. Supostas admiradoras a dizerem-me que sou demasiado feia para o Caz, ou que estou a impedir o progresso da sua carreira. *Trolls* que aparecem vindos de lado nenhum e que comentam como não tenho talento nenhum e que sou sobrevalorizada. Pessoas anónimas que dizem que é

antifeminista da minha parte apaixonar-me. Parvalhões racistas que fazem as piadas estereotipadas do costume nas secções de comentários.

Estas coisas magoam sempre um pouco, claro, e algumas até se aproximam demasiado das minhas inseguranças, mas a estratégia mais óbvia é ignorá-las simplesmente.

Só que isto... isto é diferente.

Todo o meu corpo está a tremer enquanto pesquiso o meu próprio nome no Google; naquele momento em que os resultados ainda não carregaram, sinto o coração a bater furiosamente nos ouvidos e acho que vou vomitar. Ou talvez desatar a chorar. Depois os resultados aparecem e estou demasiado ocupada a ler por que razão um bando de estranhos na Internet me odeia para conseguir sequer invocar a energia para chorar.

A fonte do problema torna-se rapidamente evidente.

Por volta da meia-noite de ontem, quando já estava a dormir profundamente, alguém publicou um longo artigo a especular que a minha relação com o Caz era apenas um golpe publicitário imaginado pela sua agente. O artigo salienta algumas «discrepâncias» entre o meu texto e os horários do Caz. Como, por exemplo, no dia em que presumivelmente saímos para comer sopa quente, o Caz estava ocupado a fazer algumas atividades promocionais para o seu último romance e não podia de maneira nenhuma ter-se encontrado comigo. Ou que eu mencionei num parágrafo que ele tinha um pelo de um gato de rua na camisola, apesar de ser alérgico a gatos. *É o que toda a gente da indústria está a fazer atualmente. Já alguém os viu a dar um beijo de verdade, sem ser aquele beijinho no rosto na selfie que a rapariga publicou?*

Talvez tudo tivesse corrido bem se, através da mesma estranha e imprevisível alquimia da Internet que fez com que o meu texto se tornasse viral, este artigo não tivesse disparado para o número um das tendências de busca.

A partir daqui, foi sempre a descer.

– Oh, meu Deus – murmuro, atirando o telemóvel para cima da cama, onde aterra com um barulho suave e insatisfatório. Viro-me. Fecho os olhos com força. – Oh, *meu Deus*.

A pior parte de tudo isto é que eu devia ter previsto o que ia acontecer. Porque apesar de me parecer um daqueles cataclismos que vai acabar com o mundo, também me parece uma inevitabilidade.

As palavras que a Zoe me disse no outro dia voltam a ecoar aos meus ouvidos. *Isto parece mesmo o tipo de coisa que está destinada a rebentar-te na cara...*

E, de repente, com uma pontada de dor tão aguda como se tivesse uma cárie nos dentes, dou por mim a ter saudades da Zoe. De como entrava numa

sala de aulas cheia de gente e sabia que ela me guardava sempre um lugar. Como ela esperava sempre por mim junto aos cacifos, logo pela manhã e depois das aulas, e como era sempre uma âncora no meu dia. Mais do que isso, sinto saudades da pessoa que sempre fui quando estava com ela: uma rapariga mais corajosa, melhor, mais forte, alguém que não tinha medo de dizer piadas parvas e de se envergonhar um pouco para ir atrás do que queria.

Se a Zoe estivesse aqui, ela também não ia saber como resolver esta embrulhada. Mas saberia exatamente o que dizer para me acalmar, para me fazer sentir bem.

Atrás de mim, o meu telemóvel volta a apitar.

São de certeza mais comentários de ódio. E sei que não devia lê-los, que não vale a pena torturar-me mais, mas é o mesmo que tentarmos não coçar uma comichão, ou tocar numa ferida antiga: por muito masoquista que seja, não dá para controlar.

Por isso, agarro no telemóvel e preparo-me para uma variação qualquer de *fraude* ou *mentirosa* ou *odeio-te de morte*, mas, em vez disso, vejo apenas um nome a piscar no meu ecrã.

Sarah Diaz.

Daqui a algumas semanas, quando olhar para esta manhã em particular, é provável que não seja mais do que um borrão de pânico e ruído branco, um enorme buraco negro na minha memória.

Mal tenho consciência dos eventos deste dia à medida que eles se desenrolam. Num segundo estou ao telefone com a Sarah Diaz, a assegurar-lhe de que tudo não passa de um malentendido e que tenho um plano para resolver a situação – quando *não* tenho plano algum – e no instante seguinte estou a enviar uma mensagem ao Caz, que acabou de aterrar em Pequim e ainda não faz a menor ideia da tempestade de merda que se abateu sobre nós, embora não demore a aperceber-se.

Entre tudo isto, estou deitada no sofá, de barriga para baixo, a praguejar contra mim mesma e a tentar não arrancar todos os cabelos.

Ainda assim, por volta da hora do almoço, já me acalmei o suficiente para começar a pensar. Arduamente. A minha mãe já passou por crises de RP bastante piores do que isto – como aquele incidente da ratazana no café e o da masculinidade tóxica, além dos muitos que o Kevin provoca – e sempre conseguiu resolver tudo. Em algumas ocasiões, a reputação da empresa só melhorou como resultado da crise.

Então, o que faria a minha mãe?

Emitia um pedido de desculpas? Um comunicado formal? Não, não é o seu estilo; ela jamais confessa o que quer que seja, a não ser que a obriguem. Na

verdade, é provável que fizesse o oposto. Disfarçava um acontecimento importante com outro...

Fecho os olhos e penso, penso, até que, milagrosamente, me chega uma ideia à cabeça, como naquele dia em que vi o Caz na televisão.

Se o principal problema é as pessoas não acreditarem que eu e o Caz Song namoramos, então só tenho de lhes provar que estão erradas.

O meu telemóvel ilumina-se.

Estremeço instintivamente, mas é apenas uma mensagem do Caz, que já está a par de tudo.

O que fazemos?, pergunta ele.

Acho que tenho uma solução, respondo. *Mas provavelmente não vais gostar. oh – e dás-me o número da tua agente? assim que puderes.*

Passo o dia seguinte a fazer telefonemas e a escrever freneticamente alguns e-mails.

Antes de mais nada, entro em contacto com a equipa de publicidade do Caz. Esta parte corre melhor do que me atrevi a esperar: conseguimos localizar o endereço IP da pessoa que publicou o artigo original e descobrimos que se trata de uma fã *sisheng*, que é basicamente uma perseguidora, que já tinha recebido dois avisos da justiça por rondar o quarto de hotel do Caz. É perfeito. Afinal, a melhor forma de nos vermos livres de uma história indesejada é atacar a sua fonte, destruir a credibilidade do autor. A partir daí, basta-nos espalhar a informação *online* e esperar que a narrativa se escreva sozinha. *Fã ciumenta inventa mentira sobre Caz Song e namorada. Fã divulga teorias da conspiração sobre a sua estrela de cinema favorita.*

Ao mesmo tempo, a agente dele puxa uns cordelinhos nos bastidores e acidental e propositadamente divulga algumas fotografias arranjadas, sabe Deus como, de um ator casado, de um estúdio rival, a levar uma trabalhadora de um bordel para o seu quarto de hotel à noite. Poucas horas depois, a notícia explode e empurra o artigo mais antigo sobre mim e o Caz para fora das tendências de busca, até já ninguém falar de nós.

Depois a questão fica entregue a nós os dois e em como vamos ser bem-sucedidos numa derradeira atuação.

– Estás pronta?

Assinto ao avançar para me juntar ao Caz no terraço do telhado de um dos edifícios da nossa escola. É a primeira vez que o vejo tão de perto desde as férias e já me tinha esquecido de como é avassalador estar ao lado dele, com ou sem escândalos. Sinto o estômago contorcido, o sangue a correr-me nas veias,

os nervos em granja. O cabelo dele agora está um pouco mais comprido, a pele mais bronzada, os músculos esguios dos seus braços fletem-se enquanto se debruça no parapeito de vidro.

Está com muito bom aspeto.

Talvez *demasiado* bom aspeto, o que me distrai. Não consigo olhar para ele sem pensar naquelas noites em que tinha a sua voz colada ao meu ouvido. Parece que o meu coração falha uma batida.

– E tu, estás pronto? – pergunto, afastando todos os pensamentos desnecessários. Preciso de me concentrar. Só temos uma oportunidade para consertar isto e tem de ser perfeitamente executada.

– Quando é que não estou preparado? – O Caz tem a sua expressão de, *tipo, está tudo controlado, relaxa*. Não faço ideia como consegue estar tão calmo com esta situação. É quase irritante. – Vamos a isso.

Volto a assentir. Expiro lentamente e olho para lá do parapeito, batendo com os pés para os aquecer. Como era de esperar, o pátio lá em baixo e os caminhos que o rodeiam estão a encher-se de estudantes. O telhado é o único local que toda a gente consegue ver claramente, não importa em que ponto da escola estejam. O ditado diz que as pessoas têm de ver para crer, por isso estou a rezar para que, se nos virem juntos, *realmente juntos*, fiquem suficientemente convencidas de que temos, de facto, uma relação.

Tudo bem, não é o melhor plano do mundo, e não faço a menor ideia se vai funcionar ou não, mas é o melhor que podemos fazer por enquanto.

Quando já se juntaram lá em baixo pessoas suficientes, viro-me para trás e toco no ombro do Caz.

– Pronto. Vamos começar.

Ele arqueia uma sobrancelha e os lábios contorcem-se.

– Nem sequer me vais deixar entrar um pouco no ambiente, pois não?

Mas ele está a brincar ou quê?

– Tu és *ator* – sibilo. Sinto os olhos das pessoas fixos em nós, a observar o nosso diálogo. – Encara isto com seriedade.

– Tudo bem – diz ele e, apesar de já o ter testemunhado algumas vezes, fico espantada quando entra com facilidade no seu papel; o humor desaparece completamente do seu rosto, os olhos escurecem, ficam negros. São da cor do céu noturno sem Lua, carvões prontos para se incendiarem, a terra depois de uma tempestade. – Tipo isto?

– S-sim – balbucio. Engulo em seco. – Sim, tipo isso. – Dou um pequeno passo e acabo com a distância entre nós. Levo os meus lábios ao ouvido dele e murmuro, apenas para o Caz ouvir: – Agora despacha-te e beija-me antes que eles se vão embora.

Preparo-me. Tento esvaziar o pensamento. Este deve ser um beijo profissional, se é que semelhante coisa existe. Nenhum dos dois deve sentir

qualquer outra coisa senão a determinação sombria de fazer isto bem, e talvez uma centelha de aborrecimento, de impaciência, por ser necessário chegar a este ponto.

Ao invés, o que acontece é o seguinte:

O Caz segura-me no rosto com uma mão esguia e firme, delinea uma linha suave pelo meu rosto abaixo e a minha mente... a minha mente começa a escorregar em direção ao esquecimento. A respiração atraíço-me. Os seus olhos negros focam-se nos meus e estou a fitá-lo de volta, meio em choque e talvez com deslumbramento. Ele é estupidamente bonito e está tão perto de mim que me faz sentir uma dor física, e quero-o ainda mais perto. Desejo-o, apesar de não dever. Quero que ele me deseje também.

Já nem me lembro do que devíamos estar a fazer.

Depois, lentamente, ele leva a outra mão ao meu rosto. Os dedos tremem um pouco e o ar entre nós altera-se. Solidifica. Sobreaquece. A minha boca ganha vida própria e entreabre-se – o Caz vê.

Liberta um som suave que mal se ouve e que tanto pode ser um suspiro como o início de uma gargalhada ou qualquer outra coisa, uma rendição; a seguir debruça-se sobre mim e pressiona os lábios contra os meus como se não conseguisse controlar-se mais, como se tivesse esperado uma eternidade para me beijar...

E eu retribuo o beijo.

Beijo-o com uma intensidade que me choca.

Porque, não sei bem como, apercebo-me de que tenho andado a ansiar por isto: pela suavidade dos lábios dele a moverem-se contra os meus, a firmeza das suas mãos que me agarram, os pequenos e sedentos fogos que deflagram em cada minúsculo ponto de contacto entre nós.

Depois, tudo acaba, tão depressa como começou.

Não sei quem se afasta primeiro, mas de repente estamos os dois a recuar atabalhoadamente para trás, afastamo-nos e não há nada entre nós a não ser a nossa respiração irregular. Por uma fração de segundo, o Caz parece estar atordoado. Quase embriagado.

Mas no segundo seguinte, já é o Caz de sempre. Confiante. Seguro. Endireita-se, passa uma mão pelo cabelo e olha de relance para os estudantes no pátio da escola.

Sinto o sangue a bater-me tão alto nos ouvidos que quase me esqueço por que razão viemos até aqui, mas também olho para baixo, aproveitando para avaliar as expressões das pessoas. Algumas estão a olhar para nós com uma inveja e choque evidentes. Outras... outras estão a franzir o sobrolho, como se não soubessem bem o que acabaram de testemunhar.

– Achas... achas que resultou? – pergunto ao Caz, a minha voz muito mais aguda do que o normal.

– Honestamente? – Ouço-o engolir em seco. – Não.

– Espera... *o quê?* – pergunto, virando-me de repente. Mas antes de poder continuar a falar, ele agarra-me no pulso e puxa-me para longe da vista, conduz-me para trás até estarmos por detrás de bambus cor de jade e tangerineiras, escondidos num jardim só nosso, com as sombras suaves a dançarem à nossa volta e a luz a passar pelos espaços entre as folhas. – *O quê?* – repito num sibilo. Ele ainda não me largou. Estou profundamente consciente da pressão dos seus dedos contra a minha pele, da forma e do som exatos da sua respiração.

– Então, não há escândalo nenhum que se resolva num só dia, ou com uma única atuação. Precisamos de lhes dar um pouco mais de tempo.

– Então, por que razão... – Abano a cabeça, que ainda está a andar à roda. Consigo produzir exatamente um pensamento coerente – *o Caz Song e eu acabámos de nos beijar* – antes de o meu cérebro correr em direção a uma parede e se esborrachar todo. *O Caz e eu beijámo-nos*, e durante um longo instante, desde que os nossos lábios se tocaram, o Caz beijou-me como se... como se estivesse mesmo a ser verdade. *Não. Para com isso. Não vás por aí.* – Se não achaste que ia funcionar, porque é que concordaste com o plano?

Alguna coisa trespassa o rosto dele, mas limita-se a encolher os ombros.

– Bem, porque parecia que me querias mesmo beijar. E quem sou eu para te negar semelhante prazer?

O meu rosto irrompe em chamuscas. Ele diz isto como se estivesse a provocar-me. Não, como se estivesse a *fazer troça* de mim. E é claro que está. É claro que não estava a ser sincero naquele beijo – é assim que ele beija toda a gente, todas as suas bonitas coprotagonistas. Quem é que eu estava a tentar enganar? Para ele, um beijo é só um beijo.

– Uau – digo finalmente, chegando-me para trás e a sentir a vergonha a queimar-me o corpo como se fosse óleo quente. – Muito bem. Certo, isto foi claramente um erro, e para que conste, eu *não* queria mesmo beijar-te. De todo. Foi apenas algo que serviu uma causa maior. Tempos desesperados exigem medidas desesperadas, e essas cenas todas...

– A sério? – Ele avança na minha direção. Inclina a cabeça. – Então em que estás a pensar agora?

– Eu... *o quê?* – Coro ainda mais. Mesmo por entre a minha humilhação, estou a pensar, imperdoavelmente, que o que queria mesmo era beijá-lo mais uma vez, beijá-lo e saborear realmente o beijo, mesmo sabendo que seria mais real para mim do que alguma vez poderá ser para ele.

Mas é como se este beijo tivesse soltado todos os medos reprimidos e sentimentos que guardo dentro de mim. Porque também estou a pensar em como milhares de pessoas de todo o mundo parecem estar de alguma forma investidas em mim e no Caz, mas apenas na versão fantasiada da nossa

história. Estou a pensar como será a sensação de ter o Caz, só para depois o perder, da mesma maneira que perco toda a gente quando me vou embora. Penso na dor inconsolável e profunda que me chega aos ossos e que voltaria a sentir como consequência do meu desejo. Seria tão fácil voltar simplesmente para a minha velha e familiar solidão, só que desta vez, a solidão iria doer-me mais do que nunca, uma solidão inteiramente formada pela ausência do Caz.

Estou a pensar que se lhe disser o que sinto realmente, se deitar tudo cá para fora, não haverá realmente como voltar atrás. Já foi suficientemente difícil chegar até onde estamos agora – de desconhecidos, a aliados contrariados, a amigos de verdade –, pedir-lhe mais alguma coisa agora seria derrubar cada um dos trabalhosos tijolos de confiança que fomos empilhando entre nós. Estou a pensar que quebrei todas as regras que alguma vez me impus, só para dar ao Caz, ao bonito, imprevisível e reservado Caz, todas as munições de que ele precisa para me partir o coração.

– Eu... não sei bem o que pensar – respondo.

Ele dá mais um passo na minha direção. Eu recuo automaticamente, os pés de bambu elevam-se ao meu redor, roçam o meu rosto. Ele para. Liberta-me o pulso e leva a mão até à curva do meu maxilar; por pouco não me dissolvo ali mesmo ou não murmuro qualquer coisa incrivelmente perigosa e sincera.

– Então não tens sentimentos reais por mim? – pergunta ele, a sua voz num registo grave que nunca lhe ouvi antes. – Nem um bocadinho? – Mantém o olhar fixo no meu, mas os dedos percorrem um trilho até ao ponto suave e vulnerável da minha nuca e, como a idiota que sou, estremeço.

Nem consigo falar, por isso, abano a cabeça.

– A sério? – pergunta ele, com uma sobrancelha erguida, com o mesmo aspeto que tinha na primeira vez em que falei com ele, quando lhe disse que não tinha ouvido a chamada telefónica dele e ele não acreditou minimamente em mim.

Ouçó-me a engolir em seco. Tento ignorar a sensação das suas mãos na minha pele.

– N-não. Nada.

O Caz reage debruçando-se na minha direção e por um selvagem, maravilhoso e aterrorizante segundo, penso que vai encostar os lábios aos meus e, não consigo controlar-me – também me inclino. Mas ele limita-se a sorrir, como se tivesse acabado de provar algo aos dois, e encosta a boca ao meu ouvido.

– Mentirosa – murmura.

Não sei o que fazer, como reagir, como processar o facto de que fui apanhada. Por isso, regresso aos meus velhos hábitos, ao método de autodefesa que tenho entranhado em mim: sacudo a mão dele com um puxão. Dou meia-volta nos calcanhares e afasto-me dele. Desato a correr. Os meus pés batem

pesadamente no chão enquanto desço as escadas; puxo a porta de repente e saio para o sol ofuscante. Não vou às aulas e não paro de correr até estar suficientemente longe e sozinha, num canto remoto do *campus*. Até restar só eu, os meus pensamentos confusos e o meu coração, que bate violentamente.

Capítulo 18

Esforço-me muito para não pensar nisto.

A sério. Esforço-me *mesmo* muito para bloquear todos os pensamentos dos lábios do Caz Song a tocarem nos meus, as mãos calejadas a segurarem-me no rosto, a forma como o meu interior cintilou e se derreteu, como se o tivesse deixado demasiado tempo sobre brasas incandescentes.

Mas as memórias continuam a invadir-me a cabeça. São persistentes e chegam com uma clareza tão indesejada que mais valia ter gravado a nossa interação, porque consigo analisar a cena inteira uma e outra vez como faço com os filmes sobre os quais temos de escrever trabalhos comparativos para Inglês:

O que significa a frase: «Então não tens sentimentos reais por mim?» O que simbolizava a expressão dos seus olhos? Argumente, com base em provas.

Ao longo de toda a semana seguinte, enquanto o Caz está fora da cidade a filmar, as memórias continuam a assaltar-me sem qualquer critério: quando estou a meio de passar a loiça do jantar por água (porque os meus pais gostam de usar a máquina de lavar loiça como um escorredor de loiça e não confiam minimamente nela para a lavar); quando estou a vestir o pijama mais tarde, com metade da camisola entalada na cabeça, o cabelo emaranhado nos botões...

Então, em que estás a pensar agora?

– Merda – murmuro em voz alta, puxando a camisola para baixo com um pouco de força a mais e arrancando acidentalmente alguns cabelos. Fico com os olhos marejados de água. – *Merda* – repito, mais alto, zangada com ninguém a não ser comigo.

Pego no telemóvel e atualizo as mensagens – *sem mensagens novas desde a última sexta-feira* – e pouso-o com força. Bloqueio o Caz, depois desbloqueio-o antes que ele possa descobrir. Apago todo o nosso historial de mensagens e arrependo-me de imediato.

E a partir daqui, só piora.

No domingo de manhã, a minha mãe leva-nos ao Din Tai Fung para um *brunch* – ela acabou recentemente um projeto enorme e arranjou algum tempo na sua agenda complicada.

Venho da casa de banho do restaurante, e quase esbarro contra uma empregada de mesa que leva nas mãos uma pilha enorme de *dumplings* de camarão e *xiaolongbao*, quando vejo o rosto do Caz.

O rosto dele, tipo: aumentado dez vezes e retocado até um nível de perfeição sobrehumana, impresso num cartaz enorme ao lado da mesa onde servem o chá. É um anúncio a um chá suave qualquer com sabor a lúchias. Ele está a segurar a garrafa cor de pastilha elástica com uma mão e sorri com os lábios fechados. É o seu sorriso falso, aquele que usa quando é obrigado a fazer alguma coisa que não quer.

A legenda diz: *Oferece algo doce à tua namorada.*

E isto é tudo tão piroso, inesperado e com um sentido de oportunidade tão mau que só consigo ficar boquiaberta a olhar para o cartaz; observo o seu rosto bonito e familiar, as feições que já estudei em privado com tanta proximidade, aqui aumentadas para todos admirarem. Algo quente e doloroso se enrosca à volta do meu coração e o aperta.

Este cartaz não devia estar aqui. Ou talvez seja eu quem não devia estar aqui.

Mas se não for por mais nada, isto só prova que a minha reação naquele dia foi sábia, a mais acertada. Não estou a falar do beijo, mas da minha fuga. Porque um cartaz reluzente num restaurante de *dim sum* é apenas o princípio. Se a carreira do Caz continuar na sua trajetória atual, se ele se tornar cada vez mais famoso, se fizer cada vez mais publicidades e tiver mais patrocínios, se entrar a torto e a direito em tudo o que é filme, não vou só ver o seu rosto num anúncio de chá. Ele vai estar em ecrãs iluminados; o seu sorriso vai animar as estações de metro; o seu olhar negro e escaldante vai aparecer de cada vez que eu ligar a televisão, para me fazer lembrar de quando ele olhava assim para mim. Ele vai estar em todo o lado, vai perseguir-me em cada recanto amaldiçoado do país, e eu vou ficar a sofrer por ele.

– Também és fã?

Viro-me, assustada, e encontro uma rapariga um ou dois anos mais nova do que eu. Está vestida dos pés à cabeça com roupas de marca e fita o cartaz do Caz como se tivesse acabado de ter uma visão do próprio Deus; tem as duas mãos encostadas ao peito e o rosto corado, não obstante a temperatura fresca do restaurante. Se estivéssemos num *cartoon*, é provável que os seus olhos tivessem brilhantes corações cor-de-rosa no lugar das pupilas.

– Hum... – respondo, só agora traduzindo dentro da minha cabeça a pergunta em mandarim para inglês e processando-a mentalmente. – Qualquer coisa parecida. Acho eu.

Ela solta um pequeno e desejoso suspiro, os olhos ainda colados ao cartaz. Depois diz:

– Ele é muito atraente, não é?

Tento não espetar em mim nenhum dos pauzinhos de metal que estão na mesa ao meu lado.

– Hum... – respondo, sem querer comprometer-me.

– Mas é uma pena, não é? – continua ela, claramente sem perceber que não quero nada ter esta conversa agora, nem nunca.

– O quê? O que é uma pena?

Ela levanta uma sobrancelha perfeita, como se eu estivesse a fazer-me de parva.

– Não ouviste falar daquele escândalo com a rapariga escritora? Há quem diga que não passa tudo de um golpe publicitário.

– Ah. E tu, o que pensas? – pergunto com o que espero que soe a uma curiosidade descontraindo.

– Não sei bem. – Ela encolhe os ombros. – Acho que preciso de mais provas. Ouvi dizer que em breve vão dar uma entrevista em conjunto, por isso... talvez nessa altura consigamos perceber, não é? – A sua voz desvanecese com um encolher de ombros.

Peço rapidamente licença e encaminho-me para a minha mesa, que fica no extremo oposto do restaurante. Só quando estou sentada entre a minha mãe e a Emily, com o rosto escondido atrás do menu plastificado e das suas muitas imagens bonitas de pãozinhos cozidos ao vapor, é que me permito descontrair um pouco.

Depois, enquanto os meus pais resmungam sobre que tipo de *dumplings* querem pedir (o meu pai lança-se num discurso tocante e apaixonado sobre como os de porco e chalotas foram uma parte fundamental da sua infância e que sempre que os come fazem-no lembrar de casa; a minha mãe argumenta com estatística pura: da última vez que pedimos *dumplings* de porco e chalotas só comemos 40 % dos pãozinhos e, além disso, ele não vê que os de *camarão* estão com desconto?) e a Emily se entretém a anotar secretamente todas as sobremesas no talão do pedido, tiro o telemóvel do bolso e pesquiso o meu próprio nome, apesar de ter prometido que não o faria.

Infelizmente, os comentários também estão divididos:

@alyssal: ouçam, eu normalmente sou muito crítica deste tipo de coisas, mas vocês VIRAM aquele beijo? As fagulhas? A intensidade? A FORMA COMO ELE OLHOU PARA ELA? Tipo, sei que o Caz é ator, mas não acho que seja assim TÃO bom.

@violetthewen: ESTOU TÃO CONFUSAAAA agora! Mas isto é real ou NÃO?

@clazzy001; o que é mais inacreditável para mim é por que razão alguém como

o Caz Song ia namorar com esta tal de eliza???? A Angela Fei é muito mais bonita

@huachengseye: das DUAS UMA: ou eles estão MESMO dedicados a esta manobra publicitária ou estão MESMO apaixonados um pelo outro e não quero saber

@chanel.cao: nem tudo é publicidade, pessoal...

Guardo o telemóvel, sinto o estômago a arder. Por muito que deteste admitir que ele tinha razão, é exatamente como o Caz previu: o meu plano não foi, nem de longe, tão eficiente como esperei que fosse.

O que significa que nenhum de nós está livre de perigo.

Quando chegamos a casa depois da ida ao restaurante, estou determinada a encontrar uma distração.

Alguma coisa que expulse da minha cabeça todos os pensamentos sobre o Caz, sobre o beijo e sobre a especulação *online*. Algo que me permita atingir um estado zen, total e pacífico. Normalmente, quando estou à procura de um escape, limito-me a escrever, mas nos últimos tempos a única coisa que a escrita faz é recordar-me da Craneswift, do meu texto, o que me conduz de volta ao Caz.

Por isso, decido ir correr.

Além da ironia óbvia de correr dos meus problemas, inicialmente esta parece ser uma excelente ideia. Vou desenterrar o conjunto giro de duas peças que comprei há uma eternidade porque achei bonito, mas que nunca vesti, apanho o cabelo num rabo de cavalo alto e faço alguns alongamentos junto ao parque infantil do condomínio. O ar do início da primavera está fresco e tem aquele cheiro de uma tempestade iminente, a temperatura está a começar a aquecer, mas ainda corre uma ocasional brisa fresca. Melhor do que tudo isto, a esta hora não há muita gente nas pistas de corrida do condomínio.

Estão reunidas as condições perfeitas.

Depois, começo realmente *a correr* e depressa chego à conclusão de que detesto.

O meu corpo, tão habituado a suaves variações da posição sentada ou deitada e às caminhadas vagarosas e suaves entre as aulas, parece revoltar-se contra a súbita mudança de ritmo. Mal cheguei a meio do trilho em redor do lago e já as minhas pernas estão com câibras; sinto uma dor aguda e dilacerante que me rasga os músculos das coxas de cada vez que os meus pés batem no chão.

Mas mesmo assim, continuo a correr. Obrigo os pés a avançarem.

Insisto durante mais alguns metros, arquejando cada vez com mais

dificuldade até que começo a fazer um som que imagino que seja semelhante aos das morsas a morrer, quando vejo pelo canto do olho um senhor idoso. E quando digo que é idoso, é *idoso*. Deve estar no fim dos 70 anos ou no início dos 80, a avaliar pelas rugas profundas que lhe vincam a pele e a bengala com uma cabeça de dragão que lhe treme na mão enquanto vai a percorrer a faixa paralela à minha.

Os nossos olhares cruzam-se. O senhor levanta-me um polegar trémulo.

E a seguir – Deus do céu – *ultrapassa-me*. O senhor ultrapassa-me a *caminhar*, o que é sem dúvida uma vergonha. A única coisa que consigo fazer é observar o seu vulto a afastar-se até que dobra a esquina de um edifício de apartamentos, o som da bengala a desvanecer-se ao longe.

Aparentemente, o meu corpo não consegue aguentar esta humilhação. Os meus joelhos tremem. As pernas cedem. Continuo aos tropeções e paro junto ao pavilhão à beira do lago, a ofegar com aflição, o suor a turvar-me a vista e a escorrer-me pelo lábio superior de forma absolutamente desproporcional, tendo em conta a quantidade de exercício que acabei de fazer.

A única vantagem da minha situação atual é que não estou definitivamente a pensar no Caz Song, porque estou demasiado preocupada com coisas mais básicas, com necessidades mais imediatas, tipo respirar. E em não desmaiar.

Passo uma eternidade assim, curvada sobre mim mesma, agarrada aos pilares do pavilhão e a odiar tudo, antes de reunir forças para começar a caminhar de regresso a casa.

E logo a seguir piso qualquer coisa castanha, fedorenta e esponjosa que, claro é...

– Merda – murmuro, olhando para um cocó de cão que agora cobre o calcanhar das minhas sapatilhas. *É que só podem estar a brincar comigo. Só podem, mesmo, mesmo, estar a brincar comigo*. Quando ninguém salta de um arbusto para confirmar que, sim, senhora, a minha vida é uma enorme piada de mau gosto, levanto uma mão desesperada no ar. – Quero dizer, caracas! Tudo bem. Só me faltava isto, realmente.

Depois de olhar em redor uma vez – não há por aqui ninguém, só dois pombos de olhos redondos que passeiam na margem derretida do lago – agacho-me, no meio da pista de corrida e tento raspar a porcaria das sapatilhas com um galho.

Estou tão concentrada na minha tarefa que não ouço os passos que se aproximam até a pessoa estar mesmo à minha frente.

– Eliza?

O meu coração sobressalta-se.

Esta voz. Suave e baixa, ligeiramente cautelosa, como se estivesse a partilhar uma piada privada consigo mesmo. Seria capaz de reconhecer esta voz em qualquer lugar, mas não pode ser – *não pode...*

Lentamente, levanto os olhos e absorvo os detalhes bocadinho a bocadinho. Calças de ganga escuras, uma *T-shirt* branca larga, os braços despidos no ar frio, os músculos longos e esguios, uma cicatriz esbatida e repuxada no meio do antebraço...

Claro que é ele.

– Oh, olá – digo, atirando casualmente o galho por cima do ombro e oscilando perigosamente durante um instante quando me levanto, o sorriso já colado sobre os lábios. Como se fosse exatamente assim que gosto de me encontrar com as pessoas. Completamente transpirada. Meio agachada. Enquanto limpo excrementos de animais das sapatilhas – e não consigo, já agora.

– Olá? – diz o Caz e inclina a cabeça. Parece uma pergunta silenciosa.

Não tens sentimentos reais por mim?

Não. Para com isso. Não penses nisso, Eliza.

– Pois, hum. Pisei cocó de cão – digo-lhe.

– Pois. – O seu tom de voz é adequadamente solene, mas os cantos da boca contorcem-se, como se estivesse a fazer um enorme esforço para reprimir o riso. – Estou a ver.

– Certo. – Assinto. Sinto o rosto quente e com formigueiro e sei que não é apenas por causa da transpiração. – Bem, também vim correr. Sabes como é, o exercício físico é importante.

– Pois, também dá para ver. – Aponta para a minha roupa de desporto e os olhos demoram-se sobre mim.

Um silêncio estranho e esforçado estende-se entre nós. Ou talvez a estranheza seja apenas minha. O Caz tem um ar calmo, imperturbável. Ainda a engolir a gargalhada. É como se o nosso beijo no terraço da escola nunca tivesse acontecido, como se não se tivessem passado nove dias inteiros desde que falámos pela última vez.

Sinto uma onda violenta de raiva dirigida a ele. Durante este tempo todo em que andei desesperadamente a tentar distrair-me – tão desesperada que até me virei para a *corrida*, apesar de não correr perigo de vida – ele está... como? A viver a sua melhor vida? A estudar os guiões? A divertir-se à grande e a esquecer que eu existo?

Enterro as unhas nas palmas das mãos.

O Caz diz qualquer coisa, mas não o oiço, não *consigo* ouvir a sua voz por cima do zunido que me inunda os ouvidos. A seguir ele repete-se, mais alto.

– Daqui a pouco vai chover.

Ele não é o tipo de pessoa que faz conversa de circunstância sobre o tempo, por isso, embora contrariada, hesito e sigo o olhar dele até ao céu. É verdade que as nuvens escuras se estão a reunir lá em cima como se fossem um bando de corvos zangados, colorindo o lago que era verde de um tom de cinzento

deprimente. O aroma terroso que invade o ar também se intensificou, a anunciar a chuva que aí vem.

– Talvez fosse melhor voltarmos para dentro – diz o Caz, olhando novamente para mim, os seus olhos quase tão pretos como as pestanas. Ocorre-me então com um sobressalto que estamos demasiado próximos. Mais uma vez. – Se quiseres posso acompanhar-te ao teu prédio.

Cruzo os braços e crio uma barreira muito pouco eficaz entre nós.

– Não é preciso, obrigada. As minhas sapatilhas ainda nem estão limpas, e além disso, duvido que chova assim *tão* depressa. Ainda dá para ver o Sol, mais ou menos....

As palavras mal me saíram da boca quando os primeiros pingos de chuva me salpicam o *top*, o frio a entranhar-se rapidamente pelas mangas de poliéster.

Depois, como se alguém tivesse ligado subitamente uma torneira gigante atrás das nuvens, começa a chover torrencialmente.

– O que é que estavas a dizer, mesmo? – pergunta o Caz, a sua voz praticamente perdida por baixo do ruído ensurdecedor da água. Já está por todo o lado agora, a abater-se com força e num ritmo rápido sobre o passeio, a fustigar as folhas estendidas, a esmagar os pequenos pés de erva como se tivessem sido pisadas por uma bota pesada. O cheiro da terra molhada e dos pinheiros chega-me ao nariz.

Fito-o, pestanejando por entre a chuva. Já estou encharcada.

– Podes... pode ir. Eu consigo ir para casa sozinha.

Ele não se afasta. Em vez disso, dirige-me um olhar ligeiramente divertido.

– Tens a certeza? Porque me pareces um pouco... ofegante. Além disso, o teu apartamento não fica muito longe do meu...

Abano a cabeça rapidamente, a água desfoca os contornos da minha visão. Não confio em mim para ficar assim sozinha com ele.

– Estou bem. Daqui a nada estou em casa. – Mas quando tento dar um passo atrás, o músculo da minha perna tem um espasmo e oscilo violentamente, com uma dor quente e dilacerante a disparar pelas barrigas das minhas pernas. *Espetacular. Simplesmente maravilhoso.* A única vez em que decido dedicar-me a exercício físico voluntário, o meu corpo desiste de mim desta maneira.

O humor desaparece das feições do Caz num instante e é substituído por uma expressão de preocupação.

– Parece-me evidente que não estás bem.

– Só estou cansada de correr, mais nada. Daqui a pouco já estou melhor.

Ele olha para mim durante muito tempo, com uma expressão duvidosa.

– Deixa-me levar-te às cavalitas – diz simplesmente. O cabelo caiu-lhe para cima da testa em longas madeixas molhadas, a *T-shirt* está colada à sua pele e,

não obstante estar encharcada dos pés à cabeça com a água gelada da chuva, sinto subitamente que tenho água a ferver dentro de mim e que está muito perto de transbordar.

– O quê?

Ele faz sinal para as costas.

– Ouviste bem. Nas gravações já andei com imensas raparigas às cavalitas. Vai ser fácil.

Como se precisasse de mais uma lembrança de que os gestos românticos e grandiosos não significam nada para ele. Que não importa o que tenha dito ou feito comigo, já o fez com outras raparigas também: atrizes, celebridades, modelos. Que este tipo de proximidade é *fácil* para ele, quando para mim me parece quase uma questão de vida ou de morte.

– Acho que estás a sobrestimar a tua força – digo-lhe com rigidez.

– Não me parece.

– E também estás a subestimar o meu peso.

– Vá lá, Eliza. – O Caz revira os olhos. – Tu tens, no máximo, um metro e meio de altura.

– Ficas a saber que tenho um metro e cinquenta e oito, está bem? – resmungo.

Ele levanta as mãos, usando-as como escudo para se proteger da chuva.

– Ouve, preferes ficar aqui à chuva a discutir sobre a tua altura, que não é definitivamente um metro e cinquenta e oito, ou queres ir para um sítio quente e seco?

E foi assim que acabei por apanhar uma boleia para casa, às cavalitas do Caz Song, com a chuva a fustigar-nos a pele a cada passo, a água a encharcar-lhe os pés e o céu nublado e violento a ondular lá em cima. Os meus braços à volta do pescoço dele. Tudo parece mais escuro, mais saturado: as árvores que agora têm um tom de castanho profundo, as flores cor-de-rosa que começam a desabrochar. O condomínio está deserto, somos os únicos aqui fora.

Parece que somos as duas últimas pessoas da terra.

– Há algum tempo que queria falar contigo, sabes? – diz o Caz alguns minutos depois, enquanto fazemos uma curva no caminho. As mãos dele continuam a agarrar as minhas pernas com firmeza, mas consigo ouvir o esforço na sua respiração, o ligeiro vacilar dos seus passos. Faço o meu melhor para me manter quieta.

– Sobre o quê? – pergunto.

– Sobre a última sexta-feira...

E de repente, o meu coração é mais ruidoso do que a chuva.

– Tens razão, devíamos falar... da resposta do público – digo-lhe, em pânico. – A tua agente disse-te alguma coisa? Porque estive a ver alguns dos comentários e ainda há um segmento significativo *online* que precisa de ser

convencido e sinto que a entrevista que vamos dar pode ser uma oportunidade...

– Deves saber que não me preocupo com nada disso.

Sinto o frio a entrar-me nas veias. Os meus dentes batem.

– Então... preocupas-te com o quê?

– Contigo – diz ele calmamente. – Eu quero-te, Eliza.

As palavras pairam no meio da bruma cinzenta do ar e fico contente por ele não poder ver o meu rosto. *Já me tens*, sinto-me tentada a dizer. *Tens mais de mim do que alguma vez planeei dar-te.*

– Eu...

– Mas não como parte de um acordo secreto qualquer – continua ele, agora a falar mais depressa, como se precisasse de deitar estas coisas cá para fora e não soubesse se vai voltar a ter oportunidade para o fazer. – Não de fachada, não numa aliança estratégica e mutuamente benéfica, com orientação romântica, para ajudar na progressão das nossas respetivas carreiras...

– Tu... memorizaste isso?

– Claro que memorizei. Apesar de continuar a achar que podíamos ter encontrado um nome melhor. – Depois continua, sem perder um segundo: – Não quero fazer de conta que nos conhecemos enquanto andavas à procura de casa e que nos demos bem logo de imediato, porque na primeira vez em que nos conhecemos *mesmo*, tu estavas sentada duas filas à minha frente na aula de Inglês e o professor estava a ler um dos teus textos em voz alta e eu pensei: nunca conheci ninguém que escrevesse assim. Não quero estar constantemente em guarda quando estou contigo, porque tu és a única pessoa que alguma vez me fez sentir que posso ser... sincero. Eu mesmo. Como se eu importasse para alguma coisa quando as câmaras se desligam.

»Não quero esperar por uma desculpa ou por uma verdadeira crise para te beijar, só quando metade da escola estiver a ver. Não quero que a nossa relação seja toda baseada numa mentira. E sei que estou a pedir muito, porque tu tens os teus leitores e as suas expectativas, sei que já existe escrutínio suficiente, mas... eu só quero... – O Caz inspira profundamente e até me pode ter dito em certa ocasião que nunca implora por nada, mas a sua voz está dolorosamente próxima de um tom suplicante quando diz: – Eu só quero que isto seja real.

O meu coração fica apertado.

Quantas vezes sonhei ouvi-lo dizer uma variação destas palavras? Uma centena. Um milhar. Mas não passava disso – de um *sonho*. Não estou nem um pouco preparada para este discurso na vida real.

– Mas... então e o texto? – ouço-me perguntar. Tenho água nos olhos, na língua. Sabe a sal. – As pessoas já estão a dizer que foi um golpe publicitário. Acabámos de gastar toda a nossa energia a tentar convencê-las de que não foi.

Se nós – se eu vier agora dizer que a *história foi toda* inventada...

– Podemos encontrar uma forma de resolver isso – promete ele. Deus do céu, ele faz sempre com que estas coisas pareçam tão simples.

Se fosse assim.

– Eu só... não entendo por que razão estás a dizer-me estas coisas – digo de repente. – Porquê agora? Desde quando é que...

O Caz solta uma gargalhada, apesar de não ter grande alegria.

– Bem, tu não me facilitaste muito a vida.

– O que queres dizer com isso?

– Eliza – diz ele, abanando a cabeça. – Eu normalmente sou bastante bom nestas coisas, mas quando estão relacionadas contigo... num segundo estás a dizer algo que parece completamente sincero, como se pudesses gostar verdadeiramente de mim, fazes aqueles cisnes de papel todo... E no segundo seguinte, dizes que só o fazes por causa do estágio, que cada coisa que parece sincera quando sai da tua boca é apenas um monte de tretas floreadas, e planeias cada uma das nossas interações com três semanas de antecedência. Se não tivesses retribuído o beijo daquela forma... eu continuaria sem saber o que sentes.

Olho fixamente em frente, já completamente convencida de que estou num universo alternativo em que é o *Caz Song* quem duvida dos *meus* sentimentos por ele.

– Além disso – continua ele, com a voz baixa –, muitas pessoas podem gostar de mim pela minha... reputação. Mas esse é apenas o lado que lhes mostro propositadamente, para *fazer* com que gostem de mim. Nunca ninguém me conheceu tão bem como tu. Eu não tinha a certeza... não sabia se essas outras partes de mim também eram merecedoras de afeto.

E o meu coração quebra-se aqui.

Mas não a minha determinação.

– Claro que são merecedoras de afeto – digo, incrédula por ter sequer a necessidade de dizer estas palavras em voz alta. – Caz, não fazes ideia de como tem sido difícil fingir que... que *não* te quero. Mas isto nunca vai funcionar.

Ele para de andar; sinto os músculos dos seus ombros a ficarem tensos.

– Porque não?

– Além das milhentas razões logísticas, queres dizer? É... tudo bem. Lembras-te da Zoe? Da Zoe Sato-Meyer?

– Sim, lembro. – A sua voz é cuidadosamente neutra. – A amiga que te deu a pulseira azul.

– Exatamente. Ela é... *era* a minha melhor amiga. – A correção provoca uma dor no meu peito, mas continuo. – Nós nem sequer brigámos ou discutimos. O que aconteceu foi que... começámos simplesmente a afastar-nos. É o que acontece sempre que me envolvo com alguém, Caz. Todas as

vezes sem exceção. E agora podes dizer ou pensar que me queres, mas... é isso que vai acontecer connosco também. Tenho a certeza.

Nunca estive tão perto de verbalizar a verdade: tenho medo. Que durante muito tempo, algures entre a terceira e a quarta mudança, depois da quarta ou quinta amiga perdida pelo caminho, que desconfio de que há qualquer coisa de fundamentalmente errada comigo que faz com eu seja impossível de amar. Algo que faz com que seja fácil as pessoas esquecerem-se de mim assim que parto para outro lugar, que acabem por se afastar, por muito que tente mantê-las na minha vida.

Já disse antes que a minha condição por defeito é a solidão, mas talvez estivesse errada.

Talvez seja o medo.

– Não podes continuar a fazer isto, Eliza – diz o Caz. Já chegámos à porta do meu prédio e deslizo das costas dele antes que possa levar-me mais longe. Fico de pé, um pouco instável, encharcada até aos ossos e a tremer, mas obrigo-me a olhar para ele. Tem o maxilar tenso, pequenas gotas de chuva a cintilar sobre a pele, os olhos mais negros do que o céu atrás de si. Isto parece um fim de tudo e mais alguma coisa.

– Isto o quê?

– Não podes controlar tudo. Não podes decidir o que as outras pessoas sentem... o que *eu* sinto...

– Mas eu já sei como vai acabar – digo com a voz embargada. – Já *sei*. E quando acontecer, quem vai ficar de coração despedaçado vou ser *eu*. Não tu...

– Isso não é verdade...

– Pensas assim agora. Mas não sabes, não podes saber... – A minha voz ameaça quebrar, ceder, mas consigo controlar-me. Inspiro profundamente. Assumo um certo ar de profissionalismo, escondo-me por detrás dele como se fosse uma armadura. – Ouve, a culpa por não ter mantido o nosso acordo puramente profissional é minha. Nunca devia ter sido mais do que isso; porque é tudo o que alguma vez *poderá* ser. Eu estou quase a acabar o meu estágio. Assim que fizermos a entrevista em conjuntos, resolvemos esta confusão toda, podemos encenar uma separação como deve ser. E vai cada um para o seu lado de vez.

Os olhos dele cintilam.

– Então é assim? Não vamos dar-nos mais uma oportunidade? Não tens sequer coragem para *tentar*?

Quero responder-lhe. Quero mesmo, mas tenho uma bola do tamanho do meu punho entalada na garganta e mal consigo engolir, quanto mais falar. Por isso limito-me a abanar a cabeça.

O Caz fica à espera. Espera por mim e eu volto a desiludi-lo, mais uma vez

e outra e outra ainda a cada segundo que se passa entre nós, até ele entender.

– Muito bem – diz por fim, recuando para a chuva. O contorno do seu corpo já está a desvanecer-se, como se fizesse parte de um sonho. – Se é isso que tu queres.

– Uau. O que te aconteceu?

A Emily arregala os olhos quando abre a porta da frente e me vê ali, a pingar e a tremer, com o cabelo emaranhado e encharcado, descalça, depois de ter abandonado as sapatilhas nojentas do lado de fora da porta.

– Choveu – digo, e percebo que a minha voz denuncia que estive a chorar.

– Pois, isso é *evidente*. – A minha irmã fita-me boquiaberta durante alguns instantes e abre e fecha a boca uma ou duas vezes, ponderando quão apropriado seria fazer uma piada qualquer com o meu aspeto triste e desganhado, antes de suspirar e se apressar a ir à lavandaria.

Regressa com duas toalhas grossas que cheiram suavemente a pinheiro.

– Obrigada – agradeço com a voz rouca. Entro em casa e deixo pegadas molhadas atrás de mim, mas quando me baixo para as limpar, só consigo salpicar pingos de chuva e lama pela superfície de mármore, escorrego na sujidade que deixei e aterro com a anca no chão húmido com um baque doloroso.

É isto, decido enquanto me levanto lentamente. Estremeço. Este é sem dúvida o momento mais miserável de toda a minha vida. É literalmente impossível as coisas serem mais deprimentes do que são agora.

– Vou só tomar um duche.

– Ah, pois – diz a Emily.

– Ah, pois o quê?

– Os duches não estão a funcionar... – informa-me. – Acho que ficou qualquer coisa entalada nos canos principais quando começou a chover. A mãe e o pai foram lá abaixo procurar o *wuye*, mas disseram que é, tipo, uma avaria geral no edifício inteiro. E que é capaz de demorar algum tempo a resolver.

E, mais uma vez, o universo conseguiu provar como estava errada.

– Certo – digo, enrolando ambas as toalhas à volta das minhas roupas ensopadas. – Fixe. Mesmo fixe. Bem, nesse caso, acho que vou esperar aqui mesmo.

– Posso esperar contigo – oferece-se a Emily.

Começo a dizer-lhe, *Não, tudo bem, vai brincar*, mas depois a minha garganta volta a fechar-se e talvez não me apeteça realmente ficar sozinha agora. Mesmo que me sinta mais só do que nunca.

Ficamos ambas em silêncio durante algum tempo, a ouvir o bater suave da chuva contra as janelas, o troar distante dos trovões, os pingos constantes que

caem do meu cabelo.

Depois, como se já não conseguisse controlar-se mais, a Emily dispara:

– Brigaste com o Caz?

O nome dele parece sal sobre uma ferida aberta. Engulo com dificuldade e a única coisa que consigo dizer é «Desculpa», embora não saiba bem porque estou a desculpar-me. Por mentir a toda a gente a respeito desta relação, mesmo agora? Por ter escrito aquele texto pessoal fictício? Por ter trazido o Caz para a vida da minha irmã, quando ela sabe tão bem como eu como é horrível sermos arrancadas das pessoas de quem gostamos, como é raro mudarmo-nos para um lugar novo e encontrarmos alguém que nos faça sentir em casa? Isto é tudo *demasiado*. Eu estraguei tudo de tantas formas diferentes. Fiz tanta coisa mal.

– Sei que gostas muito dele.

– Sim, pois gosto – diz a Emily lentamente. Depois levanta os olhos para olhar para mim e sou surpreendida com dois factos: o primeiro, que ela cresceu sem eu dar por isso e agora já me dá quase pelo nariz. O segundo, que tem uma expressão feroz e protetora no olhar, como se as nossas posições se tivessem invertido e *ela* fosse a irmã mais velha que seria capaz de desfazer o mundo para me defender. – Mas se ele foi mau para ti, deixo de gostar dele imediatamente. Nem sequer o convido para a minha próxima festa de aniversário.

Solto uma pequena gargalhada, mas o som sai manchado pela tristeza.

– Não, não é nada disso. Quando muito... – *Quando muito, quem agiu mal com ele fui eu.*

– Bem, de qualquer maneira – continua a Emily, encostando-se à parede. – A principal razão para eu gostar tanto dele era pela maneira como és quando estão juntos.

Isto surpreende-me.

– Como... como é que eu sou?

– Feliz – diz ela com simplicidade.

Capítulo 19

O Caz não aparece na escola no dia seguinte.

Nem no outro, nem no outro. Não lê nenhuma das minhas mensagens a perguntar se está bem, não devolve as mensagens de voz que envio a perguntar se podemos planear a entrevista e acabo por descobrir através de uma página manhosa de notícias que ele pediu uma pausa de duas semanas das aulas para acabar o filme que está a rodar.

E eu...

Bem, eu sobrevivo. Lavo os dentes, vou para as aulas e tiro notas. Até escrevo aquele artigo mais longo, oficial, que prometi à Sarah Diaz – desta vez é um texto muito mais sério sobre o colapso lento da indústria do ensino personalizado na China, que deverá sair na edição impressa de primavera da Craneswift. Envio-lhe o texto por *e-mail* e engulo uma onda de ansiedade quando ela confirma a receção e atira a pergunta: *Tudo a postos para a entrevista?*

Não sei como lhe dizer que nem sequer sei se o Caz vai aparecer. Se alguma vez voltaremos a falar. Que cada vez que me lembro da mágoa – e da fúria – nos olhos dele, do som dos passos sob a chuva violenta, parece que alguém me agarra o coração e o aperta, como se não houvesse a menor possibilidade de encontrarmos uma forma de resolver isto. Mas muita coisa está dependente desta entrevista: a minha carreira, a reputação do Caz, a opinião que o público tem a nosso respeito, todo o esforço que fizemos até agora. Por isso, respondo da forma mais vaga possível: *Vai correr tudo bem.*

E talvez quando tudo isto estiver feito e despachado, e eu estiver sozinha no meu quarto a olhar para as minhas quatro paredes brancas, pense no Caz e uma pressão enorme e ardente se forme na minha garganta. Talvez o imagine a gravar os seus filmes, a rir com o Mingri, a cantar *karaoke* com as suas deslumbrantes coprotagonistas e enterre as unhas na almofada. Talvez sinta saudades dele e o odeie ao mesmo tempo, talvez amaldiçoe o seu nome.

Mas se excetuarmos isto, estou bem, tudo está ótimo.

No sábado seguinte, tenho um *e-mail* novo na minha caixa de correio, apenas com duas pequenas frases:

Acabei de ler o teu artigo. Por favor, liga-me quando puderes. – Sarah

Inicialmente, a única coisa que consigo fazer é fitar o ecrã sem registar nenhuma das palavras. Depois leio o *e-mail* novamente e o meu coração começa a bater cada vez mais depressa por detrás das costelas, o medo inunda-me a garganta como se fosse bÍlis.

Não te passes, ralho comigo mesma. Não sabes se isto é mau.

Mas também não sei se é bom.

Quando vou para a varanda e marco o número da Sarah Diaz, estou a tremer e a agarrar o telemóvel com ambas as mãos.

Ela atende ao primeiro toque. Até parece que estava à espera da minha chamada.

– Eliza. Como estás?

Sinto que estou prestes a vomitar ou a ter um miniataque de pânico por causa do teu e-mail, muito obrigada. E tu, como estás?

– Estou bem – balbucio.

– Fico contente. Peço desculpa pelo tom súbito do meu *e-mail*, mas queria mesmo falar contigo a respeito do teu artigo.

– O que achou? – Pareço tão desesperada. *Tão jovem.*

– É... – E faz uma pausa. Durante pelo menos 20 segundos. Ninguém faz uma pausa destas quando se prepara para nos dizer que o nosso artigo foi o melhor que alguma vez leram. É uma pausa do tipo lamento-informar-mas-o-seu-parente-desaparecido-foi-encontrado-morto-numa-valeta. Ou atropelei-acidentalmente-o-seu-cão-quando-ia-para-o-trabalho.

Sinto as palmas das mãos pegajosas, a pele a oscilar entre o quente e o frio, depois quente outra vez. Começo a andar de um lado para o outro na varanda, como se o movimento ajudasse a redirecionar toda a minha energia nervosa.

– É um artigo... diferente – diz finalmente a Sarah. A sua voz está sob esforço. – É muito diferente dos teus textos anteriores.

Não sei o que dizer, por isso fico em silêncio e enquanto isso o meu estômago contrai-se cada vez mais.

Depois ela liberta um suspiro sonoro.

– Vou ser muito honesta contigo. Sabes como a paixão e a autenticidade são importantes para a nossa marca e receio não ter sentido nenhuma destas características enquanto estava a ler o teu texto. Quero dizer, é evidente que se apoia numa investigação cuidadosa, mas a escrita está inexpressiva e não

consegui encontrar a mensagem principal do texto, entendes? No geral, achei-o bastante... oco.

– Oh – é tudo o que consigo dizer inicialmente. Engulo com dificuldade e luto contra a súbita e esmagadora vontade de chorar. – Oh, isso é... quero dizer, sim, é justo. Tudo bem.

– Espero não estar a ser demasiado dura contigo, Eliza – continua a Sarah e a nota de comiseração na sua voz, de pena, até, só faz com que me sinta mil vezes pior. – Porque eu queria muito adorar este texto. A sério que sim. E sabes como *adoro* a generalidade do teu trabalho. Quero dizer, o teu primeiro texto era tão cheio de alegria e de autenticidade, tão sincero, e acho que é exatamente o problema com este último texto.

Sinto um zunido a inundar-me os ouvidos, a ironia das suas palavras atinge-me o rosto como uma bofetada. Como é possível que um texto que inventei do princípio ao fim pareça *sincero*? Um texto sobre um tipo de sentimentos que nunca experimentei?

– Como assim? – pergunto.

– Bem, parece que escreves melhor quando acreditas verdadeiramente no que estás a escrever.

– Certo. Muito bem. Isso é... sim, tudo bem.

– Mas não desespere – acrescenta a Sarah. – Falei com a minha equipa e estamos dispostos a dar-te mais uma oportunidade, Eliza. Podes escrever acerca de um tópico à tua escolha. Claro que se nos depararmos com problemas semelhantes neste novo texto...

O fim implícito da sua frase é claro. Se não produzir um texto que ela adore, não haverá uma nova oportunidade. Isto será o fim. Posso dizer adeus à minha carta de recomendação e a potencial carreira que teria na escrita acaba antes mesmo de começar.

Paro de andar de um lado para o outro e encosto a testa ao vidro frio da janela, deixando que a respiração o embacie. Se semicerrar os olhos, consigo distinguir as árvores despidas lá em baixo, as crianças a correr no parque infantil, o casal a caminhar em círculos lentos em volta do lago, o sol difuso da tarde a tingir as suas silhuetas de um suave tom de azul-acinzentado.

Tudo me parece estar a quilómetros de distância.

– Não se preocupe – ouço-me dizer. – Vou enviar-lhe outro texto. Algo melhor. Prometo.

– Bem, fico muito contente com isso, Eliza. – Ela parece aliviada. – Espero honestamente que consigas. Oh, e só para confirmar. Está tudo preparado para a entrevista?

Os meus pensamentos deslizam novamente para o Caz e sinto a garganta a comprimir-se. Talvez tenha havido uma altura em que podia avisá-la da débil, porém real, possibilidade de ele não aparecer sequer, mas agora essa já não é

uma opção viável. Neste momento, o meu lugar na Craneswift está assente no meu texto pessoal e na relação com o Caz; não posso dar cabo disso também.

– Sim – digo com uma alegria fingida. – Sim, claro que sim.

Assim que desligo o telemóvel, agarro no portátil que está no meu quarto e leio o artigo que lhe enviei. Estou no quarto parágrafo e percebo com uma pontada de ansiedade que a Sarah tem razão. Parece *realmente* um texto oco. Apesar de ser um artigo de opinião, parece um daqueles textos horríveis gerados por IA. Não tem uma centelha de paixão. Não flui. Não tem *magia*.

Porque se for muito honesta comigo mesma... o assunto não me interessa. Nunca me interessou. Só pensei que era o tipo de coisa que poderia impressionar as outras pessoas.

Até a pressão que sinto no peito não tem nada a ver com o artigo em si, mas com a ideia de ter desiludido a Sarah e o resto do pessoal na Craneswift, assim como com a possibilidade aterrorizadora de voltar a falhar.

É por isso que não posso voltar a falhar.

Viro costas à janela. Inspiro profundamente e tento clarear as ideias. Prometi à Sarah que escrevia algo melhor e vou cumprir a minha palavra. Tenho de cumprir. Só preciso de perceber o ingrediente secreto que fez com que ela se apaixonasse completamente pelo meu texto fictício e voltar a reproduzi-lo, assim tudo ficará bem. É fácil.

Eu consigo fazer isto.

Não consigo fazer isto.

De acordo com o despertador da minha mesa de cabeceira, é meia-noite e estou há seis horas a olhar para uma página Word vazia. Tenho quase a certeza de que o meu cérebro começou a desintegrar-se por volta da segunda hora.

– Deus me ajude – resmungo, esfregando as têmporas para afastar uma enxaqueca que se aproxima.

Escreves melhor quando acreditas verdadeiramente no que estás a escrever, insistira a Sarah. Mas em que acredito de verdade?

Em nada.

Em tudo.

Estou a ponderar seriamente se bater com a cabeça na parede vai ajudar a forçar algumas palavras a sair, quando ouço o som suave da porta da entrada a abrir-se. Ouço o chocalhar de chaves. Depois o som familiar dos tacões sobre o chão de madeira.

A minha mãe chegou a casa.

Grata por ter uma desculpa para me afastar um pouco do Ecrã Vazio da Desgraça, vou em bicos dos pés até à sala para lhe dizer olá.

A minha mãe tem vestida a sua roupa habitual de trabalho: um casaco

justo e imaculadamente engomado, uma blusa de seda simples; alguns acessórios minimalistas em prata. Entre a roupa e a sua postura reta mesmo quando está a pontapear os sapatos de sola vermelha, parece pronta para conquistar o mundo.

No entanto, à medida que me aproximo, o odor agriçoce do álcool e do fumo de tabaco desliza na minha direção. Faço uma careta e mudo de rota no último instante. Vou até à cozinha.

O armário dos medicamentos naturais foi dividido e os frascos coloridos etiquetados de forma organizada: *Para dores de cabeça. Para dores menstruais. Para excesso de calor interno.* Ainda assim, mais por memória muscular do que pelas excelentes capacidades de categorização da minha mãe, encontro rapidamente a caixa de que preciso agora: *Para a ressaca.*

Esvazio um dos pacotes de pó para um copo de água quente e mexo até que este se dissolve, tentando não me engasgar com o cheiro.

Por motivos que não entendo completamente (embora tenha *qualquer coisa* que ver com «renqing», ou ligações pessoais), a cultura empresarial aqui exige que as pessoas saiam imensas vezes para jantar fora e consumir álcool, ao ponto de ser quase impossível conseguir-se uma promoção importante se não se beber de todo. Exemplo prático: a maior parte dos grandes contratos da minha mãe foram assinados por cima de copos de *baijiu* ou de vinho tinto.

O único problema é que a minha mãe detesta álcool, mas desconfio que até fogo líquido seria capaz de beber, se ajudasse a fechar um negócio.

– Ai-Ai? O que estás a fazer acordada a esta hora da noite?

Viro-me para o suave ruído dos chinelos de quarto e entrego o copo à minha mãe.

– Estou a certificar-me de que amanhã não acordas de ressaca, claro. – Encosto-me à bancada. – Sabes, tenho quase a certeza de que os nossos papéis deviam estar invertidos.

Ela revira os olhos, mas o sorriso que me dirige é caloroso.

– *Hao haizi.* És muito atenciosa.

– Está bem, está bem – digo. – Fico sempre desconfortável quando recebo elogios. – Bebe enquanto a água está morna.

Ela bebe a água em dois enormes goles, depois faz uma expressão exagerada de nojo e acabo por me rir, embora não tenha grande vontade.

– Acho que é verdade o que dizem – comenta, abanando a cabeça com uma expressão pensativa no rosto. – Por vezes, aquilo que nos faz melhor... sabe mesmo muito mal.

– Uau, isso é superprofundo mãe – resfolego. – Talvez devesse dizer ao pai para o incluir na sua próxima antologia.

– Talvez diga – responde com seriedade; depois desatamos ambas a rir. Mas algures entre um instante e outro, a minha gargalhada enfraquece e

começo a pensar em todas as coisas em que não devia pensar, como o Caz, a minha carreira falhada na escrita e as mentiras que continuo a guardar dentro de mim como parasitas, e o meu rosto desmorona-se. A seguir, começo a chorar como nunca chorei antes. Como se nunca mais pudesse parar.

– Ai-Ai? – A minha mãe parece espantada, o que é compreensível, considerando que as minhas emoções deram uma volta de 180 graus em poucos segundos. – O que se passa?

– N-n-nada. – Este é um choro feio, cheio de arquejos sonoros e soluços, respiração acelerada e pingo do nariz a escorrer-me pelo rosto. – Estou... estou bem...

– É por causa daquele rapaz, o Caz? – pergunta a minha mãe, colocando um braço à volta do meu corpo, e inspiro o aroma azedo do vinho por baixo do seu perfume de jasmim.

Assinto e abano a cabeça ao mesmo tempo, enquanto soluços mais violentos me sacodem o corpo.

– Não é... não... – Não sei como explicar.

Porque, *sim*, é por causa do Caz, porque ele é o rapaz que me trouxe às cavalitas no meio da chuva e nunca mais voltou a aparecer. Mas não é só por causa dele que estou de coração desfeito.

É também pela Zoe.

E apesar de sentir intensamente a falta de ambos, com todas as minhas forças e de formas distintas, sentir falta da Zoe é quase pior. Porque não existem milhares de livros, poemas e filmes para descrever exatamente o que estou a sentir, nem canções com letras bonitas para eu chorar e cantar no carro. Não existe um manual sobre como sobreviver a este tipo de afastamento, nem um medicamento capaz de acalmar este tipo de dor. As separações românticas são constantemente romantizadas, toda a gente em todo o lado fala sobre elas, mas as separações platónicas são ignoradas, sofridas em silêncio, como se fossem menos importantes.

– Estás a tentar dizer-me que a tua relação com o Caz é falsa? – pergunta a minha mãe com meiguice.

A pergunta deixa-me num silêncio atordoado. Até os soluços param durante uns instantes.

– Como... como sabes?

– És minha filha – é tudo o que me diz, como se fosse explicação suficiente. E talvez seja.

– Desculpa. – Esfrego os meus olhos, ainda a fungar. – Estás zangada comigo?

– Acho que devia estar, sim – diz lentamente, entalando o meu cabelo atrás de uma orelha. A seguir pega na caixa de lenços de papel que está em cima da bancada da cozinha e limpa-me o rosto. O gesto é tão natural, tão maternal

que quase desato a chorar outra vez. – Mas não, não estou zangada.

Ficamos assim em silêncio durante algum tempo, o seu braço em volta dos meus ombros, pedaços do lenço colados ao meu rosto. É agradável. É pacífico. Continuo a sentir que estou à beira do apocalipse, mas estou também grata por ter a minha mãe como abrigo.

– Eu... não sei o que fazer – digo finalmente com a voz rouca. – Não sei o que estou a fazer.

– Não faz mal – diz ela.

– Faz, sim. Faz mal. Ninguém gosta de mim e continuo a *arruinar tudo em que toco* e... – paro de falar antes que a minha voz se quebre.

A minha mãe observa-me por um instante, depois vai para o sofá e senta-me ao seu lado, os maneirismos subitamente muito profissionais.

– Sabias que – começa ela, cruzando as pernas –, da primeira vez que anunciei que íamos mudar para o outro lado do mundo, para um país cuja língua nem sequer falavas, estava à espera de que fizesses uma birra enorme. Que partisses qualquer coisa, ou pelo menos que batesse com a porta. Afinal eras apenas uma criança; teria sido compreensível que reagisses assim. Mas sabes o que fizeste?

Pressinto que é uma pergunta retórica, mas mesmo assim abano a cabeça.

– Limitaste-te a assentir, perfeitamente calma, e perguntaste-me se podias levar a tua camisola favorita. Inicialmente pensei que eras demasiado jovem para entender o *significado* de uma mudança destas, mas depois percebi que entendeste muito bem e que te preocupavas profundamente. Mais do que qualquer um de nós. Só não querias causar problemas.

– Tu guardas tudo aqui dentro, Ai-Ai – diz com austeridade enquanto aponta para o seu próprio coração. – Para o melhor e para o pior. Mas nem toda a gente vai conseguir adivinhar o que pensas, como eu adivinho. Ninguém vai saber como te sentes se não exprimires os teus sentimentos. E até o fazeres... jamais poderás saber o que vai acontecer realmente.

Não vou dormir depois desta conversa. *Não consigo*. As palavras da minha mãe continuam às voltas na minha cabeça, até que o barulho se torna tão ensurdecedor que dou por mim a pegar no telemóvel. Abro a última troca de mensagens com a Zoe.

Os meus dedos pairam sobre as teclas. A pulsação acelera.

Esta coisa de tentar-alcançar-as-pessoas-de-quem-gosto parece-me tão contraintuitiva e masoquista como enfiar a mão nas chamas de uma fogueira.

Mas estamos a falar da *Zoe*. Da rapariga que sofreu comigo durante as aulas de Biologia e os testes surpresa da menina Betty; a mesma que em certa ocasião me emprestou o casaco para tapar uma nódoa embaraçosa de comida,

apesar de estar um frio de rachar; a que sempre soltou os maiores vivas perante as minhas insignificantes conquistas, como conseguir lançar a bola de vôlei por cima da rede nas aulas de Educação Física. A rapariga que organizou uma festa de despedida para mim no fim do 9.º ano quando saí de Los Angeles e que me ouviu pacientemente a resmungar sem fim, que entendia o meu humor seco e os meus medos irracionais que mais ninguém entendia.

Se há alguém a quem consigo contar como me sinto, é à Zoe.

Por isso, abraço os joelhos contra o peito, inspiro trémula e escrevo:

olá! queria só dizer que tenho mesmo saudades tuas e

E o quê? O que escrevo a seguir? Além disso, quem é que começa uma mensagem sincera de abrir o coração com um *olá* e um ponto de exclamação? Ela vai pensar que sou alguém de um serviço de atendimento ao cliente. Vai pensar que o meu telefone foi *hackeado*, que perdi a capacidade de escrever mensagens como uma adolescente normal.

Não.

Apago a mensagem e começo a escrever um *e-mail*.

Oi, sou eu.

Sei que ultimamente andamos um pouco mais distantes e acho que queria só falar um pouco contigo. Fazer-te uma atualização da minha vida.

Nos últimos dias tenho andado a ouvir aquela playlist que fizemos juntas no 8.º ano, e fez-me recordar aquelas viagens todas de carro até à tua casa, quando ouvíamos a música tão alta que o teu pai fazia de conta que se zangava connosco, apesar de ir sempre a sorrir. Também me lembrei daquele dia, depois de o Cenoura te deixar (e já que estou a ser completamente sincera aqui, aproveito para dizer que nunca gostei dele – ele usava os sapatos todos sujos de terra dentro da tua casa e NÃO se parece mesmo com o Keanu Reeves quando era jovem); nesse dia fomos numa viagem de estudo até à praia e tu estavas a atirar pedras às ondas como se o mar te tivesse ofendido pessoalmente, e ao teu lado, eu ia percorrendo todos os clichés sobre separações que conhecia, a água tinha o mesmo tom cinzento inexpressivo do céu e tudo era ao mesmo tempo horrível e maravilhoso, porque depois partilhámos um pacote de batatas fritas com vinagre e acrescentámos vinte músicas deprimentes à nossa playlist. A seguir eu disse qualquer coisa que te fez rir pela primeira vez naquele dia e pouco depois estávamos a duas a rir de coisa nenhuma até ficarmos com dores de barriga. Na verdade, fazíamos isto muitas vezes. Às vezes acho que conseguíamos transformar qualquer coisa numa piada privada.

Enfim, acho que o fundamental desta minha divagação nostálgica é que tenho saudades tuas. Obviamente. E percebo que seja difícil para nós construirmos memórias novas que sejam semelhantes às antigas, quando nem sequer vivemos no mesmo país, que há muitas amizades que se desvanecem quando uma das pessoas muda para outra escola, outra cidade, outro emprego, sei lá. Mas...

Achei que era melhor dizer-te estas coisas em vez de continuar a escrever monólogos tristes e dramáticos na minha cabeça. E achei que talvez também haja uma (pequena) possibilidade de que ouças a nossa velha playlist. Ou que pelo menos

penses nela.

Além disso, se esta acabar por ser a última mensagem que te envio, prefiro que nos separemos de bem uma com a outra. Apesar de, claro, ter esperanças de que não precisemos de nos separar de todo.

Se te apetecer falar, manda-me uma mensagem. Ou liga-me. O que quiseres. Sabes como me encontrar.

A esperança é um sentimento terrível.

É um mau hábito que não consigo sacudir, um cão rafeiro que continua a aparecer à soleira da nossa porta à espera de restos de comida, mesmo quando já não temos nada para lhe dar. De cada vez que conseguimos livrar-nos da esperança, ela consegue encontrar o caminho de volta. Toma as rédeas. Agarra-se a nós.

Apesar de *saber* demasiado bem de tudo isto, não consigo deixar de sentir uma pontada aguda e cintilante de esperança quando, na manhã seguinte, o meu telemóvel toca.

É uma chamada de vídeo da Zoe.

Atendo tão depressa que quase deixo cair o telemóvel, mas consigo pousá-lo na mesa de cabeceira e sentar-me em frente à câmara quando o rosto da Zoe enche o ecrã. E é...

Esperança pura.

Há tanta esperança em mim.

– Olá – digo-lhe.

Ela sorri. É um sorriso constrangido, mas sincero.

– Olá.

De repente, lembro-me daquele dia no 8.º ano, a primeira vez que falámos de verdade. Eu era nova na turma, mas os professores de Inglês já gostavam de mim, e a Zoe era há muito tempo a aluna brilhante em todas as disciplinas, por isso toda a gente estava à espera de que nos detestássemos. Mas depois, quando li um dos meus textos em voz alta para uma apresentação, ela aproximou-se de mim. Naquela altura também estava a sorrir assim, enquanto eu me sentia cautelosa, esperançosa e nervosa – até que ela abriu a boca e disse, «Meu Deus, escreves extraordinariamente bem.»

Foi assim que nos tornámos as melhores amigas.

Na verdade, é engraçado pensar agora, neste momento, como a escrita sempre foi o que me ligou às pessoas.

– Li o teu *e-mail* – diz a Zoe. – Obrigada. A sério. E... desculpa. Sei que as coisas têm andado um pouco estranhas...

– Não tens nada que pedir desculpa...

– Não, tenho, sim. – Solta um suspiro longo e sonoro. – É que as coisas têm andado tão caóticas aqui, com as candidaturas à faculdade e... bem, lembas-

te como é competitivo. Parece que estão todos dispostos a matar alguém só para terem uma boa nota. Agora imagina isso, mas a um nível louco alimentado a esteroides. E depois há aquela rapariga nova, a Divya, não sei se já te falei dela...

– Já – respondo.

– Pois, afinal, ela vai candidatar-se à mesma universidade e ao mesmo curso que eu e... quero dizer, o ambiente continua a ser competitivo como o diabo, mas também é agradável ter alguém que compreende o que estamos a passar, sabes?

Assinto e deixo-a falar.

– E, entretanto, tu namoras como uma *celebridade* e andas a fazer estas merdas todas tão fixes e eu não queria estar a acrescentar os meus *stresses* aos que já tens na tua vida e... pois, é isso – acaba a Zoe, voltando a dirigir-me aquele sorriso estranho e rígido.

– Uau.

– Eu sei, é...

– *Uau*, Zoe. – Abano a cabeça e solto uma gargalhada. – Estás a brincar comigo? Em certa ocasião deixaste-me resmungar durante uma hora por causa daqueles frascos de champô pequeninos que os hotéis oferecem, mas não quiseste incomodar-me com as tuas preocupações superválidas a respeito do teu futuro, literalmente o teu futuro?

O sorriso da Zoe alarga-se finalmente. Transforma-se no sorriso rasgado de que tenho tantas saudades.

– Bem, quando pões as coisas nesses termos...

– Eu tenho razão. Sabes que tenho.

– És *capaz* de ter...

E talvez a esperança não seja assim uma coisa tão terrível. Porque passamos a hora seguinte a tagarelar e a pôr a conversa em dia e, embora não seja *exatamente* como era antes – há mais pausas e algumas centelhas de desconforto –, acho que não a perdi. *Também podia ser assim com o Caz*, murmura uma pequena voz no fundo do meu pensamento. *Se pelo menos conseguisse resolver tudo assim*. Mas abafo-a rapidamente. A Zoe há anos que é a minha melhor amiga. O Caz Song, por outro lado, está no *top* três dos maiores ídolos da China; a distância entre nós é irreconciliável.

Antes de conseguir demorar-me mais nestes pensamentos, a conversa centra-se na Craneswift e na minha escrita.

– Está a correr horrivelmente mal – digo-lhe com a maior honestidade. – Envie o meu último artigo à Sarah e ela disse que era a pior coisa que escrevi na vida.

– *Duvido* que ela tenha dito isso.

– Foi o que ficou fortemente implícito.

– Vá lá, Eliza – diz ela quando acaba de se rir. – Tu és talentosa, sabes bem que és. Ela disse-te o que estava errado no texto ou...

– Aparentemente era demasiado... rígido. Não parecia tão genuíno como os textos que já escrevi para a revista.

– Então muda o artigo – diz ela, como se a resposta fosse óbvia.

– Mas eu não posso ser a pessoa que escreve exclusivamente sobre coisas pessoais, sentimentais, que só sabe escrever textos sobre o amor e a alegria – protesto. – Não posso. Eu não sou assim. Quis escrever qualquer coisa séria.

– Não podes ser assim porquê?

– Porque... Porque é... – esforço-me para encontrar a palavra certa. – É embaraçoso.

A Zoe encolhe os ombros.

– A maior parte das coisas sinceras parecem-nos sempre um pouco embaraçosas. Faz parte dos nossos mecanismos de defesa. É a forma que os nossos corações arranjam para nos protegerem da dor potencial.

Antes que consiga argumentar contra isto, ouço a mãe dela a chamá-la de outra divisão.

– Merda. Esqueci-me de levar a roupa lá para fora – resmunga ela, preparando-se para se levantar. Depois hesita. – Ligo-te mais tarde, está bem? Prometo.

– Está bem. Adeus. Tenho saudades tuas – digo apressadamente, e percebo que ela é capaz de ter razão em relação às coisas embaraçosas.

A Zoe ri-se, levanta a mão para me acenar e só então vejo a pulseira puída azul que ainda usa no pulso. É igual à minha. E esteve sempre ali.

– Também tenho saudades tuas.

Capítulo 20

A entrevista está marcada para as 4h00 da tarde da segunda-feira seguinte.

Às 2h00 da tarde, engulo o orgulho e escrevo uma mensagem para o Caz, os meus dedos trémulos enquanto digito a hora, o local e a pergunta: *Vais aparecer?* Às 2h30, o pequeno ícone de mensagem lida aparece, mas não recebo qualquer resposta.

Às 3h30, chego sozinha à biblioteca, com o estômago às voltas.

A jornalista que vai conduzir a entrevista, Rachel Kim, insistiu que nos encontrássemos aqui. Disse qualquer coisa sobre oferecer aos espectadores um «vislumbre» da minha vida quotidiana enquanto estudante, o que achei engraçado porque desde que aqui cheguei nunca pus um pé nesta biblioteca. Mas, como é evidente, não lhe disse isto. Quero dizer, não é como se a entrevista propriamente dita tivesse algum fundo de verdade.

Quando entro pelas portas automáticas da biblioteca, a equipa de filmagem já lá está a montar o equipamento. Há coisas por todo o lado, câmaras profissionais, microfones e ecrãs apoiados nas prateleiras de livros infantis e longas varas de metal encostadas às paredes de tom pastel. Uma poltrona e dois sofás *vintage* estão dispostos no centro da sala. Alguém até colocou um tabuleiro com *cupcakes* e água, ainda intactos.

Quando me dirijo aos sofás o meu corpo treme de verdade. Sento-me e cruzo as pernas. Descruzo-as. Mexo num fio solto numa das almofadas.

Resisto ao impulso súbito de vomitar.

São apenas os nervos, digo para mim mesma. Os nervos e o facto de o Caz não estar aqui comigo.

A meia hora seguinte arrasta-se com uma lentidão excruciante. Quando fico stressada, sinto sempre a boca muito seca, por isso não paro de beber copos de água e de correr para a casa de banho, enquanto tento manter um ar muito descontraído com tudo isto. A equipa de filmagens deve achar que estou com uma intoxicação alimentar qualquer.

Vou no oitavo copo de água quando as portas deslizam e se abrem.

Uma mulher bonita com o cabelo muito curto e espetado e as pestanas postiças mais compridas que já vi na vida desliza para o interior da sala; os seus olhos aterram imediatamente em mim.

– Deves ser a Eliza! – exclama ela, estendendo a mão de unhas bem arrançadas. Tem um verniz brilhante e do mesmo tom de cor-de-rosa pêssego do vestido. – Sou a Rachel.

– Sim. Olá. – Levanto-me rapidamente, rezando para ela não reparar nas manchas de suor que deixei no sofá, e aperto-lhe a mão com firmeza.

– É *tão* maravilhoso conhecer-te pessoalmente – diz ela, com um sorriso que parece que saiu de um anúncio da *Colgate*. O seu hálito cheira a hortelã-verde. – Meu Deus, estou há séculos a ansiar por esta entrevista.

– Sim. – Tento igualar o seu nível de entusiasmo, mas falho miseravelmente. – Quero dizer, eu também.

Sentamo-nos as duas. Ou pelo menos, *eu* sento-me – ela fica parada a meio caminho e estica o pescoço para a esquerda e para a direita, como se eu tivesse alguma coisa escondida atrás de mim.

– Peço desculpa – diz ela um instante depois. – Mas é que... o Caz não vem?

O meu coração contorce-se ao ouvir o nome dele. Sinto a garganta a arder.

No instante em que me preparo para lhe dar uma desculpa qualquer sobre o Caz ter sido chamado à última da hora para regravar uma cena, as portas da biblioteca abrem-se novamente e o Caz entra na sala como se sempre tivesse sido essa a sua intenção.

Uma sensação esmagadora de alívio e de tontura – misturadas com incredulidade – invade-me por completo.

– Peço desculpa pelo atraso – diz ele à Rachel, enquanto a cumprimenta com um aperto de mão. – Sabe como pode ser o trânsito em Pequim. – Depois vira-se para mim pela primeira vez desde aquele dia à chuva e sorri.

O meu coração cai-me aos pés. Estilhaça-se com o impacto, porque me oferece o seu sorriso formal, aquele que dirige aos desconhecidos, aos admiradores e aos jornalistas como a Rachel; os cantos da sua boca erguem-se ligeiramente, mas nenhuma das covinhas do rosto aparece.

Isto não devia magoar-me tanto. Devia ficar simplesmente satisfeita por ele estar a cumprir a sua parte do acordo, mesmo depois de tudo o que aconteceu entre nós. Ainda assim, forço-me a retribuir o sorriso e observo-o enquanto se senta ao meu lado, tão perto que os nossos ombros quase se tocam; não consigo deixar de sentir que tenho um machado cravado no peito, que se enterra mais profundamente a cada segundo que passa.

– É *tão bom* ver-vos juntos – diz a Rachel com êxtase enquanto se senta à nossa frente, com as mãos cruzadas sobre a saia. – Tenho a certeza de que já ouviram isto, sei lá, um milhão de vezes, mas vocês fazem realmente o casal

mais fofo de sempre.

Basta sorrir e alinhar, comando a mim mesma, abafando a vontade de me virar para olhar para o Caz, para avaliar a sua reação a estas palavras. *Daqui a pouco já acaba.*

Mas a entrevista arrasta-se interminavelmente. Depois de se lançar numa longa e elogiosa introdução, em que fala desde a minha herança cultural, passando pelas escolas que frequentei e até ao meu primeiro texto que se tornou viral, a Rachel passa para a carreira de ator do Caz, com o seu sorriso Colgate ainda mais rasgado.

– Já protagonizaste alguns filmes bastante populares, não é verdade? – pergunta depois de os listar a todos. – Desde romances escolares e de época a romances *xianxia*.

– Sim, acho que sim. – Ao contrário de mim, é óbvio que o Caz não tem problemas nenhuns em fazer entrevistas; as suas respostas são suaves e saem-lhe com naturalidade, é o resultado de muitos anos de prática e experiência na ribalta. Mas o seu corpo tem uma tensão pouco característica que, embora duvide que o observador comum se aperceba, faz com que o espaço estreito entre nós pareça estar tão tenso como uma corda esticada.

Talvez isto o esteja a matar tanto quanto a mim, atrevo-me, a pensar; *estarmos sentados tão perto um do outro, a agir como se estivesse tudo bem, como se ainda namorássemos e estivéssemos apaixonados um pelo outro, quando, na verdade, não falamos há mais de uma semana.*

– E tu, Eliza, o que achas do trabalho do Caz? – pergunta a Rachel. – Costumas ver os seus filmes?

Pestanejo, não estava à espera de ser chamada para a conversa.

– Hum – pigarreio. – Vejo, sim, claro. Com frequência. Ele está sempre maravilhoso em todos os filmes. – Nesta parte não é preciso mentir, ele é maravilhoso nos filmes, e a esta altura do campeonato já vi tudo em que ele participou, incluindo o seu primeiro e modesto papel enquanto guarda do príncipe num romance de época.

Mesmo nessa altura, o Caz já era lindo.

– E tu? – A Rachel vira-se para o Caz, parando para beber um *incrivelmente* pequeno e elegante gole de água, depois outro, como se estivesse determinada a prolongar esta entrevista tanto tempo quanto possível. – Dirias que és admirador da escrita da Eliza?

– Sim – responde o Caz calmamente, e desta vez não consigo impedir-me de olhar para ele de relance. Apesar de os seus olhos estarem negros e firmes, a olhar em frente, há um emaranhado subtil e complexo de emoções mesmo sob esta máscara de desconfiança, algo que faz com que as palavras seguintes pareçam uma confissão. – Sempre fui um grande admirador da Eliza.

– Oh, mas que querido – arrulha a Rachel, depois acrescenta qualquer

coisa acerca dos meus textos para a Craneswift, mas mal a ouço.

Estou a recordar algo que o Caz disse no outro dia:

Na primeira vez em que nos conhecemos mesmo, tu estavas sentada duas filas à minha frente na aula de Inglês e o professor estava a ler um dos teus textos em voz alta...

Depois, como se tivesse destrancado sem querer o cofre mental onde guardo todas as minhas memórias reprimidas, proibidas, tudo o que ele disse a seguir ocorre-me de repente.

Quero que isto seja real.

A biblioteca parece rodopiar, o calor artificial adensa-se à minha volta, as luzes das câmaras ofuscam-me, a gravar cada minúscula mudança e cada centelha de emoção que afloram o meu rosto. O espaço entre mim e o Caz parece estar cada vez mais curto e ao mesmo tempo mais comprido.

– ... estás bem, Eliza? Queres beber um pouco de água?

Quando levanto os olhos, a Rachel, o Caz e toda a equipa estão a fitar-me, com níveis vários de confusão e preocupação nas suas expressões. Bem, a maior parte é apenas confusão. Quem parece mais preocupado é o Caz – embora apenas por um fugaz segundo, antes de o maxilar se cerrar e as feições suaves regressarem ao seu rosto. Não aguento isto. Não aguento, mas tenho de aguentar. Preciso de levar esta atuação até ao fim.

– Desculpem – digo, desviando a minha atenção do Caz. – Só, hum, ausentei-me por um instante. Mas está tudo bem.

– Oh, enfim, *de facto* já estamos a conversar há algum tempo, não é verdade? – diz a Rachel enquanto verifica as horas com uma ligeira surpresa. – Não se preocupem, vamos acabar em breve.

Ainda nem tive tempo para libertar um breve suspiro de alívio quando ela leva a mão à mala e tira um guião fino, plastificado.

– O que...? – começo por perguntar.

– É só uma pequena atividade divertida que pensei fazer – explica Rachel num tom animado, estendendo o guião na minha direção.

Leio-o e o meu coração sobressalta-se. As linhas traduzidas são de uma famosa cena que o Caz gravou para o seu último romance de época, em que fazia de fantasma de um rei desesperadamente apaixonado por uma princesa banida durante dez vidas. E não se trata apenas de uma cena famosa qualquer – mas sim *da* famosa cena da confissão, depois de o rei transferir os seus poderes para a princesa para a salvar. Já vi transcrições desta cena em imensas publicações nas redes sociais.

– Então, basicamente, gostávamos que o Caz reproduzisse esta cena icónica contigo – diz a Rachel com um piscar de olhos. Ou então ficou com qualquer coisa presa nas pestanas falsas. – E sei que não és atriz, Eliza, mas as tuas falas são superbreves. Além disso – acrescenta, a sorrir com malícia –, uma vez que

estás com o teu namorado, não é preciso grande representação.

Provavelmente sou melhor atriz do que aquilo que tu julgas, penso, sentindo a boca seca.

Um meio protesto ergue-se dentro de mim, mas engulo-o novamente, sem saber como protestar sem causar suspeitas. O Caz, por sua vez, não parece nada preocupado em reproduzir uma das suas cenas mais dramáticas e românticas comigo. Limita-se a olhar para o guião por cima do meu ombro, repete as falas um par de vezes para consigo, assente e diz:

– OK. Tudo bem.

E se o vejo a engolir em seco a seguir, se os seus dedos se fletem sobre o sofá, não se compara minimamente ao pânico que se enrosca no meu estômago. Não sei honestamente durante quanto tempo mais vou conseguir manter esta postura, esconder a minha mágoa, antes de desabar por completo.

– Quando estiverem prontos – diz a Rachel, acenando às câmaras para se aproximarem de nós.

O Caz levanta-se do lugar e ajoelha-se de imediato à minha frente, mesmo no chão da biblioteca, já a entrar na personagem como se esta fosse uma segunda pele: as suas feições suaves têm uma nova dureza, o olhar negro uma intensidade cintilante. Ao segurar na minha mão, pergunta com uma voz baixa e mais grave do que é habitual:

– Como te sentes?

A minha cabeça fica perdida por um instante, não sinto nada a não ser a pressão fresca e firme dos dedos dele, antes de perceber que é a minha vez de falar.

– Melhor. Eu... bem... Não – espera. – A corar, volto a passar os olhos pelo guião. – Eu é que devia perguntar-te isso, seu tonto. Como foste capaz...

– Não foi nada – diz ele, completamente mergulhado na cena. Levanta a mão até ao meu rosto, entala uma madeixa de cabelo solta atrás da minha orelha e eu tento manter a respiração regular para esconder o quanto esta proximidade me magoa. *São só indicações cénicas*, recordo-me vezes sem conta. *Não passam disso.*

– Não foi nada – continuo, lembrando-me das palavras seguintes: – Os teus poderes...

– Consigo sobreviver bem neste mundo sem os meus poderes, mas não consigo fazê-lo sem ti. – Lentamente, diz: – Esperei por ti durante dez vidas, perdi-te dez vezes, abri caminho por todo o submundo para resgatar a tua alma. Tu és a minha luz, Princesa; és a única casa que alguma vez conheci. Morreria alegremente antes de te deixar escapar mais uma vez por entre os dedos.

Quando o Caz diz estas últimas palavras, toda a biblioteca está mergulhada no mais profundo silêncio; até os operadores das câmaras parecem

enfeitiçados com o seu desempenho.

E apesar de saber – *eu sei* – que é tudo falso, o emaranhado ardente de emoções que sinto na garganta é verdadeiro. Os nossos olhares cruzam-se, eu sentada, ele ainda de joelhos, aquele fio invisível tenso entre nós, e vejo que alguma coisa trespassa o rosto dele também.

A seguir os aplausos sonoros e súbitos da Rachel estilham a quietude.

– Oh, mas isso foi *maravilhoso* – diz entusiasmada, as unhas compridas a flutuar sobre o peito. – Muito melhor do que podia ter esperado. Tenho a certeza de que entrará no nosso vídeo de promoção. – A seguir fala durante algum tempo de como a entrevista foi ótima, como adora os meus textos, o quão entusiasmada está para ver se a minha carreira com a Craneswift avança favoravelmente e penso:

É isto. Era exatamente isto que eu queria – ou que pensava que queria. A promessa de uma boa carreira. A oportunidade de impressionar uma jornalista e todos aqueles que acabarem por ver esta entrevista nas suas casas. A segurança de manter o Caz Song longe de mim, de manter tudo estritamente profissional entre nós.

Então, por que razão me sinto tão infeliz?

Quando a Rachel me liberta finalmente da entrevista, e se ocupa a guardar os equipamentos, apresso-me a seguir o Caz para fora da biblioteca, sem hesitar, sem o menor instinto de autopreservação. Em vez disso, sinto apenas uma esperança horrível a desabrochar dentro de mim como uma nódoa negra grave, um pensamento antigo, idiota, que vem à superfície: *Talvez exista uma forma de resolver isto.* De lhe dizer como me sinto, como fiz com a Zoe. Uma forma qualquer de o manter na minha vida, nem que seja só enquanto meu amigo. Agora que senti em primeira mão como é a alternativa – não receber chamadas dele, não ver o seu sorriso verdadeiro, nada, como se eu não *existisse* na sua vida – percebo que esta dor pode ser inevitável. Mas há vários tipos de dor, uns piores do que os outros.

O Caz para a meio do corredor deserto e quase bato contra ele.

Por um instante, ele limita-se a fitar-me lá do alto com uma expressão imperscrutável no olhar.

– O que estás a fazer? – pergunta, a voz mais baixa agora que estamos sozinhos, mais distante. Isto dá cabo de mim, mas também sei que não o posso culpar por nada. Quem pôs esta distância entre nós fui *eu*.

– Eu... eu. – Mordo a língua, a ironia da situação atinge-me com força. Como presumivelmente sou boa com palavras e agora não me ocorre nenhuma. Por estar nesta situação, com *ele*. – Só queria dizer... dizer-te que...

O Caz inclina ligeiramente a cabeça e algo muda atrás dos seus olhos. Como se, apesar de não querer, se preocupasse com o que estou prestes a dizer.

– Sim?

– Desculpa – digo de repente. – Eu não queria... no outro dia, quando disseste... eu estava a mentir...

– Estavas a mentir – repete ele. – Sobre que parte?

– Eu...

Ele muda de posição, as minhas costas ficam viradas para a parede mais próxima, e o Caz avança. A sua voz mantém-se suave, meiga, até; não obstante, cada palavra que pronuncia corta o ar como uma faca.

– Sobre como eu devia confiar em ti? Sobre como podia ser eu mesmo quando estou contigo? Como aparentemente sabes melhor do que eu aquilo que realmente sinto, mesmo quando acabei de abrir o meu coração para ti? Em qual destas situações estavas a mentir, Eliza?

Sinto um rubor a inundar o meu corpo. Isto está a correr terrivelmente mal.

Mas ele ainda não acabou. Dá mais um passo em frente, como fez naquele dia no terraço do telhado e a parte de trás da minha cabeça toca na parede dura.

– Estas palavras foram todas ditas por ti, não por mim – diz. – Pedes-me para me sentir à vontade ao teu lado, mas assim que o faço, tu recuas. Foges. Sabes como isso me faz sentir? Eu confiei-te as minhas mágoas, os meus medos, as minhas dúvidas e o meu coração. Conteí-te coisas que nunca contei a mais ninguém e tu fugiste, foste-te *embora*.

– Agora sei disso – balbucio, com os olhos a arder. – Sei que não fui justa contigo... mas mesmo assim vieste aqui hoje. – Há tanta esperança na minha voz que chega a ser embaraçoso. *Vieste por mim, não foi?*

Porém, quando vejo a expressão do rosto dele, a esperança murcha.

– Vim aqui hoje porque fiz um acordo contigo e porque sei muito bem como isto é importante para a tua carreira. Mas, Eliza... – Ele abana a cabeça, com uma gargalhada que parece mais um suspiro. Afasta-se e o espaço que se abre entre nós, o espaço que tantas vezes tentei forçar, parece-me agora frio e maldito. – Quer sejam reais ou não, todas as tuas palavras têm consequências. Não podes retirá-las simplesmente.

Demoro imenso tempo a recuperar, a apanhar os estilhaços do meu coração, que se parte como se fosse feito de vidro. Quando acabo, o Caz já se foi embora.

Capítulo 21

Na semana seguinte, estou na aula de Matemática quando sai a entrevista.

A menina Sui não está cá hoje. Fomos deixados sem supervisão, mas com a instrução para usarmos aquela hora para estudar, por isso está toda a gente à minha volta enquanto veem as redes sociais, com um livro de exercícios de Álgebra aberto só para manter as aparências. A seguir, começa a notar-se uma pequena onda de agitação: risinhos baixos e abafados, cadeiras a arrastar à medida que os amigos se voltam para trás nas secretárias, olhos curiosos que se descolam dos ecrãs para olharem para mim.

E o lugar vazio ao meu lado.

Uma dor já familiar preenche-me as entranhas. O Caz faltou às aulas a semana inteira. Está outra vez ocupado a gravar.

Agora que a Savannah pousa o portátil na secretária da professora para toda a turma ver e começa a dar a parte da entrevista em que o Caz e eu reproduzimos a cena do filme, até acho que é bom ele não estar aqui.

– Oh, meu Deus. Olha para vocês os dois – diz a Nadia, a sorrir para mim enquanto os outros soltam risinhos.

Não quero olhar, mais ou menos como ninguém quer coçar uma ferida aberta, mas o vídeo está a passar com o som demasiado alto para o conseguir ignorar e a minha própria voz tensa desliza até aos meus ouvidos.

Eu é que devia perguntar-te isso, seu tonto.

Resistindo a todos os impulsos para me encolher, levanto os olhos.

Quem quer que tenha editado a entrevista, deu-se ao trabalho de colocar o meu vídeo com o Caz ao lado do vídeo original do filme. À medida que este passa, a câmara aproxima-se do rosto do Caz enquanto faz a famosa confissão e não consigo deixar de reparar na diferença entre ambas as versões. Quero dizer, claro que há uma diferença *óbvia*; a atriz original é muito mais bonita do que eu e tem mais naturalidade em frente à câmara do que eu alguma vez terei; com as flores de pessegueiro a desabrochar à sua volta, os mantos tradicionais compridos, manchados de sangue, a cena dos dois parece de facto fazer parte

de uma tragédia épica.

Mas a expressão dos olhos do Caz também é diferente.

Porque quando diz à colega de cena que esperou por ela, que sentiu a falta dela, como se recusa a perdê-la novamente, a sua representação é impecável, completamente convincente. E, no entanto, é apenas isto – uma *representação*. Quando murmura as mesmas frases à minha frente, a intensidade crua, penetrante, do seu olhar é inegavelmente real.

Seria a isto que o Daiki se referiu no almoço de aniversário do Caz, quando tentou provocar-nos?

Vê-se claramente nos vossos olhos...

Agarro-me à beira da secretária, com uma respiração entrecortada a tapar-me a garganta. É claro que o Caz me tinha contado. Tanto no dia em que nos beijámos, como depois à chuva e novamente depois da entrevista. Mas talvez nunca tenha acreditado que estava a falar *a sério* até este instante – com as provas a passarem mesmo à frente dos meus olhos, com a câmara a obrigar-me a olhar para ele através das suas lentes objetivas. Que o Caz Song pode sentir algo verdadeiro por mim. Que no fundo posso não ter nada de errado, algo que o afaste inevitavelmente.

E agora, o único pensamento claro na minha cabeça é:

Merda.

Merda. Dei cabo de tudo. Cometi um erro de cálculo. Estive este tempo todo a tentar proteger-me para não me magoar... e acabei por também o magoar a ele. Mais do que poderia ter imaginado. Tenho de falar com ele, de resolver as coisas. De lhe pedir uma última oportunidade.

Começo a levantar-me, mas a Savannah lança-se à minha frente na outra extremidade da sala.

– Oh, meu Deus – murmura ela, olhando para qualquer coisa no portátil. Os olhos arregalados dirigem-se a mim e a confusão inunda-me o estômago, fundindo-se com alguma coisa azeda, como o medo. – Hum, Eliza, acho que devias... eu não...

O excerto da entrevista já terminou e agora apareceu uma notificação no ecrã. Há uma nova notícia sobre o Caz, que foi publicada há poucos minutos. Espreito mais perto, com o coração a acelerar, e as palavras atingem-me fragmentadas, enterram-se em mim como estilhaços de vidro:

O jovem ator Caz Song... enquanto filmava o romance xianxia altamente aguardado... acidente no estúdio... ferimentos ainda desconhecidos... Hospital Lijia... aguardamos comentários de...

Fico completamente imóvel.

Quieta como a morte.

O *quê?* Tenho vontade de perguntar, mas as palavras não chegam a sair da minha boca. *Estão a brincar*, mas também não digo isto. Só tenho vontade de

vomitam. O meu coração está a autocanibalizar-se, juro, está cada vez mais pequeno, a encolher até ser nada, e não posso fazer coisa nenhuma a não ser ficar aqui parada. Inspiro brevemente até conseguir soltar a voz da minha garganta.

Mesmo quando surge, é rouca e fraca.

– Eu não... não estou a entender.

– Estão a dizer qualquer coisa sobre um arame partido – diz a Savannah, lendo rapidamente, e a temperatura da sala parece descer de repente. Toda a gente fica congelada ao meu lado. – Ou o equipamento quando estavam a gravar. Foi uma espécie de avaria...

Estou oficialmente em pânico. Estou a hiperventilar. A minha mente está envolta num nevoeiro branco.

Penso no Caz e na cicatriz pálida do seu antebraço e nos malditos arames velhos que já deviam ter sido substituídos há meses. Já lhe aconteceu uma vez. Pode sempre voltar a acontecer.

– Vou ligar-lhe – digo com a voz rouca, porque uma pequena, tonta e esperançosa parte de mim continua a rezar para isto ser tudo um mal-entendido. Talvez ele tenha acabado a cena mais cedo e saído antes de se dar o acidente.

Talvez.

Por favor.

Toda a turma fica em silêncio quando procuro por entre os meus contactos e encontro o do Caz à primeira tentativa. É tão familiar que quase o memorizei. Carrego na tecla verde e ponho em alta-voz e o telemóvel toca...

E toca e toca.

O meu coração cai-me aos pés e bate descompassado com cada toque que fica sem resposta. Sinto náuseas. Sinto-me a desmaiar. Se fechar os olhos, imagino a voz do Caz no meu telemóvel, suave e rouca, ligeiramente confusa, sem saber por que razão estou a ligar-lhe e, por um breve instante, o toque para e juro que é ele.

Mas não, a chamada vai para as mensagens.

Guardo o telemóvel no bolso e levanto os olhos, tento não ver a pena nos olhos da Savannah, a preocupação evidente no rosto da Nadia.

– Se algum professor perguntar, digam-lhe que tive de me ir embora.

– Espera. Para onde vais?

É uma pergunta tão absurda que quase desato a rir com histeria. Para onde havia de ir? Para onde, senão para junto dele? Não importa se ele já me rejeitou quase completamente, que isto entre nós possa acabar realmente mal. Preciso de o *ver*, de estar lá para ele, de confirmar por mim mesma que ele está bem, não importa o quanto me magoe.

– Para o hospital – digo por cima do ombro, já a virar-me e a marcar o

número do Li Shushu com os dedos trémulos.

A seguir começo a correr...

Mas, desta vez, não estou a fugir de nada.

A viagem até ao Hospital Lijia demora uma eternidade e cada minuto que passa é como uma faca que me rasga a pele.

Mas depois, antes de poder perder o juízo ou de o meu coração explodir, vejo a placa a indicar o hospital. Parece nova em folha, a tinta azul ainda brilhante.

Não espero que o Li Shushu pare o carro completamente antes de sair; digo-lhe por cima do ombro para ir para casa sem mim, porque se o Caz estiver bem, então podemos conversar e arranjar uma forma de regressarmos ao condomínio, e se não estiver bem, enfim...

Abafo este pensamento e corro ainda mais depressa.

Assim que entro no hospital, o ar tem um cheiro diferente. Cheira a desinfetante, limão e pinheiro; parece que querem disfarçar algo mais desagradável e ácido, metálico como o aço inoxidável ou o simplesmente cheiro do sangue. O cheiro do desespero e da doença.

E agora eis a parte complicada...

Não faço ideia em que quarto está o Caz.

Se entrar simplesmente pela receção e perguntar o número do quarto do Caz Song, é provável que achem que sou apenas uma admiradora, ou talvez uma perseguidora. Até são capazes de me expulsar daqui.

O que significa que vou ter de descobrir sozinha. Não é difícil – só existem quatro andares no hospital. É o que diz a placa ao lado das escadas. Uma vez que o primeiro andar é quase todo reservado aos serviços administrativos e o segundo andar pertence à maternidade, posso começar pelo terceiro andar e procurar a partir dali...

Assim que este plano vago se forma na minha cabeça, começo a caminhar, subindo os degraus dois de cada vez.

O terceiro andar abre-se para uma grande sala branca com cadeiras de plástico de ar desconfortável alinhadas contra a parede. A luz transparente da tarde entra pelas janelas. Aqui há mais médicos e também mais pacientes: vejo uma criança a fungar ligada a soro, com um casaco tipo militar demasiado grande nos ombros magros; uma mãe cansada a procurar receitas ou detalhes médicos na sua bolsa.

Verifico cada um dos rostos que vejo e todas as divisões com cortinas em ambas as extremidades da sala. Não sei exatamente o que procuro. Talvez o próprio Caz, vivo e de boa saúde, ou um membro da equipa de filmagens, ou...

Alguém.

Qualquer pessoa.

Um sinal minúsculo qualquer que me diga que ele está bem.

À medida que avanço pela sala, à procura, mas sem encontrar nada, o meu coração bate com mais força contra as costelas. Sinto um formigueiro na pele, uma nova onda de pânico a aproximar-se.

Depois vejo um vulto familiar à espera de uma das salas fechadas – o maxilar largo, o cabelo curto e ombros amplos, metade do corpo ainda coberto com uma armadura fingida.

Mingri.

O alívio abate-se sobre mim, mas é de breve duração quando vejo a expressão do rosto dele. Tem os lábios comprimidos numa linha fina, os olhos vazios e vermelhos. Enquanto estou a olhar para ele, o Mingri passa a mão sobre o rosto. Está a... chorar?

Não.

Os meus passos vacilam e de repente tenho vontade de dar meia-volta e sair daqui a correr. Quero voltar para a altura em que ainda não sabia de nada. Mas ele já me viu.

– Eliza? – O Mingri esfrega os olhos uma última vez e endireita-se, aproxima-se de mim lentamente, a exaustão é evidente em todo o seu corpo. Exaustão... ou dor. Numa voz baixa, pergunta-me: – O que estás a fazer aqui?

– Eu... – Tenho qualquer coisa entalada na garganta, algo doloroso. Tento pigarrear. – Onde está o Caz?

As feições dele retesam-se e percebo – mesmo antes de ele dizer o que quer que seja –, sei o que aconteceu. Preparo cada célula do meu corpo, mas mesmo assim não tenho forças suficientes quando ele diz, em mandarim:

– *Ta bu zai.*

Faço uma tradução mental rápida – *ele não está aqui* – e tudo se detém à minha volta. Os ouvidos começam a zunir. Apitam interminavelmente como uma chamada não atendida antes da estática do silêncio regressar. Acho que me deixo cair para o chão, porque quando dou por mim, os meus joelhos roçam nos mosaicos cinzentos, o chão frio penetra a minha pele, chega-me aos ossos, enterra os dentes afiados em tudo o que me rodeia. O Mingri avança para mim com os braços estendidos, começa a dizer mais qualquer coisa, mas já não o consigo ouvir. Nem consigo pensar.

Não aqui. Nem em lado nenhum.

Morto.

É como um prego cravado profundamente no meu peito, que se contorce. É esta a sensação, e não quero sentir-me assim, mas quando é que o querer impediu o que quer que fosse? Acabou. Acabou tudo. E não tive oportunidade para lhe dizer o que sinto de verdade, não cheguei a pedir-lhe desculpas como

deve ser. Inspiro e expiro e o mundo continua a girar, deve continuar, mas tudo em mim está congelado. Sempre temi que o Caz Song me partisse o coração, mas isto...

Isto é o tipo de desgosto do qual ninguém consegue recuperar.

Capítulo 22

Duas mãos tocam-me nos ombros. São meigas.

Não sei a quem pertencem, não me interessa. Os meus olhos estão desfocados, as luzes do hospital distorcem a minha visão periférica como se aqui existisse um halo difuso de estrelas e fico petrificada quando ouço a voz dele, quando sinto a sua sombra a alcançar-me.

– O que aconteceu? O que é que lhe disseste?

É a voz *dele*. Não a do Mingri, mas...

A minha respiração vacila. O coração para de bater e recomeça logo a seguir a mil à hora; viro-me tão depressa que a minha coluna estala, porque não é real, *não é real, não pode ser real, não pode ser, mas é*.

É mesmo.

O Caz Song está no meio do corredor do hospital, a olhar para baixo para mim, as pestanas compridas a fazerem-lhe sombra sobre o rosto, os olhos pretos inundados de preocupação. Ele está vivo. Está vivo e à minha frente, nunca o vi tão bonito e apesar de não conseguir desviar os olhos dele, viro-me para o Mingri para confirmar que não estou a alucinar.

O Mingri está virado para o Caz, o que deve significar que não é alucinação.

Ele está mesmo aqui.

– Eliza? – chama o Caz e a sua voz é tão maravilhosamente terna que me esqueço de mim, de tudo, e salto do chão com mais força do que a que julguei possuir, lanço os braços à volta do corpo dele e embato de cabeça contra o seu peito. Ele vacila ligeiramente com o impacto, apanhei-o desprevenido, mas consegue recuperar o equilíbrio.

Abraço-o. Agarro-me a ele.

Inspiro o aroma de verão do seu champô e sinto a firmeza dos seus ombros, os pontos rígidos onde os músculos se unem, a curva do pescoço e tudo me parece tão bom que tenho vontade de chorar.

A seguir, o Mingri pigarreja.

Afastamo-nos, mas o momento prolonga-se algures no espaço entre as pontas dos meus dedos, no calor residual que o seu corpo deixou na minha pele.

– Peço desculpa. Não fazia ideia – diz o Mingri, com as mãos meio levantadas, espantado, a tentar defender-se. – Não pensei que...

– O que diabo lhe disseste? – repete o Caz, ainda com os olhos fixos em mim. Toda a sua ternura desapareceu. Na verdade, acho que nunca o ouvi tão zangado. Está lixado com o *Mingri*.

– Eu... – O Mingri leva uma mão à nuca, esfrega a pele corada. – Só lhe disse que já não estavas aqui. Que tinhas ido embora. Queria dizer que tinhas ido buscar água, mas agora percebo que a Eliza pode ter interpretado o *aqui* – o hospital – pelo *aqui*, ah, sentido geral do reino dos vivos, e não de um espaço físico específico. Se calhar não devia ter falado em mandarim...

O Caz fita-o durante um longo e incrédulo segundo. Depois dá um murro no ombro do amigo. Não é um murro particularmente agressivo – não tem a intenção de o magoar ou de começar uma briga – mas a avaliar pelo som que faz e pela careta imediata do Mingri, também não deve ter sido muito meigo.

– Como é que foste capaz de dizer uma coisa dessas? – pergunta o Caz.

– Pensei que ela já sabia que estavas bem! E além disso, quero dizer, não tive exatamente hipótese de a esclarecer antes de ...

– Podias ter ponderado melhor as palavras – interrompe o Caz.

– Está bem, mas também não menti – murmura o Mingri.

A esta altura, o meu desespero já recuou para um simples embaraço confuso. Esfrego o rosto tão casualmente quanto consigo, como se não tivesse acabado de ser apanhada a ter um colapso nervoso. Depois olho para um e para o outro antes de fitar o Mingri.

– Mas tu... – balbucio, recordando-me então. – Parecias tão transtornado, estavas a esfregar os olhos e tudo...

– Sim, porque estava a *bocejar*. E esta expressão do meu rosto é o que acontece quando gravamos a mesma cena quarenta vezes numa tenda escaldante sem fazer qualquer pausa. – Dirige ao Caz um olhar de irritação não muito subtil. Aponta um polegar acusador na sua direção. – Graças a este tipo, há semanas que andamos a trabalhar como uns loucos. Quero dizer, ele costumava ser muito dedicado ao trabalho e essas merdas todas, mas ultimamente...

– Mingri. – O Caz pigarreja.

O amigo ignora-o.

– Ultimamente ele tem andado superintenso. Nem sequer faz uma pausa para almoçar. Até o realizador já lhe pediu para ter mais calma. De qualquer maneira, achei que tinha alguma coisa a ver contigo...

– *Mingri*.

– Porque ele já nos estava a assustar a todos, por isso não podíamos...

– Acho que já chega – diz o Caz bem alto e o Mingri levanta uma mão em gesto de rendição.

– Está bem, está bem, vou dar-vos algum espaço. – Depois, um sorriso tímido e desejoso cruza o seu rosto. – De qualquer maneira, fiquei de me encontrar com o Kaige lá fora, por isso...

– Então, vai, diverte-te – diz o Caz um pouco brusco.

Mas o Mingri ainda fica mais um instante e pisca-me o olho.

– É muito bom ver-te novamente, Eliza. A sério. E pelo bem de todo o elenco e equipa técnica, cuida dele, por favor – desvia-se de outro murro do Caz –, e hum, desculpa lá a confusão com a cena toda da morte.

– Não há problema – digo rapidamente, porque quero falar a sós com o Caz. O Mingri parece entender a mensagem; acena-nos a ambos e depois vai embora.

À medida que os seus passos se afastam pelo corredor fora, viro-me para o Caz.

– Estás magoado ou...

– Tenho só um golpe superficial no braço – diz ele, arregaçando a manga para mo mostrar. Tem uma ligadura do cotovelo ao pulso, quase paralela à cicatriz antiga-. – Nem sequer era preciso vir ao hospital, mas eles tiveram medo que infetasse, ou algo do género. – Encolhe os ombros e volta a baixar a manga antes de eu conseguir ver melhor. – Está tudo bem, a sério.

– E nós... – Engulo em seco. Forço-me a acabar a frase. Ele já me rejeitou uma vez. O pior que pode acontecer é rejeitar-me novamente, perdê-lo e passar o resto da vida a cuidar do meu coração partido. Mas se não lhe disser o que sinto, quando estou a senti-lo? Esse é outro tipo de desgosto: mais fatal, mais terrível. – Nós estamos bem? Ainda estás... continuas zangado comigo?

A surpresa paira sobre as suas feições. Depois enfia as mãos nos bolsos, encosta-se à parede e olha para mim com uma intensidade que por um instante acho que me esqueço de como se respira.

– O que é que achas?

– Eu... – Sou obrigada a calar-me quando duas enfermeiras aparecem no corredor com tubos de sangue escuro nas mãos. Sorriem e acenam-nos quando passam. Nós retribuímos o sorriso. Toda a gente é muito educada e eu só tenho vontade de arrancar os meus próprios cabelos. O meu coração parece estar a tentar libertar-se das costelas para me saltar do peito.

Assim que elas estão longe do alcance da nossa voz, tento novamente:

– Estava a pensar...

E passa por nós mais um grupo de enfermeiras, a conversar alegremente, segundo parece, numa competição para ver quem consegue passar mais devagar. Repetimos todo o excruciante processo. Sorrio com os dentes

cerrados, até me doer fisicamente o maxilar, tal é o esforço que estou a fazer para não gritar.

– Sabes uma coisa? – decido, sem conseguir aguentar mais. – Segue-me.

Todos os quartos do hospital estão ocupados, assim como as salas de espera e o átrio do andar de baixo, por isso acabamos por entrar às escondidas num armário de artigos de limpeza do segundo andar.

– Olha, parece que estamos de regresso a casa – comenta o Caz enquanto o empurro suavemente contra um armário de desinfetantes e fecho a porta atrás de nós. Este armário é ainda mais pequeno do que a arrecadação do encarregado da limpeza da escola; mais alguns centímetros e estaríamos a tocar-nos. Na verdade, estamos tão perto que sinto uma mudança suave na respiração dele quando olha para mim. – Então, estavas a dizer?

Durante este tempo todo, gabei-me da minha capacidade para mentir, para criar uma história a partir do nada, para agir como se nada neste mundo me importasse. Mas a falta de sinceridade é fácil de atingir. Abrir caminho com as nossas tretas é simples. Não exige qualquer envolvimento emocional; não há nada importante em jogo. Não nos podemos magoar, porque nunca acreditámos em nada. Mas dizer a verdade, dizer *exatamente* aquilo que queremos dizer, como nos sentimos, às pessoas de quem mais gostamos... é uma das coisas mais difíceis de fazer neste mundo. Porque temos de confiar nelas. Confiar que não nos vão magoar, mesmo quando têm o poder para o fazer.

Inspiro profundamente. Abro a boca.

A minha única fonte de consolo é que já fiz isto com a Zoe e não morri. Talvez, só talvez, consiga voltar a fazê-lo.

– Antes de vir para cá – começo, enquanto procuro as palavras certas –, estava a ver a entrevista que demos. Com a cena da confissão. Quero dizer, tudo bem, foi, tipo, o catalisador, mas acho que já ando a pensar nisto há muito tempo... Só não *sabia realmente*, entendes?

O Caz franze levemente as sobrancelhas e percebo que não estou a fazer sentido nenhum. Deus do céu, sou terrível nestas coisas.

Coro e tento mais uma vez.

– O que quero dizer é que, bem, antes de mais, se quero mesmo ter uma carreira na escrita, não quero que ela se baseie inteiramente numa mentira. O mais provável é a verdade acabar por surgir um dia e acho que... estava só a tentar adiar esse dia, porque sou uma grande cobarde e há muitas pessoas por aí que não queria desiludir. O problema é que, se continuar a mentir, estou a desiludi-las de qualquer maneira.

– Depois, apercebi-me, e confia em mim, acreditar por breves instantes que tinhas morrido reforçou tremendamente esta minha decisão, de que também não quero que a nossa relação seja construída com base numa mentira. Quero

estar contigo – digo, e a minha voz suaviza-se por iniciativa própria, como se as palavras tivessem demasiado medo de serem ditas neste armário mal iluminado, apertado, a cheirar a lixívia, a espanadores e a um desejo palpável. Dou um passo em frente e inclino a cabeça para cima. A distância excruciante entre nós encurta-se de dez centímetros para três. – E desta vez é mesmo verdade.

Os segundos que se seguem são alguns dos mais assustadores de toda a minha vida. Talvez eu vá ter sempre medo. Talvez o medo de me magoar, de ficar sozinha, nunca desapareça inteiramente. Mas mesmo que seja este o meu modo por defeito, posso lutar contra ele. Há tantas coisas bonitas que estão do outro lado do medo.

Como o amor.

Como isto.

O Caz fita-me durante uma eternidade, a expressão dos seus olhos a perguntar e a responder a tudo. Depois leva devagar as pontas dos dedos até ao meu queixo, como se não estivesse ainda completamente convencido.

– A sério?

– A sério. – Inspiro. Parece impossível que ainda há meia hora pensei que ia morrer e agora estou aqui, mais viva do que alguma vez me senti capaz. – Olha lá, não magoaste o rosto, nem nada, pois não?

Ele olha para mim, confuso.

– Não, porquê...

– Ótimo – digo, a sorrir, e encosto os lábios aos dele.

Capítulo 23

Agora chegou a altura de tratar do verdadeiro controlo de danos.

Depois de chegar a casa, escrevo um *e-mail* rápido à Sarah, a dizer que tenho um plano para o meu segundo texto. Vai ser diferente do primeiro, explico, e bastante mais longo, mas estou pronta para derramar a minha alma sobre as páginas.

Isto é tudo verdade.

Desde que entrei no armário de artigos de limpeza com o Caz que tenho andado a marinar uma ideia num recanto escondido da minha cabeça; é arriscada e completamente aterrorizadora, mas estou a aprender que a maior parte das coisas mais valiosas são assim.

Por volta da meia-noite, a Sarah responde-me.

Estou ansiosa por ler.

Assim que recebo luz verde, começo imediatamente a escrever. Abro um documento Word novinho em folha e o título é «DESTA VEZ É MESMO VERDADE.docx». A seguir, começo pelo princípio. Pelo verdadeiro princípio, incluindo...

O texto de Inglês que não queria escrever. As reuniões de pais e professores. Como tropecei no Caz no corredor. Escrevo todos os detalhes embaraçosos, estranhos e dolorosos.

É uma confissão, um pedido de desculpas e uma história de amor, tudo no mesmo texto, e quanto mais escrevo, mais me apercebo de que antes estava errada. Escrever não é uma forma de mentir – não quando a escrita é boa, daquela que nos faz sentir alguma coisa.

Escrever significa contar a verdade. Seja ela bonita ou feia.

Também me ocorre que talvez, *só talvez*, estivesse a ser sincera em metade das coisas que escrevi no primeiro texto. Talvez exista uma pequena e frágil parte de mim que só quer ser amada, que quer andar de mãos dadas com alguém bonito depois de escurecer, que deseja respirar e ouvir o seu eco, caminhar pelas ruas de Pequim com outra sombra que cai naturalmente ao

lado da minha.

Não, isto não é fragilidade. É a coisa mais importante que preciso de meter na cabeça. A esperança não é uma fraqueza. É o oxigénio, a frincha da janela aberta, o raio pálido de luar que trespassa uma sala poeirenta.

Talvez devesse aprender a acolher a esperança.

Por entre as sessões de escrita, pinto as paredes do meu quarto de azul.

A Emily e o meu pai ajudam-me. Ouvimos música em altos berros saída do meu portátil e vestimos impermeáveis velhos que encontrámos em caixas, cobrimos o chão com os jornais do mês passado e pintamos, pintamos e continuamos a pintar. A Emily adora esta tarefa mais do que qualquer um de nós. O seu pincel voa por todo o lado sobre a tela branca, salpicando pingos de cor nas faces rosadas e nos pés descalços, por isso agora os dedos dos pés dela parecem pertencer a um extraterrestre. Sabemos que, quando a vir, a nossa mãe vai ralhar com ela por fazer uma sujidade tão grande, mas o nosso pai só se ri. Ele também tem pingos de tinta no cabelo. E nas rugas da pele quando se ri.

Retribuo-lhe o sorriso e sinto-me agradecida por tudo.

Acabamos de pintar menos de uma hora antes do almoço e paramos os três para admirar o nosso trabalho. Escolhi um tom de azul mais claro e alegre, tão azul como o céu de primavera do outro lado da minha janela. Tão azul como as centáureas. E quando o sol entra no quarto no ângulo certo, iluminando tudo por dentro, as paredes parecem quase turquesa, da mesma cor das partes mais rasas do mar, ou de uma poça à beira de um penhasco.

Quero acordar todos os dias, olhar em redor do meu quarto e sentir o que sinto agora: Felicidade. Esperança.

Depois de a tinta secar, penduro uma fiada de luzes decorativas que comprei no Taobao e disponho cuidadosamente uma série de fotografias na parede ao lado da minha cama.

Na primeira fotografia estou com a Zoe. Estamos ambas a rir com tanta vontade que o nossos rostos estão distorcidos, as mãos a agarrar os lados do corpo.

Há mais fotografias: do lago do condomínio congelado durante o inverno; a minha família junta na marisqueira, de pauzinhos na mão; os edifícios da escola Westbridge ao pôr do Sol, o céu cor-de-rosa por cima do pátio. Uma fotografia minha e do Caz no Parque Chaoyang, os meus lábios a beijarem o seu rosto, os olhos dele arregalados com uma ligeira surpresa.

Fico a olhar para as fotografias na parede e deito-me sobre a colcha macia e, com esta estranha e ternurenta sensação no peito, sinto que estou em casa.

Estou novamente no terraço do telhado da escola, mas desta vez não estou sozinha.

– Olá – diz o Caz, saltando para o baloiço ao meu lado, com uma pasta na mão. Tem um sorriso rasgado no rosto e não sei se aconteceu alguma coisa incrível ou se está apenas feliz por estar aqui. Quero dizer, é por isso que *eu estou* a sorrir como uma idiota, porque ele está aqui. É estranho como agora tudo me parece novo e familiar ao mesmo tempo. O futuro estende-se à nossa frente como uma estrada ampla e brilhante. Tudo é novo porque agora já não tenho medo de me abrir com ele, e talvez um dia acabe por conseguir fazê-lo com outras pessoas também; já tenho planos para ir às compras com a Savannah à Indigo e no dia a seguir vou almoçar com todos os amigos do Caz.

E tudo é familiar, porque é o Caz.

– O que é isso? – pergunto, apontando para a pasta que ele tem na mão.

– Uma candidatura à universidade.

– Pensei que já te tinha ajudado a escrever todas – digo, confusa.

– Esta é diferente. – O Caz tamborila com dois dedos em cima da pasta, é um dos seus pequenos hábitos nervosos que pouca gente conhece; depois entrega-me a pasta para eu ler. – Esta, esta é para a Academia de Cinema de Pequim.

Demoro um instante a perceber a implicação do nome. Depois arregalo os olhos.

– Caz. Espera. Isso quer dizer...

– Tenho andado a pensar muito no que tu disseste – explica ele enquanto abro a pasta, folheando cuidadosamente as páginas no seu interior. Já estão todas preenchidas com a caligrafia confusa dele. Sinto uma sensação de calor a invadir-me o peito. Sei melhor do que ninguém como é difícil partilhar as nossas palavras com outras pessoas, como isso nos deixa numa posição vulnerável.

»E continuo a querer ter um curso universitário – diz ele a seguir. – Disso tenho a certeza, mas acho que... se for numa área da qual gosto mesmo, melhor ainda, não achas? Há uma série de atores famosos que também estudaram aqui.

– Oh, meu Deus, Caz. Isto é extraordinário.

Ele encolhe os ombros e esfrega a nuca com uma mão, como se não fosse nada de especial, mas é evidente que está a esforçar-se por não sorrir.

– Mas sou capaz de precisar de uma ajudinha. Não tens de escrever nada, só tens de ler o que escrevi e de me dizeres o que achas, se não for muito incómodo...

– Claro que te ajudo – respondo. Quase começo a justificar isto com uma das cláusulas do nosso acordo, ou com uma mentira absoluta sobre como

adoro ler as candidaturas das outras pessoas. Mas depois lembro-me de que já não precisamos de mentir, podemos ambos ser só quem somos, e é ao mesmo tempo um alívio e uma delícia, a melhor sensação do mundo. – Caz, eu adoraria ser incomodada por ti. Não me importaria de ser incomodada por ti para o resto da minha vida.

– Obrigado. – Ele parece quase tímido. – Fico mesmo a dever-te...

Levanto a mão antes de ele poder dizer mais alguma coisa.

– Pronto, para de ser tão bem-educado. Estás a assustar-me.

Ele resfolega.

– O quê, preferias que não te agradecesse por nada?

– Estás a ver? – digo, apontando um dedo para ele; ele faz uma tentativa tímida para mo afastar. – Essa atitude? Está muito melhor.

– Tu às vezes és tão estranha – diz ele, mas de certa forma soa ainda mais afetuoso do que *amo-te*. O Caz dá impulso ao baloiço e o meu estômago contrai-se agradavelmente com o movimento. – De qualquer maneira, e tu? Como está a correr a escrita?

– Já fiz cerca de dois terços. Mas, tipo, não faço a menor ideia de como as pessoas vão reagir.

É aqui que está a eterna questão. É sempre a mesma: isto pode não correr bem. Pode ser um desastre terrível. Posso acordar um belo dia, depois de ter mostrado o meu coração ao mundo, revelado todas as partes vulneráveis e embaraçosas de mim, soletrado os meus pensamentos mais secretos e descobrir que ninguém gosta de os ler. Ou pior, que ninguém quer saber deles para nada.

Passa-se o mesmo com o Caz. Continua a haver uma enorme possibilidade de não durarmos até ao fim do ano, ou sequer da estação. Talvez acabemos o Secundário e depois vamos para lados opostos do globo até que lentamente começamos a afastar-nos. Talvez ele mude para sempre, deixando para trás a pessoa que um dia me quis, para então deixar de gostar de mim, como acontece com os casacos de inverno antigos. Talvez seja eu a fazer o que acabei de descrever.

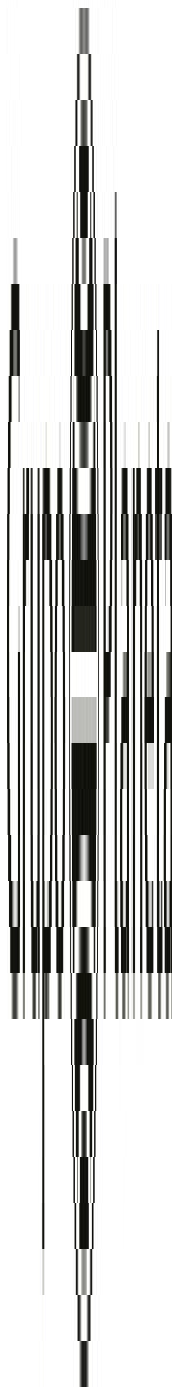
Mas estou a descobrir que algumas alegrias valem a dor potencial.

– Estás feliz? – pergunto ao Caz, inclinando a cabeça para olhar melhor para ele, para observar a curva familiar do seu maxilar, as covinhas fundas no rosto quando ele sorri e me puxa para si. A cidade ergue-se atrás de nós, e se alguém voltasse a mandar-me escrever um texto sobre a minha *casa*, saberia exatamente o que escrever.

– Estou, sim – responde suavemente. – E tu?

Inspiro o aroma doce das magnólias dos jardins, sinto o ar da primavera sobre a minha pele, o roçar do casaco dele no meu pescoço. A presença do Caz ao meu lado, quente. Inteira. E o meu coração ameaça transbordar.

– Estou tão incrivelmente feliz neste momento – digo-lhe.
E cada uma destas palavras é sincera.



PLANETA DE LIVROS PORTUGAL
Calçada Ribeiro Santos, n.º 37 – 2.º
1200-789 Lisboa • Portugal

Reservados todos os direitos
de acordo com a legislação em vigor

© 2023, Ann Liang
Publicado mediante o acordo com Taryn Fagerness Agency
e Sandra Bruna Agencia Literaria, SL
© 2022, Planeta de Livros Portugal

Título original: *This Time it's Real*

Design da capa: © Kanith Thailamthong e Maeve Norton

Edição em epub: Julho de 2023

Conversão para epub: Segundo Capítulo

ISBN: 978-989-777-754-7 (epub)

www.planetadelivros.pt

Reservados todos os direitos sobre esta obra. É proibido proceder a cópia, reprodução, publicação ou distribuição, total ou parcial, bem como a sua incorporação em sistema informático e/ou a transmissão, utilização, modificação, sob qualquer forma ou por qualquer meio, incluindo eletrónico, digital ou em suporte físico, nomeadamente por fotocópia, gravação ou qualquer outro método, salvo consentimento prévio e por escrito do Editor. A infração ao aqui disposto constitui crime, nos termos do disposto no Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos (artigos 195.º e 224.º).

1. Introduction

2. Methodology

3. Results

4. Discussion

5. Conclusion